



Cabo Verde

FAU Studien aus der Philosophischen Fakultät 1

A variação geográfica do crioulo caboverdiano

Ed. Jürgen Lang



A variação geográfica do crioulo caboverdiano

Ed. Jürgen Lang

FAU Studien aus der Philosophischen Fakultät

Band 1

Herausgeber der Reihe:

Prof. Dr. Michele Ferrari und Prof. Dr. Rainer Trinczek

Ed. Jürgen Lang

A variação geográfica do crioulo caboverdiano

Fogo

Raimundo Tavares Lopes

Maio

Ana Karina Tavares Moreira

Santo Antão

Maria do Céu dos Santos Baptista

Arquipélago

Jürgen Lang

Erlangen

FAU University Press

2014

Bibliografische Information der Deutschen Nationalbibliothek:

Die Deutsche Nationalbibliothek verzeichnet diese Publikation in der Deutschen Nationalbibliografie; detaillierte bibliografische Daten sind im Internet über <http://dnb.d-nb.de> abrufbar.

Das Werk, einschließlich seiner Teile, ist urheberrechtlich geschützt.

Die Rechte an allen Inhalten liegen bei ihren jeweiligen Autoren.
Sie sind nutzbar unter der Creative Commons Lizenz BY-NC-ND.

Der vollständige Inhalt des Buchs ist als PDF über den OPUS Server der Friedrich-Alexander-Universität Erlangen-Nürnberg abrufbar:
<http://opus.uni-erlangen.de/opus/>

Verlag und Auslieferung:

FAU University Press, Universitätsstraße 4, 91054 Erlangen

Druck: docupoint GmbH

ISBN: 978-3-944057-24-8

ISSN: 2363-720X

Prefácio

O Mestrado de Crioulística e Língua Caboverdiana (MCLCV) é, juntamente com o magistério do crioulo caboverdiano (CCV), das acções mais significativas empreendidas pela Universidade Pública de Cabo Verde (Uni-CV), em matéria de afirmação e valorização do CCV. Podemos mesmo dizer que - no seguimento do artigo 9º da Constituição, ordenando ao Estado a criação de condições para a oficialização da língua materna caboverdiana, em paridade com a portuguesa, e dos diplomas que aprovam as Linhas Estratégicas para a Afirmação e Valorização do CCV e a institucionalização do Alfabeto Unificado para a Escrita do Caboverdiano (ALUPEC), como alfabeto caboverdiano - a criação do MCLCV constitui, até este momento, a medida mais corajosa e uma das mais significativas, em termos académicos e políticos, no campo da afirmação do CCV.

O MCLCV contou com total abertura das autoridades políticas e académicas. Porém, o maior trunfo deste mestrado reside na dinâmica e engajamento da equipa directiva¹, na qualidade e diversidade da equipa docente², na empatia e determinação dos mestrandos que, apesar de inúmeras dificuldades, decorrentes do estatuto de estudante-trabalhador e da escassez de bibliografia, se entregaram inteiramente ao projecto.

Do mesmo modo, o conteúdo programático era rico e diversificado, indo da origem da sociedade à origem do CCV; da história da escrita à escrita do CCV; da fonética e morfologia à sintaxe do CCV; das técnicas de trabalhos de campo à metodologia

¹ A Direcção era formada pelos Doutores Manuel Veiga (Coord.) e Jürgen Lang, e pelos Mestres Emanuel de Pina e Dominika Swolkien.

² Um total de 13 docentes, sete estrangeiros e 6 nacionais, provenientes da Uni-CV, das Universidades de Erlangen-Nürnberg, Michigan, Munique, Algarve, Aberta de Lisboa, Gran Canárias e ainda do CNRS, em França.

de ensino L1 e L2; da lexicologia à lexicografia; da tradução e técnicas de tradução científica à planificação e gestão de projectos educativos; da sociolinguística ao ensino do CCV, como matéria.

O interesse dos mestrandos era tal que, em vez de optarem pelas disciplinas da via ensino ou da via tradução, escolheram ambas as saídas, o que levou a direcção a reestruturar o tempo dessas disciplinas.

É devido a todas essas circunstâncias, atrás referidas, que o MCLCV se traduziu num grande sucesso. Com efeito, dos 18 inscritos, apenas 1 desistiu, por falta de tempo e 2 outros não conseguiram resultados satisfatórios. Dos restantes 15 estudantes, 8 defenderam, com sucesso, a respectiva dissertação e 7 outros se contentaram apenas do diploma de pós-graduação (desses, dois já solicitaram uma segunda época para a defesa da respectiva dissertação). Em termos de avaliação, o júri internacional atribuiu notas que vão dos 15 aos 19 valores.

Não há dúvidas de que o MCLCV veio trazer uma lufada de ar fresco à crioulistica em Cabo Verde. Com efeito, pela primeira vez, surgiu uma dissertação inteiramente em crioulo, sobre as interferências do português no CCV; pela primeira vez se analisou a estrutura da variante do Maio, em contraponto com a de Santiago; pela primeira vez, ainda, foi realizado um estudo técnico sobre a fonética e a fonologia da ilha de Santo Antão, em bases estritamente linguísticas; de se notar ainda que é neste mestrado que surgiu a análise contrastiva mais desenvolvida, até agora, entre as variantes do Fogo e de Santiago. O MCLCV produziu, também, o primeiro estudo teórico sobre a tradução em Cabo Verde, tendo ainda realizado a tradução de alguns capítulos da Bíblia para o CCV, com base nos pressupostos teóricos definidos; o estudo do sistema pronominal ficou mais enriquecido. Uma reflexão sobre a metodologia de ensino de L1 e L2, bem como uma análise das interferências do crioulo no português de

alunos do 12º ano de escolaridade, de um liceu da Capital, completam o leque de estudos produzidos pelo MCLCV.

Com esse mestrado, as condições para a oficialização da língua caboverdiana, em paridade com o português, ganharam alento, a investigação e o magistério do CCV ficaram mais ricos e a crioulista caboverdiana ganhou pontos.

Não temos dúvidas que o MCLCV, pelos resultados conseguidos e pelas perspectivas que abre para a ciência e para o magistério do CCV, vai constituir, no presente e no futuro, uma das grandes referências do processo de afirmação e valorização do CCV em Cabo Verde.

Por tudo isto, esta publicação, coordenada pelo Prof. Doutor Jürgen Lang, contemplando três das quatro dissertações orientadas por ele, sob o signo das variações diatópicas, bem como o estudo sobre o *code switching* baseado em duas outras dissertações e coordenado pela Prof. Marlyse Baptista, da Universidade de Michigan, a ser publicado nos EUA e, ainda o número 2 da Revista *Desafios* consagrado ao 1º MCLCV e ao legado de Amílcar Cabral, revista essa dirigida por eu próprio, merecem a atenção dos linguistas e crioulistas do mundo inteiro e, em Cabo Verde, deve merecer, também, a melhor atenção dos políticos, governantes, professores e público em geral.

Manuel Veiga

Ph.D. Coordenador do MCLCV

Director da Revista *Desafios* da Cátedra Amílcar Cabral

Uni-CV

Índice Geral

Prefácio

Índice geral

Lista das abreviaturas 14

Lista dos símbolos 16

Introdução geral 17

Raimundo Tavares Lopes 27

*Descrição isocrónica contrastiva das variedades
das ilhas do Fogo e de Santiago* 27

Introdução 27

1. As ilhas do Fogo e de Santiago: geografia,
povoamento, língua 29

2. Divergências fónicas 33

2.1 Divergências vocálicas 34

2.1.1 Inventários 34

2.1.2 Distribuição 35

2.2. Divergências consonânticas 37

2.2.1 Inventários 37

2.2.2 Distribuição 39

2.3 Padrão acentual das palavras 44

2.4 Palavras que ilustram divergências no domínio fónico 45

3. Divergências estruturais morfológicas 57

3.1 Preposições 57

3.2 Advérbio 58

3.3 Substantivo 59

3.3.1 Formação do plural 59

3.3.2 Emprego do plural 59

3.3.3 Derivação de substantivo 60

3.4 Pronomes 61

3.4.1 Pronomes pessoais 61

3.4.2 Pronomes possessivos 63

3.4.3	Pronomes interrogativos	65
3.4.4	Pronomes indefinidos	67
3.5	Verbo	68
3.5.1	Lugar do acento fónico	68
3.5.2	Partículas verbais	68
4.	Divergências sintáticas	69
4.1	Sintaxe da partícula aspectual <i>dja</i>	69
4.2	Emprego de <i>bai/bá</i> – ordem na frase	71
4.3	Emprego de <i>poi/po</i>	72
4.4	Outras construções	73
5.	Diferências lexicais	75
6.	Conclusão	92

Ana Karina Tavares Moreira	99
<i>Descrição da variedade da ilha do Maio</i>	99

1.	Introdução	99
1.1	Resenha histórica da ilha do Maio	100
1.2	Situação geográfica, económica, social e linguística	102
1.3	Proveniência e apresentação dos dados	105
2.	Análise fonético-fonológica	106
2.1	Consonantismo	106
2.1.1	Inventário dos fonemas consonânticos	106
2.1.2	Alofones	107
2.1.3	Pares mínimos	108
2.1.4	Distribuição	111
2.1.5	Grupos consonânticos	115
2.1.6	Ausência de ensurdecimento de [z] e [ʒ]	116
2.2	Vocalismo	117
2.2.1	Inventário dos fonemas vocálicos	117
2.2.2	Alofones (Glides)	118
2.2.3	Pares mínimos	118
2.2.4	Distribuição	121
2.2.5	Paralelismo vogal tónica aberta ~ nome, vogal tónica semiaberta ~ verbo	126

2.2.6 Metafonia	127
2.3 Estrutura silábica	128
2.4 Padrão acentual	129
2.4.1 Acentuação dos nomes e adjetivos	129
2.4.2 Acentuação verbal	130
2.4.3 Estatística comparada dos padrões de acentuação nas variedades do Maio e de Santiago	131
2.4.4 Observação a respeito da história	135
2.5 Texto I	136
2.5.1 Transcrição no <i>Alfabeto Unificado Para a Escrita do Caboverdiano (ALUPEC)</i>	137
2.5.2 Transcrição no <i>Alfabeto Fonético Internacional (AFI)</i>	138
3. Morfologia	140
3.1 Morfologia dos substantivos	140
3.1.1 Indicação da pluralidade	140
3.1.2 Indicação do sexo	141
3.2 Morfologia dos adjetivos	142
3.2.1 Concordância de sexo	142
3.2.2 Concordância de número	142
3.2.3 Comparação	142
3.3 Formação de substantivos e adjetivos	145
3.3.1 Derivação	145
3.3.2 Composição	148
3.4 Pronomes	149
3.4.1 Pronomes pessoais	149
3.4.2 Pronomes possessivos	152
3.4.3 Outras formas pronominais	154
3.5 Morfologia verbal	157
3.5.1 Verbo <i>ser</i> : alternância <i>i ~ e</i>	157
3.5.2 Vogais temáticas	158
3.5.3 Marcadores de tempo, modo e aspeto	158
3.6 Conjunções	162
3.6.1 Conjunções coordenativas	162
3.6.2 Conjunções subordinativas	162
3.7 Formas reduzidas	164

3.8 Texto II	165
3.8.1 Transcrição em <i>ALUPEC</i>	165
3.8.2 Tradução portuguesa	169
4. Breve nota sobre o léxico	173
4.1 Vocabulário exclusivo	174
4.2 Homofonia	175
4.3 Estrangeirismos	175
4.4 Vocábulos de origem africana	176
5. Conclusões	178
Maria do Céu dos Santos Baptista	183
<i>Descrição fonológica da variedade da ilha de Santo Antão</i>	183
0. Introdução	184
0.1 Geografia física e humana	184
0.2 História	186
0.3 Metodologia	188
1. Informação bibliográfica	190
1.1 Século XIX	190
1.2. Século XX	192
1.3 Pós-Independência	193
2. Vocalismo	196
2.1 Vogais orais tónicas	196
2.2 Vogais orais átonas	197
2.3 Vogais nasais tónicas	199
2.4 Vogais nasais átonas	200
2.5 Ditongos	201
2.6 Pares mínimos	204
2.7 Harmonia vocálica	206
2.8 Conclusões	207
3. Consonantismo	208
3.1 Consoantes oclusivas /p, b, t, d, k, g/	209
3.2 Consoantes fricativas /f, v, s, z, ʃ, ʒ/	212
3.3 Africadas alveopalatais /tʃ, dʒ/	214

3.4 Nasais /m, n, ɲ/	214
3.5 Líquidas /l, λ, r, ʀ/	216
3.6 Pares mínimos	218
3.7 Grupos consonânticos	220
3.8 Conclusões	226
4. Os padrões silábicos e acentuais do crioulo de Santo Antão	227
4.1 A sílaba	227
4.2 Os padrões silábicos do crioulo de SA	
4.3 Os padrões acentuais no crioulo de SA	230
4.4 Conclusões	231
5. Considerações finais	232
6. Textos no crioulo de Santo Antão	234
6.1 <i>Nhe Mnél Péd xkapá p'un és</i> (conto)	234
6.2 Entrevista a uma senhora do Figueiral	240
6.3 Um senhor do Figueiral conta a sua experiência em São Tomé onde permaneceu 6 anos	243
6.4 Um senhor da Aguada relata a perda dum seu filho	247
6.5 Letra de uma canção do grupo musical Cordas do Sol	249
Jürgen Lang	253
<i>Esboço de uma geografia linguística do crioulo caboverdiano</i>	253
o. Introdução	253
o.1 A unidade do crioulo caboverdiano	253
o.2 Aproximação à variação interna do crioulo caboverdiano	255
1. Contrastes Sotavento/Barlavento	259
1.1 Tratamento cortês	259
1.2 'Ter'	262
1.3 Coordenação	264
2. Contrastes Sotavento/Sotavento	267
2.1 Vogais finais átonas	267
2.2 Acentuação da forma de base dos verbos	270

3. Contrastes Barlavento/Barlavento	274
3.1 Velarização do [a] tónico por metafonia	274
3.2 Mudança do [ɐ] pretónico por metafonia	276
3.3 Sucessores dos infinitivos portugueses em <i>-ar</i>	279
3.4 Marcação da anterioridade	283
3.5 Modo conjuntivo	286
3.6 Negação	288
4. Resumo	291
5. Questões de história	293
Referências bibliográficas	299
Índice (antropónimos, topónimos, línguas, palavras, conceitos)	307
Índice dos mapas e das fotos	321

Lista das abreviaturas

adj.	adjetivo
adv.	adverbio
<i>AFI</i>	<i>Alfabeto Fonético Internacional</i>
ag.	agudo ~ oxítono, palavra aguda
<i>ALUPEC</i>	<i>Alfabeto Unificado Para a Escrita do Caboverdiano</i>
<i>APiCS</i>	<i>The Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online</i> (cf. Referências bibliográficas)
<i>AKTM</i>	Ana Karina Tavares Moreira
B	(crioulo/variedade da) Brava, bravense
BV	(crioulo/variedade da) Boavista
C	consoante
CÇ	(crioulo da) Casamança
cf.	confira
CV	(crioulo de) Cabo Verde, caboverdiano

conj.	conjunção
dem.	demonstrativo
esp.	espanhol
ex.	exemplo
exp.	expressão
F	(crioulo/variedade do) Fogo, fogueense
fem.	feminino
G	glide (inglês), semi-vogal
GB	(crioulo da) Guiné-Bissau, guineense
gr.	grave ~ paroxítono, palavra grave
<i>HCCV</i>	<i>História Concisa de Cabo Verde</i> (cf. Referências bibliográficas)
<i>HGCV</i>	<i>História Geral de Cabo Verde</i> (cf. Referências bibliográficas)
ibidem	no mesmo lugar (lat.)
idem	o mesmo (lat.)
indef.	indefinido
interr.	interrogativo
inf.	informante
interj.	interjeição
interr.	interrogativo
ital.	italiano
JL	Jürgen Lang
loc.	Locução
loc. adv.	locução adverbial
M	(crioulo/variedade do) Maio, maiense
masc.	masculino
MCSB	Maria do Céu dos Santos Baptista
N	arquifonema consonântico nasal
<i>Nbn</i>	<i>Na bóka noti</i> (cf. Referências bibliográficas)
num.	numeral
p.	página
part.	partícula
pess.	pessoal
P	português

pl.	plural
poss.	possessivo
prep.	preposição
pron.	pronome
quant.	quantificador
rel.	relativo
RTL	Raimundo Tavares Lopes
S	(crioulo/variedade de Santiago), santiaguense
s.	substantivo
SA	(crioulo/variedade de) Santo Antão
s/a	sem ano
sg.	singular
SN	(crioulo/variedade de) São Nicolau
sqs.	e páginas seguintes (lat.)
<i>SPiCL II</i>	<i>The Survey of Pidgin and Creole Languages, volume II</i> (cf. Referências bibliográficas)
SV	(crioulo/variedade de) São Vicente
TMA	tempo, modo e aspecto
V	vogal
Û	vogal nasalizada
v.	verbo
var.	variante
W	wolof

Lista dos símbolos

/.../	transcrição fonológica
[...]	transcrição fonética
<...>	(orto)grafia
<	remonta a
>	converte-se em
*	não se diz

Introdução geral

A variação geográfica ou 'diatópica' do caboverdiano foi muitas vezes subestimada por estrangeiros e caboverdianos. A tal ponto que muitos se atreveram a propor descrições 'do crioulo de Cabo Verde' com apenas um número mais ou menos elevado de observações a respeito dessa variação. As obras de Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte (1886), de Baltasar Lopes da Silva (1957), de Maria Dulce de Oliveira Almada (1961) e de Donaldo Pereira Macedo (1980) inscrevem-se nesta linha. Outros, mais cautos, limitaram-se à descrição da variedade da sua ilha, como foi o caso de António de Paula Brito (1887). Porém, desde a primeira obra do primeiro tipo, determinados autores dão provas de um alto grau de consciência a respeito da variação diatópica no seio do caboverdiano. Nas suas tabelas de formas, Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte distinguem sistematicamente entre Sotavento e Barlavento e incluíram versões da parábola do filho pródigo em sete variedades insulares, na sua obra. Dessa consciência nasceu finalmente uma terceira linha: a da justaposição e, eventualmente, descrição contrastiva de várias variedades insulares. Veio à luz com Mary Louise Nunes (1962/1963) e continuou com Manuel Veiga (1982) e o *Atlas and Survey of Pidgin and Creole Languages* (cf. *Referências bibliográficas: APiCS e SPiCL*) (2013). A presente obra inscreve-se também nesta terceira linha ao apoiar-se em monografias dedicadas a uma ilha só. Todos os autores desta corrente inves-

tigativa sabiam e sabem que existe também, pelo menos no interior das ilhas maiores, uma variação geográfica ('diatópica'), social ('diastrática') e, nos indivíduos, de registo ('diafásica'), mas acharam por bem ignorá-la momentaneamente, procurando, na medida do possível, ater-se a um basilecto aceite por todos os habitantes da respetiva ilha.

O conhecimento da variação interna do crioulo caboverdiano é importante por razões científicas e práticas. Perante a escassez de documentos históricos a respeito da história linguística e geral de Cabo Verde, e sobretudo relativos ao povoamento e história das ilhas do 'segundo ciclo de povoamento' (Santo Antão, São Nicolau, Brava, Maio, Boavista, cf. Lang 2014: 5.), cabe ao estudo comparado das variedades das diferentes ilhas ajudar na reconstrução dessa história. A reconstrução da história linguística de Cabo Verde reveste-se aliás de um grande interesse teórico, posto que fica por ver, se as variedades de Barlavento (especialmente as de Santo Antão e de São Nicolau) podem ser explicadas satisfatoriamente por uma série de transplantes, mudanças e contatos linguísticos internos e pela continuada influência de variedades portuguesas cada vez mais modernas ou se, pelo contrário, é necessário admitir uma nova criouliização de variedades portuguesas mais modernas, desta vez com o crioulo de Sotavento a funcionar como língua de base.

As necessidades práticas que exigem com alguma urgência conhecer a variação interna do caboverdiano têm que ver com diversos projetos de política linguística do jovem Estado caboverdiano, todos visando uma maior valorização do crioulo caboverdiano no seio da comunidade. De facto, a constituição de Cabo Verde prevê, desde 1999, que "O Estado promove as condições para a oficialização da língua materna caboverdiana, em paridade com a língua portuguesa. Todos os cidadãos nacionais têm o dever de conhecer as línguas oficiais e o direito de usá-las" (Título I, Artigo 9º). Essa oficialização tem de se acompanhar de

um processo de standardização. Segundo Muljačić 1988, tais processos implicam quatro atividades complementares:

1. A 'escolha' de uma variedade linguística que fornecerá a base da nova língua padrão (tudo indica que só poderá ser a variedade da ilha de Santiago),

2. A 'codificação' dessa variedade, isto é, a adoção de uma escrita (meta alcançada com a adoção definitiva, em 2009, do *ALU-PEC - Alfabeto Unificado para a Escrita do Caboverdiano* - como única escrita oficial, cf. Decreto-lei nº 8/2009, *Boletim Oficial Série I*, nº 11) e a admissão, no uso escrito, de uma ou pelo menos de um número limitado de variantes morfológicas para cada função (será preciso decidir, por exemplo, quais das variantes *kantába*, *kantá'a*, *kantá* para o anterior do verbo *kánta* 'cantar' ou *tenba*, *tinha* para o verbo *ten* 'tinha' vão ser admitidas),

3. A 'elaboração' dessa variedade, provendo-a (na maioria dos casos via empréstimo a outra língua já standardizada) dos meios necessários para o seu uso em situações comunicativas de 'distância' como a comunicação escrita, a comunicação em situações oficiais e a comunicação literária (por exemplo, pela adoção de expressões de gerúndio do tipo *falándu a sériu*, *voltándu pa kel asuntu*, a especificarem a função interpessoal ou textual do ato de fala que segue).

4. A 'extensão' dessa variedade, isto é, a introdução efetiva do seu uso em todo o território nacional nos contextos sociais anteriormente reservados a outra língua de prestígio.

Visto a 'escolha' já ter praticamente recaído na variedade de Santiago, urge conhecer as outras variedades e as suas divergências em relação à de Santiago para prever as maiores resistências à aceitação e aprendizagem da variedade escolhida nas outras ilhas e para preferir ou pelo menos admitir respeito a determinados aspetos soluções amplamente difundidas nas outras variedades. Por exemplo, convém perguntar se é razoável esperar que

o resto do arquipélago aceitará sem mais a acentuação paroxítona da forma de base dos verbos polissilábicos (Santiago: *parti* ['pɛrti] 'partilhar', *bebe* ['bebi] 'beber', *kánta* ['kantɛ] 'cantar', *konko* ['konku] 'bater', *busu* ['busu] '(re)tirar'), sabendo-se que todas as outras ilhas acentuam-nas na última vogal (por exemplo, Brava, Fogo, Maio, Boavista e São Nicolau: *kantâ* [kɛ'ntɛ], São Vicente e Santo Antão: *kantá* [kɛn'ta], etc.)?

É claro que não só a descrição das outras variedades, mas também a 'elaboração' e 'extensão' da variedade escolhida requer a intervenção de numerosos especialistas. E não há dúvida de que a criação, em 2010, de um mestrado de *Crioulística e Língua Caboverdiana* na recém-fundada *Universidade de Cabo Verde (UNI-CV)* se deve em boa parte à consciência das autoridades e instituições competentes relativamente à necessidade de formar tais especialistas. No marco deste mestrado, seis professores nacionais e sete professores internacionais ministraram disciplinas que cobriam praticamente todas as áreas da crioulística geral e caboverdiana (teoria dos contatos linguísticos e da crioulização; situação linguística em Cabo Verde; fonética, fonologia, morfologia, sintaxe e léxico do caboverdiano; história do caboverdiano; papel das línguas do oeste africano no surto do caboverdiano; etc.) e todas as habilidades que a colaboração nos processos de standardização e oficialização exigirão dos especialistas que o devem preparar e acompanhar (metodologia dos inquéritos in loco para recolha de dados linguísticos; tradução, nomeadamente do português para o caboverdiano; ensino da língua materna; elaboração de materiais didáticos, etc.). Admira que um projeto tão ambicioso pôde efetivamente ser posto em prática, com não poucos recortes, certo, mas sem nunca se perder de vista a meta inicial, num país que só há pouco tempo deixou de ser considerado país em vias de desenvolvimento pelos organismos internacionais. De facto, em 2013, oito dos 17 mestrandos inicialmente inscritos puderam defender com grande sucesso as suas dissertações de mestrado. O seu desempenho dificilmente

poderá ser exagerado. Trabalhando em condições muito mais difíceis que os seus colegas noutros países (todos exercendo simultaneamente uma profissão, assistindo meses e meses a aulas noturnas, com grandes dificuldades para aceder à bibliografia impressa) conseguiram, no entanto, contribuir com numerosas informações novas e muitas vezes surpreendentes para o acervo de conhecimentos em relação à língua caboverdiana. Os especialistas nacionais e internacionais têm interesse e direito de tomar conhecimento dos resultados destes jovens investigadores formados no seu próprio país.

Como um dos docentes estrangeiros, tive a honra e a alegria de orientar quatro destes oito mestrandos na elaboração das suas dissertações. Três de entre eles (duas mulheres e um homem) aproveitaram para tapar alguns dos buracos mais vistosos no nosso conhecimento da variação interna do caboverdiano. Maria do Céu dos Santos Baptista, natural da ilha de Santo Antão, cuja variedade se afasta mais do que qualquer outra da variedade de Santiago, decidiu completar e corrigir as escassas e pouco fiáveis informações que em 1962/1963 Mary Louise Nunes tinha fornecido sobre a fonética e fonologia da variedade daquela ilha. Nesse tempo ainda sem conhecimentos minimamente fiáveis das variedades crioulas de Barlavento, não podia ter orientado este trabalho eficazmente sem a competente e empenhada ajuda da colega Dominika Swolkien. Ana Karina Tavares Moreira, natural da ilha de Santiago, deslocou-se à vizinha ilha do Maio para registar e apresentar as divergências mais vistosas do maiense em relação à variedade de Santiago, tema que anteriormente tinha merecido apenas 13 páginas da autoria de Nicolas Quint (cf. Quint 1999). E Raimundo Tavares Lopes, também de Santiago, aproveitou os contos populares do Fogo publicados por Tomé Varela da Silva (cf. os volumes II a VI da coletânea *Na bóka noti*, publicados entre 2007 e 2011) e uma viagem à vizinha ilha do vulcão para registar o maior número possível de divergências da variedade do Fogo em relação à de Santiago,

tema ao que anteriormente só Manuel Veiga tinha dedicado 35 páginas da sua *Diskrison strutural di Lingua Kabuverdianu*, de 1982 e as entradas seguidas de (F) 'Fogo' do seu *Dicionário cabo-verdiano-português* de 2011.

São extratos destas três dissertações de mestrado, com as reformulações requeridas pelo novo contexto, que se publicam neste volume. Procurámos, entre todos, reduzir estes trabalhos ao seu núcleo duro, informativo, prescindindo de todas as partes motivadas pelo tipo particular de género textual a que pertencem as dissertações (justificação da escolha do tema, definição de termos linguísticos internacionalmente conhecidos, etc.). E fundimos todas as fontes bibliográficas aproveitadas pelos autores numa única bibliografia ao final do livro.

Ao orientar os três mestrandos para estas três ilhas, tive em conta o facto de se estar a ultimar, simultaneamente, em Oxford, a publicação, em quatro volumes, do *Atlas and Survey of Pidgin and Creole Languages*, que saiu efetivamente em 2013 e cujo segundo tomo impresso informa sobre as variedades cabo-verdianas das ilhas da Brava (Marlyse Baptista), Santiago (Jürgen Lang) e São Vicente (Dominika Swolkien). Acrescentando outros trabalhos (que constam das *Referências bibliográficas* deste volume) e tendo em conta que na ilha do Sal a integração das variedades trazidas pelos imigrantes das outras ilhas deve estar longe de ter acabado, pode-se dizer que, após o mencionado *Atlas* e o presente livro, o crioulo tradicional da Boavista, atualmente em perigo de extinção pela irrupção do turismo internacional que provocou uma massiva imigração de mão-de-obra cabo-verdiana e africana, fica sendo a única variedade insular praticamente desconhecida do cabo-verdiano. Salvo erro, não temos mais textos escritos impressos para o conhecimento desta variedade do que uma versão da parábola do filho pródigo que publicaram, arranjando-se com as convenções da ortografia portuguesa, Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte nos seus

Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt em 1886.

Somando todas as descrições mencionadas e por mencionar, parece ter chegado o momento para um primeiro esboço do que será um dia uma geografia linguística do caboverdiano. Este esboço forma a última parte deste volume. Não teria sido possível redigi-lo sem as últimas achegas do *Atlas and Survey of Pidgin and Creole Languages* e dos trabalhos que aqui se publicam.

Os autores agradecem à *Luise Prell Stiftung*, Erlangen, a ajuda financeira para a publicação deste livro e à editora *FAU University Press* o apoio técnico na sua produção.

Jürgen Lang

Fogo



Raimundo Tavares Lopes

Descrição isocrónica contrastiva das variedades das ilhas do Fogo e de Santiago³

À memória dos meus saudosos e eternos pais:
Crisóstomo Mendes Lopes e Martina Mendes Tavares

Introdução

A padronização de uma língua é um processo muito complexo que engloba, entre outros aspectos, a escolha de uma variedade que sirva de norma e a sua instrumentalização. Ora bem, mesmo que se escolha para a padronização do caboverdiano a variedade de Santiago, que é, de longe, a mais estudada, é neces-

³ Esta contribuição resume a parte descritiva da minha dissertação de mestrado que a *Universidade de Cabo Verde (UNI-CV)* aceitou em 2013. Gostaria de manifestar o meu agradecimento a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, colaboraram para a efectivação deste trabalho, e particularmente ao meu orientador Jürgen Lang, aos meus professores e colegas do mestrado de *Crioulista e língua caboverdiana*, à minha mulher e ao meu filho Rahí, a todos os meus familiares, à família de Nha Ana, que me recebeu no Fogo, e a todos os meus informantes foguenses residentes na ilha ou em Santiago, nomeadamente ao Niná, ao Socorro, ao Sr. António (“Padjudu”) e à madame Deolinda Alves.

sário que haja estudos de todas as variedades da língua caboverdiana, não apenas do santiaguense, para se saber quais são as estruturas e palavras que o santiaguense comparte com elas e quais são as estruturas e palavras do santiaguense que maior resistência encontrarão por diferir consideravelmente das de tal ou tal outra variedade.

Até ao momento, não é do nosso conhecimento que haja descrições da variedade fogueuse (F), a não ser um capítulo dedicado à comparação entre as variedades fogueuse e santiaguense, no livro *Diskrison Strutural di Língua Kabuverdianu*, de Manuel Veiga (cf. Veiga 1982: 97-133). Avançando nesta via, o nosso trabalho visa contrapor as estruturas das duas variedades da língua caboverdiana mais antigas: a variedade de Santiago e a variedade do Fogo, mas - para evitar repetições e ganhar espaço para o que mais interessa - apenas onde diferem uma da outra. E prescindimos por agora de tentar dar uma explicação histórica das diferenças encontradas. Mais tarde, o nosso estudo poderá vir a ser também ponto de partida para uma tentativa neste sentido. Convém realçar que apresentamos uma descrição isocrónica (e não 'sincrónica', no sentido tradicional) porque confrontámos as estruturas equivalentes de duas variedades da língua caboverdiana e não estruturas diferentes que co-ocorrem no estado actual de uma única variedade.

Sendo falante nativo da variedade de Santiago, para a ilha do Fogo, partimos dos contos recolhidos na ilha do vulcão e publicados na colectânea *Na bóka noti*, editada por Tomé Varela da Silva (aproveitámos os volumes II e V). Posteriormente, deslocámo-nos à ilha do Fogo para confirmar os levantamentos feitos em *Na bóka noti*. Na ilha, estiveram ao nosso dispor como informantes várias pessoas nas zonas de Atalaia, Campanas de Baixo, São Jorge, Salinas, Galinheiro, Ponta Verde, As Hortas, Monte Tabor, Alvito, Santo António, São Lourenço, Patim, Monte Largo e Chã das Caldeiras. No Fogo, optámos pelo método de observação directa, seguido de perguntas directas

sobre os mais variados sectores do quotidiano fogueense. Também em Santiago, apesar de falante nativo, andámos sempre com caneta e papel no bolso, com o intuito de registar as estruturas de outras variedades que não fosse a nossa.

Após um breve historial das duas ilhas, prestando atenção às suas histórias, às suas gentes e ao seu crioulo (1.), descreveremos divergências fónicas (2.), morfológicas (3.) e sintácticas (4.), e apresentaremos ainda uma lista de particularidades lexicais divergentes entre as duas variedades (5.), para terminar com umas conclusões. Para a escrita do caboverdiano, procurámos respeitar as linhas essenciais do *Alfabeto Unificado Para a Escrita do Cabo-verdiano (ALUPEC)*.

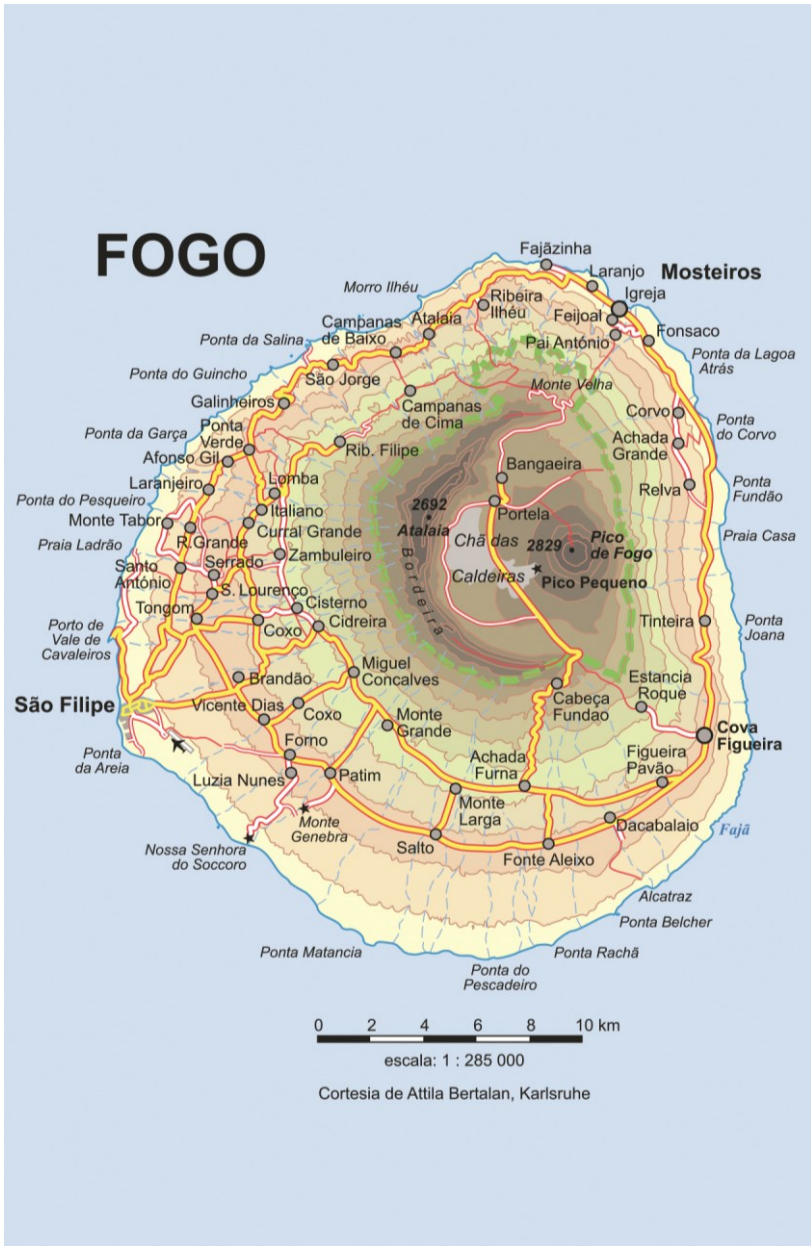
1. As ilhas do Fogo e de Santiago: geografia, povoamento, língua

A ilha de Santiago, para além de ser a maior de todas as ilhas do arquipélago de Cabo Verde, com uma superfície de 991 km², é também a mais importante em termos históricos (é o berço da caboverdianidade), demográficos (é a mais populosa) e políticos (alberga a capital do país). Enquanto a ilha do Fogo é a quarta maior de Cabo Verde em extensão, com uma superfície de 476 km², e em número de habitantes. Praticamente, toda a ilha do Fogo é um imenso vulcão, ainda activo. Santiago e Fogo compõem, concomitantemente, com as ilhas da Brava e do Maio, o grupo das ilhas de Sotavento. De acordo com o Censo 2010, Cabo Verde conta com um total de 491.875 pessoas residentes. Desse total, 55,7% habitam na ilha de Santiago e 7,5% na ilha do Fogo. O que perfaz um total de 63,2% residentes nas duas ilhas (= 311.115 pessoas).

A história do Fogo encontra-se intimamente ligada à história de Santiago, visto que as duas ilhas foram descobertas no mesmo dia, isto é, no dia um de Maio de 1460 (cf. *HGCV I* 1091: 31). Santiago foi a primeira ilha a ser povoada, modestamente por volta de 1462 (Ribeiro 1995: 8), e com mais êxito a partir da carta régia de 1466. Pela sua privilegiada posição geográfica, localização entre África, Europa e América, alguns colonos aportaram-se à ilha de Santiago, com o objectivo de se beneficiarem das regalias desta carta que favoreciam os vizinhos de Santiago nos tratos e resgates na costa. Contudo, um pouco mais tarde, foram-lhes impostas restrições, que vieram a beneficiar, directamente, o povoamento do Fogo por iniciativa dos moradores de Santiago, entre 1480 e 1493 (cf. *HGCV I* 1991: 143). Com isso, alargou-se o cultivo do algodão para a ilha vizinha, muito apropriada para a sua produção (solos vulcânicos férteis). O algodão foi uma matéria-prima de que necessitavam os colonos para poderem continuar a comerciar na costa da Guiné.

No dealbar do processo de povoamento da ilha de Santiago, havia, por um lado, os brancos europeus, maioritariamente portugueses, mas havia também italianos, e, por outro lado, os negros africanos de origens étnicas diversas. No entanto, o contingente branco era em menor número e formado, simplesmente, por homens que vinham à procura da fortuna. Por seu lado, o contingente negro, os escravos, constituía o grosso da população. Como havia a procura de mulheres negras pelos homens brancos, resultou um rápido processo de miscigenação. Com a tal relação entre o branco e a mulher negra e, naturalmente, também entre o homem e a mulher negros de diferentes etnias, resultou também o caldeamento das diferentes línguas e culturas em presença e brotava, naturalmente, o processo de criouliização, isto é, de mistura entre a língua e cultura portuguesas e as diversas línguas e culturas africanas em contacto.

Fogo



Segundo a *História Geral de Cabo Verde* (cf. HGCVI 1991: 144), as bases sociais para o povoamento da ilha do Fogo são as mesmas da ilha de Santiago, com *nuances* diferentes, ou seja, quem habitava a ilha eram os moradores da ilha de Santiago e os negros provenientes da costa da Guiné, que serviam de mão-de-obra para o cultivo do algodão. Começou-se a delinear uma rota comercial de transporte Santiago – Fogo – Santiago e Santiago – Costa da Guiné – Santiago (cf. Torrão 1991: 162). Santiago, como entreposto de mercadorias, recebia os produtos que eram comercializados na Costa. Da costa chegavam à ilha de Santiago escravos, milho e outros mantimentos, que, posteriormente, eram distribuídos para a ilha do Fogo.

Porém, sempre segundo Torrão, e devido ao facto de a coroa se ter reservado a comercialização do algodão do Fogo (cf. 1991: 161, 162), provavelmente havia também um circuito comercial que não passava por Santiago, mas sim ia directamente de Lisboa para o Fogo e de aí para a costa. Circuito este que Torrão esquematizou desta maneira: Lisboa – Fogo – Costa da Guiné – Lisboa (cf. 1991: 162).

Talvez o esquema com os dois circuitos, ajude-nos a compreender as *nuances* diferentes, já mencionadas. Ou seja: por haver uma segunda rota comercial, que não passava por Santiago e que possivelmente passaria novamente pelo Fogo, com escravos e outros mantimentos, antes de regressar a Lisboa, seria provável que houvesse também no Fogo, uma ‘crioulização contínua’ (cf. Lang 2009: 1.3.5.3), com escravos que não tinham passado por Santiago e que não viriam sempre das mesmas regiões que os de Santiago. Assim se explicariam as divergências nos traços culturais e, conseqüentemente, nos traços linguísticos.

Posteriormente, com a ruína do tráfico negreiro caboverdiano a partir do século XVII, as ilhas ficaram votadas ao abandono por parte da metrópole e passaram vários decénios de carência

extrema. A partir daí, a estrutura social caboverdiana sofreu importantes transformações, sendo a presença portuguesa insignificante. Após a decadência do comércio do algodão, a ligação entre o Fogo e Santiago sofreu uma grande transformação, passando a ser uma ligação esporádica, votando a ilha do Fogo à situação de abandono e, conseqüentemente, de isolamento. Este isolamento permitiu que a variedade do Fogo não entrasse em contacto com outras variedades, facilitando, deste modo, a conservação das suas especificidades que a caracterizaram ao longo do tempo e, eventualmente, também, o surto de novas especificidades.

Em 1975, Cabo Verde conquistou a independência e, com isso, passou a gerir o seu próprio destino. Apesar de a ilha do Fogo ter passado durante muito tempo sem porto nem aeroporto, infraestruturas cuja falta impediu o crescimento e desenvolvimento da ilha em todos os domínios, actualmente, há ligação aérea e marítima regular entre Fogo e Santiago, o que facilita o contacto linguístico entre as variedades do Fogo e de Santiago e também entre a do Fogo e outras variedades. É lícito pensar que a intensificação dos contactos entre as duas ilhas pode levar também, a longo prazo, a uma certa aproximação no plano linguístico.

2. Divergências fónicas

Neste capítulo, descrevemos divergências fónicas recorrentes em palavras etimologicamente idênticas das variedades santiaguense e fogueense do caboverdiano e apresentamos uma lista de vocábulos que ilustram tais divergências apenas no domínio fónico.

2.1 Divergências vocálicas

2.1.1 Inventários

Na variedade do Fogo, registamos os mesmos dezasseis fonemas vocálicos (oito orais e oito nasais) que Quint 2010: 209/210 e Lang 2012: 1.2.1.1 encontraram na variedade de Santiago:

	vogais orais			vogais nasalizadas		
	a.	c.	p.	a.	c.	p.
fechadas	i		u	ĩ		ũ
semi-abertas	e	ɛ	o	ẽ	ẽ̃	õ
abertas	ɛ	a	ɔ	ẽ	ã	õ

Os fonemas vocálicos do fogueense e do santiagoense

a. = anteriores (palatais), c. = centrais, p. = posteriores (velares)

Exemplos dos fonemas vocálicos do fogueense:

orais: piku /'piku/ s. 'pico', djobê /ɟo'be/ v. 'ver', bédju /'bɛɟu/ adj. 'velho', palutâ /pɛlu'tɛ/ v. 'apanhar', balá /be'la/ s. 'balaio', munhu /'muɲu/ s. 'lixo', nodju /'noɟu/ s. 'nojo', bórsa /'bɔrsɛ/ s. 'empola'

nasais: karin /kɛ'rĩ/ s. 'carinho', nesenti /ne'sɛ̃ti/ s. 'nascente', ménn-za /'mɛ̃zɛ/ s. 'mesa', mansan /mɛ̃'sɛ̃/ s. 'maçã', mángu /'mɛ̃ɟu/ s. 'manga', mundâ /mũ'dɛ/ v. 'mudar', monti /'mõ̃ti/ s. 'montanha', ónti /'õ̃ti/ adv. 'ontem'

As divergências relativamente aos fonemas vocálicos, sejam orais sejam nasais, não se encontram pois no inventário, situam-se no nível da distribuição desses fonemas nas palavras etimologicamente afins.

2.1.2 Distribuição

2.1.2.1 Fogueense $-\emptyset$ ~ santiaguense $-u$ [u]

Quando uma palavra santiaguense termina em [u] átono (< P -o [u] (cf. *S kabelu* s. ‘cabelo’, *dinheru* s. ‘dinheiro’, *kunpanheru* s. ‘companheiro’, *mininu* s. ‘menino’), observa-se, no Fogo, em muitos casos, a ausência desse [u] final, quando em Santiago se encontra precedido de determinadas consoantes. Encontramos exemplos desta ausência, quando a vogal velar [u] átona final do santiaguense é antecedida das consoantes /l/, /r/, /n/ (cf. *F kabel* s. ‘cabelo’, *dinher* s. ‘dinheiro’, *kunpanher* s. ‘companheiro’, *minin* s. ‘menino’). Consequência deste fenómeno: as palavras afectadas não são graves, mas agudas.

2.1.2.2 Fogueense $-an$ /ã/ ~ santiaguense $-on$ /õ/

Aos substantivos que, em santiaguense, acabam em $-on$ /õ/, como *S kurason* s. ‘coração’, *rukumendason* s. ‘recomendação’, *salvason* s. ‘salvação’, *prufison* s. ‘profissão’, *situason* s. ‘situação’, *purson* s. ‘porção’, *kapiton* s. ‘capitão’, *puron* s. ‘porão’, *okasion* s. ‘ocasião’, correspondem, no crioulo do Fogo, geralmente substantivos que acabam em $-an$ /ã/, cf. *F korasan* s. ‘coração’, *rukumendasan* s. ‘recomendação’, *salvasan* s. ‘salvação’, *prufisan* s. ‘profissão’, *situasan* s. ‘situação’, *pursan* s. ‘porção’, *kapitan* s. ‘capitão’, *puran* s. ‘porão’, *okasian* s. ‘ocasião’.

2.1.2.3 Fogueense $-\tilde{a}u$ [ãũ] ~ santiaguense $-on$ [õ]

Aos substantivos que, no crioulo de Fogo, terminam pelo ditongo nasalizado $-\tilde{a}u$ [ãũ] (cf. *F violãu* [vjo'lãũ] s. ‘violão’, *perdãu* [per'dãũ] s. ‘perdão’), correspondem, no crioulo de Santiago substantivos que terminam em vogal nasalizada $-on$ [õ] (cf. *S violon* [vjo'lõ] s. ‘violão’, *perdon* [per'dõ] s. ‘perdão’).

2.1.2.4 Outros casos

Variedade fogueense	Variedade santiaguense
<p>/u/ →</p> <p>txumâ /c<u>u</u>'mɛ/ v. 'chamar'</p> <p>tumâ /t<u>u</u>'mɛ/ v. 'tomar'</p> <p>kutxí /k<u>u</u>'ci/ v. 'desfarelar o milho no pilão'</p>	<p>/o/</p> <p>txoma /'c<u>o</u>mɛ/ v. 'chamar'</p> <p>toma /'t<u>o</u>mɛ/ v. 'tomar'</p> <p>kotxi /'k<u>o</u>ci/ 'desfarelar o milho no pilão'</p>
<p>/e/ →</p> <p>te /t<u>e</u>/ prep. 'até'</p> <p>se /s<u>e</u>/ conj. 'se'</p> <p>disê /di's<u>e</u>/ v. 'descer'</p> <p>bibê /bi'b<u>e</u>/ v. 'beber'</p> <p>djobê /ʝo'b<u>e</u>/ v. 'ver'</p> <p>nhamê /ɲɐ'm<u>e</u>/ v. 'mastigar'</p> <p>nesê /ne's<u>e</u>/ v. 'nascer'</p>	<p>/i/</p> <p>ti /t<u>i</u>/ prep. 'até'</p> <p>si /s<u>i</u>/ conj. 'se'</p> <p>dixi v. /'diʃ<u>i</u>/ v. 'descer'</p> <p>bebe /'beb<u>i</u>/ v. 'beber'</p> <p>djobe /'ʝob<u>i</u>/ v. 'ver'</p> <p>nheme /'ɲem<u>i</u>/ v. 'mastigar'</p> <p>nase /'nɛs<u>i</u>/ v. 'nascer'</p>
<p>/ɛ/ →</p> <p>palutâ /pɛlu'tɛ/ v. 'apanhar'</p> <p>bibâ /bi'b<u>ɛ</u>/ v. 'viver'</p> <p>praparâ /prɛpɛ'rɛ/ v. 'preparar'</p>	<p>/u/</p> <p>puluta /pu'lutɛ/ v. 'apanhar'</p> <p>bibu /'bib<u>u</u>/ v. 'viver'</p> <p>purpára /p<u>ur</u>'parɛ/ v. 'preparar'</p>

/u/ →	/i/
mángu /'mã <u>g</u> u/ s. 'manga'	mángi /'mã <u>g</u> i/ s. 'manga'
koxu /'kof <u>u</u> / s. 'coice'	koxi /'kof <u>i</u> / s. 'coice'
postu /'post <u>u</u> / s. 'poste'	posti /'post <u>i</u> / s. 'poste'
bulú /bu'l <u>u</u> / s. 'bule'	buldi /'bul <u>d</u> i/ s. 'bule'
/i/ →	/e/
bibê /b <u>i</u> 'be/ v. 'beber'	bebi /'b <u>e</u> bi/ v. 'beber'
dixâ /d <u>i</u> 'ʃe/ v. 'deixar'	dexa /'d <u>e</u> ʃe/ v. 'deixar'

Correspondências vocálicas foguense ~ santiaguense

No primeiro grupo, corresponde a uma vogal radical tónica [o] de um verbo santiaguense uma vogal radical átona [u], no correspondente verbo foguense.

Na maioria dos exemplos do segundo grupo, corresponde a uma vogal final átona [i] de um verbo santiaguense uma vogal final tónica [e], no correspondente verbo foguense.

No quarto grupo, há alguns substantivos que em Santiago terminam em [i] átono enquanto no Fogo terminam em [u] átono.

No último grupo, corresponde a uma vogal radical tónica [e] de um verbo santiaguense uma vogal radical átona [i], no foguense.

2.2 Divergências consonânticas

2.2.1 Inventários

Na variedade do Fogo, registamos os mesmos trinta e sete fonemas consonânticos (17 orais, 17 pré-nasalizadas e três nasais) que Lang 2012: 1.2.2.1 encontrou na variedade de Santiago:

		orais				nasalizadas			
		lb.	dt.	pl.	vl.	lb.	dt.	pl.	vl.
oclusivas	sd.	p	t	c	k	p̃	t̃	ç	k̃
	vz.	b	d	ɟ	g	b̃	ɗ̃	ɟ̃	g̃
fricativas	sd.	f	s	ʃ		f̃	s̃	ʃ̃	
	vz.	v	z	ʒ		ṽ	z̃	ʒ̃	
líquidas	int.		r			r̃			
	con.		l	ʎ		l̃	(ʎ̃)		
nasais		m	n	ɲ					

Fonemas consonânticos do fogueuse e do santiaguense

lb. = labiais, dt. = dentais, pl. = palatais, vl. = velares, sd. = surdas, vz. = vozeadas, int. = interrompidas, con. = contínuas

Exemplos dos fonemas consonânticos do fogueuse:

orais: pursu /'pursu/ s. 'pulso', tába /'tabe/ s. 'tábua', txapê /çe'pe/ s. 'chapéu', kapera /'ke'pere/ s. 'capoeira', barkon /'berkõ/ s. 'balcão', drumi /dru'mi/ v. 'dormir', ɟjibera /ɟi'bere/ s. 'bolso', gardâ /ger'de/ v. 'guardar', firi /fi'ri/ v. 'ferir(-se)', ʃártu /'sartu/ s. 'salto', xóbra /'ʃõbre/ s. 'pá', vritina /vi'trine/ s. 'vitrina', zóna /'zõne/ s. 'zona', ʒurâ /zu're/ v. 'jurar', razâ /re'ze/ v. 'rezar', lugá /lu'ga/ v. 'pé de milho', ɲrolha /'troʎe/ s. 'talocha'

pré-nasalizados: ɲpixa /'piʃe/ s. 'doença de pele', ɲtrabádu /trɐ'ba du/ adj. 'entrevado', ɲtxiâ /çi'e/ v. 'estalar com a língua', ɲkunhá /kü 'ɲe/ v. 'colocar uma cunha', ɲbaxâ /bɔ'ʃe/ v. 'baixar-se', ɲarandá /bɛ 'rɔ̃de/ s. 'varanda', ɲdjergâ /ɟer'ge/ v. 'inclin(-se)', ɲgulí /gũ'li/ v. 'engolir', ɲforkâ /for'kɛ/ v. 'enforçar(-se)', ɲsistí /šis'ti/ v. 'insistir', ɲanxê /mɛ'ʃe/ v. 'amanhecer', ɲvejâ /vɛ'ʒe/ v. 'invejar', ɲarmanzê /ɛr mɛ'ʒe/ s. 'armazém', ɲjuádu /'ʒwadu/ adj. 'enjoado', ɲrolâ /rõ'le/ v. 'enrolar', ɲlea /lɛe/ v. 'amarrar'. Não encontramos, por agora, a ocorrência de /ʎ̃/

nasais: munhu /'muɲu/ s. 'lixo', ɲesê /ne'se/ v. 'nascer', ɲhamí /'ɲe mi/ v. 'mastigar'

Tanto em Santiago como no Fogo existe ainda o fonema consonântico oral /j/ ('i consonântico'), que Lang 2012 não integrou no quadro por encontrar-se em posição isolada. Cf. S e F *Máju* /'maju/ s. 'Maio'.

Constatamos que, tal como nos fonemas vocálicos, as divergências não se encontram no inventário dos fonemas consonânticos, sejam orais, sejam (pré-)nasalizados, sejam nasais, situam-se no nível da distribuição desses fonemas nas palavras etimologicamente idênticas.

2.2.2 Distribuição

2.2.2.1 Foguense /-z-/ ~ santiaguense /-s-/

No Fogo, ocorre, em posição intervocálica, a fricativa dental sonora /z/, onde em Santiago ocorre, na palavra correspondente, a fricativa dental surda /s/, ou seja, comparando com o étimo português, em Santiago deu-se o ensurdecimento da fricativa dental intervocálica. Cf. F *káza* s. 'casa', *fazê* /fə'ze/ v. 'fazer', *kuza* s. 'coisa', *trazê* /trə'ze/ v. 'trazer', *ménza* s. 'mesa', *pizádu* adj. 'pesado', e S *kása* s., *faze* /'fəsi/ v., *kuša* s., *tarse* /'tərsi/ v., *mésa* s., *pişádu* adj.

No entanto, em Santiago, eventualmente devido à influência do português, os falantes da variedade urbana têm a tendência de realizar, nas palavras supra mencionadas, a fricativa sonora /z/, em vez da fricativa surda /s/, aproximando-se da variedade foguense.

2.2.2.2 Foguense /-ʒ-/ ~ santiaguense /-ʃ-/

No Fogo, ocorre, em posição intervocálica, a fricativa palatal sonora /ʒ/, onde em Santiago ocorre, na palavra correspondente, a fricativa palatal surda /ʃ/, ou seja, comparando com o étimo português, em Santiago deu-se o ensurdecimento da fricativa palatal intervocálica. Cf. F *greja* /'greʒə/ s. 'igreja', *fují* /fu'zi/ v. 'fugir', *riju* /'riʒu/ adj. 'rijo', *sujú* /'suʒu/ adj. 'sujo', *fijon* /fi'ʒõ/ s.

‘feijão’, e S *grexa* s., *fu_xi* /'fuʃi/ v., *ri_xu* /'riʃu/ adj., *xu_xu* /'ʃuʃu/ adj., *fi_xon* /'fiʃõ/ s.

No entanto, em Santiago, eventualmente devido à influência do português, os falantes da variedade urbana têm a tendência de realizar, nas palavras supra mencionadas, a fricativa sonora /ʒ/, em vez da fricativa surda /ʃ/, aproximando-se da variedade fogueense.

2.2.2.3 Fogueense /s/ ~ santiaguense /ʃ/

Em palavras etimologicamente idênticas, constatamos que, quando antes das vogais /i/, /e/, /ẽ/ no Fogo, ocorre a fricativa dental surda /s/, em Santiago ocorre frequentemente a fricativa palatal surda /ʃ/. Cf. F *fási* /'fasi/ adv. ‘rapidamente’, *sinti* /sĩ'ti/ v. ‘sentir-se’, *sintâ* /sĩ'tɛ/ v. ‘sentar-se’, *disê* /di'se/ v. ‘descer’, *pa-sénsia* /pɛ'sɛsiv/ s. ‘paciência’, e S *fáxi* /'faʃi/ adv., *xinti* /'ʃĩti/ v., *xinta* /'ʃĩtɛ/ v., *dixi* /'diʃi/ v., *paxénxa* /pɛ'ʃɛʃɛ/ s.

2.2.2.4 Fogueense /-rr-/ ~ santiaguense /-r-/

No Fogo, ocorre a vibrante múltipla /rr/ em posição intervocálica em palavras onde ocorre também no étimo português, o que permite distinguir entre palavras, como F *kárru* s. ‘carro’ e *káru* adj. ‘caro’. Cf. F *kárru* s. ‘carro’, *korrê* v. ‘correr’, *morrê* v. ‘morrer’, *térra* s. ‘terra’, *Terrafal* s. ‘Tarrafal’.

Não ocorre o mesmo na variedade de Santiago onde, nestes casos, registamos por ora apenas a ocorrência da vibrante simples /r/. Cf. S *káru* s. ‘carro’, *kóre* v. ‘correr’, *móre* v. ‘morrer’, *térra* s. ‘terra’, *Tarrafal* s. ‘Tarrafal’.

2.2.2.5 Fogueense /r/ ~ santiaguense /l/

Fenómeno característico e possivelmente regra da variedade falada no Fogo é a ocorrência da consoante líquida interrupta vibrante /r/ em posição pós- ou pré-consonântica, onde, por seu lado, em Santiago, na mesma posição, ocorre a consoante líquida contínua /l/. Observemos:

No início da palavra, quando ocorrem em Santiago antes de /a/ ou /e/ sequências de duas consoantes, sendo a segunda consoante a líquida /l/ (cf. S *f̄la* v. ‘dizer’, *pl̄anta* s. ‘planta’, *pl̄anu* s. ‘plano’), registamos no Fogo a ocorrência, no lugar de /l/, da consoante líquida /r/ (cf. F *fr̄a* v., *pr̄anta* s., *pr̄anu* s.).

Geralmente, quando em santiaguense a consoante líquida /l/ ocorre na coda silábica, antes de outra consoante (cf. S *álbu* adj. ‘alvo’, *ból̄sa* s. ‘bolsa’, *fol̄gu* s. ‘fôlego’, *kál̄ka* /'kalkə/ v. ‘calçar’, *kuł̄pa* s. ‘culpa’, *pál̄mu* s. ‘palmo’, *voł̄ta* v. /'vołtə/ ‘voltar’), ocorre no Fogo a consoante /r/ (cf. F *ár̄bu* adj., *bór̄sa* s., *for̄gu* s., *kark̄â* /ker'kə/ v., *kur̄pa* s., *pár̄mu* s., *vort̄â* /vor'tə/ v.).

Entretanto, como falante nativo que somos, constatamos que em algumas variedades do santiaguense, em posição pré-consonântica o /l/ transformou-se em [ɺ] implosivo. Cf. S *bó̄isa* s. ‘bolsa’, *fōigu* s. ‘fôlego’, *ká̄ika* v. ‘calçar’, *kūipa* s. ‘culpa’, *pá̄imu* s. ‘palmo’, *vōita* v. ‘voltar’, facto comprovado também por Jürgen Lang (cf. Lang 2012: 1.2.2.7.2) nas transcrições dos contos que integram o volume I da colectânea *Na bóka noti*.

2.2.2.6 Foguense /-d-/ ~ santiaguense /-r-/

Em determinadas situações, quando uma palavra do santiaguense inclui a consoante vibrante /r/ na posição intervocálica, quer em sílaba tónica quer em sílaba átona, na variedade do Fogo aparece, na mesma posição, a consoante oclusiva /d/. Cf. F *pasad̄inha* s. ‘passarinha’, *kared̄a* s. ‘correria’, *mintid̄a* s. ‘mentira’ e S *pasarin̄ha* s., *karēra* s., *mintira* s.

2.2.2.7 Foguense -∅ ou /-ru/ ~ santiaguense /-r/

Fenómeno bastante frequente no foguense é a ausência do /r/ final que se encontra nas palavras correspondentes do santiaguense. Cf. F *jugad̄o* s. ‘jogador’, *katx̄o* s. ‘cão’, *kudj̄ê* s. ‘colher’, *midj̄ô* adj. ‘melhor’, *mudj̄ê* s. ‘mulher’ e S *jugador̄* s. ‘jogador’, *katx̄ō* s. ‘cão’, *kudjer̄* s. ‘colher’, *midj̄ó̄r* adj. ‘melhor’, *mudjer̄* s. ‘mulher’.

Todavia, em determinadas variedades do santiaguense ocorre, em vez do /r/ final, a consoante líquida contínua /l/ (cf. S *jugadol* s., *katxol* s., *kudjel* s., *mudjel* s.) e noutras ocorre a semivogal [j] (cf. S *jugadoj* s. ‘jogador’, *katxoj* s. ‘cão’, *mudjej* s. ‘mulher’, *kudjej* s. ‘colher’).

Finalmente, verificamos, em determinadas variedades do fogueuse, em palavras que em santiaguense soam S *katxor* s. ‘cão’, *midór* s. ‘moinho’, *papel* s. ‘papel’, *pastor* s. ‘pastor’, a ocorrência da vogal /u/ no fim das palavras correspondentes, formando, deste modo, mais uma sílaba: F *katxoru* s. ‘cão’, *midoru* s. ‘moinho’, *papelu* s. ‘papel’, *pastoru* s. ‘pastor’. Até este momento, constatamos a ocorrência deste fenómeno apenas em palavras dissilábicas que em Santiago terminam em consoante líquida /l/ ou /r/.

2.2.2.8 Fogueuse /CrVC/ ~ santiaguense /CVrC/

Na variedade do Fogo, em determinadas situações, a consoante vibrante /r/ ocorre entre uma consoante inicial e uma vogal, formando-se, assim, sequências de duas consoantes no início da palavra (cf. F *brigónha* s. ‘vergonha’, *brumedju* adj. ‘vermelho’, *drumí* v. ‘dormir’, *grabatá* v. ‘remexer’, *pramanhan* adv. ‘manhã’, *prubiká* v. ‘publicar’), enquanto, em Santiago, a consoante vibrante /r/ ocorre, na palavra correspondente, na coda silábica, antes de outra consoante (cf. S *burgónha* s., *burmedju* adj., *durmi* v., *garbáta* v., *parmanhan* adv., *purbika* v.).

2.2.2.9 Fogueuse -∅ ~ santiaguense [-j] ou [-ɹ]

Na variedade fogueuse observa-se frequentemente a ausência das semivogais implosivas [-j] e [-ɹ], que ocorrem no fim das palavras correspondentes do santiaguense. Cf. F *fri* adj. ‘frio’, *má* s. ‘mãe’, *pá* s. ‘pai’, *re* s. ‘rei’, *txapê* s. ‘chapéu’, *txê* adj. ‘muito’ e S *friu* adj., *maí* s., *pai* s., *rei* s., *txapeu* s., *txeu* adj.

O único caso em que verificamos a ausência da semivogal implosiva no santiaguense é a expressão: *má di fidju* ‘a mãe do meu filho’.

2.2.2.10 Foguense consoante oral ~ santiaguense consoante pré-nasalizada

No Fogo parece que em algumas situações ocorre um fonema consonântico oral onde, na palavra correspondente do santiaguense, ocorre um fonema consonântico pré-nasalizado. Cf. F *djutú* v. ‘recusar algo por ter esperado mais’, *djodjâ* v. ‘atar (nó)’, *dosâ* v. ‘adoçar’ e S *ndjutu* v., *djondjo* v., *ndoxa* v.

2.2.2.11 Foguense transição silábica nasal ~ santiaguense transição silábica oral

No Fogo, ocorre frequentemente uma transição silábica globalmente nasal (vogal nasalizada + consoante pré-nasalizada) em vez da transição silábica globalmente oral (vogal oral + consoante oral) na palavra correspondente do santiaguense. Cf. F *mankarãu* s. ‘macarrão’, *mansáda* s. ‘trabalho cansativo’, *ménza* s. ‘mesa’, *mindju* s. ‘milho’, *mundâ* v. ‘mudar’, *omintí* v. ‘omitir’, em frente de S *makaron* s., *masáda* s., *mésa* s., *midju* s., *muda* v., *omiti* v.

Constatamos, também, que tal nasalização de uma transição silábica originalmente oral só acontece quando preceder outra consoante nasal. Comparemos mais uma vez *mindju*, *munda*, *ménza*, *mansada*, *mankarãu*, *omintí*. Trata-se claramente de um fenómeno de assimilação nasal progressiva.

2.2.2.12 Foguense /-ʃ-/ ~ santiaguense /-j-/

Entre duas vogais, ocorre, às vezes, em determinadas variedades do santiaguense, em lugar da consoante oclusiva palatal /j/, que encontramos nas palavras correspondentes do foguense

e de outras variedades do santiaguense, a consoante /j/. Cf. F *bá-dja* /'baʃɐ/ v. 'dançar', S *bádjia* e *báia* /'bajɛ/; F *odju* /'oʃu/ s. 'olho', S *odju* e *oju* /'oju/, F *tádjia* /'taʃɐ/ v. 'impedir', S *tádjia* e *táia* /'tajɐ/.

2.2.2.13 Fogueuse /-b-/ ~ santiaguense ø

Em certas variedades santiaguenses, dá-se a queda do /b/ intervocálico, provocando variações a nível fonético, lexical, morfológico e sintáctico (cf. Lang 2012: 1.2.2.7.1). Cf. S *bibu* [bibu] ou *biu* ['biu] adj. 'vivo', *brábu* ['brabu] ou *bráu* ['brau] adj. 'bravo', *kábu* ['kabu] ou *káu* ['kau] s. 'lugar', *rábu* ['rabu] ou *ráu* ['rau] s. 'rabo', *E dá-bu* [e'dabu] ou *E dá-u* [e'dau] 'deu-te'.

Ao contrário destas variedades santiaguenses, a variedade do Fogo comporta-se, em relação a queda do /b/ intervocálico, de forma conservadora, visto que não registamos, nos falantes dessa variedade, a queda do /b/ intervocálico nas situações supra descritas. A única excepção à regra, no Fogo, é nos verbos cuja vogal temática é /ɐ/ (que, seguida da marca da anterioridade /be/, se transforma em /a/). Nessas formas verbais, adicionando a marca da anterioridade, registamos em ambas as ilhas ocorrências da queda do /b/ intervocálico e, conseqüentemente, da contracção das duas vogais /æ/ em /a/. Cf. F *trabadjába*, var. *trabadjá*; *virába*, var. *virá*; *fikába*, var. *fiká*, etc. (Frase ouvida: F ... *es nunka es odjá* [var. de *odjába*] *kárru y nunka es guiá* [var. de *guiába*] *kárru* 'Eles nunca tinham visto, nem guiado um carro').

2.3 Padrão acentual das palavras

Assim como em santiaguense, registamos na variedade fogueuse palavras monossilábicas (cf. F *djeu* s. 'ilha', *fra* v. 'dizer', *mon* s. 'mão', etc.), dissilábicas (cf. F *káza* s. 'casa', *rumá* v. 'arrumar', etc.) e polissilábicas (cf. F *padjigal* s. 'campo de sequeiro', *dususperá* v. 'desesperar', etc.). Quanto à acentuação das palavras, Lang 2001: 235, referindo-se ao santiaguense, realça que "é, em princípio, livre, mas o acento recai geralmente sobre a penúltima sílaba." No caso da variedade fogueuse, observámos que,

basicamente, em todas as classes gramaticais a acentuação é semelhante à descrita por Lang para a variedade santiaguense. O que difere é a acentuação dos verbos polissilábicos. Estes são sistematicamente acentuados na última sílaba, na variedade do Fogo.

Quanto à estrutura silábica, queríamos apenas esclarecer que, na variedade fogueense, os fonemas consonânticos que aparecem em final de sílaba são /l/ (cf. F *padjiga* s. ‘campo de sequeiro’), /r/ (cf. F *radjador* adj. ‘contente’), /s/ (cf. F *fós* s. ‘fósforo’) e /ʃ/ (cf. F *sáx* num. ‘seis’) e não apenas os três primeiros documentados por Lang para o santiaguense (cf. Lang 2001: 235).

2.4 Palavras que ilustram divergências no domínio fónico

As palavras etimologicamente idênticas das duas variedades confrontadas na tabela que segue diferem na expressão mas têm pelo menos um significado em comum. Indicamos este significado em português, na última coluna.

Apresentaremos à esquerda a variante fónica da variedade fogueense e à direita a sua correspondente na variedade santiaguense, com as suas variantes, sempre que possível. E indicamos, na coluna do meio a categoria gramatical dos vocábulos.

variedade do Fogo	cat. gram.	variedade de Santiago	significado em português
A			
adjérma, ardjéma	s.	ndjérma, aljéma, jéma	algema
ananser	adv.	anonser	a não ser
animigu	adj. e s.	indimigu, inimigu	inimigo
anton, antan, unton	adv.	nton, anton, enton, inton	então
árbu	adj.	álbu, áibu	alvo

Raimundo Tavares Lopes

árbun	s.	álbun, áibun	álbum
arfineti	s.	alfineti	alfinete
argen	pron. ind.	algen	alguém
argudon	s.	algudon	algodão
argun	pron. indef.	algun	algum
arkansâ	v.	alkánsa, aikánsa	alcançar
árma	s.	álma, áima	alma
armanzê	s.	armanzen, armazen	armazém
amosu	s.	almosu, aimusu	almoço
arí	v.	ri	rir
aronbô, oronbô	v.	djoronbo, dironbo, oronbo, aronbo	agitar o mi- lho num ba- laio para se- parar a parte menos gros- sa da mais grossa
árta-l noti	loc. adv.	álta-l noti, áita-l noti	noite dentro
artár	s.	altár, aítár	altar
ártu	adj.	áltu, áitu	alto
árvu, árvi	s.	árvi	árvore
asin	adv.	asin, así, si	assim
C			
badjá, bodjá	v.	bádja, báia	bailar, dançar
badjogô, bijagô	s.	bidjogô	manga grande
bakāu	adj.	bakan	simplório, sorna, tolo
balá	s.	balai, balei	balaio
balá-tentê	s.	balai di tentia, balai di tente	balaio utili- zado para separar a fa- rinha de mi- lho do xeren ou loron, de- pois do mi- lho ter sido ser pilado

Fogo

banbirin	s.	binbirin	nome de uma planta
banbú	v.	bonbu, bunbu	trazer às costas
banenâ	v.	venena, benena	envenenar
banenu	s.	benenu, venenu	veneno
bangolon, bangalon	s.	bongolon, bangolon	tipo de feijão
baradjâ, bradjâ	v.	barádja	baralhar, misturar
barádja	s.	barádju	baralho
barkon	s.	balkon	balcão
bárku grándi	s.	barkon, barkóna	barco grande
barufa	s.	brufa	chuveiro
baruga	s.	bruga	elevação da pele, causada na maioria das vezes por uma hipertrofia das papilas
baskiléta	s.	biskiléta, bisikléta	bicicleta
bibâ	v.	bibe, vive (também <i>bibu</i> , <i>biu</i> na frase <i>N ka ta bi(b)u</i>)	viver
bibê	v.	bebe	beber
bila	s.	vila	vila
birtudi	s.	virtudi, vertudi	virtude
bista	s.	vista	vista
bitxóti	s.	bixóti	pénis
bizeru, bezeru	s.	bixeru, bixeru	bezerro
bodjadô, bodjador, badjadô, badjador	adj.	badjador	aquele que baila muito bem
bórsa	s.	bólsa, bóisa, bórsa	bolsa
bórta, vórta	s.	bóita, vólta, vóita	volta
bortiâ, vortiâ	v.	boita, volta	voltar
brigónha	s.	burgónha	vergonha
brumedju	adj.	burmedju	vermelho

Raimundo Tavares Lopes

D			
dagudjâ, digudjâ, disgudja	v.	dugudja, digudja	separar os grãos de mi- lho da espiga seca.
dedu mininhu, dedinhu	s.	mindinhu, dedinhu	mindinho
dentrâ, entrâ	v.	entra	entrar
didejâ, dizijâ, dijejâ	v.	dizeja	desejar
dibortiâ, divortiâ	v.	davolta, davoitã	dar a volta
dimintí	v.	disminti	desmentir
dimundâ, mundâ	v.	muda	mudar
dinbarasâ	v.	dizinbarásã	despachar
dirumunhu, durumunhu	s.	rudumunhu	redemoinho
disdjodjâ	v.	disdjondja, disdjondjo	desatar (nó)
disfra	v.	disflã	desdizer-se, dar o dito por não dito
disgradjâ	v.	disgádja	desenrascar- se
diskisê	v.	diskese, skese	esquecer (-se)
diskurpâ	v.	diskulpa, diskuipa	desculpar (-se)
diskusan	s.	diskuson	discussão
dismanzeládu	adj.	dismazeládu, dismanzeládu	desmazelado
dismorâ	v.		deixar de morar
dispindrâ	v.	disprinda	despendurar
dispontiádu	adj.	dizapontádu	enganado, iludido em seus desejos e/ou expec- tativas
disterâ	v.	dizintera	desenterrar
distopí, distupí	v.	dizintupi	desentupir
dixâ	v.	dexã	deixar
dixê, disê	v.	dixi	descer

Fogo

dixeda, diseda	s.	dixida	descida
dizafrontâ	v.	disfronta, dizafronta	desafrontar
dizintinádu	adj.	dizatinádu	desatinado
djigidjigí	v.	digigi, didjidji	sacudir
djundjú, djodjá	v.	djondja, djondjo	atar (nó), ligar
djunsâ	s.	ndjusa, injunsa, junsa	junça-de- conta
djutú	v.	ndjutu	recusar algo por ter espe- rado mais.
dosâ	v.	ndoxa	adoçar
drumí	v.	durmi, drumi	dormir
E			
ermun	s.	armun, irmun, irmon,	irmão
F			
farkon	s.	falkon	falcão
fartâ	v.	fálta, fáita	faltar
fártu	adj.	fártu, fáitu	farto
faruju	s.	feruxu, feruxa, feruju	ferrugem
fási	adv.	fáxi	rapidamente
fási	adj.	fásil, fáxi	fácil
fírí	v.	fri	ferir(-se)
fití-fití	v.	feti-feti	esfregar (roupa)
fórgu	s.	folgu	fôlego
fra	v.	fla	dizer
frajidera	s.	frijidera	frigideira
frakisan	s.	flekison	flexão
fri, friu	adj.	friu	frio
frosteru	s.	furasteru	forasteiro
fují	v.	fuxi	fugir
funda	s.	fundia	funda
furâ	v.	fra	furar
furiâ	v.	fulia	arremessar
G			
gagijâ	v.	gagixa	gaguejar
gargalejâ, gargoletâ	v.	gargalexa, gargarexu	gargarejar
gardâ	v.	guárda	guardar

Raimundo Tavares Lopes

garnel	s.	ngarnel	pilha de maçarocas numa despensa ou num canto da casa.
gorfu	s.	golfu	golfo
grabatâ	v.	garbáta	revolver, remexer
gratifikasan	s.	gratifikason	gratificação
greja	s.	grexa, igreja	igreja
grópi	s.	gólpi	golpe
gufongu, bufongu	s.	kufongu	espécie de broa de milho cozida nas brasas ou sobre o cuscuz.
I			
inbápu	s.	nbipu	armadilha para caçar aves.
imarujía	s.	morajiâ, imorajiâ	hemorragia
inguentâ	v.	aguenta	aguentar
irmana, irman	s.	irmá, irman	irmã
J			
juriâ	v.	injuria, njuria	injuriar
juru, juri	s.	juri	júri
K			
kábu	s.	káu, kábu	lugar, sítio
Kábu Berdi, Kábu Verdi	s.	Káuberdi, Káuverdi, Kábu Berdi, Kábu Verdi	Cabo Verde
kakuruta	s.	kukuruta, kokuruta	cocuruto
kalipru	s.	kalipi, okalipi	eucalipto
kanibeti	s.	kaniveti	canivete
kapera	s.	kapuera	capoeira
karbasera	s.	kalbisera	nome de uma planta ou fruto dessa planta, baobá

Fogo

karditâ, kriditâ	v.	kridita	acreditar
kareda	s.	karera, korida	correria
kareron	s.	kalderon, kalaron, kaleron	panela de ferro
karisu	s.	karis	carricho
karkâ	v.	kárka, kálka, káika	pressionar, calcar
karker	pron. indef.	kalker	qualquer
kárku	s.	kálku, káiku	plano
karner	s.	karneru	carneiro
karonhâ	v.	koronha	atrofiar-se
kárru	s.	káru	carro
kársa	s.	kálsa, káisa	calças
karsáda	s.	kalsáda, kaisáda	calçada
karsádu	s.	kalsádu, kaisádu	calçado
karsetâ, kasetâ	v.	kalseta, kaiseta	calcetar
karsetadô, karse- tador, kasetadô, kasetador	s.	kalsetador, kaisetador, kalseteru, kaiseteru	calceteiro
karson	s.	kalson, kaison	calções
kasarora	s.	kasaróla	caçarola
katubelu	s.	kutubelu	cotovelo
katxô, katxoru	s.	katxor, katxol, katxoi	cão
káza, ká	s.	kása, ká, káza	casa
kazâ	v.	kása, káza	casar
kazár	s.	kazal	casal
kaziâ di boton	s.	káza di boton	casa de botão
kraréza	s.	klaréza	clareza
kontru	s.	kontu	mil escudos
kórtxa	s.	kóltxa, kólxa	colcha
kozê	v.	kose, koze	coser, costurar
koxu	s.	koxi	coice
kudjê	s.	kudjer	colher
kumê	v.	kume, kumê	comer
kumensâ	v.	kumesa	começar
kuntisé	v.	kontise	acontecer
kupâ	v.	okupa	ocupar

Raimundo Tavares Lopes

kurpa	s.	kulpa, kuipa	culpa
kutxí	v.	kotxi	desfarelar o milho no pilão, utilizando pau
kuzinha	s.	kusinha, kuzinha	cozinha
kuzinhâ	v.	kusia, kuzinha	cozinhar
L			
lánbu	s.	lonbu, lánbu	lombo, costas
lanbrú	v.	lonbu, lánbu	agasalhar-se
lansiádu	adj.	lansádu	glutão
M			
majiná	v.	majina, imajina	imaginar
mángu	s.	mángi	manga
mansáda	adj.	masáda	trabalho cansativo
mansâ	v.	mása	pisar
mansan	s.	masan	maçã
manxê	v.	manxi, maxi, manxe, maxe	amanhecer
margudjá, murgudjá	v.	murgudja	mergulhar
marisimentu	s.	meresimentu	merecimento
mása mankarãu	s.	mása makaron	macarrão
matâ króti, da krótxi	s.	máta kritxi	estalido produzido com as unhas na cabeça de outrem como quem cata piolhos
ménza	s.	mésa, méza	mesa
midjó	adj.	midjór	melhor
mindju	s.	midju	milho
mintrozu	adj.	mintirozu, mintρός, mintirós, mintrozu	mentiroso
mintida	s.	mintira	mentira
montâ	v.	munta, monta	montar

Fogo

monti	s.	munti, monti	grande quantidade
monxu	s.	moxu	banco
monzáda	s.	mozáda	aperto de mão
morrê	v.	mori, móre	morrer
mundâ	v.	muda	mudar
mudjê, mundjê	s.	mudjer	mulher
N			
namenti	conj.	timenti	enquanto
nbiâ, biâ	v.	nbiâ	marrar
nboriâ, nboreâ	v.	nbora, inbora	sujar(-se)
nesê	v.	nase	nascer
nesenti	s.	nasenti	nascente
nfiâ, fiâ	v.	fiâ	vender a crédito
nfriâ, infriâ	v.	fria	arrefecer
ngunhâ	v.	ngunia	aborrecer-se
nhamê, nhamí	v.	nheme	mastigar
nobidja	s.	nabidja	novilha
nodju	s.	noju	nojo, luto
npixa	s.	npintxi, npintxa, npintxu	doença de pele caracterizada pelo aparecimento de placas descoloridas
ntemozia	s.	temoziâ	teimosia
nterrâ	v.	ntera	enterrar
ntrabádu	adj.	ntrevádu, ntrebádu	entrevado, paralisado
ntxiâ, intxiâ	v.	ntia, intia	dar um estalo leve com a língua para mostrar desdém
númur, númiru	s.	nunbru	número
O			
omintí	v.	omiti	omitir

Raimundo Tavares Lopes

P			
palutâ, balutâ	v.	puluta, buluta	aparar, apanhar no ar algo arre-messado
parabês	s.	parabens	parabéns
pármu, páрма	s.	pálmu, páimu, pálma, páima	palma
parmatória	s.	palmatória, paimatória	palmatória
parpâ	v.	pálpa, páipa	palpar, apalpar(-se)
pasadinha	s.	pasarinha	passarinha
pasénsia	s.	paxénxa	paciência
peneru	s.	penedu	penedo
postu	s.	pósti	poste
pindrâ	v.	prinda	pendurar
pirú	s.	peru	peru
pitról	s.	pitróli	petróleo
praguntâ, purguntâ, pruguntâ	v.	purgunta	perguntar
prakupâ, priokupâ, prokupâ	v.	prokupa	preocupar
pramanhan, parmanhan	s.	palmanhan, parmanhan	manhã
pránta	s.	plánta	planta
pránu	s.	plánu	plano
praparâ, parparâ	v.	purpára, prupára, pripára	preparar
prasbiâ	conj.	pabiâ	porque
pribí	v.	proibi	proibir
primenton	s.	pimenton	pimentão
primer, prumer, prumeru	num.	purmeru, prumeru, primeru	primeiro
printxera	s.	pintxera, npintxera	nome de uma planta
pristâ	v.	nprista, npista, prista, pista	emprestar
prubikâ	v.	purbika, publika	publicar
purdâ	v.	purduâ, purda	perdoar
purdisê, podrisê	v.	podrise	apodrecer
pursu	s.	pulsu, puisu	pulso

Fogo

R			
rabortia, ravortia	s.	rabóita, ravólta	revolta
ragrasâ	v.	rigresa, ragresa	regressar
rají	v.	riáji	reagir
ralánpu	s.	alánpra, alánpí, ralánpagu, alánpri, ralánpu	relâmpago
raspondê	v.	rusponde, risponde	reponder
razâ	v.	râsa, resa, reza	rezar
razidí	v.	rizidi	residir, morar
razolvê	v.	rizolvi, razolve	resolver
re, rei	s.	rei, rai	rei
riju	adj.	rixu	rijo
rikítí	v.	rukuti, rakuti	tirar um pe- daço peque- no
rosâ	v.	roxa	tocar ao de leve, tocar ou ferir de raspão
S			
sáibu	s.	sábiu, sáibu	sábio
saké, sakédu	v.	sakédu	estar de pé
sarbâ	v.	sálba, sáiba, sálva	salvar(-se)
sartâ	v.	sálta, sáita	saltar
senpen	s.	sanpé	centopeia
sgromentâ	v.	sprumenta	experimen- tar
sibriménza	s.	sobrimésa	sobremesa
sintâ	v.	xinta	sentar(-se)
sintí	v.	xinti	sentir(-se)
sirmonia	s.	sirmónia, sirimónia	cerimónia
skoréga	s.	skoréla	resto de lí- quido que goteja
sparder, sparderu	s.	pardueru	pardieiro
spatxâ	v.	dispáxa, dispása	despachar-se
spertiâ	v.	sperta	tornar-se esperto
spromentâ	v.	sprimenta, sprumenta, spurmenta	esperimenta r

Raimundo Tavares Lopes

starâ	v.	stára	fazer sem parar
stirâ	v.	stila	cair e ficar estirado
subiâ, zubiâ	v.	sibia, zibia	assobiar
sujâ	v.	xuxa	sujar
sulerâ, salerâ	v.	silera, sulera	acelerar
sulerabá, salerabá	s.	silerabai, sulerabai	espécie de ciclomotor sem caixa de velocidades
supurtâ	v.	supulta	sepultar
T			
tába	s.	tábua, tágua	tábua
tinbarina, tanbarina	s.	tanbarina	tamarindo
tisterna, sisterna	s.	sistérna	cisterna
tolâ	v.	ntola	atolar-se
topí, stupí	v.	ntupi	entupir(-se)
tridjâ	v.	ntridja, intridja	torcer
trobêsâ	v.	trabesa	atravessar
trubáda, trubon	s.	strubáda, strubon, trubáda	trovoada
tumâ	v.	toma	tomar
txafaris	s.	xafaris	chafariz
txamuská	v.	txumuska	chamuscar
txapê	s.	txapeu, xapeu	chapéu
txaputí	v.	txuputi	beliscar
txê, txeu	quant.	txeu	muito
txibára	s.	txubára	chibarra
txorisu	s.	txoris, txorisu, xorisu	chouriço
txumâ	v.	txoma	chamar(-se)
txutxí	v.	txuki, txutxi	introduzir, meter
U			
unbru	s.	ónbru	ombro
urédja	s.	orédja	orelha
V			
vijuâ	v.	vijia	vigiar
vortâ	v.	volta, voita, boita	regressar, voltar

vritina, britina, bitrina	s.	vitrina	vitrina
X			
xáli, xárlis	s.	xáli, xáli	xaile
xinâ	v.	nxina	ensinar
xiránda	s.	siránda	ciranda
Z			
zubiâ	v.	sibia, zibia	assobiar

Palavras etimologicamente idênticas do fogueense e do santiaguense

3. Divergências estruturais morfológicas

Neste capítulo, descrevemos divergências recorrentes entre as estruturas morfológicas das variedades santiaguense e fogueense do caboverdiano. Estas divergências dizem respeito a preposições (3.1), advérbios (3.2), morfemas nominais (3.3), pronomes (3.4) e morfemas verbais etimologicamente idênticas (3.5). Além disso, alistamos um conjunto de vocábulos que ilustram divergências no domínio morfológico (3.6).

3.1 Preposições

Das preposições mais frequentes, registamos as divergências seguintes:

variedade fogueense	variedade santiaguense
pra, pa (la,li)	pa (la,li)
te	ti

Divergências entre o fogueense e o santiaguense na área das preposições

Corresponde à preposição santiaguense *pa* (cf. S *E ba pa la* 'Foi para lá'; *Tudu mundu pa txora* 'Todos têm que chorar' (RTL)) a preposição *pra* do fogueense (cf. F *E bá pra la*; *Tudu mundu pa txorâ* (inf.)).

À preposição da variedade santiaguense *ti* (cf. S *Ti inda e ka tra pexi di anzol* 'Até ainda não extraiu o anzol do peixe'; *E poi si trás ti k'e pega-l* 'Perseguiu-o até que o apanhou' (RTL)) corresponde a preposição *te* do fogueense (cf. F *Te inda el ka tra pexi di anzol*; *El po se tras te k'el pega-l* (inf.)).

3.2 Advérbio

Quanto aos advérbios que ocorrem com maior frequência no Fogo e em Santiago, registamos divergências nos advérbios de tempo e de lugar:

adv.	fogueense	santiaguense	significado em português
de tempo	gosin	gosi (li)	agora, neste momento
de lugar	lasin	lasí, lasisí, lasin, lasisin	ali
	lisin	lisí, lisisí, lisin, lisisin	aqui

Divergências entre o fogueense e o santiaguense na área dos advérbios

À construção santiaguense 'advérbio de tempo *gosi* + advérbio de lugar *li*' (cf. S *Gosi li, e pa tudu algen guárda si limária* 'Agora, convém a todos guardar o seu animal'; *N ta bá ku nha pexi gosi li!* 'Agora mesmo, levo comigo o meu peixe' (RTL)), corresponde, no fogueense, apenas o advérbio de tempo *gosin* (cf. F *Gosin, e pa tudu argen gardâ se limária*; *N ta bá ku nha pexi gosin!* (inf.)).

Ao advérbio de lugar fogueense *lasin* (cf. F *E própi kel kriáda ki sta sintádu lasin!* 'É justamente aquela criada que está ali sentada' (inf.)) corresponde o santiaguense *lasin* (cf. S *E própi kel kriá-*

da *ki sta xintádu lasin!* (RTL)) e as suas variantes *lasí*, *lasisí* e *lasisin* (cf. *S E própi kel kriáda ki sta xintádu lasí/lasisí/lasisin!* (RTL)). Ao advérbio de lugar fogueense *lisin* (cf. *F N ta ben atxá-bu lisin!* 'Vou encontrar-te aqui mesmo' (inf.)) corresponde o santiaguense *lisin* (cf. *S N ta ben atxa-u lisin!* (RTL)) e as suas variantes *lisí*, *lisisí* e *lisisin* (cf. *S N ta ben atxá-u lisí/lisisí/lisisin!* (RTL)).

3.3 Substantivo

3.3.1 Formação do plural

Em santiaguense, as palavras terminadas em vogal nasalizada *-on /õ/* formam o plural acrescentando a consoante *-s* (cf. *S kondison̄s* s. 'condições'), no Fogo, formam o plural acrescentando, ora *-is* (cf. *F kondisõis* s.), ora *-s* (cf. *F ladron̄s* s. 'ladrões').

Em Fogo ocorrem, com maior frequência os plurais *mudjê̄s* s. 'mulheres', *katxô̄s* s. 'cães', do que os plurais *mudjeris*, *katxoris*. Em santiaguense, registamos apenas a ocorrência dos plurais *mudjeris*, *katxoris*.

3.3.2 Emprego do plural

Em santiaguense, num grupo nominal ocorre um único elemento que indica pluralidade, sendo este o primeiro elemento do grupo (por exemplo *S nhas trópa* 'os meus soldados', *kes katxor* 'aqueles cães', *sen skudu* 'cem escudos'). Verificamos que, no Fogo, em determinadas situações, ora ocorre uma única indicação da pluralidade (cf. *F dos buru* 'dois burros', *sáx ánu* 'seis anos', *txeu fidju* 'muitos filhos'), ora ocorrem duas indicações da pluralidade (cf. *F nhas trópas* 'os meus soldados', *txeu ladron̄s* 'muitos ladrões', *mil skudus* 'mil escudos', *kes mudjê̄s* 'aquelas mulheres').

Veiga 1982: 101 diz que “ta parse-nu inda ma na varianti di Fogu dos marka di plural ta parse óki palavra ta tirmina pa vogal”⁴. Porém, observamos a ocorrência de duas indicações da pluralidade não só quando a palavra termina por vogal (cf. F *nhas fidjus* ‘os meus filhos’) mas também quando termina por consoante (cf. F *kes rapázis* ‘aqueles rapazes’, *kes katxoris* ‘aqueles cães’).

3.3.3 Derivação de substantivo

Tanto na variedade fogueuse como na variedade santiaguense da língua caboverdiana ocorrem com frequência substantivos providos de sufixos diminutivos e aumentativos. Atentemos as principais divergências:

3.3.3.1 Sufixos diminutivos

Ao sufixo diminutivo *-inhu* santiaguense (cf. S *bokadinhu* s. ‘bocadinho’, *kabalinhu* s. ‘cavalo pequeno’, *kafezinhu* s. ‘cafezinho’, *karangexinhu* s. ‘caranguejo pequeno’, *karinhu* s. ‘carinho’, *katxinhu* s. ‘cacho pequeno’, *masanzinhu* s. ‘maçã pequena’, *miodinhu* s. ‘miudinho’, *rapazinhu* s. ‘rapazinho’) corresponde, no Fogo, seja o sufixo diminutivo *-in* [i(ŋ)], que ocorre com maior frequência, (cf. F *bokadin*, *kabalin*, *kafezin*, *karangexin*, *karin*, *katxin*, *masanzin*, *miodin*, *rapazin*), seja o sufixo *-inhu* (cf. F *bokadinhu*, *kabalinhu*, *kafezinhu*, *karangexinhu*, *karinhu*, *katxinhu*, *masanzinhu*, *miodinhu*, *rapazinhu*), que ocorre com menor frequência.

3.3.3.2 Sufixos aumentativos

Ao sufixo aumentativo *-ãu* [ãũ] que ocorre na variedade fogueuse (cf. F *dodãu* adj. ‘muito doido’, *kartãu* s. ‘cartão’, *lokãu* adj. ‘muito louco’), corresponde, na variedade santiaguense, o sufixo aumentativo *-on* (cf. S *dodon*, *karton*, *lokon*).

4 ‘parece-nos ainda que na variedade do Fogo aparecem duas marcas de plural quando a palavra termina por vogal’ (tradução de RTL).

3.4 Pronomes

3.4.1 Pronomes pessoais

Ao pronome pessoal do fogueense *nho*, forma de cortesia da segunda pessoa do singular para o sexo masculino, tónico quando cumpre a função de complemento e átono quando cumpre a função de sujeito, corresponde, em santiaguense, seja o pronome pessoal tónico *nho* com a função sintáctica de complemento, seja o pronome pessoal átono *nhu* com a função sintáctica de sujeito. Cf.

F N stába ta mestê-nho li mesmu! ... (Nbn V: 92/5) 'Estava a precisar do senhor aqui mesmo!'

F Nho sta kálmu!... Nho ta fikâ ta mostrá-nu gosin, undi ki du ta ba furtâ gosin! (Nbn V: 95/24) 'Esteja tranquilo! ... O senhor passa a mostrar-nos, onde é que vamos roubar imediatamente!'

S N stába ta meste-nho li mé! (RTL)

S Ka nhu bai más... 'Não volte a ir ...' (RTL)

S Nhu dexa-m N bai, mi ki e póbri. 'Deixe-me ir, eu que sou pobre.' (RTL)

	peessoa	pron. pess. tónico	pron. pess. átono proclítico	pron. pess. átonos enclítico
sg.	1ª	(a)mi	N	-m
	2ª	(a)bo	bu	-bu
		(a)nho (a)nha	nho nha	
3ª	(a)el	el	-l	
pl.	1ª	(a)nós	du	-nu
	2ª	(a)nhós	nhos	
	3ª	(a)es	es	-s

Os pronomes pessoais do fogueense

	peessoa	pron. pess. tónico	pron. pess. átono proclítico	pron. pess. átono enclítico
sg.	1 ^a	(a)mi	N	-m
	2 ^a	(a)bo (a)nho (a)nha	bu nhu nha	-bu, -u
	3 ^a	(a)el	e/el	-l
pl.	1 ^a	(a)nos	nu	-nu
	2 ^a	(a)nhos	nhos	
	3 ^a	(a)es	es	-s

Os pronomes pessoais do santiagoense

Corresponde ao pronome pessoal átono da primeira pessoa do plural com a função sintáctica de sujeito e de complemento *nu* do santiagoense um pronome pessoal átono da primeira pessoa do plural com a função sintáctica de sujeito *du* e um pronome pessoal átono da primeira pessoa do plural com a função sintáctica de complemento *-nu*, na variedade fogueense. Cf.

F ... nós tudu fardádu di unifórmi, pa es ómi frá-nu pa du bá djantâ ku el?! (Nbn II: 40/34) '...todos nós vestidos de uniforme e este homem convida-nos para jantar com ele?'

F ... kel xósa bédju ki du ta stába na el kapás di nbitxá-nu ... podê kaí bitxu di káza, mordê-nu! (Nbn II: 48/7) '... aquela coisa velha onde estávamos podia ter-nos passado bichos ... os bichos poderiam cair do teto da casa e morder-nos!'

S ... nos tudu fardádu di unifórmi, pa es ómi flá-nu pa nu bai djânta ku el?! (RTL)

S ... kel xósa bédju ki nu ta stába na el kapás di nbitxá-nu... pode kai bitxu di kása, morde-nu! (RTL)

Ao pronome pessoal átono da terceira pessoa do singular com a função sintática de sujeito que, na variedade fogueuse é sempre *el*, corresponde, em santiaguense, seja *el*, seja a sua variante *e*. Cf.

F El odja-s saí, el entrâ, el ranjâ un bon pursan, el ben kaza. (Nbn V: 90/24) 'Viu-os sair, entrou, apanhou uma boa porção e regressou à casa.'

S E odjá-s sai, e entra, e ranja-l, e ben kása./ El odjá-s sai, el entra, el ranja-l, el ben kása. (RTL)

Ao pronome pessoal átono da segunda pessoa do singular com a função sintática de complemento *-bu*, da variedade do Fogo corresponde, na variedade de Santiago, ora *-bu*, ora a sua variante *-u*. Cf.

F María, nos du rasebê-bu, du po-bu li, pa bu djudá-nu i pa du djudá-bu tanben ... (Nbn V: 147/19) 'Maria, nós te recebemos, pusemos-te aqui para nos ajudares e para nós te ajudarmos a ti também ...'

S María, nos nu resebê-u/bu, nu po-u/bu li, pa bu djudá-nu y pa nu djudá-u/bu tanben... (RTL)

3.4.2 Pronomes possessivos

	peessoa	pron. poss. átonos adjectivais	pron. poss. tónicos
sg.	1ª	nha	di mé/di mi
	2ª	bu	di bo di nho di nha
	3ª	se	di sel
pl.	1ª	nos	di nós
	2ª	nhos	di nhós
	3ª	ses	di ses

Os pronomes possessivos do fogueuse

	peessoa	pron. poss. átonos adjectivais	pron. poss. tónicos
sg.	1 ^a	nha	di meu
	2 ^a	bu	di bo di nho di nha
	3 ^a	si	di sel
pl.	1 ^a	nos	di nos
	2 ^a	nhos	di nhos
	3 ^a	ses	di ses

Os pronomes possessivos do santiaguense

Observações:

Ao pronome possessivo átono da terceira pessoa do singular santiaguense *si* corresponde o fogueense *se*. Cf.

F se dos pé di trás; se káza, se má (inf.). 'os seus dois pés traseiros; a sua casa; a sua mãe'

S si dos pé di trás; si kása; si mai (RTL).

Aos pronomes possessivos tónicos fogueenses da primeira pessoa do singular *di mé*, que ocorre com maior frequência, e *di mi*, que ocorre com menor frequência, corresponde o santiaguense *di meu*. Cf.

F ...ka bu tuma-m di mé/di mi. (inf.) '... não me tomes o que é meu.'

F kunpádri di mé/di mi. (inf.) 'o meu compadre'

S ... ka bu toma-m di meu. (RTL)

S kunpádri di meu. (RTL)

3.4.3 Pronomes interrogativos

Eis os principais interrogativos da variedade de Santiago, segundo Lang 2001: 253, e os seus correspondentes da variedade fogueuse, de acordo com os registos que efectuámos:

variedade fogueuse	variedade santiaguense	significado em português
kenha (ki)?, ken (ki)?	kenha (ki)?, ken (ki)?	quem?
kuzê (ki)?, kuza (ki)?	kusê (ki)?, kuzê (ki)?	(o) quê?
kál (ki)?	kál (ki)?	qual?
kántu (ki)?	kántu (ki)?	quanto/a(s)?
ki?	ki?	que?
undi (ki)?, undê (ki)?	undi (ki)?	onde?
n'undi (ki)?, n'undê (ki)?, na undi (ki)?	(n)'undi (ki)?	onde?
p'undi (ki)?, p'undê (ki)?	p'undi (ki)?	(para) onde?
d'undi (ki)?, d'undê (ki)?	d'undi (ki)?	de onde?
kumô (ki)? kumódi (ki)? kumod'e?, kumâ (ki)?	módi (ki)?	como?
pakê (ki)?	pakê (ki)?	para quê?
pamó?, pamódi (ki)?, kumódi (ki)?	pamódi (ki)?, purkê (ki)?	porquê?

Pronomes interrogativos no fogueuse e no santiaguense

Observações:

Na variedade do Fogo, equivale aos pronomes interrogativos santiaguenses *kusê?* (cf. S *Kusê ki N fase?* 'Que fiz?'), variante essencialmente rural, e *kuzê?* (cf. S *Kuzê ki N fase?*), variante que ocorre particularmente na variedade urbana, o pronome interrogativo *kuzê?* (cf. F *Kuzê bu krê?* 'Que queres?') e *kuza?* (cf. F *Kuza bu ben fazê li?* 'Que vens fazer aqui?').

Ao pronome interrogativo santiaguense *undi?* (cf. S *Undi bu stába?* 'Onde estavas?') correspondem em fogueense *undi?* e a sua variante *undê?* (cf. F *Undi/Undê ki bu sta ta bai?* 'Onde é que estás a ir?').

Ao pronome interrogativo santiaguense *n'undi?* e à sua variante *na undi?* (cf. S *N'undi/Na undi nu sta?* 'Onde estamos?') correspondem em fogueense as formas *n'undi?*, *na undi?*, *n'undê?* e *na undê?* (cf. F *N'undi/Na undi/N'undê/Na undê ki du sta?*).

Ao pronome interrogativo santiaguense *p'undi?* (cf. S *P'undi bu bába?* 'Para onde foste?') correspondem, em fogueense, *p'undi?* e a sua variante *p'undê?* (cf. F *P'undi/P'undê ki nho konsigí es pexi?* 'Onde é que o senhor conseguiu este peixe?').

Ao pronome interrogativo santiaguense *d'undi?* (cf. S *D'undi bu ben?* 'Donde vieste?') correspondem os fogueenses *d'undi?* e a sua variante *d'undê?* (cf. F *D'undi/D'undê bu ben?*).

Ao pronome interrogativo santiaguense *módi?* (cf. S *Módi ki bu txoma?*) correspondem, em fogueense, *kumódi?* e as suas variantes *kumô?* (cf. F *Kumô bu txumâ?*), *kumód'e?* (cf. F *Bu nómi e kumód'e?* (inf.) 'Como tu te chamas?/Qual é o teu nome?') e *kumâ?* (cf. F *Má, kumâ ki du ta fazê pa du konsigí fuji?* (Nbn II: 69/32) 'Mas, como vamos fazer para conseguirmos fugir?').

Aos pronomes interrogativos santiaguenses *pamódi?* e *purkê?* (cf. S *Pamódi/Purkê ki bu ka studa?* 'Porquê não estudaste?') correspondem, na variedade do Fogo, *pamódi?* (cf. F *Ma, kunpadri, pamódi ki du ka al parâ li mê?* (Nbn V: 50/28) 'Mas compadre, porquê não parávamos aqui mesmo?') e as suas variantes *pamó?* (cf. F *Pamó e' ka rabentâ ku nos tres dentu bariga?!...* (Nbn V: 125/7) 'Porquê não se arreventou, com nós três na barriga?! ...') e *kumódi?* (cf. F *Kumódi ki bu sta tristi, sin?* (Nbn II: 48/13) 'Porquê estás tão triste?').

3.4.4 Pronomes indefinidos

Na área dos pronomes indefinidos de maior relevância, registamos as divergências seguintes:

variedade fogueuse	variedade santiaguense	significado em português
un monti, un fátxu, manduku, ...	un monti, un munti, un txáda, ...	muito/a(s)
argen	algen	alguém, pessoa
argun	algun	algun
karker	kalker	qualquer
otru, otun, otrun, untrun	otu, otrun	outro/a

divergências entre o fogueuse e o santiaguense na área dos pronomes indefinidos

Correspondem às expressões duma grande quantidade S *un monti* (un monti *dinheru*), variante *un munti* (un munti *dinheru*), *un txáda*, ... do santiaguense, as expressões F *un monti* (un monti *dinheru*), *un fátxu* (un fátxu'l *dinheru*), *manduku* (manduku *troku*) do fogueuse.

Aos pronomes indefinidos santiaguenses *algen*, *algun*, *kalker* e *otu* (var. *otrun*), correspondem os pronomes indefinidos fogueuses *argen*, *argun*, *karker* e *otru* (variantes *otun*, *otrun*, *untrun*).

3.5 Verbo

3.5.1 Lugar do acento fónico

Os verbos polissilábicos da variedade fogueuse são acentuados na última sílaba, na forma base, ou seja, estas formas constituem palavras agudas, o que diverge dos verbos da variedade santiaguense cujas formas base são acentuadas, na sua maioria (cf. adiante), na penúltima sílaba, constituindo portanto palavras graves. Cf. F *tremê* /tre'me/ v. 'tremar', *studâ* /stu'dɐ/ v. 'estudar', *diskubrí* /disku'bri/ v. 'descobrir', *kazâ* /kɛ'zɐ/ v. 'casar-se' e S *treme* /'tremi/, *studa* /'studɐ/, *diskubri* /dis'kubri/, *kása* /'kase/.

Entretanto, há alguma exceção: na variedade de Santiago, registamos que tanto o verbo *kume* /'kumi/ 'comer' como o verbo *móre* /'mɔri/ 'morrer', são palavras graves, acentuadas na penúltima sílaba. Porém, em determinadas variedades do santiaguense, o acento recai na última sílaba. Continuam sendo, nestas variedades minoritárias do santiaguense, palavras agudas (*kumê* /ku'me/ e *morê* /mo're/) como em todas as restantes variedades do caboverdiano.

3.5.2 Partículas verbais

Tanto em santiaguense como em fogueuse há cinco partículas de aspecto verbal que se equivalem. No entanto, há uma ligeira divergência no aspecto progressivo. No Fogo, ocorre uma única forma do progressivo *s'ta* (cf. F *Es e argun pásu ki s'ta bá* 'São alguns pássaros a voar'). Enquanto em Santiago, a marca do progressivo é *sata* (cf. S E *sata ben pidi noiba* 'Está a vir pedir a mão da noiva'). Contudo, em santiaguense, há outras variantes do progressivo *sata*: há *áita* (cf. S E *áita ben pidi noiba*) e *áta* (cf. S E *áta ben pidi noiba*), que são variantes, essencialmente, rurais, e há também *s'ta* (cf. S E *s'ta ben pidi noiba*), que ocorre particularmente na variedade urbana do santiaguense, forma mais curta

de *sata* que não deve ser confundida com o verbo auxiliar *sta* da perífrase verbal progressiva *sta ta fase* (cf. S *E sta ta trabádja* 'Está a trabalhar'). Assim, apresentamos a seguinte tabela comparativa das partículas verbais das duas variedades:

valor	foguense	santiaguense
perfectivo	-	-
actual	dja	dja
imperfectivo	ta	ta
eventual	ál	ál
progressivo	s'ta	sata, s'ta, áta, áita

As partículas verbais do foguense e do santiaguense

4. Divergências sintáticas

Neste capítulo, descrevemos divergências sintáticas recorrentes em estruturas de frases análogas das variedades do Fogo e de Santiago da língua caboverdiana.

4.1 Sintaxe da partícula aspectual *dja*

Dja indica a ação acabada de ser executada ou o estado acabado de entrar em vigor no momento da expressão ou no momento contemplado. Esta partícula aspectual comporta-se, em determinado caso, de forma idêntica nas duas variedades mas de modo diferente, se o sujeito for um pronome pessoal: Na variedade santiaguense, o *dja* precede sempre o pronome pessoal com a função sintáctica de sujeito, em todas as pessoas. Cf. S *Dja N bai*; *Dja bu bai*; *Dja nhu bai*; ... 'Já me fui embora; Já te foste embora; O senhor já se foi embora; ...'. Mas no Fogo, a marca aspectual *dja* pode também seguir o pronome pessoal com a função de sujeito. Ilustramos ambos os usos com exemplos encontrados

na colectânea *Na bóka noti* (não conseguimos registar a ocorrência do *dja* precedido do pronome pessoal sujeito nas primeiras pessoas do singular e do plural):

peessoa	<i>dja</i> + pronome pessoal sujeito	pronome pessoal sujeito + <i>dja</i>
1ª sg.	... <u>dja</u> N fra-b'el un bes <i>dja</i> ! (Nbn V: 222/30) '...já to disse uma vez'	
2ª sg.	Mi <u>dja bu</u> mata-m! (Nbn V: 93/9) 'Já me mataste!, Mataste-me!' ... <u>dja nho</u> sabê... (Nbn V: 78/22) '... o senhor já sabe ...'	...taki <u>bu dja</u> andâ mas uns dêš métrus... (Nbn V: 138/4) '... quando tiveres andado mais uns dez metros ...' <u>Nho, nho dja</u> po un metadi riba pa nhos ba kumê... (Nbn V: 217/6) 'O senhor pôs metade a cozinhar para irem comer...'
3ª sg.	... <u>dja el</u> dibinhâ... (Nbn V: 78/35) '... já tinha adivinhado ...'	... <u>el dja</u> rasebê se kuzas... (Nbn V: 74/18) '... já recebeu as suas coisas ...'
1ª pl.	<u>Dja du</u> morê!... (Nbn V: 79/24) 'Morremos!...'	
2ª pl.	<u>Dja nhos</u> odjá ma <u>dja N</u> pegâ kunpadri? (Nbn V: 95/29) 'Vistes que já apanhei o compadre?'	Tudu pranu <u>nhos dja</u> fazê bunitu... (Nbn V: 181/11) 'Fizestes todos os planos bem feitos ...'
3ª pl.	<u>Dj'es</u> bai... (Nbn V: 94/22) 'Foram-se embora ...'	Kantu ki <u>es dja</u> morâ la... (Nbn V: 433/17) 'Quando já moravam aí ...'

Colocação da partícula *dja* em fogueuse

4.2 Emprego de *bai/bá* – ordem na frase

O verbo *bai* ocorre juntamente com a sua variante *bá* não só em santiaguense como também no fogueense. Porém há diferença quanto aos contextos de ocorrência. Em santiaguense, *bai* e *bá* têm, segundo Quint 2010: 39, “os mesmos valores de tempo e aspecto”. Escreve que “a escolha de uma ou outra decorre do contexto de ocorrência”. E acrescenta que “a forma plena *bai* é obrigatória no final de frase”. Exemplo: *S N k'áta bai!* 'Não me estou a ir embora!' Ele defende ainda que “quando o verbo é seguido de outro verbo ou dum complemento de lugar, a forma *bá* é a mais frequente” (exemplo: *S E bá ká Djon* 'Foi para a casa do João'), mas pela nossa parte verificamos também a ocorrência de *bai* (exemplo: *S E bai Brazil* 'Foi ao Brasil').

No entanto, no Fogo, essa distribuição das variantes segundo diferentes contextos não é tão sistemática como em Santiago, na medida em que, nesta variedade, ambas as formas, *bai* e *bá*, ocorrem no final de frase e seguidos de outro verbo ou de um complemento de lugar. Cf.

F Nha bédja ka ba. (Nbn V: 35/9) 'Nha bédja não foi.'

F Ómi da kamin ta bai. (inf.) 'O homem foi-se embora.'

F El bá pa báxu... (inf.) 'Foi para baixo.'

F Kriáda bai Bila. (inf.) 'A criada foi para a Vila.'

Todavia, registamos que a forma mais usada pelos falantes do Fogo é a variante *bá*, em todos os contextos. Cf.

F Bo bu ka ta tra pé, bu bá?... (inf.) 'Porque não te levantas e te pões a andar?'

F O Juzé, nha fidjádu, ben li!... Ka bu bá!... (inf.) 'Ó José, meu afilhado, vem cá! ... Não vai! ...'

F Nho dja sabê ma nadádu, N ka ta bá! (inf.) 'O senhor já sabe que a nado não irei!'

F Ómi da kamin ta bá. (inf.) 'O homem foi-se embora.'

F Es ta bá. (inf.) 'Eles vão.'

F Es bá txigá na gabinete... (inf.) 'Chegaram ao gabinete...'

F Kriáda bá na fidjus di kel mudjê... (inf.) 'A criada dirigiu-se aos filhos daquela mulher...'

4.3 Emprego de *poi/po*

Em santiaguense, o verbo *poi* ocorre juntamente com a sua variante *po*, com os mesmos valores de tempo e aspecto. No entanto, não há uma distribuição complementar das duas variantes segundo contextos diferentes. Na maior parte dos contextos podem ocorrer tanto *poi* como *po*. Cf.

S Kántu ki bu poi? = Kántu ki bu po? (RTL) 'Quanto puseste?'

S E ben poi kusa riba kása. = E ben po kusa riba kása. (RTL) 'Pôs a coisa em cima da casa.'

S Poi filmi nu odja! = Po filmi nu odja! (RTL) 'Põe o filme para o vermos!'

Só que apenas ocorre *po* quando o verbo vai seguido de um pronome pessoal enclítico (cf. S E po-m kume midju iládu 'Fez-me comer milho torrado'; *Trenador ka po*-u djuga 'O treinador não te pôs a jogar'; *Prusor po*-nu nos tudu le 'O professor colocou-nos todos a ler').

Pelo contrário, no Fogo, até agora, não registámos a ocorrência da forma base *poi*, mas é provável que exista. Apenas conseguimos registar *po*, em todos os contextos, quer antes de pronome pessoal enclítico (cf. F El po-l ruba dun pédra sakédu 'Pô-lo, de pé, em cima de uma pedra'), quer quando não segue nenhum complemento pronominal (cf. F El po ruba ménza 'Pô-lo em cima da mesa'; N ka s'ta po 'Não ponho (nada)'; Es po Juzé ruba bésta, es po kórda... 'Puseram o José em cima da burra e puseram-lhe

uma corda...'), quer como verbo auxiliar (cf. F *Mudjê po ta grita...* 'A mulher pôs-se a gritar').

4.4 Outras construções

Verificamos, também, uma série de outras divergências sintáticas existentes, em estruturas semelhantes, entre as variedades fogueense e santiaguense. É provável que haja outras, mas, por agora, constatamos as seguintes:

variedade fogueense	variedade santiaguense (RTL)
<p>N ka fra-bu ma kel kanéka ka ta dadu argen <u>bibê</u> na el?! (Nbn V: 93/9) 'Não te disse que não se deve oferecer bebida naquela caneca?!'</p> <p>Mi dja N da-s <u>bibê</u> na el...(Nbn V: 93/12) 'Eu já lhes ofereci bebida nela ...'</p> <p>Ma, nhos ta pidi-l agu, pa nhos da nhos kabalihu <u>bibê</u>. (Nbn V: 123/11) 'Mas vocês pedir-lhe-ão água para darem de beber ao vosso cavalo pequeno.'</p> <p>... el bá da limária <u>bibê</u>. (inf.) '... foi dar de beber ao animal.'</p>	<p>N ka flá-bu ma kel kanéka ka ta dádu algen <u>águ</u> na el?!'</p> <p>Mi dja N dá-s <u>águ</u> na el...</p> <p>...pa nhos da nhos kabalihu <u>águ</u>.</p> <p>...e bá da limária <u>águ</u>.</p>
<p>Es ta andá so <u>di djuntu</u>... (Nbn V: 36/28) 'Andam sempre juntos ...'</p> <p>Ben un dia, es staba ta andá <u>di djuntu</u> kel dia ... (Nbn V: 37/1) '..., estavam a andar juntos naquele dia ...'</p> <p>... nu ta bá Galinheru <u>di djuntu</u>. (inf.) '... iremos juntos ao Galinheiro.'</p>	<p>Es ta ánda so <u>djuntu</u>...</p> <p>Es stába ta ánda <u>djuntu</u> kel dia.</p> <p>Nu ta bá Galinheru <u>djuntu</u>.</p>

<p>Oji, du ben <u>di poku</u>, si du ben <u>di un monti</u>, du ta bá báxu. (inf.) 'Hoje viemos poucos, se viessemos muitos, iríamos para baixo.'</p>	<p>Oxi, nu <u>ben poku</u>, si nu <u>ben un monti</u>, nu ta bá báxu.</p>
<p>I el odjá kel kôriu dianti di kama, agô, el po ta pensâ <u>konfórmi ki</u> el ta kemâ kel kôriu... (Nbn V: 98/1) 'Ele viu aquele couro em frente à cama, começou a refletir como queimaria aquele couro ...'</p> <p>Kantu ki es disê, ma es staba na un dizértu, agóra es ka sabê <u>konfórmi ki</u> es ta fazê. (Nbn V: 101/3) 'Quando desceram, estavam num deserto, e não sabiam o que fazer.'</p> <p>... es ta bai dianti di kel spedju, el ta purguntâ spedju <u>konfórmi ki</u> el sta. (Nbn V: 134/17) '... vão colocar-se diante de aquele espelho e ele pergunta ao espelho como está.'</p> <p>Agô, mudjer bai kaza di saibu, el bai purgunta-l <u>konfórmi ki</u> el ta fazê pa es ka pega-l. (Nbn V: 139/5) 'Então a mulher foi à casa do sábio perguntar-lhe o que poderia fazer para que não a apanhassem.'</p> <p>Kantu ki es bai, el xinâ se irman <u>konfórmi ki</u> el ta fazê (suma ki el fazeba!). (Nbn V: 137/30) 'Quando foram, ensinou à sua irmã como se faz.'</p>	<p>Y e odja kel péli diánti di káma, agô, e po ta pensa <u>módi ki</u> e ta kema kel peli...</p> <p>Kántu ki es dixi, ma es stába na un dizértu, gosi li es ka sabe <u>módi ki</u> es ta fase.</p> <p>...es ta bai diánti di kel spedju, e ta purgunta spedju <u>módi ki</u> e sta.</p> <p>Agô, mudjer bai kása di sábiu, e bai purgunta-l <u>módi ki</u> e ta fase pa es ka pega-l.</p> <p>Kántu ki es bai, e nxina si irmá <u>modi ki</u> e ta fase (sima ki e faseba!).</p>
<p><u>Namenti ki</u> bu ka da-m un fiu di bu kabélu, N ka ta bai! (Nbn V: 108/21) 'Enquanto não me deres um fio do teu cabelo, não vou!'</p>	<p><u>Timenti</u> bu ka da-m un fiu di bu kabélu, N ka ta bai!</p>

Divergências sintáticas entre o fogueense e o santiaguense

No primeiro grupo, corresponde a função sintáctica de complemento directo ao substantivo *águ*, em santiaguense, e à forma de base do verbo *bibê*, em fogueense. Em suma, a construção **ta da algen bebe* não existe em santiaguense, enquanto a construção correspondente *ta da argen bibê* é frequente em fogueense.

No segundo grupo, correspondem às construções *andâ/bá di djuntu*, *ben di poku*, *ben di un monti* do Fogo, as construções santiaguenses *ánda/bá djuntu*, *ben poku*, *ben un munti*, respectivamente. Portanto, as expressões *di dos*, *di tres*, etc. que se encontram em Santiago em construções do tipo *S Biska pode djugádu di dos* 'A bisca pode ser jogado por duas pessoas', usam-se, no Fogo, também com os verbos de movimento (*bai*, *ánda*, *ben*).

No terceiro grupo, corresponde ao pronome *módi (ki)* do santiaguense, que especifica o modo e se emprega aqui como pronome relativo, o termo *konfórmi (ki)* do fogueense. No Fogo, não há *módi (ki)*, mas apenas *kumódi (ki)*. Como se vê, o *konfórmi ki* do fogueense é sinónimo deste *kumódi (ki)*.

No último grupo, corresponde à construção sintáctica com a conjunção subordinativa temporal *timenti* de Santiago (cf. Novamente *S Timenti bu ka da-m...*) a construção com a locução subordinativa temporal *namenti ki* do Fogo (cf. F *Namenti ki bu ka da-m...*).

5. Diferências lexicais

O fogueense e o santiaguense são duas variedades da língua caboverdiana que surgiram quase simultaneamente do caldeamento de línguas e culturas diferentes, numo processo de crioulição. Mas estas línguas e culturas foram em boa parte as mesmas, em ambos os casos. Portanto não estranha que essas duas variedades do caboverdiano tenham em comum um número significativo do seu léxico, derivado, na sua grande maioria, do

português do século XV/XVI e, em minoria, das diversas línguas africanas presentes no processo de criouliização. Entretanto, o vocabulário da variedade fogueuse apresenta especificidades em relação à variedade santiaguense.

Assim, nesta secção, apresentaremos, de um lado, uma parte do léxico da variedade fogueuse e de outro lado, o seu correspondente na variedade santiaguense, com as suas variantes, sempre que possível. Apresentaremos, também, no meio da tabela, uma coluna referente à categoria gramatical dos vocábulos.

As palavras das duas variedades confrontadas na mesma linha diferem na expressão mas têm pelo menos um significado em comum. Indicamos este significado que justifica o seu confronto na última coluna em português.

variedade do Fogo	cat. gram.	variedade de Santiago	significado em português
A			
aguâ	v	rega	regar
águ na odju, águ ta bazâ d'odju	exp.	lágua	lágrima(s)
Akadirê!	interj.	Sokoru (dja N fronta)!	Socorro! (acudam(-me))
andásu	s.	diariâ, bariça báxu	diarria
aránbi	s.	arámi	arame
arbéka	s.	sapátu bédju	sapato velho
arbisa	s.	nobidádi, notisia	novidade, nova
ardentiádu	adj.	ardigádu	preocupado
ardil, ardilu, ardilhu	s.	mánha	artimanha, ardil
árru	s.	ásnu	asno
B			
bá/ben sonbrâ ku...	exp.	pása dia ku...	passar o dia com alguém
banána rátu	s.	pipinu sankaitánu	fruto de melão de são caetano
barâ	v.	trabesa	atravessar

Fogo

barengê	v.	nderia	vergar, bambolear sem cair
barnederu	s.	pé di barnélu	nome de uma planta
baxotin		algen pikinóti y gordu	alguem baixo e gordo
berâ	v.	sensia, nzela	ficar à espera que lhe seja oferecida uma parte da comida dos outros.
bergáta	s.	xalí	planta medicinal contra a febre
biâ, téki	adv.	kakuládu, téki	completamente cheio
bitxu fejuer	s.	bitxu fixon	bicho que se encontra no feijoeiro
bitxu kástru, bitxu káspa	s.	bitxu kásku	escaravelho
bixí	v.	bentia	separar milho ou feijão da casca
biziâ	v.	spreta, vijia	vigiar, espreitar
bojin	s.	sapatinha	tipo de feijão
bolê	s.	baloisu, balánsia	baloicho
boretâ, dogâ	v.	ndoga, indoga	fartar em demasia de um determinado alimento, que não se pode vê-lo durante algum tempo.
borsu	s.	npolda, npóla, npólma	bolha, empola
bréu	s.	alkatron, kóla	alcatrão, cola
buádu, koné	s.	mankára miodu	espécie de amendoim
bujon, ornégu	s.	diábu, satanáas, xuxu	satanás

Raimundo Tavares Lopes

bulí	s.	boli	cabaça que, depois de lhe ter sido retirado o interior, serve para transportar ou conservar líquidos ou para fazer manteiga
bulú	s.	buldi, buli	cafeteira de metal na qual se faz e se serve o café.
burnel	s.	sakutélu	bolsa, saquitel, bolsa feito de fazenda.
D			
da kilin	exp.	da fé	observar/escutar com curiosidade
dalamita	s.	dinamiti	dinamite
dápa, déspa	s.	désima	contribuição predial
da tróba	exp.	da prujuis	causar ou sofrer prejuízo
dibes	adv.	dunbes	de uma vez
dibes a bes	loc. adv.	dibes enkuántu	de vez em quanto
dibida	adj.	fárta dimás	muito farto
dikirisan	s.	nformason	informação
distrabaxâ, diskuartâ	v.	pika padás pa padás	esquartejar
dizabrí	v.	sipára, supára, distrinsa	separar
djitibâ, djabatâ	v.	djuguta	lutar por/disputar alguma coisa, esforçar-se muito.
djangáta, txópa	s.	mutxuku	lenha miúda
djarós, jarós, aldjarós	s.	bueru, batibánba, bika	abertura na empena da casa que serve para dar saída à água da chuva

Fogo

djendjelen, gengelen	s.	kontidádi	quantidade
djibera, djilbera, djirbera	s.	bolsu, boisu	bolso, algibeira
djongô, kebrâ piskos	v.	djongo, piska	dormitar
djugâ karreku	s.	djuga spadinha	tipo de jogo de baralho
djugâ madâma	s.	djuga buda	espécie de jogo para criança
djunta pádja	s.	rósa	roça
E			
E kumodi e?	exp.	E módi?	Como estás?
endén	adj.	ian	ermo
F			
fâba	s.	nbónji, nbonjinha	tipo de fava
fabóna	v.	fâba, fáva, favóna	fava
fakon	s.	maxin	catana
falilí	s.	fransedja	ave de rapina que mais abunda em Cabo Verde, encontra-se em todas as ilhas, francelho
fanbil	s.	ndor, fanbil	nome de peixe
falupâ, falopâ	v.	futi	desabar, desmo- ronar-se,
fátxu	s.	fexu	feixe, molho
fátxu	s.	munti, dáta, róda, txáda	grande quanti- dade, muito
faxóna	s.	kunbidu, fatxóna	o que é ofertado para além da conta quando se compra um de- terminado pro- duto
fédi	adj.	mariádu, kasábi	desajeitado, desagradável
fidju partikulár	s.	fidju fóra	filho fora do casamento
fijon figera	s.	fixon kongu	espécie de feijão

Raimundo Tavares Lopes

finingi	s.	ratádju, trápu	trapo
finka	s.	spihu	espinho, pico
fixa	s.	fexu	peça que serve para abrir e fechar
fódja-lora, fodjalóra	s.	padjaloru	folha de louro
fóga-fóga	s.	róka	espécie de abóbora redonda e alongada, mas muito grande
fontilexu, funku	s.	funku	cubata constante só do tecto cónico, fincada no solo, que serve de abrigo aos enxotadores de corvos nos campos, na ocasião das sementeiras
frera	s.	lantuna	lantana camara
frósta	s.	névi, jélu	precipitação de cristais de gelo, frequentemente agrupados em flocos e formados pelo congelamento do vapor de água que se encontra suspenso na atmosfera
fundâ, dixê, disê	v.	dixi	descer
G			
galantaria	s.	ligriâ, alegriâ	alegria
galinha guiné	s.	peláda, galinha mátu	galinha d'Angola
gálu/galinha piskos peládu	s.	gálu/galinha kátxu peláda	galinha que não tem pena no pescoço
gánxu	s.	karóka	gancho
garráfa di kafé	s.	kafetera, garáfa ternu	cafeteira

Fogo

gargunhá, gurgunhá	v.	rapia	arrepia(-se)
gazinâ	v.	fadiga	preocupar-se
granhá	v.	rânha	arranhar
graúda, brita	s.	kaskádju, brita	brita, cascalho
grudi	s.	kóla di spinhera	cola que se extrai das acácias
I			
infrunhí, frunhí	v.	nfanhi, fanhi	fazer uma careta de desprezo a alguém enrugando a boca e/ou franzindo o nariz
inxáda di koba	exp.	nxáda bóka gudja	enxada própria para a sementeira
inxáda di monda	exp.	nxáda bóka lárqu	enxada própria para a monda
J			
járu	s.	butixa, kutolu, bóia	recipiente para apanhar a água num tambor
K			
kabálu di kása	s.	tiránti di kása	caveleto de telhado
kabokeru	s.		pessoa que têm como profissão quebrar pedras nas rochas
kafé di tárdi	s.	lánxi	lanche
kajulera	s.	pé di káju, kajueru	cajueiro
kal	s.	kálu	calo
kalubádu	adj.	kongosádu, konkosádu, korkunda	corcunda
kamoka di pexi	exp.	sarapaté	prato de peixe
kána di mindju	s.	sóka	caule do pé de milho, seco e sem folhas
kanadidja	s.	kána	cana-de-açúcar
kanizádi	s.	maskarádu	mascarado
kápa di mindju	s.	káska di midju	casca de milho

Raimundo Tavares Lopes

sapátu karkanhá	exp.		sapato gasto na região do calcanhar
karpudjá	v.		acto de extrair semente do algodão; limpar algodão
karton	s.	kaxóti	caixote
kaziliádu	adj.	sekéntu	teimoso
kramusina	s.	kanbursina	espécie de casaco
kéna	s.	bandexa, bandeja	bandeja, travessa
keren, txeren	s.	fixon kréka	feijão bravio e duro
kérmi	s.	mánta	raia (tipo de peixe)
kintalista	s.		pessoa pobre que trabalha na casa de pessoa abastada em troca de alimento
kodjá	v.	nkodje	encolher(-se)
kodjera	s.	kuádju	coalho
kóki	s.	ilástiku di kabélu	elástico que serve para fixar o cabelo em cacho
konâ	v.	kánba	desaparecer por detrás de alguma coisa
konsedju	s.	koima	indenização por danos causados por animais domésticos em terreno alheio, coima
kontxâ	v.	nkuádja	juntar
korimon	s.	bánku na varánda	assento de cimento feito na varanda
kôriu	s.	péli	pele
korkubelâ	v.	trabesa	atravessar
koru	s.	txifri, kifri, xifri	chifre

Fogo

kramuxâ	v.	rakláma	reclamar
krapatâ	v.	trisa	esforçar-se
krokâ	v.	nbáxa, inbáxa, báxa	abaixar(-se)
króki	s.	kakeráda, kóki	carolo, coque
kubertâ	v.	kubri	cobrir
kuberta karru	s.		conjunto de lona e ferro dos carros de carreira caixa aberta
kudjê di kal	s.	kudjer di mása	colher de pedreiro
kumô (ki)?, kumódi (ki)?,	pron. int.	módi(ki)?	como?
kumô (ki), kumodi (ki), konfórmí (ki)	conj.	módi(ki)	como
kungutu	s.	kakutu (di mo)	parte de um membro amputado
kurkutí, karkutí	v.	insulta, insuita, koba, kritika	insultar
L			
labantádu,	adj., s.	ladron	ladrão
lánbru, lánbu	s.	bandóla	pano ou parte da roupa que serve para transportar alimentos
lanseteru	s.	txikuiti, barberu, lanseteru	nome de peixe
lazan	s.	nhota, gafanhotu, kafanhotu, ganfanhotu, kanfanhotu	gafanhoto
legrá	v.	rukuti, nhanhi, nganhi	retirar pequenos pedaços
linpa mindju	exp.	patxi midju	depois de desfalar o milho no pilão, pela primeira vez, coloca-se de novo para tirar todo o farelo
lugá	s.	pé di midju berdi	pé de milho

Raimundo Tavares Lopes

M			
madjon	s.	márka	delimitação, demarcação
mádju	s.	maréta	marreta
malejá, odjá	v.	odja	olhar
malison	s.	prága, maldison	maldição
mamóna	s.	djádji-djádji	nome de arbusto
manduku (dinheru)	s.	munti, dáta, róda, txáda	uma grande quantidade de...
manê-kolinha	s.	tinta Nhordés	nevo, sinal
manê-lobo	s.	minhotu	espécie de ave de rapina
manel pastorinhu	s.	gársa, manel mangrádu	garça branca
mangoloidi	adj.	mariádu	sem pressa
mankarera	s.	txon di simia mankára	terreno propício para semear amendoim
manodju, fexi, féxu	s.	fexu (lenha)	feixe, molho
mansanzera, masanzera	s.	pé di masan	pé di maçã
marásku	s.	boronseti	marrão
matutinu	adj.	trakinu, terível	traquinas, terrível
menáji	s.		fazenda de pouca qualidade
merga	s.	filinbida	espécie de escaravelho
midor, midoru	s.	muínhu, moínhu, muidor	moinho (de mão)
mimoza	s.	linháxu, linháxi	tipo de planta
miodin	adj.	pikinóti, miodu	pequenino
mokéta, moketi	s.	tapóna	palpada dada na cabeça de alguém
molafinka	s.	abri-odju, abrodju	nome de uma planta
molakatzô	s.	órasporas, órapora, mo na pé	nome de um arbusto
mon di porta	s.	mozinha	puxador

Fogo

monhongô	v.	monhongí, munhongí, marlota	amarrotar
moska xuxu	s.	móska bitxu	mosca verejeira
moskon-real	s.	móska-barexa	espécie de mosca
mundungu d'árru	s.	bibixu-l buru	pénis de burro
munhu, lixu	s.	manduxu, lixu	lixo
N			
nakí	s.	risipienti	recipiente
nakí di kremi	s.	frásku di kremi	frasco de creme
namenti	conj.	timenti	enquanto
nbarbádu	adv.	pértu	muito próximo
nbibedu, nbibidu	adj.	distraídu	distraído
ndjergâ	v.	genge, djendje	inclin(-se)
negádu di pádja	exp.	réstu di pádja	resto de palha que os animais não consomem
nésiu	adj.	nosenti	toló
nfelioáza	adj.	nervožu, raivožu, nfeliádu	muito nervoso
nha Maria kondon, marí-kondon	exp.	nkantáda, inkantáda	sereia
nhengu	adj.	fanhengu	delgado
ngánha	s.	karépa	casca de vários tipos de feijões
nhára	s.	nhára-sakédu	nome de planta
nkórna, nkoroâ	s.	prumeru monda	primeira monda
O			
oréla d'agridal	s.	oréla di bidon	borda de tambor
P			
padjigal	s.	lugár, lugal, lugel, lugai	campo de sequeiro
pagakanderu	s.	zagás	nome de um insecto
pánpu	s.	midju miodu	milho miúdo
pásu-iáia	s.		espécie de garça
asusú, pususú	s.	fus	bufa; expulsão si- lenciosa de gases pelo ânus
pasususéntu	adj.	fuzéntu	bufador

Raimundo Tavares Lopes

patiã	v.	kontráta	assinar um contrato com o diabo
pátu, baránda	s.	varánda	varanda
patxida	s.		nome de comida que consiste em mistura de milho e feijão pedra moídos
pédra-márba	s.	pédra-mármri, pédra-mármuri	pedra de mármore
péla	s.		bolsa de pele que os pastores usam, no Fogo, para colocar o leite
penetúria	s.	penuria	penúria
peni	s.	panéla	panela
persubexu	s.	dabú, pursubexu	percevejo
pontáda	s.	ndjárga	ilharga
potxeka	v.	patxi, patxi-patxi	emporcalhar
piã	s.	sólta	peia
Piã li!	exp.	Djo(be) li!	Veja!
pirsi, prisi	s.	piris	pires
pisónha	s.	benenu, venenu	veneno
pó di polé	s.	pó di nforka	árvore onde as pessoas se suicidam com a ajuda de uma corda
pórti di po kumê	s.	térnu	três peças de vasilhas de alumínio arredondada, pouco funda, própria para transportar comida
prága-mar	s.	orizónti	horizonte
preménsia	s.	prumésa	promessa

Fogo

prigisoza (pexi)	s.	kabrinha, prigisóza, pirgisóza	nome de peixe
primu karnal fidju dos irmandádi; primu ermun	s.	primu armun	primo do primeiro grau; primo irmão
prispi, prinsipi	s.	prinsi, prinsipi, prispi	príncipe
purguntâ dibinhason	exp.	bota dibinha	fazer adivinhar alguém
puzentâ	v.	mora	morar
R			
rabida monda	s.	ramonda	mondar uma segunda vez
radjadô, radjador	adj.	bazófu, faronperu, kontenti, papiador	janota, contente, falador
rafodjâ	v.	bota piáda	insinuar; dizer alguma coisa a alguém de forma indirecta, muitas vezes irónica
rafodju	s.	piáda	piada, anedota
rafundiâ	v.	subi y dixi	subir e descer
ralánpu	s.	alánpra, alánpi, ralánpagu, alánpri	relâmpago
ratorkãu	adj.	raskon, bazofon, buniton	janota, elegante
ratórku	adj.	raskon, bazofu, bunitu	janota, elegante
rátu buador	s.	andorinha	andorinha
redjâ	v.	txikra	apartar os cabritos da mãe ou separá-los em um curral a fim de não mamarem e poder-se obter o leite
redjâ	v.	reia, rea	limpar por forma a brilhar

Raimundo Tavares Lopes

rodju	s.	ngánha	maçaroca que, depois de lhe terem sido retirados os grãos (utilizado como combustível, no interior de Santiago)
rokí	v.	rotxa	apertar, arrochar
roleti	s.	kandiâ di purga	tipo de candeeiro cujo combustível é da semente da purgueira
roskon	adj.	fadjádu	generoso
ruzâ	v.	sura, zura	zurrar
S			
sai di noivu	exp.	lua di mel	lua-de-mel
sakudí bulí	exp.	bate boli	agitar o leite na cabaça para obter manteiga
sáku loló	s.	sáku pó	tipo de saco
sáku nailon	s.	sáku tevê	tipo de saco
sarâ	v.	txiga	chegar
sarapaté	s.	kabidéla	sopa preparada com o sangue de um animal doméstico
saron	s.	sáku di péli	saco feito de pele de animais
sedja	s.	tina di alumíniu	espécie de tina para lavar a roupa
serenu	adj.	kétu, parádu, kálmu, káimu, sosegádu, trankílu, serenu	tranquilo, calmo, sereno
skaldáda	s.	tenterén	prato à base de milho torrado reduzido a xeren

Fogo

skora, jora	s.	jora	fragmentos vulcânicos de dimensões variadas, utilizados na construção de casas em vez de brita
skuádu	adj.	suádu	transpirado
sokâ	v.	npoia	encontrar-se em lugar que não tem saída ou cuja única saída está bloqueada
sol di kaláda	s.	sol di makáku	os primeiros raios solares
spáda	s.	maxin	catana
spin, spinhu	s.	spinhera, pé di spinhu, pé di pó	denominação de vários tipos de acácias.
spinha	s.	spinhu'l pexi	espinha de peixe
spirnâ	v.	spira	espirrar
spitxâ	v.	dispriguisa, dispirguisa	espreguiçar(-se)
stoa	s.	tabérna	tasca
stóki	s.	punhal	arma branca curta, composta de uma lâmina pontiaguda e um cabo
storê, stóri	s.	andár	andar, piso
stronbolâ	v.	rola, lora, nrola	rolar
suan (di porku)	s.	kostéla (di porku)	costelas de porco
subijâ	v.	subeja, resta, sobra	sobejar, restar
sugundus primus	s.	primu sigundu	primo do segundo grau
sungal	s.	balai grândi di poi ropa	balaio que serve de depósito para roupa

Raimundo Tavares Lopes

suntiáda	adj.	komodáda	mulher séria
supisupí	v.	solopa, sosisopi	encharcar
T			
tába di bati, boláxu	s.	rolador, lorador, tábua di bati	tábua de lavar a roupa
tabankera, xalutera, xaluteru	s.	xarotera, xarutera, xorotera	tabaqueira, charuteira
tarará	s.	txapeu di finádu, tanboru finádu	espécie de cogumelo
tarenden	s.	midju iládu	milho torrado
tarinba	s.	bankéta, rétu, kaldera	muro de protec- ção construído ao longo de uma encosta a fim de a proteger do efeito erosivo da chuva e que per- mite a criação de um socalco para a agricultura
téra burbudju	s.	téra pufa-pufa, téra burbur	terra fina e poeirenta
tilis, ntirisi	s.	trisa	hepatite
tinádu	adj.	ntretedu	entretido
tokâ boiu	exp.	buâ	voar
toma txeru	exp.	sumára, da tenpu	estar ou ficar à espera (para...)
torsida	s.	loru	tipo de folhas de tabaco em rolo confeccionado no Fogo
totoku	s.	mása midju, totoku	massa de milho
trabamuta	s.	rabolisu, konfuzon	barulho, confusão
trolha, dizinpenadera	s.	talóxa, dizinpeno	talocha, trolha
trukí	v.	txukí	picar
trupikâ	v.	tropesa	tropeçar

Fogo

tubil	s.		balde de pele
tutubarela	s.	kutunbenben	insecto cujas larvas escavam buracos no solo onde caem formigas e outros insectos dos quais se alimentam
txabiskâ, txitxilâ	v.	nika	nicar
txanâ	v.	plána	tornar(-se) plano ou raso, nivelar (-se)
txibára aráda	s.		tipo de chibarra que demora a se fecundar, mas uma vez parida produz leite mais do que as outras chibarras
txiboku	s.	bodéku	chibato
txintxiroti	s.	txóta	pardal
txopa	s.	pónta	ponta, extremidade
txupuléta	s.		parte mais alto de uma planta
txóti	s.	póti	pote
txótin-txótin	.	pingu-pingu	gota-gota
txuka	s.	ménbra	namorada
U			
un sépu di	exp.	un sépa di	algo muito grande
V			
vel	adj.	igual	igual
vilis	s.	maléta	maleta
X			
xemu	s.	tánki di plástiku	tanque de conservar água (de plástico)
xiránga	s.		cirandagem
xóbra	s.	pá	pá

Z			
zuárda, suárda	s.	rabolisu, barudju	barulho

Divergências léxicas entre o foguense e o santiaguense

6. Conclusão

O caboverdiano é, provavelmente, a língua crioula de base europeia mais antiga do mundo de que há registo. A variedade mais antiga da língua caboverdiana é, sem margem para dúvidas, a santiaguense. É verdade também que a segunda variedade em antiguidade do caboverdiano é a foguense.

No dealbar da história de Cabo Verde, as populações das ilhas do Fogo e de Santiago foram os pioneiros no processo de transformação humana das paisagens agrestes e semiáridas do arquipélago. Efectivamente, primeiro em Santiago e segundo no Fogo deu-se início ao processo de povoamento de um espaço desabitado e desprovido de gentes e, naturalmente, de cultura e de instrumento de comunicação. Daí que, com o início do povoamento, criaram-se, por inerência das circunstâncias, as condições necessárias para o surgimento e desenvolvimento do homem arquipelágico, com características próprias do meio que o configurou. Surge o crioulo, que representa o produto do caldeamento de povos, de culturas e de línguas.

O processo de transformação do espaço natural de Santiago e do Fogo é similar, tendo sido os vizinhos de Santiago os impulsionadores e, em certa medida, os responsáveis para o povoamento e transformação da ilha do vulcão, visto que o Fogo alimentava, em grande parte, o comércio entre Santiago e a costa africana, com o seu algodão. Sendo assim, as bases crioulas e mestiças são as mesmas. No entanto, por haver uma segunda rota, que não passava por Santiago, indo directamente via Fogo para a costa e, na viagem de volta provavelmente em parte de novo indo directamente para Lisboa passando pelo Fogo, terá

havido escravos, que não passaram por Santiago para chegarem ao Fogo. Este aspecto, talvez ofereça uma possibilidade de explicar as divergências encontradas neste trabalho.

Uma outra possível explicação, pensamos que tem que ver com o isolamento da ilha durante um longo período de tempo, o que facilitou a manutenção e a conservação dos falares do Fogo em relação a Santiago. Realçamos este aspecto, na medida em que encontramos, no Fogo, ao longo da pesquisa, traços linguísticos que, em grande parte, caracterizavam também a variedade santiaguense do caboverdiano e que, actualmente, ocorrem nela com menor frequência.

Um outro elemento que considerámos importante realçar é o fenómeno de hipercorreção que acontece nos falantes do Fogo, quando não se encontram nos seus 'habitats naturels'. Constatámos que quando falam com elementos da mesma comunidade linguística são genuínos nos seus dizeres, porém quando isso não acontece procuram aproximar-se da variedade santiaguense, eventualmente por uma atitude de auto-preconceito e talvez por considerar o santiaguense a variedade padrão e de prestígio. Parece que estamos ante os primeiros indícios da formação duma coiné em Sotavento, com base na variedade de Santiago.

Temos consciência de que ainda falta descobrir muitas divergências entre as variedades fogueense e santiaguense da língua caboverdiana. Esperamos porém ter aumentado consideravelmente os conhecimentos explícitos de que se dispunha, até agora, neste terreno.

Com base neste estudo, podemos afirmar, em primeiro lugar que, em palavras etimologicamente idênticas, há divergências fónicas notáveis entre as variedades fogueense e santiaguense da língua caboverdiana. Na verdade, tanto o inventário dos fonemas vocálicos como o inventário dos fonemas consonânticos são, basicamente, os mesmos. Todavia, as divergências encon-

tram-se, essencialmente, na distribuição dos fonemas nas palavras. Quer isto dizer que nas mesmas palavras ocorrem frequentemente fonemas diferentes.

Apurámos que outro ponto divergente considerável entre o santiaguense e o fogueense é a acentuação dos verbos polissilábicos. Na variedade santiaguense, geralmente, em todas as classes de palavras que terminam em vogal o acento recai na penúltima sílaba, enquanto, na variedade do Fogo, os verbos polissilábicos são acentuados na última sílaba da forma de base. Quer isto dizer que na classe dos verbos prevalece em Santiago o padrão de acentuação grave e, no fogueense predomina o padrão de acentuação agudo.

No que concerne às estruturas morfológicas trabalhadas neste estudo, há palavras gramaticais e morfemas gramaticais de função idêntica que não são as mesmas, nas duas variedades, ou que, mesmo sendo etimologicamente idênticas apresentam variação fónica, de uma ilha para a outra.

Quanto às estruturas sintáticas, deparámos com divergências, em particular, na construção sintática das formas verbais *poi/po* e *bai/bá* e da partícula verbal *dja*, ou seja, os contextos e os lugares dentro da frase em que aparecem não são sempre os mesmos, nas duas variedades. Deparámos ainda com outras construções divergentes, o que mostra que existem consideráveis divergências entre as estruturas sintáticas destas duas variedades duma mesma língua.

Por fim, o léxico foi a componente da língua onde encontramos o maior número de divergências. As duas variedades em estudo não só possuem em comum grande número de palavras, mas também bastantes palavras que, na maioria dos casos, parecem etimologicamente idênticas – de qualquer forma designam a mesma realidade e têm significado semelhante –, mas cujo significado é diferente. Deparámos, igualmente, com palavras

com o mesmo significante em ambas as variedades e que, porém, têm significado diferente.

Realmente, como qualquer outra língua, o caboverdiano, por ser uma língua histórica, não é um “sistema linguístico unitário, mas um conjunto de sistemas linguísticos” (Cunha/Cintra 1999: 3). É neste “diasistema” (ibidem) do caboverdiano onde se enquadram, entre outras variedades, as variedades da ilha do Fogo e de Santiago. E não podemos ignorar estes subsistemas linguísticos do caboverdiano, visto que são estes subsistemas linguísticos e culturais inter-relacionados, que, no seu conjunto, formam o todo representativo da língua caboverdiana. Não convém fechar os olhos às variações existentes na língua caboverdiana que não põem em causa a sua unidade, muito pelo contrário, é essa diversidade que demonstra a vitalidade e a dinâmica do caboverdiano.

Deste modo, é evidente que o caboverdiano como qualquer língua viva, e talvez ainda mais, por se falar num território arquipelágico com fluxo migratório inigualável, apresenta variações internas notáveis. Mas no processo de comunicação entre os falantes das variedades fogueuse e santiaguense é evidente que há intercompreensão. As divergências não dificultam a intercomunicação entre as duas ilhas que, aliás, está a ser cada vez mais intensa.



Ana Karina Tavares Moreira

Descrição da variedade da ilha do Maio⁵

Ao meu pai Mário Horta Moreira.

1. Introdução

Apresentamos aqui uma descrição fonológica e morfológica do crioulo que se fala na ilha do Maio (M), no arquipélago de Cabo Verde, numa perspetiva comparativa com a variedade da grande vizinha, a ilha de Santiago. Quisemos através deste trabalho identificar o que estas duas variedades do caboverdiano têm em comum e, sobretudo, salientar os pontos em que o crioulo do Maio difere do de Santiago.

⁵ Esta contribuição resume a parte descritiva da minha dissertação de mestrado que a *Universidade de Cabo Verde (UNI-CV)* aceitou em 2013. O meu muito obrigado vai a quantos me ajudaram e apoiaram na sua elaboração: aos meus professores e colegas do mestrado de *Crioulística e língua caboverdiana*, à população do Maio (com destaque para os meus familiares na ilha, para a Jacinta Lopes e para o meu condutor Torinho), a minha mãe e meus irmãos, e aos meus amigos.

Os estudos do crioulo de Cabo Verde feitos até agora centram-se fundamentalmente nas variedades de Santiago e São Vicente, originando um certo desconhecimento e alguma generalização errónea sobre as características dos restantes crioulos de Barlavento e Sotavento. Numa altura em que a oficialização do crioulo e o seu ensino são muito debatidos, esta lacuna faz-se sentir com muito mais força. Estudos de descrição das demais variedades mostram-se cada vez mais necessários. Só assim será possível conhecer os pontos em comum e as diferenças, de forma a se poder fazer uma escolha consciente e representativa, num futuro processo de oficialização.

Apesar de ser a ilha mais próxima de Santiago, a ilha do Maio tem uma história bastante diferente da grande vizinha. Apresenta o desafio de conservar uma das variedades melhor preservadas do crioulo de Cabo Verde, dado o isolamento a que a ilha foi votada ao longo da história. Perceber as suas particularidades e a sua estruturação poderá ajudar-nos a confirmar ou refutar muitas hipóteses levantadas até agora e a compreender melhor a evolução do nosso crioulo.

1.1 Resenha histórica da ilha do Maio

Dados geológicos apontam o Maio como a ilha mais antiga de Cabo Verde. A primeira das 10 ilhas a formar-se. Foi descoberta antes do dia três de dezembro de 1460⁶ juntamente com as ilhas de Santiago, Fogo, Boavista e Sal, mas permaneceu desabitada até meados do sec. XVI. A capital, Vila do Maio, já foi designada em tempos vila do Porto Inglês, em homenagem aos barcos ingleses que lá aportavam em busca de sal. Em 1699, o navegador

⁶ Data da doação a D. Fernando por Afonso V das ilhas que passamos a enumerar. Doação confirmada e ampliada pelo mesmo rei, em 1462 (cf. *HGCV, Corpo documental I*, 1988: 15 e 17).

e corsário inglês William Dampier menciona, para o Maio, três pequenas povoações com um total de cerca de 230 pessoas.⁷

Dados da *História concisa de Cabo Verde (HCCV)*, dão conta de que em 1731, a população da ilha ainda não chegava a quatrocentas pessoas:

Todavia, registou-se ainda um interciclo ligado ao povoamento das ilhas do Maio e Boavista, aquando da abertura dos seus portos à navegação inglesa e norte-americana no século XVIII. As limitações ecológicas destas ilhas para a agricultura não permitiram uma intensa fixação de populações. Boavista, a quarta maior ilha do arquipélago em extensão, não albergava mais do que 2 % da população cabo-verdiana em 1731. Nesta data, o Maio não chegava às quatrocentas almas. (*HCCV* 2007: 299).

Ainda antes do povoamento propriamente dito a ilha era utilizada como território de criação de gado, principalmente caprino, numa altura em que a exportação de carne e pele de animais para a coroa era uma atividade comercial bastante rentável para os colonos.⁸ O povoamento foi incrementado pela exploração e exportação de sal, que aconteceu até ao século XIX.

Não se sabe ao certo de que ilhas foram as pessoas que povoaram o Maio, mas o certo é que as trocas comerciais com Santiago, que também implicavam interação linguística, eram regulares.

A *Notícia Corográfica e Chronológica do Bispado de Cabo Verde*, de 1784, dá conta do estabelecimento de relações comerciais com a ilha de Santiago depois de sucessivas secas que puseram fim ao gado existente na ilha:

⁷ A citação aparece em Green 2009: 108, na nota de rodapé 20.

⁸ A 20 de Janeiro de 1713, o governador Teixeira Sarmiento de Sá fala de sessenta moradores, que viviam da venda do sal aos ingleses, da criação do gado, do peixe e das tartarugas (cf. Barcellos II 1900: 228/229).

Principiam agora os habitantes a procurar a criação de novo gado, principalmente de cabras, que é o mais de que vivem, porque a terra não dá mantimentos para ele, e muito menos para os habitantes, que se sustentam do milho e feijão que transportam em lanchas, pela costa da Ilha de Santiago, trocado pelo algodão e sal, que nas mesmas lanchas levam a ela. (ed. Carreira 1985: 32).

A mesma obra dá conta da decadência do negócio do sal com o estabelecimento da Companhia do Grão-Pará e Maranhão, o que nos permite dizer que a partir daquela data a presença inglesa na ilha foi-se escasseando e talvez daqui se possa explicar o facto de não se encontrarem muitas influências da língua inglesa nesta variedade:

Antes do estabelecimento da Companhia do Grão-Pará e Maranhão iam a esta Ilha muitos navios Ingleses a fazer sal, sem mais custo que pagarem 300 réis por cada moio, de direitos, e o trabalho da condução da terra para os navios, aos habitantes, servindo somente isto de grande utilidade aos pobres. Porém, como os Administradores da Companhia não quiseram aceitar aos Ingleses o pagamento dos direitos em géneros e fazendas, senão a dinheiro, que os ditos navios salineiros não costumavam levar, foram-se aguentando, de sorte que já hoje não vai lá navio algum Inglês fazer sal; ... (ed. Carreira 1985: 32).

1.2 Situação geográfica, económica, social e linguística

A ilha do Maio, com 270 quilómetros quadrados de extensão, é a ilha mais próxima de Santiago, distando as duas ilhas apenas 24 quilómetros uma da outra. A do Maio tem quase sete mil habitantes, de acordo com os dados do censo 2010, sendo mais da metade mulheres. É constituída por 13 povoações principais. A pequena dimensão da ilha e os problemas de transporte, que persistem ao longo de séculos, fazem com que esta ilha se mantenha isolada de muitas formas. Em alguns períodos do ano, é ainda comum passar-se mais de um mês sem que nenhum barco

Maio



aporte à ilha. Um porto antigo e sem condições para receber embarcações modernas contribui também para este isolamento. A pesca e a criação de gado continuam a ser as principais atividades económicas nesta ilha. É a segunda ilha em concentração de espécies marinhas no país. As remessas dos emigrantes, a maioria da Holanda, ajudam também na economia familiar dos maienses. A exploração de sal ainda se faz mas numa proporção nada comparável aos séculos passados e apenas por algumas mulheres, que compõe a cooperativa local.

É certo que existe um aeroporto na ilha com vários voos durante a semana mas o preço dos bilhetes (cerca de dez mil escudos caboverdianos para uma viagem de ida e volta), que a maioria da população local considera extremamente elevado para os escassos 10 minutos da viagem, também não permitem deslocações tão frequentes para Santiago como a população gostaria.

A grande expectativa de desenvolvimento desta ilha está no incremento do turismo, que ainda não é massivo devido aos problemas de transportes e à falta de estabelecimentos hoteleiros de grandes dimensões. Contudo já existem alguns projetos em andamento na ilha e tudo indica que num futuro muito próximo o Governo de Cabo Verde voltará as suas atenções para o Maio. Mais de dois mil hectares dos terrenos da ilha já estão classificados como Zonas de Desenvolvimento Turístico Integrado. As suas extensas e desertas praias de areia branca são um atrativo, numa altura em que as outras ilhas planas (Sal e Boavista) já se encontram sobejamente exploradas, com a presença de várias cadeias hoteleiras internacionais de renome. Uma situação que terá certamente impactos linguísticos, como aconteceu nas outras ilhas. Também por esta razão, torna-se urgente o estudo desta variedade para trabalhar desde já na sua preservação.

A proximidade entre Santiago e Maio também se reflete a nível linguístico. Por outro lado, a variedade do Maio apresenta interessantes sinais de fusão, criando uma espécie de fronteira

entre as variedades de Barlavento e Sotavento. E o tradicional isolamento da ilha tem sido benéfico à preservação de determinados traços linguísticos.

1.3 Proveniência e apresentação dos dados

Em vista da falta completa de documentos escritos em maiense e de trabalhos linguísticos sobre ele⁹, o presente trabalho teve de adotar a metodologia da recolha de dados no terreno, junto de habitantes das várias comunidades da ilha do Maio. No decorrer de uma viagem em abril de 2012, foram recolhidas entrevistas gravadas de adultos, idosos e crianças, em todas as localidades. Realizamos também recolha junto de maienses que se encontravam na ilha de Santiago para consultas médicas, em estadias de pouco mais de uma semana, em fevereiro de 2013. Recorremos à técnica da identificação de imagens de partes do corpo, elementos da paisagem e seres vivos. Com todos os informantes estabelecemos diálogos de duração variável onde pudessem discorrer sobre os problemas do quotidiano, histórias da sua vida e as suas perceções relativamente ao desenvolvimento da ilha. Além da gravação em si, procuramos obter informações detalhadas sobre o nome, a idade, a escolaridade, o historial linguístico (se é falante nativo, se é bilingue, se convive com pessoas que falam outras línguas etc.) de cada informante. Todas as informações relativas aos informantes (idade, localidade, situação familiar) estão dadas nos textos apresentados.

Ao longo deste trabalho usamos o *Alfabeto Unificado para a Escrita do Caboverdiano (ALUPEC)*, oficializado em 2009, sempre que escrevemos em crioulo sem usar transcrição fonética por meio do *Alfabeto Fonético Internacional (AFI)*. Consideramos que o *ALUPEC* serve perfeitamente para a escrita desta variedade, embora tenhamos sido obrigados, em alguns casos, a fazer

⁹ Tanto quanto sabemos existe apenas um capítulo de 13 páginas dedicado ao maiense em Quint 1999: 303-316.

adaptações para salvaguardar a pronúncia maiense. Optamos por acentuar os <a> abertos à semelhança do que já acontece, segundo o *ALUPEC*, com os <e> e os <o> abertos, para evitar que surjam dúvidas acerca da pronúncia dos <a> em pessoas não familiarizadas com a variedade do Maio. Outra opção que fizemos foi não introduzir nenhum <-e> mudo final, nas palavras onde se regista o fenómeno da queda das vogais átonas finais anterior e posterior do português. A única palavra que termina numa vogal átona que não seja *-a* [-ɐ] é o topónimo *Santantoni* [səntən 'toni]. A forma sem o *-i* [-i] final remeteria para *Santanton* (nome de uma ilha de Cabo Verde).

2. Análise fonético-fonológica

2.1 Consonantismo

2.1.1 Inventário dos fonemas consonânticos

		bilabial	lábio-dental	dento-alveolar	palatal	velar
nasal		m		n	ɲ	
oclusiva	surda	p		t		k
	sonora	b		d		g
fricativa	surda		f	s	ʃ	
	sonora		v	z	ʒ	
africada	surda				c[tʃ]	
	sonora				ʝ[dʒ]	
líquida	vibrante			r		
	lateral			l	ʎ	

Os fonemas consonânticos do maiense

O crioulo da ilha do Maio apresenta um conjunto de 20 fonemas consonânticos com oposição entre surdas e sonoras (sem e com vibração das cordas vocais), entre diferentes modos de articulação (oclusivas, fricativas, africadas, vibrantes e laterais) e entre diferentes pontos de articulação (bilabial, labiodental, dentoalveolar, palatal, velar), conforme o nosso quadro.

2.1.2 Alofones

Nem todos os contrastes entre sons que observamos na fala dos maienses são fonologicamente pertinentes. Para alguns fonemas existem vários alofones de distribuição regular, na maioria dos falantes. Mencionamos dois casos de alofonia que chamaram a nossa atenção:

[b] e [β] são alofones de um mesmo fonema /b/. Estão em distribuição complementar já que [β] só ocorre em posição final de palavra e [b] só nos restantes contextos.

[r] e [ʀ] são também alofones de um mesmo fonema /r/. Estão em distribuição livre. Quer dizer, que o fonema /r/ tem como variantes a vibrante alveolar [r] e a vibrante uvular [ʀ]. A ocorrência da variante [ʀ] constitui um traço característico e considerado identificativo do crioulo do Maio pelos falantes das outras ilhas de Sotavento. Contudo, apesar de tão comum, esta ocorrência não proporciona nenhuma distinção fonológica. Quer dizer que certos falantes preferem o [r] alveolar, outros a variante uvular [ʀ]¹⁰. Contudo, tende a ser complementar nos falantes que usam da variante [ʀ]. Nestes falantes, a vibrante uvular parece ocorrer no início ou no interior das palavras (cf. [rizi 'dẽnsjɐ] s. 'residência', [trɐ'badʒ] s. 'trabalho', [mu'rĩ] s. *Morinho* (nome de localidade). Quando o mesmo fonema ocorre no fim

¹⁰ Cf. o texto I em 2.5.2 que exemplifica o caso de uma falante que nunca usa o [ʀ].

duma sílaba é realizado como vibrante simples [r] (cf. [piskɐ'dɔr] s. 'pescador').

2.1.3 Pares mínimos

A seguir, ilustramos os contrastes mínimos ('oposições diretas') que são fonologicamente pertinentes por pares mínimos, na medida em que nos foi possível encontrá-los:

2.1.3.1 Bilabiais:

/m/ e /b/ (oclusiva nasal sonora/oclusiva oral sonora):

[ˈmɔtɐ] s. 'mota' / [ˈbɔtɐ] s. 'bota'

/p/ e /b/ (oclusiva oral surda/oclusiva oral sonora):

[ˈpɔt] s. 'pote' / [ˈbɔt] s. 'bote'

2.1.3.2 Labiodentais:

/f/ e /v/ (fricativa surda/fricativa sonora):

[ˈfɔt] s. 'foto' / [ˈvɔt] s. 'voto'

2.1.3.3 Dentoalveolares:

/n/ e /d/ (oclusiva nasal sonora/oclusiva oral sonora):

[miˈninɐ] s. 'menina' / [miˈdidɐ] s. 'medida'

/t/ e /d/ (oclusiva oral surda/oclusiva oral sonora):

[ˈset] num. 'sete' / [ˈsed] s. 'sede'

/s/ e /z/ (fricativa surda/fricativa sonora):

[kɐˈsɐ] v. 'caçar' / [kɐˈzɐ] v. 'casar'

/t/ e /s/ (oclusiva oral surda/fricativa surda):

[ˈtɛ] v. 'ter' / [ˈsɛ] prep. 'sem'

/d/ e /z/ (oclusiva oral sonora/fricativa sonora):

[ˈdɔnɐ] s. 'avó' / [ˈzɔnɐ] s. 'zona, região'

/r/ e /l/ (líquida vibrante/líquida lateral):

['ruɐ] s. 'rua' / ['luɐ] s. 'lua'

2.1.3.4 Palatais:

/ʃ/ e /ʒ/ (fricativa surda/fricativa sonora):

['ʃa] s. 'chá' / ['ʒa] s. 'já' (nome próprio)

/tʃ/ e /dʒ/ (africada surda/ africada sonora):

['tʃew] quant. 'muito' / ['dʒew] s. 'ilhéu'

/ʃ/ e /tʃ/ (fricativa surda/africada surda):

No nosso material não encontramos par mínimo que ilustre esta oposição. Apresentamos um par 'quase mínimo' com diferenças em dois fonemas:

['ʃu'tɐ] v. 'chutar' / ['tʃotɐ] s. 'pássaro'

/ʒ/ e /dʒ/ (fricativa sonora/africada sonora):

['oʒ] adv. 'hoje' / ['odʒ] s. 'olhos'

2.1.3.5 Velares:

/k/ e /g/ (oclusiva oral surda/oclusiva oral sonora):

['kal] s. 'calo' / ['gal] s. 'galo'

2.1.3.6 Nasais:

/m/ e /n/ (bilabial/dentoalveolar):

['mos] s. 'rapaz' / ['nos] pron. pessoal 'nós'

/n/ e /ɲ/ (dentoalveolar/palatal):

['mɛnɛ] s. 'irmã' / ['mɛɲɛ] s. 'manha'

/m/ e /ɲ/ (bilabial/palatal):

['mɛmɛ] s. 'mãe' / ['mɛɲɛ] s. 'manha'

2.1.3.7 Oclusivas surdas:

/p/ e /t/ (bilabial/dentoalveolar):

[pĩn'turɐ] s. 'pintura' / [tĩn'turɐ] s. 'tintura'

/t/ e /k/ (dentoalveolar/velar):

[bɔtɐ] s. 'bota' / [bɔkɐ] s. 'boca'

/p/ e /k/ (bilabial/velar):

[pet] s. 'peito' / [ket] adj. 'quieto'

2.1.3.8 Oclusivas sonoras:

/b/ e /d/ (bilabial/dentoalveolar):

[pobr] adj. 'pobre' / [podr] adj. 'podre'

/d/ e /g/ (dentoalveolar/velar):

No nosso material não encontramos par mínimo que ilustre esta oposição. Apresentamos um par 'quase mínimo' com diferenças em dois fonemas:

[ɐr'de] v. 'arder' / [ɐr'gi] v. 'erger'

/b/ e /g/ (bilabial/velar):

[bɔtɐ] s. 'bota' / [gɔtɐ] s. 'gota'

2.1.3.9 Fricativas surdas:

/f/ e /s/ (labiodental/dentoalveolar):

[fĩntɐ] s. 'finta' / [sĩntɐ] s. 'cinta (peça de roupa interior usada pelas mulheres para comprimir o volume abdominal)'

/s/ e /ʃ/ (dentoalveolar/palatal):

[pus] s. 'pus' / [puʃ] s. 'nádegas'

/f/ e /ʃ/ (labiodental/palatal):

[fĩn'tɐ] v. 'fintar' / [ʃĩn'tɐ] v. 'sentar'

2.1.3.10 Fricativas sonoras:

/v/ e /z/ (labiodental/dentoalveolar):

No nosso material não encontramos par mínimo que illustre esta oposição. Apresentamos um par 'quase mínimo' com diferenças em dois lugares:

[trɐ'vɐ] v. 'travar' / [ɐtrɐ'zɐ] v. 'atrazar'

/z/ e /ʒ/ (dentoalveolar/palatal):

[zu'rɐ] v. 'zurar' / [ʒu'rɐ] v. 'jurar'

/v/ e /ʒ/ (labiodental/palatal):

[vi'rɐ] v. 'virar' / [ʒi'rɐ] v. 'girar'

2.1.3.11 Líquidas laterais:

/l/ e /λ/ (alveolar/palatal):

No nosso material não encontramos par mínimo que illustre esta oposição. Apresentamos um par 'quase mínimo' com, além da oposição em questão, diferente acentuação:

[pi'lɐ] v. 'pilar (ato de fazer farinha de milho no pilão)' / ['piλɐ] s. 'pilha'

2.1.4 Distribuição

Quanto à posição em que aparecem, a análise dos dados demonstra que quase todas as consoantes podem ocorrer em posição inicial, mediana e final. Ao contrário do que se passa no crioulo de Santiago, que só admite um número limitado de consoantes em posição final, no crioulo do Maio quase todas podem aparecer nesta posição, uma vez que a queda das vogais finais átonas anterior e posterior do português, que o santiaguense conserva na forma de [-i] e [-u], é sistemática, no crioulo do Maio.¹¹

¹¹ Cf. para o comportamento das restantes variedades do arquipélago a este respeito Lang 2014: 2.1.

2.1.4.1 Oclusivas

2.1.4.1.1 Posição inicial

[p] ['pɛnt] s. 'pente'

[b] ['bɛnt] s. 'vento'

[t] ['tɛrɐ] s. 'terra'

[d] ['dɛnt] s. 'dente'

[k] ['kɛnt] adj. 'quente'

[g] ['gɛrɐ] s. 'gerra'

2.1.4.1.2 Posição mediana

[p] [di'pos] adv. 'depois'

[b] [trɐ'badʒ] s. 'trabalho'

[t] ['plãnte] s. 'planta'

[d] ['mɔdɐ] conj. 'como (comparação)'

[k] [fi'kɐ] v. 'ficar'

[g] [su'gũnd] num. 'segundo'

2.1.4.1.3 Posição final

[p] ['tɛmp] s. 'tempo'

[b] ['sab] adj. 'bom'

[t] ['bot] s. 'bote'

[d] ['mɛrid] s. 'marido'

[k] ['bark] s. 'barco'

[g] ['ag] s. 'água'

2.1.4.2 Fricativas

2.1.4.2.1 Posição inicial

[f] ['fɔdʒɐ] s. 'folha'

[v] ['vɔltə] s. 'volta'

[s] [si'kur] adj. 'escuro'

[z] ['zɔnə] s. 'zona'

[ʃ] [ʃɪn'te] v. 'sentar'

[ʒ] ['ʒel] s. 'gelo'

2.1.4.2.2 *Posição mediana*

[f] [tɪli'fɔn] s. 'telefone'

[v] [re'vɫusɐ̃] s. 'revolução'

[s] ['buskə] v. 'buscar'

[z] [kə'zad] adj. 'casado'

[ʃ] [pu'ʃe] v. 'puxar'

[ʒ] [di'ʒeʒ] s. 'desejo'

2.1.4.2.3 *Posição final*

[f] [tə'raf] s. 'tarrafe' (nome de uma planta)

[v] ['arv] s. 'arvore'

[s] [rɛbu'lis] s. 'reboiço'

[z] ['dʒɔwz] s. 'deus', [pe'noz] 'Penoso' (nome de localidade)

[ʃ] ['peʃ] s. 'peixe'

[ʒ] [di'ʒeʒ] s. 'desejo'

2.1.4.3 **Africadas**

2.1.4.3.1 *Posição inicial*

[tʃ] ['tʃubɐ] s. 'chuva'

[dʒ] [dʒu'dɐ] v. 'ajudar'

2.1.4.3.2 *Posição mediana*

[tʃ] [fi'tʃad] adj. 'fechado'

[dʒ] [trəbədʒɐ'dɔr] s. 'trabalhador'

2.1.4.3.3 *Posição final*

[tʃ] ['bʊtʃ] s. 'pantorrilha'

[dʒ] ['ɔdʒ] s. 'olho(s)'

2.1.4.4 **Nasais**

2.1.4.4.1 *Posição inicial*

[m] ['med] s. 'medo'

[n] [nɐtu'rezɐ] s. 'natureza'

[ɲ] [ʎɐ] pron. pessoal 'ocê/senhora'

2.1.4.4.2 *Posição mediana*

[m] [ku'midɐ] s. 'comida'

[n] ['zɔnɐ] s. 'zona'

[ɲ] [sɐ'ɲɔɐ] s. 'senhora'

2.1.4.4.3 *Posição final*

[m] ['ɔm] s. 'homem'

[n] ['an] s. 'ano', ['karn] s. 'carne'

[ɲ] sem atestação

2.1.4.5 **Líquidas**

2.1.4.5.1 *Posição inicial*

[l] ['lutɐ] v. 'lutar'

[λ] sem atestação

2.1.4.5.2 *Posição mediana*

[l] [vol'tɐ] v. 'voltar'

[λ] [fu'λɐ] v. 'atirar'

2.1.4.5.3 *Posição final*

[l] [di'fisil] adj. 'difícil'

[λ] sem atestação

No caso das líquidas apenas a vibrante alveolar [l] aparece em posição inicial e final. A vibrante palatal [λ] só foi atestada em posição mediana.

2.1.4.6 Vibrantes

2.1.4.6.1 Posição inicial

[r] ou [ʀ] [rizi'dêsjɐ] ou [ʀizi'dêsjɐ] s. 'residência',

2.1.4.6.2 Posição mediana

[r] ou [ʀ] ['mort] s. 'morte', [trɐ'badʒ] s. 'trabalho'

2.1.4.6.3 Posição final

[r] [di'ɲer] s. 'dinheiro', [ba'rer] 'Barreiro' (nome de uma localidade)

2.1.5 Grupos consonânticos

No que diz respeito à presença de grupos consonânticos nesta variedade do crioulo de Cabo Verde, verifica-se que a grande maioria destes grupos são constituídos por oclusivas e fricativas, enquanto elementos primários, seguidos das líquidas e vibrantes, como de resto acontece nas línguas românicas e em muitas outras línguas conhecidas. Os grupos aparecem tanto no início como no meio de palavras conforme ilustram os casos abaixo.

2.1.5.1 Oclusivas surda mais vibrante alveolar

[pru'mer] num. 'primeiro'

['tropɐ] s. 'tropa', [trɐ'badʒ] s. 'trabalho', [ɛn'trɐ] v. 'entrar'

['kriol] s./adj. 'crioulo', [kri'ãsɐ] s. 'criança'

2.1.5.2 Oclusivas vozeadas mais vibrante alveolar

['brut] adj. 'bruto', ['kabɐ] s. 'cabra', [obri'gɐ] v. 'obrigar', [no'brezɐ] s. 'nobreza'

[ˈpɛdrɐ] s. ‘pedra’

[ˈgrãnd] adj. ‘grande’, [griˈtɐ] v. ‘grita’

2.1.5.3 Oclusiva surda seguida de líquida alveolar

[plãˈnʔɐ] s. ‘planta’

[ˈklar] adj. ‘claro’

2.1.5.4 Oclusiva vozeada seguida de líquida alveolar

[pruˈblɛmɐ] s. ‘problema’

2.1.5.5 Fricativa surda seguida de vibrante alveolar

[ˈfrak] adj. ‘fraco’, [ˈfrɛnt] s. ‘frente’

2.1.5.6 Fricativa vozeada seguida de vibrante alveolar

[ˈlivr] adj. ‘livre’

2.1.5.7 Fricativa surda seguida de lateral alveolar

[ˈflad] forma verbal ‘foi dito’

2.1.5.8 Fricativa vozeada seguida de lateral alveolar

[reˈvlusẽ] s. ‘revolução’

2.1.5.9 Fricativa surda /s/ seguida de oclusiva surda

[ˈspɛrɐ] s. ‘espera’

[stuˈdɐ] v. ‘estudar’

[ˈskɔlɐ] s. ‘escola’

2.1.5.10 Outros grupos encontrados

[psˈcolɐ] s. ‘psicóloga’

[ʃfɔrˈsɐ] v. ‘esforçar-se’

2.1.6 Ausência de ensurdecimento de [z] e [ʒ]

Outro traço fonético do crioulo da ilha do Maio que importa ressaltar, na comparação com a variedade santiaguense, é a au-

sência da passagem dos [z] e [ʒ] a [s], [ʃ] que se deu em Santiago. De referir que nas versões acrolectais do crioulo de Santiago já se verifica, sob a influência do português, o processo inverso, isto é, a substituição de [s] e [ʃ] por [z] e [ʒ] onde o português tem [z] e [ʒ]. O quadro seguinte ilustra este contraste entre o maiense e o santiaguense basilectal:

crioulo do Maio	santiaguense basilectal	santiaguense acrolectal
[fɛ'ze] v. 'fazer'	['fesi]	['fezi]
['kaze] s. 'casa'	['kase]	['kaze]
[nosɛn'teze] s. 'ingenuidade'	[nosɛn'tese]	[nosɛn'teze]
['kuze] s. 'coisa'	['kuse]	['kuze]
[repe'zɪn] s. 'rapazinho'	[repe'sɪnu]	[repe'zɪnu]
[fu'zi] v. 'fugir'	['fuʃi]	['fuzi]
['oʒ] adv. 'hoje'	['ofi]	['ozi]

A distribuição das fricativas alveolares no maiense e no santiaguense

2.2 Vocalismo

2.2.1 Inventário dos fonemas vocálicos

O crioulo da ilha do Maio apresenta um conjunto de 16 fonemas vocálicos (oito orais e oito nasais), realizados nas zonas de articulação anterior, posterior e central. Quanto ao grau de abertura, consideramos nesta variedade como distintivos os traços de 'fechado', 'semifechado (= semiaberto)' e 'aberto' consoante o grau de abaixamento da língua durante a realização. Apesar do *Alfabeto Fonético Internacional (AFI)* apresentar sete graus de abertura, consideramos que para a variedade do crioulo Maiense é possível dar conta de todos os fonemas vogais recorrendo a três graus de abertura. Consideramos ainda

relevantes nesta variedade os traços 'oral/nasal', consoante haja ou não passagem do ar pela cavidade nasal durante a realização. Pelo contrário, consideramos apenas concomitantes o traço '(não) arredondado', conforme a posição dos lábios durante a realização, pois as posteriores costumam ser automaticamente arredondadas e todas as restantes, automaticamente não arredondadas.

	anterior		central		posterior	
	oral	nasal	oral	nasal	oral	nasal
fechada	i	ĩ			u	ũ
semiaberta	e	ẽ	ɐ	ẽ	o	õ
aberta	ɛ	ẽ	a	ã	ɔ	õ

Os fonemas vocálicos do maiense

2.2.2 Alofones (Glides)

Na variedade da ilha do Maio do crioulo caboverdiano ocorrem as glides [j] e [w]. Podem ser consideradas ocorrências das vogais /i/ e /u/ como elementos marginais em ditongos. Por isso, não há necessidade de os considerar fonemas, nesta variedade.

Surgem em ditongos decrescentes (cf. ['sew] s. 'céu', ['kaw] s. 'lugar', ['bɔj] v. 'ir' etc.), mas também em ditongos crescentes (cf. por exemplo ['dwedʒ] s. 'joelho', ['lĩngwɐ] s. 'língua', ['wobrɐ] s. 'obra' - ocorrência encontrada na fala de apenas um informante - e ['jɛrɐ] v. 'era').

2.2.3 Pares mínimos

A seguir, ilustramos estes contrastes, na medida em que nos foi possível encontrá-los, por pares mínimos cujas vogais só diferem num dos traços fonologicamente pertinentes:

2.2.3.1 Anteriores:

/i/ e /e/ (fechada/semiaberta):

[pi'tɐ] v. 'apitar' / [pe'tɐ] v. 'peitar/enfrentar'

/e/ e /ɛ/ (semiaberta/aberta):

No nosso material não encontramos par mínimo que ilustre esta oposição. Apresentamos um par 'quase mínimo' com, além da oposição em questão, diferente acentuação:

[re'gɐ] v. 'regar' / ['rɛgɐ] s. 'rega'

/i/ e /ɛ/ (fechada/aberta):

['tirɐ] s. 'tira' / ['tɛrɐ] s. 'terra'

2.2.3.2 Centrais:

/ɐ/ e /a/ (semiaberta/aberta):

['kɐl] s. 'cal' / ['kal] pron. intr. 'qual'

2.2.3.3 Posteriores:

/u/ e /o/ (fechada/semiaberta):

[ku'rɐ] v. 'curar' / [ko'rɐ] v. 'corar'

/o/ e /ɔ/ (semiaberta/aberta):

No nosso material não encontramos par mínimo que ilustre esta oposição. Apresentamos um par 'quase mínimo' com, além da oposição em questão, diferente acentuação:

[ko'bɐ] v. 'cavar' / ['kɔbɐ] s. 'cova'

/u/ e /ɔ/ (fechada/aberta):

['kustɐ] s. 'custas' / ['kɔstɐ] s. 'costa'

2.2.3.4 Fechadas:

/i/ e /u/ (anterior/posterior):

[pis'tɐ] v. 'emprestar' / [pus'tɐ] v. 'apostar'

2.2.3.5 Semiabertas:

/e/ e /ɐ/ (anterior/central):

[ˈkɛl] pron. dem. ‘este’ / [ˈkɛl] s. ‘cal’

/ɐ/ e /o/ (central/posterior):

[ˈjɐ] pron. pessoal tônico da 2ª pessoa do sg. (tratamento cortês)
fem. / [ˈjo] idem masc.

/e/ e /o/ (anterior/posterior):

[ˈsɛrt] adj. ‘certo’ / [ˈsɔrt] s. ‘sorte’

2.2.3.6 Abertas:

/ɛ/ e /a/ (anterior/central):

[ˈbɛlɐ] s. ‘Bela (nome próprio)’ / [ˈbalɐ] s. ‘bala’

/a/ e /ɔ/ (central/posterior):

[ˈbalɐ] s. ‘bala’ / [ˈbɔlɐ] s. ‘bola’

/ɛ/ e /ɔ/ (anterior/posterior):

[ˈbɛstɐ] s. ‘besta’ / [ˈbɔstɐ] s. ‘bosta/excremento de animais’

2.2.3.7 Tipo de ressonância (oral/nasal):

/i/ e /ĩ/:

[fiˈkɛ] /fiˈkɛ/ v. ‘ficar’ / [fiŋˈkɛ] /fiˈkɛ/ v. ‘fincar’

/e/ e /ẽ/:

[ˈlɛt] /ˈlɛt/ s. ‘leite’ / [ˈlɛnt] /ˈlɛt/ adj. ‘lento’

/ɛ/ e /ẽ/:

No nosso material não encontramos par mínimo que ilustre esta oposição. Apresentamos um par ‘quase mínimo’ com diferenças em dois fonemas:

[ˈgɛrɐ] /ˈgɛrɐ/ s. ‘guerra/briga’ / [ˈzɛrɐ] /ˈzɛrɐ/ s. ‘genra’

/ɐ/ e /ẽ/:

No nosso material não encontramos par mínimo que illustre esta oposição. Apresentamos um par 'quase-mínimo' com, além da oposição em questão, diferente acentuação:

[tɐ] /tɐ/ s. 'partícula verbal para o aspecto imperfectivo habitual' /
[tẽ] /tẽ/ adj. 'vazio, sem nada'

/a/ e /ã/:

['brak] /'brak/ s. 'buraco' / ['brãŋk] /'brãk/ adj. 'branco'

/u/ e /ũ/:

['nu] /'nu/ adj. 'nu' / ['nũ] /'nũ/ pronom. indef. 'nenhum'

/o/ e /õ/:

[ro'dɐ] /ro'dɐ/ v. 'rodar' / [rõn'dɐ] /rõ'dɐ/ v. 'rondar'

/ɔ/ e /õ/:

['rɔdɐ] /'rɔdɐ/ s. 'roda' / ['rõndɐ] /'rõdɐ/ s. 'ronda'

2.2.4 Distribuição

Os exemplos que procurámos para ilustrar a distribuição das vogais, e que apresentamos a seguir, confirmam que a riqueza vocálica do maiense é mais visível nas sílabas tónicas, onde ocorrem e se opõem todas as dezasseis vogais do inventário (/ɐ/, /a/, /e/, /ɛ/, /o/, /ɔ/, /i/, /u/, orais e nasais). O número diminui em posição átona, onde só ocorrem dez (/ɐ/, /e/, /o/, /i/, /u/, orais e nasais). Destes dez, pudemos atestar todas na posição pretónica, mas apenas /i/ na posição pós-tónica não final). Quer dizer que, tal como em santiaguense, em maiense não há vogais abertas nas sílabas átonas. A oposição entre vogais semiabertas e abertas fica neutralizada, nesta posição, os arquifonemas resultantes realizando-se como vogais semiabertas.

Em posição final absoluta aparecem as oito vogais, quando tónicas. Em posição átona final, e excetuando alguns casos especiais (cf. 2.2.4.1.4), o inventário reduz-se a /ɐ/, devido à queda

das vogais átonas finais anterior e posterior do português em maiense.

2.2.4.1 Vogais orais

2.2.4.1.1 *Em posição tónica*

[i] ['fidʒ] s. 'filho/a'

[e] ['peʃ] s. 'peixe'

[ɛ] ['tɛrɐ] s. 'terra', [o'redʒɐ] s. 'orelha'

[ɐ] [to'mɐ] v. 'tomar'

[a] ['kazɐ] s. 'casa'

[u] ['kuzɐ] s. 'coisa'

[o] ['bot] s. 'bote'

[ɔ] ['kɔstɐ] s. 'costas'

2.2.4.1.2 *Em posição pré-tónica*

[i] [di'fisil] adj. 'difícil', [piske'dor] s. 'pescador'

[e] [dife'rɛnt] adj. 'diferente'

[ɐ] [fɐ'milɐ] s. 'família'

[u] [fu'λɐ] v. 'atirar, deitar fora', [ɛgrikul'turɐ] s. 'agricultura'

[o] [go'si] adv. 'agora', [bo'kad] s. 'bocado'

2.2.4.1.3 *Em posição pós-tónica não final*

[i] [di'fisil] adj. 'difícil', ['muziku] s. 'músico'

2.2.4.1.4 *Em posição final*

Aparecem em posição pós-tónica final as vogais átonas

[ɐ] ['ribɐ] adv. 'em cima', ['gɛrɐ] s. 'guerra'

[e] [se] pron. 'seu/sua' (apenas em monossílabos)

[u] ['muziku] s. 'músico' (mas cf. a nota 12)

As vogais /i/ e /u/ apenas aparecem em posição final quando são tónicas:

[i] [su'bi] v. 'subir'

[u] [bôm'bu] v. 'ato de transportar às costas'

As restantes vogais orais /e/, /ɛ/, /ɐ/, /a/, /o/ e /ɔ/ também podem aparecer em posição final quando são tónicas:

[ɛ] [si'mɛ] adv. 'verdade/mesmo assim'

[ɐ] [tʃu'mɐ] v. 'chamar'

[a] ['pa] s. 'pá'

[o] [dʒõŋgo'to] v. 'acocorar-se'

[ɔ] [kɛ'lo] s. 'nome próprio, referente de Carlos'

2.2.4.2 Vogais nasais

A questão das vogais nasais no crioulo de Cabo Verde tem merecido muitas considerações de diferentes autores. No caso do santiagoense, variedade com a qual este trabalho estabelece uma comparação em pano de fundo, autores como Manuel Veiga não consideram a existência de vogais nasais, no sentido pleno, mas sim de sequências vogais + consoante nasal (cf. Veiga 1982: 63). No entanto, em Veiga 1996: 41/42 parece que o autor reconhece a existência de cinco vogais nasais.

Nicolas Quint por seu lado classifica-as vogais nasais de vogais nasalizadas. E considerando que o traço nasalidade tem

¹² Tendo em conta que a posição pós-tónica coincide quase sempre com o final da palavra, uma vez que o número de palavras proparoxítonas é reduzido, apenas nos foi possível atestar a vogal /u/ em posição átona pós-tónica em palavras que constituem empréstimos do português e que entraram na língua num estádio mais recente. Embora seja usada, a palavra *múziku* pertence ao domínio mais formal e ao léxico de pessoas escolarizadas. É maioritariamente substituída por outros sinónimos tais como *kantor* e *tokador*.

consequências sobre as oposições fonológicas defende o seu estudo enquanto elementos independentes.

(...) - quoique la nasalisation des voyelles nasales badiaises n'ait pas de valeur absolument phonologique, elle a des conséquences sur les positions distinctives observées. Les voyelles nasales doivent être étudiées pour elles-mêmes en badias, et pas seulement comme des voyelles orales précédant des consonnes nasales. (Quint 2000: 25, 26)¹³

O quadro que apresenta comporta cinco vogais nasais /ẽ/, /ẽ̃/, /ĩ/, /õ/, /ũ/. Os parceiros abertos das vogais /ẽ/, /ẽ̃/ e /õ/, ou seja as vogais /ẽ/, /ã/ e /õ/ não aparecem no seu inventário fonológico das vogais nasais.

Para o crioulo da ilha do Maio regista-se a ocorrência das nasais [ẽ], [ẽ̃], [ĩ], [õ], [ũ], mas também das abertas [ẽ̃], [ã] e [õ] como se pode ver nos exemplos seguintes: [fĩn'tɐ] v. 'fintar', [orẽn'tɐ] v. 'orientar', [dʒẽnt] s. 'pessoas', [sɛ̃ntɛ̃n'toni] s. 'Santo António' (nome de localidade), [brã̃jkɐ] s. adj. 'branca', [mũndu] s. 'mundo', [kõ'ʃɛ] v. 'conhecer', [kõntɐ] s. 'conta'.

A nasalidade vocálica aparece como um traço inegável, nesta variedade. Contudo, a nível fonético, a nossa análise aponta para dois tipos de ocorrência.

1- Vogais nasais seguidas de uma consoante nasal. A nasalidade está presente na vogal mas também é audível a presença de uma consoante nasal subsequente:

[pẽnt] s. 'pente', [plãntɐ] s. 'planta', [tẽmp] s. 'tempo' etc.

¹³ (...) embora a nasalização das vogais nasais do badiu não tenham valor absolutamente fonológico, ela tem consequências nas oposições distintivas observadas. As vogais nasais devem ser estudadas por elas mesmas em badiu, e não apenas como vogais orais que precedem consoantes nasais (tradução de AKTM).

2- Vogais nasais sem consoante nasal subsequente. A nasalidade está presente na vogal mas não se ouve nenhuma consoante nasal subsequente:

[krjɐ'sɛ̃] s. 'criação', ['ɐvjõ] s. 'avião', ['dɛ̃] adv. 'dentro', [kõ'ʃe] v. 'conhecer', [ri.zi.'dɛ̃.sjɐ] s. 'residência' etc.

Do ponto de vista fonológico optamos, contudo, por considerar, em todos estes casos, tratarem-se de vogais nasais.

Quanto à distribuição, constatamos que as oito vogais nasais inventariadas aparecem em sílaba tónica. Em sílaba átona apenas aparecem cinco vogais, ficando de fora as vogais abertas [ɛ̃], [ã] e [õ].

2.2.4.2.1 *Em posição tónica*

[ĩ] ['lĩŋgwɛ] s. 'língua', [go'sĩ] adv. 'agora'

[ê] ['pɛ̃nt] s. 'pente', ['tê] v. 'ter'

[ɛ̃] ['dʒɛ̃nt] s. 'pessoas'

[ê] [plɛ̃n'tɛ] v. 'plantar', [re'vlusɛ̃] s. 'revolução'

[ã] ['ãntis] s. 'antes'

[ũ] ['kũsɛ] v. auxiliar que indica a posterioridade do processo em relação a outro processo mencionado anteriormente, [ɐr'mũ] s. 'irmão'

[õ] ['mõnt] s. 'monte', ['ɐvjõ] s. 'avião'

[õ] ['kõnte] s. 'conta'

2.2.4.2.2 *Em posição pretónica*

[ĩ] [xĩn'ti] v. 'sentir'

[ê] [nosɛ̃n'tɛzɐ] s. 'ingenuidade'

[ê] [diskɛ̃'sɐ] v. 'descansar'

[ũ] [dʒũn'tad] adj. 'junto'

[õ] [mõn'taɲɐ] s. 'montanha'

2.2.4.2.3 *Em posição pós-tónica*

Sem atestação.

2.2.5 Paralelismo vogal tónica aberta ~ nome, vogal tónica semiaberta ~ verbo

Como na variedade de Santiago, também na variedade do Maio a oposição entre uma vogal aberta e a semiaberta correspondente pode acompanhar o contraste entre um substantivo (por vezes também um adjetivo) e um verbo. Esta realidade tão difundida no crioulo de Santiago deverá contudo ser tratada com mais cautela no crioulo do Maio, uma vez que a acentuação verbal nas formas de base sem desinência é, nesta variedade, oxítone (acentuação na última sílaba). O que não permite que os pares substantivo / verbo constituam pares mínimos como no crioulo santiaguense, onde as formas verbais de base sem desinência são acentuadas na penúltima sílaba (cf. S *kónta* ['kõntɐ] s. 'conta' / *konta* ['kõntɐ] v. 'contar'). No caso do crioulo do Maio, os pares existentes diferem em pelo menos dois pontos. Na abertura da vogal da raiz e na acentuação. O que só reforça o contraste entre substantivos e verbos nesta variedade. Os pares do maiense apresentados abaixo aparecem também em santiaguense, com a diferença já referida:

Vogais centrais:

['sɐb] adj. 'saboroso' / [sɐ'be] v. 'saber'

Vogais anteriores:

[kɐ'rekɐ] s. 'careca' / [kɐ're'kɐ] v. 'ficar careca'

['rɛgɐ] s. 'rega' / [rɛ'gɐ] v. 'regar'

['bɛ̃ndɛ] s. 'venda' / [bɛ̃n'dɛ] v. 'vender'

Vogais posteriores:

['kɔbɛ] s. 'cova' / [ko'bɛ] v. 'cavar'

['kɔrtɛ] s. 'colheita de milho' / [kor'tɛ] v. 'cortar'

[ˈfrõnte] s. ‘afronta’ / [frõnˈtɛ] v. ‘afrontar (algum) / estar em apuros’

O lugar do acento verbal no Maiense, não deve contudo levar-nos a considerar que o contraste relativamente à abertura da vogal entre substantivo e verbo se deve apenas ao diferente lugar do acento, o que seria correto se nas sílabas tónicas só houvesse vogais abertas (como nas palavras [ˈsab], [kɐˈrɛkɐ], [ˈkɔrtɛ]) e nas sílabas átonas apenas vogais semiabertas (como nos exemplos [sɐˈbɛ], [kɐrɛˈkɛ], [kɔrˈtɛ]). Pois se podemos afirmar que em ambas as variedades as vogais abertas apenas aparecem em sílabas tónicas, não é verdade que as vogais correspondentes semiabertas só apareçam em sílaba átona; em ambas as variedades aparecem também em sílaba tónica, como se pode ver nos exemplos M [pruˈmer] num. ‘primeiro’, [ˈdʷedʒ] s. ‘joelho’. [ˈkɛʒ] s. ‘queijo’ etc.

Há ainda no maiense pares que no santiaguense perderam a distinção aberto/semiaberto mas que a conservaram nesta variedade, como M [ˈguardɐ] s. ‘guarda’ / [gʷɛrˈdɐ] v. ‘guardar’, mas S [ˈguardɐ] s. e v. ‘guarda, guardar’, M [ˈdʒãntɐ] s. ‘jantar’ / [dʒɛnˈtɐ] v. ‘jantar’, mas S [ˈdʒãntɐ] s. e v. ‘jantar’).

2.2.6 Metafonia

A metafonia vocálica consiste na assimilação de traços fonéticos de uma vogal por outra que lhe é próxima. Ou seja uma das vogais da palavra perde as suas características originais para assimilar características da vogal vizinha, normalmente uma vogal tónica.

É esta assimilação que está na origem da substituição, no maiense, da vogal átona semiaberta [o] por [u] em palavras terminadas pela vogal tónica fechada [i]. Este fenómeno resulta na pronúncia característica de certos verbos nesta variedade, quando comparada com o santiaguense.

Exemplos:

M [ku'tʃi] v. 'separar o milho do farelo num pilão' / S ['kotʃi]

M [mũn'du] v. 'enroscar-se' / S ['mõndu]

M [mu'pi] v. 'amolgar' / S ['mopi]

M [nsu'li] v. 'sorver/encher' / S ['nsoli]

Esta metafonia parece não ter ocorrido em nenhuma outra variedade de Sotavento. Convém, contudo, realçar que o mesmo fenómeno parece ter acontecido no crioulo da Guiné-Bissau, cuja relação de parentesco com o crioulo de Cabo Verde foi já provada em diversos estudos. Assim aparecem no crioulo da Guiné verbos como GB [pudi] 'poder', [muri] 'morrer', [kūsi] 'conhecer', [kūmpu] 'compor'. O mesmo processo verifica-se no verbo [mu'pi] do maiense.

2.3 Estrutura silábica

Como na grande maioria das línguas do mundo a estrutura silábica mais frequente em maiense é CV (consoante + vogal). Mas a queda sistemática das vogais átonas finais anterior e posterior do português, que subsistem em santiaguense na forma de [-i] e [-u], tem mais uma vez um papel determinante na estrutura silábica da variedade do Maio. Principalmente quando falamos do inventário das consoantes que podem aparecer em coda de sílaba.

Encontramos os seguintes padrões silábicos (nas transcrições que seguem, marcamos, excecionalmente, o limite entre sílabas por um ponto):

V: [o.ʹrɛ.dʒɐ] s. 'orelha'

CV: [o.ʹrɛ.dʒɐ] s. 'orelha'

VC: [ɛl.ʹgẽ] s./pron. indef. 'pessoa, alguém'

CVC: [ʹpɔk] quant. 'pouco'

CCV: [stu.'de] v. 'estudar', [ste] v. 'estar', [re.ylu.'sẽ] s. 'revolução'

CCCV: [spre.'me] v. 'exprimir'

CCVC: [ffor.'se] v. 'esforçar-se'

GV: [je.re] 'era'

CVG: [rei] s. 'rei', [sew] s. 'céu',

CGV: [ri.zi.'dẽ.sjẽ] s. 'residência',

CGVC: [kwaz] adv. 'quase', [dwedz] s. 'joelho'.

A queda das vogais átonas finais faz com que muitas palavras que são dissilábicas no santiagoense sejam nesta variedade monossilábicas, aumentando a frequência das sílabas travadas. Exemplos: M [d'ẽnt] s. 'dente', [bot] s. 'bote', [pef] s. 'peixe', [sab] adj. 'bom', [karn] s. 'carne', [kez] s. 'queijo', [fidz] s. 'filho' etc.

2.4 Padrão acentual

Nas línguas do mundo o acento de palavra costuma caracterizar-se pela altura, duração ou intensidade. É natural também que em diferentes línguas um desses fatores domine na caracterização da sílaba tónica em detrimento das outras.

No caso do crioulo de Cabo Verde, de uma forma geral, é a intensidade com que cada sílaba é pronunciada que dá a diferença entre a sílaba tónica (pronunciada com mais força) e as átonas (pronunciadas com menos força).

A nossa análise vai tratar separadamente a acentuação dos nomes e adjetivos e a acentuação verbal.

2.4.1 Acentuação dos nomes e adjetivos

À semelhança do latim, das línguas ibero-românicas, do italiano e de determinadas outras línguas do mundo, o crioulo do Maio apresenta três tipos de acentuação.

Acentuação aguda ou oxítônica - quando o acento recai na última sílaba:

[kə'fe] s. 'café', [ˈpe] s. 'pé', [ẽ'zɔl] s. 'anzol', [v'ɾɔs] s. 'arroz', [mu'dʒer] s. 'mulher', [rɐ'is] s. 'raiz', [ɐl'kas] s. 'nome de um arbusto', [rɐbu'lis] s. 'rebuliço', [si'kur] adj. 'escuro', [di'ner] s. 'dinheiro', [ɐni'mɛl] s. 'animal', [vɐ'lãp] s. 'relâmpago', etc.

Acentuação grave ou paroxítônica - quando o acento recai na penúltima sílaba:

[vɛgrikul'turɐ] s. 'agricultura', [pru'blɛmɐ] s. 'problema', [ˈbakɐ] s. 'vacca', [ˈtʃubɐ] s. 'chuva', [ˈultim] adj. 'último', etc.

Acentuação esdrúxula ou proparoxítônica - quando o acento recai na antepenúltima sílaba:

[ˈlãmpɐdɐ] s. 'lâmpada', [iˈforˈmatikɐ] s. 'informática', etc.

No caso dos nomes e adjetivos, se no santiaguense já é sabido que o padrão acentual grave é o mais frequente, rapidamente pode-se constatar que no maiense não se passa o mesmo. A queda das vogais átonas finais anterior e posterior do português torna nesta variedade agudas palavras que em Santiago são graves.

2.4.2 Acentuação verbal

A acentuação verbal é mais um ponto onde esta variedade difere do santiaguense. Nomeadamente nas formas de base sem desinência, onde a acentuação é invariavelmente oxítônica. Os verbos são todos acentuados na última sílaba a contar do fim:

[bɛn'de] v. 'vender', [fu'λɐ] v. 'atirar/deitar fora/desperdiçar', [kõse'gi] v. 'conseguir', [dʒo'be] v. 'procurar, olhar', [trɐ'ze] v. 'trazer', etc.

2.4.3 Estatística comparada dos padrões de acentuação nas variedades do Maio e de Santiago

Para ilustrar o fosso que separa o crioulo do Maio do da vizinha ilha de Santiago, apresentamos a seguir uma estatística comparada dos padrões acentuais das duas variedades. Para tal, servimo-nos do texto oral em maiense que apresentaremos no final deste capítulo em transcrição *ALUPEC* e *AFI*. Extraímos desse texto as palavras de conteúdo lexical (substantivos, adjetivos, verbos e advérbios), opondo-lhes as palavras etimologicamente idênticas do santiaguense, indicando o padrão acentual de cada uma (ag. = agudo, oxítono, gv. = grave, paroxítono). Confira:

- M ['vide] gv. - S ['vide] gv. s. 'vida'
 M [piske'dor] ag. - S [piske'dor] ag. s. 'pescador'
 M ['bɛ] ag. - S ['bɛ] ag. v. 'ir'
 M ['mar] ag. - S ['mar] ag. s. 'mar'
 M [trɛ'badʒ] ag. - S [trɛ'badʒu] gv. s. 'trabalho'
 M ['tẽ] ag. - S ['tẽ] ag. v. 'tem'
 M ['mej] ag. - S ['meju] gv. adj. 'meio'
 M [vi've] ag. - S ['vivi] gv. v. 'viver'
 M [mi'lagr] ag. - S [mi'lagri] gv. s. 'milagre'
 M ['djowz] ag. - S ['djɔs] ag. s. 'deus'
 M [kõmpere'sẽ] ag. - S ['kõmpere'sõ] ag. s. 'comparação'
 M [me'rid] ag. - S [me'ridu] gv. s. 'marido'
 M ['dʒɛnt] ag. - S ['gɛntis] gv. s. 'gentes'
 M [kũm'pre] ag. - S ['kũmpre] gv. v. 'comprar'
 M ['pef] ag. - S ['pefi] gv. s. 'peixe'
 M [sɛ'i] ag. - S ['sɛj] ag. v. 'sair'

- M ['vilɐ] gv. - S ['vilɐ] gv. s. 'vila'
- M ['prajɐ] gv. - S ['prajɐ] gv. s. 'praia'
- M [fi'kɐ] ag. - S ['fike] gv. v. 'ficar'
- M ['tud] ag. - S ['tudu] gv. pron. indef. 'tudo'
- M [impɐ'tad] ag.- S [impɐ'tadu] gv. adj. 'empatado'
- M ['bɛndɐ] gv. - S ['bɛndɐ] gv. s. 'venda'
- M [di'ɲɐr] ag. - S [di'ɲeru] gv. s. 'dinheiro'
- M [ɛntigɐ'mɛnt] ag. - S [ɛntigɐ'mɛnti] gv. adv. 'antigamente'
- M ['ɛrɐ] gv. - S ['ɛrɐ] gv. v. 'era'
- M ['saβ] ag. - S ['sabi] gv. adj. 'bom'
- M ['kuzɐ] gv. - S ['kuzɐ] gv. s. 'coisa'
- M [bɐ'rat] ag. - S [bɐ'ratu] gv. adj. 'barato'
- M ['bõ] ag. - S ['bõ] ag. adj. 'bom'
- M ['karn] ag.- S [kar'ni] gv. s. 'carne'
- M ['kɛʒ] ag. - S ['kɛʒu] gv. s. 'queijo'
- M [po'dɛ] ag. - S ['podi] gv. v. 'poder'
- M [ku'mɛ] ag. - S ['kumi] gv. v. 'comer'
- M [su'bi] ag. - S ['subi] gv. v. 'subir'
- M ['flɐ] ag. - S ['flɐ] ag. v. 'dizer'
- M [fi'kɐ] ag. - S ['fike] gv. v. 'ficar'
- M ['pok] ag. - S ['poku] gv. quant. 'pouco'
- M ['tʃɛw] ag.- S ['tʃɛw] ag. quant. 'muito'
- M [mo'rɐ] ag. - S ['more] gv. v. 'morar'
- M [situe'sãw] ag. - S [situe'sõ] ag. s. 'situação'
- M ['kazɐ] gv. - S ['kazɐ] gv. s. 'casa'
- M [kõndi'sõĩ] ag. - S [kõndi'sõĩ], [kõndi'sõs] ag. s. 'condições'

Maio

- M [ʃɪn'ti] ag. - S ['ʃɪnti] gv. v. 'sentir'
M ['fɔrsɐ] gv. - S ['fɔrsɐ] gv. s. 'força'
M ['fe] ag. - S ['fe] ag. s. 'fé'
M [mo're] ag. - S ['mɔri] gv. v. 'morrer'
M [po'de] ag. - S ['podi] gv. v. 'poder'
M [purtu'gɐl] ag. - S [purtu'gɐl] ag. s. 'Portugal'
M [lɛm'brɐ] ag. - S ['lɛmbɐ] gv. v. 'lembrar'
M [rizi'dɛsjɐ] gv. - S [rezi'dɛsjɐ] gv. s. 'residência'
M [ɛ'tʃɐ] ag. - S ['atʃɐ] gv. v. 'achar'
M [ʃɪn'dɛ] ag. - S ['ʃɪndɛ] gv. v. 'terminar'
M ['mort] ag. - S ['mɔrti] gv. s. 'morte'
M ['tɪɲɐ] gv. - S ['tɪɲɐ] gv. v. 'tinha'
M ['dos] ag. - S ['dos] ag. num. 'dois'
M ['fidʒ] ag. - S ['fidʒu] gv. s. 'filho'
M [kɛ'zɐ] ag. - S ['kazɐ] gv. v. 'casar'
M [pɛ'ri] ag. - S ['pɛri] gv. v. 'parir'
M [di'fisil] gv. - S [di'fisil] gv. adj. 'difícil'
M [ne'gɐ] ag. - S ['negɐ] gv. v. 'negar'
M ['bãndɐ] gv. - S ['bãndɐ] gv. s. 'lado (nenhum banda, em lado nenhum)'
M ['kwaʒ] ag. - S ['kwazi] gv. quant. 'quase'
M ['tɛmp] ag. - S ['tɛmpu] gv. s. 'tempo'
M [ɛ̃n'tig] ag. - S [ɛ̃n'tigu] gv. adj. 'antigo'
M ['lãptʃɐ] gv. - S ['lãptʃɐ] gv. s. 'lança'
M [bɛ̃n'de] ag. - S ['bɛ̃ndi] gv. v. 'vender'
M [mi'dʒɔr] ag. - S [mi'dʒɔr] ag. adj. 'melhor'
M [te'ne] ag. - S ['teni] gv. v. 'ter'

- M ['pe] ag. - S ['pɛ] ag. s. 'pé'
M ['tʃõ] ag. - S ['tʃõ] ag. s. 'chão'
M ['ɔrɛ] gv. - S ['ɔrɛ] gv. s. 'hora'
M [kɛ'min] ag. - S [kɛ'miɲu] gv. s. 'caminho'
M [o'dʒɛ] ag. - S ['odʒɛ] gv. v. 'ver'
M [fɛ'milɛ] gv. - S [fɛ'milɛ] gv. s. 'família'
M ['mɛj] ag. - S ['mɛj] ag. s. 'mãe'
M ['pɛj] ag. - S ['pɛj] ag. s. 'pai'
M [ɛr'mũ] ag. - S [ɛr'mũ] ag. s. 'irmão'
M ['kár] ag. - S ['karu] gv. s. 'carro'
M ['djɛ] ag. - S ['djɛ] ag. s. 'dia'
M [pɛ'gɛ] ag. - S ['pagɛ] gv. v. 'pagar'
M [dizlo'kɛ] ag. - S [diz'loke] gv. v. 'deslocar'
M ['nadɛ] gv. - S ['nadɛ] gv. quant. 'nada'
M [pɛsɛ'zɛr] ag. - S [pɛsɛ'zɛru] gv. s. 'passageiro'
M ['kwat] ag. - S ['kwatu] gv. num. 'quatro'
M [bus'kɛ] ag. - S ['buske] gv. v. 'buscar'
M ['kɛw] ag. - S ['kaw] ag. s. 'lugar'
M ['mɛw] ag. - S ['maw] ag. adj. 'mau'

Trata-se apenas de um texto ilustrativo mas, considerando a sistematicidade da queda das vogais átonas finais anterior e posterior do português e a acentuação oxítona dos verbos no maiense, rapidamente se pode inferir que o padrão agudo deve ser o mais frequente no maiense. A contagem confirma as nossas expectativas: das 87 palavras listadas, no maiense 71 são agudas (ag.) contra 16 graves (gv.), enquanto no santiaguense a proporção é de 63 graves por 24 agudas.

2.4.4 Observação a respeito da história

Apesar do nosso trabalho ser de índole descritivo e contrastivo, permitimo-nos aqui uma digressão que nos leva ao campo da história do crioulo caboverdiano. É curioso observar que nem o crioulo do Maio, sendo o mais próximo do santiaguense, se comporta como ele no que toca à acentuação verbal.

O santiaguense é a única variedade do crioulo de Cabo Verde a apresentar acentuação verbal paroxítona. Alguns autores têm justificado a acentuação verbal oxítona do crioulo do Maio com a proximidade da ilha da Boavista, ilha do grupo Barlavento, onde todas as variedades apresentam este traço.

De qualquer forma, esta hipótese deixaria por explicar o mesmo comportamento dos crioulos do Fogo e em parte também da Brava. Assim parece-nos que este facto aponta mais para uma evolução isolada do santiaguense, que poderá ter tido nalgum período da sua evolução uma acentuação verbal oxítona (cf. Lang 2014: 2.2).

Este traço da acentuação verbal é extensível a outras classes de palavras com uma natureza mais verbal, como é o caso dos advérbios.

Assim no crioulo do Maio o advérbio de tempo [go'sĩ] 'agora' é acentuado na última sílaba diferenciando-se da mesma palavra, que em crioulo de Santiago é paroxítona, [gosi].¹⁴

Este exemplo pode ser um indício de que a presença deste tipo de acentuação nada tem a ver com influências das ilhas do Barlavento, já que a palavra é a mesma do santiaguense. Só difere a acentuação. Um comportamento aliás verificado também no crioulo da ilha Brava.

¹⁴ Em Barlavento este advérbio é idêntico ao do português moderno: /e'gɔrɐ/.

Os verbos de origem africana presentes nas duas variedades e que têm acentuação paroxítona em santiaguense aparecem no crioulo do Maio também como oxítonos. Pode-se pôr a hipótese de ter ocorrido uma assimilação acentual com os restantes verbos, mas, mais uma vez, pode-se levantar a hipótese de tais palavras já terem sido também oxítonas no santiaguense.

Exemplos:

M [bôm'bu] v. 'transportar a criança ás costas com recurso a um pano' / S ['bõmbu]

M [dzõŋ'go] v. 'dormitar' / S ['dzõŋgu]

M [dzõŋgo'to] v. 'pôr-se de cócoras' / S [dzõŋ'gotu]

M [korko'ti] v. 'raspar' 'revolver' / S [kor'koti]

M [ku'tʃi] v. 'ato de separar o farelo do milho no pilão' / S ['kotʃi]

M [mõn'do] v. 'dobrar-se' / S ['mõndu]

M [mu'pi] v. 'amolgar' / S ['mopi]

M [ɲe'me] v. 'triturar com os dentes, mastigar' / S ['ɲemi]

M [ruku'ti] v. 'beliscar' / S [ru'kuti]

M [tẽn'te] v. 'ato de tirar o farelo do milho com um utensílio próprio' / S ['tënti]

2.5 Texto I

Para encerrar este capítulo consagrado à fonética e fonologia da variedade maiense do crioulo caboverdiano, apresentamos a seguir a narração de uma informante adulta da localidade de Praia Gonçalo que nos contou a sua vida. Damos o texto primeiro numa transcrição em *ALUPEC (Alfabeto Unificado Para a Escrita do Caboverdiano)*, por considerá-la de leitura fácil. Depois segue uma transcrição em *AFI (Alfabeto Fonético Internacional)*.

2.5.1 Transcrição no *Alfabeto Unificado Para a Escrita do Caboverdiano (ALUPEC)*

Vida di li i óku piskador ba már. Nu ka ten nun trabádj, nu ka ten nun mei di vivê. Nu ta vivê na milágr diouz. Ti na már, konparasan, mi nha marid ta ba már, ma djent ka ta kunprâ pex, pamô trabádj ka ten.

S'u ka saí ku'ál pa vila o pa Práia, bu ta fikâ ku'ál ali tud inpatád pamô ka ten bénda. Dinher ka ten. Antigament iára más sáb, pamô tud kuza iára barát.

Ta kumeba un bon pex, un bon kárn, un bon kej. Má gosin ka ten dinher, nen s'u kre bu ka podê kumê. Mo tud kuza subí.

Ná, i kel mé, mo ka ten nun djent, ami N ta fla fikâ más pók, mo txeu algen fikâ ta saí ta bai pa más pa vila, ta morâ na vila.

Kada un ta siâ ses situasãu di vida. Ná, ami kel un káza li ku N ten, N ka trabadjâ-l inda en kondisõis, pamô inda N ka xintí forsa. Ma N ten fe, pamod dja ku ta tra-m di li, dja i óku N morê.

Sin, N podê saí N ba un Práia, N ba un Purtugal, d'un ku ta da, ma N ta lenbrâ mo nha káza i li. Nha rizidénsia, N ta atxâ m'e li ku N ta findâ.

Ta findâ nha rizidénsia li, ku diouz. Dja ku ta tra-m di li, N ta fla m'e mort.

Sin, N tinha dos fidj, N ka tinha marid. N atxâ nha marid, dispôs N kazâ ku nha marid N ben parí dos fidj. N tinha dos fidj ka ea di nha marid... vida difísil... N atxâ nha marid... N ka negâ.

Na Kaskabudj dja ten djent más txeu, la bu podê ta atxâ un trabádj. Má simé gosí trabádj ka ten. Pa nun bándá. Kaskabudj tanbê már gosin, piskador kuáj ka ten.

Éa kes piskador di tenp antig. Gosí i un lántxa ku ten la. I már e kel mé, simé N fla nha. I kumâ li mé, ta bá már, s'u ka saí ku'ál bu ka ta bendê. Mo simé Kaskabudjinda ta bendê pex midjor ku

li. Si N tenê dinher, N ta ba na kár. Si N ka tenê, N ta ba pe na txon, pamô i un óra di kamin. Dja N ta kre ba odja nha familia, N ten nha mai, N ten nha pai, N ten nha armun tu la. N t'á djobê-s.

Kár gosin dja kuáj ta ben di tres en tres dia, pamô dinher ka ten pa pagâ.

Dja pa dislokâ pa ba vila pa náda, dja es ta xa ti k'es ta atxâ un pasajer, un trez o un kuát, pa bai pa ba oiâ si ta buskâ vida. Má kau sta mau nha, kau sta difísil.

2.5.2 Transcrição no *Alfabeto Fonético Internacional (AFI)*

Observação: Para facilitar a leitura da nossa transcrição fonética, deixamos um espaço entre as palavras. Mas como, ao contrário dos traços verticais simples ou dobrados que indicam pausas possíveis ou efetivas, os espaços não correspondem a pausas, a transcrição respeita os fenômenos de assimilação do fim de uma palavra ao início da palavra precedente. Transcrevemos portanto [kel 'ũŋ 'kazɐ] e não [kel 'ũ 'kazɐ] etc.

['vidɐ di 'li j 'ku piske'dor 'bɐ 'mar ||
nu kɐ 'tẽ 'nũn trɐ'baʒ |
nu kɐ 'tẽ 'nũ 'mej di vi've |
nu tɐ vi've nɐ mi'lagr 'djowz |
'ti nɐ 'mar | kɔmpɐrɐ'sɛŋ | 'mi jɐ mɐ'rid tɐ 'bɐ 'mar |
ma 'dzɛnt kɐ tɐ kũm'prɐ 'pɛf |
pa'mo trɐ'badʒ kɐ 'tɛŋ ||
s u kɐ sɛ'i 'kwɛl pɐ 'vilɐ o pɐ 'prajɐ |
bu tɐ fi'kɛ 'kwɛl ɐ'li 'tud impɛ'tad |
pɛ'mo kɐ 'tɛm 'bɛndɐ ||
di'jɛr kɐ 'tɛŋ ||
ɛntigɛ'mɛnt 'jarɐ 'mas 'saβ |
pɛ'mo 'tud 'kuzɐ 'jarɐ bɛ'rat ||

tɛ ku'meβɛ w̃m 'bõm 'pef | ùm 'bõŋ 'karn | ùm 'bõŋ 'kez ||
 'ma go'sĩŋ ke 'tẽn di'per |
 'nẽ s u 'kre bu kɛ po'de ku'me ||
 'mo 'tud 'kuzɛ su'bi ||
 'na | i kel 'me | 'mo kɛ 'tẽ 'nũŋ 'dzẽnt |
 ɛ'mi n tɛ 'flɛ | fi'kɛ 'mas 'pɔk |
 'mo 'tʃew ɛl'gẽ fi'kɛ tɛ sɛ'i tɛ 'bɛi pɛ 'mas |
 pɛ 'vilɛ tɛ mo'rɛ nɛ 'vilɛ ||
 kɛdɛ 'ũn tɛ si'ɛ ses sitwɛ'sãw di 'vide ||
 'na ɛ'mi kel 'ũŋ 'kazɛ 'li kũ 'n tẽŋ |
 ŋ kɛ trɛbɛ'dzɛ l 'indɛ ɛŋ kõndi'sõjʃ |
 pa'mo 'indɛ ŋ kɛ ʃĩn'ti 'forsɛ ||
 'ma 'n tẽ 'fe | pɛ'mod 'dzɛ ku tɛ 'trɛ n di 'li 'dzɛ |
 'j ɔkũ m mo're ||
 'sĩ m po'de sɛ'i | 'm ba ùm 'praɛ |
 'm ba ùm purtu'gal | 'd ùŋ ku tɛ 'dɛ |
 'ma n tɛ lɛm'brɛ 'mo ɲɛ 'kazɛ j 'li ||
 ɲɛ rizi'dɛsjɛ | n tɛ ɛ'tʃɛ m e 'li kũ n tɛ ʃĩn'dɛ ||
 tɛ ʃĩn'dɛ 'ɲɛ rizi'dɛsjɛ 'li ku 'djowz ||
 'dʒɛ ku tɛ trɛ n di 'li | n tɛ 'flɛ m e 'mort ||
 'sĩŋ | 'n tiɲɛ 'dos 'fidz | ŋ kɛ 'tiɲɛ mɛ'rid ||
 n ɛ'tʃɛ ɲɛ mɛ'rid | dis'pos ŋ kɛ'zɛ ku ɲɛ mɛ'rid |
 'm bɛm pɛ'ri 'dos 'fidz ||
 'n tiɲɛ 'dos 'fidz kɛ 'ɛɛ di ɲɛ mɛ'rid | 'bidɛ di'fisil |
 n ɛ'tʃɛ ɲɛ mɛ'rid | 'n kɛ nɛ'gɛ||
 nɛ kɛskɛ'budz 'dʒɛ 'tɛŋ 'dzẽnt 'mas 'tʃew |
 'lɛ bu po'de tɛ ɛ'tʃɛ ùn trɛ'badz ||
 'ma si'mɛ | go'si trɛ'badz kɛ 'tẽŋ | pɛ 'nũm 'bãndɛ ||
 kɛskɛ'budz tɛm'be 'mar go'sĩŋ |
 piskɛ'dor 'kwaf kɛ 'tẽŋ ||
 'ɛɛ kes piskɛ'dor di 'tẽmp ɛn'tig ||
 go'si 'j ù 'lãntʃɛ ku 'tẽn 'lɛ ||
 i 'mar e kel 'mɛ | si'mɛ 'ŋ flɛ 'ɲɛ ||
 i ku'mɛ 'li 'mɛ | tɛ 'ba 'mar |
 s u kɛ sɛ'i 'kwɛl | bu kɛ tɛ bɛn'dɛ||

'mo si'me | kəske'budz 'inde tɛ bɛn'de 'pef mi'dzor ku 'li ||
'sĩ n te'ne di'ner | n tɛ 'ba nɛ 'kar ||
'sĩ ŋ kɛ te'ne | n tɛ 'ba 'pe nɛ 'tʃõŋ |
pɛ'mo j ũ 'ɔrɛ di kɛ'mĩŋ ||
'dje n tɛ 'kre 'ba o'dzɛ nɛ fɛ'milɛ |
'n tɛ nɛ 'mɛj | 'n tɛ nɛ 'pɛj | 'n tɛ nɛ r'mũn 'tu 'lɛ ||
'n tɛ dzo'bes ||
'kar go'sĩŋ | 'dje 'kwaf tɛ 'bɛn di 'trez ɛn 'trez 'dje ||
pɛ'mo di'ner kɛ 'tɛm pɛ pɛ'gɛ ||
'dzɛ pɛ dizlo'kɛ pɛ 'ba 'vilɛ pɛ 'nadɛ |
'dzɛ es tɛ 'fɛ ti k es tɛ v'tʃɛ w̃m pɛsɛ'zɛr |
ũn 'trez o ũŋ 'kwat |
pɛ 'bɛj pɛ 'bɛ o'zɛ si tɛ bus'kɛ 'vidɛ ||
'ma 'kɛw 'stɛ 'mɛw 'nɛ | 'kɛw 'stɛ di'fisil ||]

3. Morfologia

A morfologia do crioulo do Maio apresenta, de forma geral, as mesmas características do crioulo de Santiago. É uma língua pobre em flexão e concordância, tanto no campo nominal como no verbal.

3.1 Morfologia dos substantivos

3.1.1 Indicação da pluralidade

Para expressar pluralidade estão disponíveis dois recursos; 1. a desinência *-s* herdada do português, que se realiza em *-s* ou *-is* conforme as palavras terminem em vogal ou consoante (cf. M sg. *skóla* 'escola' – pl. *skólas*, sg. *kása* 'casa' – pl. *kásas*, sg. *mudjer* 'mulher' – pl. *mudjeris*), 2. marcadores, tais como pronomes indefinidos, demonstrativos e numerais (forma mais frequente). Estas duas formas de expressar pluralidade podem ser usadas de forma combinada ou isolada.

Exemplos:

M Kásaş di Mai i di tedja. 'As casas no Maio são de telha.'

M Txeu kása na Mai i di tedja. 'Muitas casas no Maio são de telha.'

M Kes kása la fund i di tedja. 'Aquelas casas ao fundo são de telha.'

M Ten tres kása di teja la fund. 'Existem três casas de telha ao fundo.'

3.1.2 Indicação do sexo

Não há género, no crioulo do Maio. Cf.

M Kes kása la fund é bonit. 'Aquelas casas ao fundo são bonitas.'

M Kel kár li i bonit. 'Este carro é bonito.'

Mas há distinção de sexo para seres animados. E neste caso, assim como no santiaguense, esta marcação acontece de três formas diferentes.

1. O sexo está associado à própria palavra, que tem duas formas, uma para o masculino e outra para o feminino:

M boi/báka s. 'boi/vaca'

M om/mudjer s. 'homem/mulher'

2. O sexo indica-se pelos marcadores *mátx/fémia*:

M Nha fidj mátx ten sink án. 'O meu filho tem cinco anos.'

M Nha fidj fémia i más grand. 'A minha filha é mais velha.'

3. O sexo indica-se por sufixos cujos antecessores portugueses apresentam variação em género. Cf. os sufixos M *-or/-ora*, *-dor/-dera*, para o sexo masculino e feminino, respetivamente, com os pares P *-(d)or/-(d)ora* e *-(d)eiro/-(d)eira*, mas não P **-(d)or/-(d)eira*:

M prusor s.m. / prusora s.f. 'professor(a)'

M kontador s.m. / kontadera s.f. 'narrador(a)'

3.2 Morfologia dos adjetivos

3.2.1 Concordância de sexo

No campo dos adjetivos, só há concordância quando se trata de seres animados, mais concretamente humanos. Apesar de alguns adjetivos primitivos disporem de formas diferentes para o masculino e para o feminino (cf. *M pret/preta, fei/feia, bonit/bonita*), o falante só recorre a tais distinções para substantivos que designam seres humanos. Cf.

M minina bonita 'menina bonita' / kása bonit 'kasa bonita'

Para os seres animados recorre-se também às formas derivadas terminadas nos sufixos *-dor/-dera*, para o sexo masculino e feminino, respetivamente. Cf.

M Ál i papiador. 'Ele é falador.'

M Ál i papiadera. 'Ela é faladora.'

3.2.2 Concordância de número

A concordância em número não existe:

M un mudjer feia 'uma mulher feia'

M dos mudjer feia 'duas mulheres feias'

M *dos mudjer feias

3.2.3 Comparação

Os adjetivos variam em grau. Esta variação não é marcada por desinências mas sim com recurso às conjunções comparativas *sima*, *móda* e *kumâ* para o comparativo de igualdade e ao advérbio de quantidade *más* seguido do elemento *ku* para o grau comparativo de superioridade.

3.2.3.1 Comparativo de igualdade

M Nha kása i grand sima di bo. 'A minha casa é tão grande quanto a tua.'

M Nha kása i grand móda di bo. 'A minha casa é tão grande quanto a tua.'

M Nha kása i grand kumâ di bo. 'A minha casa é tão grande quanto a tua.'

3.2.3.2 Comparativo de superioridade

M Kása di Djon i más grand ku di Manel. 'A casa do João é maior do que a do Manuel.'

3.2.3.3 Comparativo de inferioridade

Como em santiagoense, em vez de comparativos de inferioridade ('A casa do Manuel é menos grande que a do João') ou muda-se de perspetiva

M Kása di Djon i más grand ku di Manel. 'A casa do João é maior do que a do Manuel.'

ou usam-se os adjetivos antonímicos no comparativo de superioridade

M Kása Manel i más pikinin ku di Djon. 'A casa do Manuel é mais pequena do que a do João.'

ou recorre-se ao comparativo de igualdade com negação (tipo 'não tanto como')

M Kása Manel é ka grand kumâ di Djon. 'A casa do Manuel não é tão grande como a do João.'

3.2.3.4 Grau Superlativo

Quanto ao superlativo relativo, intervém mais uma vez o advérbio de quantidade *más*.

M Ke-li i bol más sáb k'es ta bende. 'Este é o bolo mais saboroso que eles vendem.'

A expressão *rai di* e o advérbio de quantidade *mut* servem de recurso para a formação do grau superlativo absoluto que na gramática latina chamava-se de 'elativo':

M Kel bol li i mut sáb. 'Este bolo é muito saboroso.'

M Kel bol li i rai d sáb. 'Este bolo é muito saboroso.'

3.2.3.5 Formas concorrentes

De realçar que os sucessores das formas *melhor*, *pior* e *maior* do português também são usadas nesta variedade.

M Midjor bu bai ánt not. 'É melhor ires antes que anoiteça.'

As formas *midjor*, *pior* e *maior* podem combinar-se com o advérbio de quantidade *más*, na formação do comparativo de superioridade. Assim aparecem as fórmulas *más midjor*, *más pior*, *más maior*.

M Ál toma kel ramed ál fika más midjor. '(Ele/Ela) tomou aquele remédio e ficou melhor.'

M Nha livr i más midjor ku di bo = Nha livr i más bon ku di bo.

As formas sintéticas também são usadas para a formação do grau superlativo relativo, concorrendo com as formas analíticas:

M Mi e midjor djugador di Barer = Mi e djugador más bon di Barer.

De realçar contudo que nas comparações quantitativas as formas analíticas são as mais usadas, enquanto as formas sintéticas são mais frequentes em comparações qualitativas. Assim se poderá dizer M *Ke li e maiór kása ku ten na vila se se tratar da apreciação qualitativa da beleza e imponência, mas *Ke li e kása más grand ku ten na vila para fazer uma apreciação em referência ao tamanho.**

Como em português, a forma sintética aparece no superlativo relativo em posição pré-nominal, ao contrário da forma analítica que aparece sempre em posição pós-nominal.

No superlativo elativo voltam a aparecer os adjetivos *bon*, *mau* e *grand* anteceditos das partículas *mut* ou *rai di*.

As formas sintéticas *ótimu*, 'ótimo', *pésimu* 'péssimo' e *máxi-mu* 'máximo' são, de acordo com a percepção de alguns falantes nativos, usadas mais na linguagem de jovens e adultos escolarizados, talvez por influência do português.

3.3 Formação de substantivos e adjetivos

As palavras complexas podem ser palavras derivadas por afixação (sufixos ou prefixos) ou palavras compostas.

3.3.1 Derivação

A grande maioria dos afixos do maiense é de origem portuguesa, com as adaptações fonológicas próprias desta variedade como por exemplo a queda da vogal final (cf. P *-ado* > M *-ád*), a perda de ditongos (cf. P *-eira* > M *-era*, P *-eiro* > M *-er*) e a perda do *-r* dos infinitivos (cf. P *-ecer* > M *-isê*).

3.3.1.1 Sufixos

sufixos portugueses	maiense	santiaguense	português
-ada	kutubeláda [kutube'ladɐ]	kutubeláda [kutube'ladɐ]	cotovelada
-ado	bokád [bo'kad]	bokádu [bo'kadu]	bocado
-agem	filmáj [fil'maʒ]	filmáji [fil'maʒi]	filmagem
-ão	porton [por'tõ]	porton [por'tõ]	portão
-ona	mudjerona [mudʒe'ronɐ]	mudjeróna [mudʒe'rɔnɐ]	mulherona
-eiro	kunpanher [kũmpɐ'ɲer]	kunpanheru [kũmpɐ'ɲeru]	companheiro

-eira	pexera [pe'fɛrɐ]	pexera [pe'fɛrɐ]	peixeira
-dor	piskador [piskɐ'dɔr]	piskador [piskɐ'dɔr]	pescador
-éza	bonitéza [boni'tɛzɐ]	bonitéza [boni'tɛzɐ]	boniteza
-do	pizád [pi'zad]	pisádu/pizádu [pi'sadu],[pi'zadu]	pesado
-ura	tontura [tôn'turɐ]	tontura [tôn'turɐ]	tontura
-mento	kasament [kesɐ'mênt]	kasamentu [kesɐ'mêntu]	casamento
-ção	kriasan [kriɐ'sɛ]	kriason [kriɐ'sõ]	criação

Sufixos nominais do maiense

Apesar de tanto os sufixos como as palavras serem de origem portuguesa, a existência de derivados inexistentes em português prova que estes sufixos estão vivos na variedade do Maio. Os sufixos conservam as mesmas propriedades de seleção herdadas do português, mas selecionam palavras diferentes.

Assim o sufixo *-ura* por exemplo, que forma substantivos a partir de adjetivos (cf. P *tonto* → *tontura*), deu origem a novas palavras no maiense. Exemplos: M *sáb* 'bom, saboroso' → *sabura* 'alegria', *kent* 'quente' → *kentura* 'calor', *jat* 'maluco' → *jatura* 'maluquices/desparates'.

A palavra M *nosentéza* s. 'inocência, ingenuidade' resultou do adjetivo M *nosent* 'inocente' e de um sufixo que, em português, também se junta a adjetivos, embora nesta língua o substantivo que corresponde ao adjetivo *inocente* seja P *inocência* e não **inocenteza*.

Estes mesmos sufixos juntam-se também a palavras de origem africana para formar novas palavras. Assim surgem estes adjetivos relativos a verbos de origem africana:

M bonbú 'levar às costas' → M bonbud 'transportado às costas'

M djongotô 'pôr-se de cócoras' → M djongotod 'acocorado'

M kutxí 'ato de separar o milho do farelo num pilão' → M kutxid (diz-se do milho que já foi separado do farelo)

M gengê 'inclinar' → M genged 'inclinado'

M mundô 'enroscar-se' → M mondod 'enroscado'

M lanbú 'embrulhar-se' → M lanbud 'embrulhado'

3.3.1.1.1 Sufixos aumentativos

Como sufixos aumentativos aparecem *-on* e *-ona*, para enfatização. Cf. M *kabesona* 'cabeça grande', *kazona* 'casa grande'.

M Kel rapazin la ten odjon. 'Este rapazinho tem os olhos grandes'.

M Kel rapazin la ten odjona. 'Este rapazinho tem os olhos grandes.'

De realçar no entanto alguma tendência atual de estabelecer uma concordância de sexo com os sufixos M *-on* e *-ona*: *-on* para nomes que designam seres masculinos e *-ona* para nomes que designam seres femininos, especialmente quando se trata de sujeitos humanos. Pode-se tratar de uma mudança em curso, mas ainda não suficiente para que se considere sistemática nesta variedade.

3.3.1.1.2 Sufixos diminutivos

Como sufixos diminutivos aparecem ou *-in* ou *-inha*. A forma que corresponde ao sufixo *-inhu* do santiaguense é nesta variedade *-in* [ĩn] devido ao fenómeno da queda da vogal átona posterior em posição final, no maiense. Cf.

M morin s. – S morinhu s. – P morinho s.

M rapazin s. – S rapazinhu s. – P rapazinho s.

M bokadin s. – S bokadinhu s. – P bocadinho s.

3.3.1.2 Prefixos

Apesar de existirem muitos sufixos, não se pode dizer o mesmo dos prefixos. O prefixo mais comum do maiense é o prefixo de negação *dis-*. Mas seve sobretudo para derivar verbos de verbos. Cf. M *ligâ* 'ligar' → *disligâ* 'desligar', *kontxê* 'conhecer' → *diskontxê* 'deixar de conhecer/não reconhecer (esquecer-se de um lugar ou de alguém)' etc.

3.3.2 Composição

A composição é descrita como o fenómeno de formação de palavras através da combinação de palavras com outras palavras ou radicais. No maiense, contudo, os exemplos mostram que apenas palavras completas intervêm neste processo. As palavras compostas que apresentam radicais na sua estrutura são claramente empréstimos do português. Cf. M *minimerkád* 'minimercado'. São também empréstimos diretos do português vários outros compostos como M *guárda-xuva* 'guarda-chuva', *kop d'ág* 'copo-d'água' (parte da festa onde se servem as entradas) etc.

Contudo existem nesta variedade compostos que provam ser este também um processo usado na formação de palavras nesta variedade, apesar da fraca produtividade. Aliás, a classificação como 'compostos' é problemática. Na realidade, trata-se na maior parte dos casos de sintagmas que adquiriram um significado fixo e não de palavras: *un pet fixád*, por exemplo, não é um peito fechado desta ou de outra forma. O sintagma M *pet fixád* refere-se a uma doença, a asma, que consiste em ter o peito 'fechado' de um modo muito particular. Outros exemplos maienses:

djunta mo s. 'interajuda', *kumida pork* s. 'comida de porco', *saia gaita* s. 'saia de pregas', *pex kabésa* s. nome de um peixe grande, *djent gránd* s. 'idosos', *bóka rubera* 'bóca de ribeira', *bóka port* 'beira de porto', *bóka stang* 'estômago', *remedi téra* 'remédio caseiro'

3.4 Pronomes

3.4.1 Pronomes pessoais

pessoas gramaticais	formas clíticas (átonas)		formas não clíticas (tónicas)	
	clítico sujeito	clítico objeto	pronome forte	pronome fraco
1ª sg.	N	-m	ami	mi
2ª sg.	bu	-u/-bu	abo	bo
2ª sg. 'formal, masc.'	nhu		anho	nho
2ª sg. 'formal, fem.'	nha		anha	nha
3ª sg.	e/ál	-l	ael	ál
1ª pl.	nu	-nu	anos	nos
2ª pl.	nhos		anhos	nhos
3ª pl.	ás	-s	aes/ás	ás

Os pronomes pessoais do maiense

O quadro dos pronomes pessoais do maiense é semelhante ao do santiaguense embora com algumas variações. Para classificá-los optamos por usar a nomenclatura apresentada por Emanuel de Pina 2006 para classificar os pronomes pessoais do santiaguense, suprimindo porém a coluna dos pronomes oblíquos, uma vez que não encontramos fundamento para distinguirmos entre pronomes pessoais fracos e oblíquos. Optamos por indicar as diferentes posições onde podem aparecer os pronomes fracos.

No maiense, os pronomes pessoais variam em número mas apenas as formas de tratamento cortês da segunda pessoa do singular, *nho/nha* 'o senhor/a senhora' apresentam variação em relação ao sexo da pessoa designada.

As formas dos pronomes pessoais do maiense dividem-se pois em:

- Formas tónicas fortes (com autonomia de ocorrência): M *ami, abo, anho/anha, ael, anos, anhos, ás* (var. *aes*). 'Eu, tu, você (m./f.), ele ~ ela, nós, vós, eles ~ elas'.

- Formas tónicas fracas (com as mesmas propriedades das formas fortes mas uma estrutura reduzida): M *mi, bo, nho/nha, ál, nos, nhos, ás* 'Eu, tu, você (m./f.), ele ~ ela, nós, vós, eles ~ elas'.

- Formas átonas, clíticas (formas sem autonomia que ocorrem em posição adjacente ao verbo). Formas proclíticas, normalmente em função de sujeito: M *N, bu, nhu/nha, ál* (var. *e*), *nu, nhos, ás*. Formas enclíticas, normalmente em função de objeto: *-m, -bu* (var. *-u*), *-l, -nu, -s*.

No maiense, assim como em santiaguense, não há pronomes pessoais clíticos de objeto da segunda pessoa do singular para o tratamento cortês, nem da segunda pessoa do plural. Para estas pessoas recorre-se, para a função de objeto, aos pronomes fracos correspondentes.

Chamamos ainda a atenção para a morfologia dos pronomes pessoais de terceira pessoa do singular e do plural (pronomes fracos e clíticos de sujeito). Nesta variedade pronunciam-se M *ál* ['al], [al] e *ás* ['as], [as], ao contrário do que acontece em santiaguense cujas formas correspondentes são S *el* ['el], *e(l)* [e(l)] e *es* ['es], [es]. Cf. para as formas clíticas de sujeito: S *E kunpra pexi* - M *Ál kunprâ pex* '(Ele/Ela) comprou peixe', S *Es kunpra pexi* - M *Ás kunprâ pex* '(Eles/Elas) compraram peixe'. No maiense, as formas *el* e *e* aparecem, mas com muito menos frequência e talvez

por influência da vizinha ilha de Santiago. A forma clítica de sujeito normal M *ál* conserva o *-l* como os pronomes correspondentes dos crioulos do Fogo e da Brava. Mais uma vez o santiagoense aparece isolado como a única variedade de Sotavento onde a forma sem *-l* é mais frequente do que a forma com *-l* final. Temos *el* nos crioulos de Fogo e Brava e *ál* no do Maio.

Na terceira pessoa do plural M *ás* e *aes* coexistem como formas fortes, mas o uso de *ás* é mais frequente.

M Ás *ás* ten más tenpu d studâ. = Aes *ás* ten más tenpu d studâ. 'Eles têm mais tempo para estudar.'

As formas átonas podem ocorrer sozinhos em posição de sujeito (formas proclíticas) ou de objeto (formas enclíticas):

M N ten dos fidj na Morin. 'Tenho duas filhas no Morrinho.'

M Ál da-m dos fidj. 'Deu-me dois filhos.'

As formas tónicas surgem

- em contexto de redobro pronominal (forma tónica forte ou fraca + forma átona):

M Ami N ten dos fidj na Morin. 'Eu tenho duas filhas no Morrinho.'

M Mi N ka sabeba le. 'Eu não sabia ler.'

M Ael ál ta trabadjába ál ta guardába. 'Ele trabalhava e guardava [o dinheiro].'

- nas frases com o verbo cópula, em função de sujeito (forma tónica forte ou fraca):

M Ami/Mi i fidj Tony. 'Sou filho de Tony.'

M Ami/Mi i di Mai. 'Sou do Maio.'

- após preposição (forma fraca):

M Ál ka ten rispet pa mi. 'Não tem respeito por mim.'

M Ál tenê med di bo. 'Ele está com medo de ti.'

Sublinhemos, para terminar, que as formas fortes dos pronomes pessoais não podem funcionar como regime de uma preposição, nem sem redobro por um pronome proclítico como sujeito, a não ser que segue o verbo cópula.

M *Ke-li i pa ami.

M *Ami ten dos fidj na Morin.

3.4.2 Pronomes possessivos

Os pronomes possessivos do maiense (cf. o nosso quadro) flexionam em número (singular/ plural) e em pessoa (primeira, segunda, terceira), mas não flexionam em relação ao sexo. Exceção feita à forma substantiva da segunda pessoa do singular formal, onde aparecem as formas *di nho*, *di nha* para o sexo masculino e feminino respetivamente.

Assim como em muitas línguas que apresentam as duas formas, inclusive o santiaguense, as formas adjetivas aparecem sempre antes do nome:

M Nha marid ta sta na Olánda. 'O meu marido está na Holanda.'

M Se mai ba Práia. 'A sua mãe foi à Praia (cidade).'

As formas substantivas por sua vez aparecem sempre depois do nome ou sem nome:

M Minis di meu tud ten kuárta klás. 'Os meus filhos têm todos a quarta classe.'

M Di meu tud ten kuárta klás. 'Os meus têm todos a quarta classe.'

De realçar que para a segunda pessoa do singular não existe forma adjetiva para o tratamento cortês. Assim para se dizer 'a mãe da senhora/ a sua mãe' a única fórmula disponível é com recurso à forma substantiva: M *mai* di *nha*. A existência de formas adjetivas hipotéticas do pronome possessivo de segunda pessoa formal M **nho* ou **nhu*, **nha*, causaria sobreposição parcial com as formas substantivas, com os pronomes pessoais da

Maio

pessoa gramatical	formas adjetivas	formas substantivas
1ªsingular	nha 'o(s) meu(s), a(s) minha(s)'	di meu 'o(s) meu(s), a(s) minha(s)'
2ªsingular	bu 'o(s) teu(s), a(s) tua(s)'	di bo 'o(s) teu(s), a(s) tua(s)'
2ªsingular (formal)		di nho, di nha 'o(s)/a(s) do senhor', 'o(s)/a(s) da senhora'
3ªsingular	se 'o(s) dele, a(s) dela'	di sel 'o(s) dele, a(s) dela'
1ªplural	nos 'o(s) nosso (s), a(s) nossa (s)'	di nos 'o(s) nosso (s), a(s) nossa (s)'
2ªplural	nhos 'o(s) vosso(s), a(s) vossa (s) '	di nhos 'o(s) vosso(s), a(s) vossa(s)'
3ªplural	ses 'o(s) deles, a(s) delas'	di ses 'o(s) deles, a(s) delas'

Os possessivos do maiense

mesma pessoa *M nha, nho e nhu* e sobretudo com o próprio pronome possessivo adjetivo da primeira pessoa do singular *M nha*.

3.4.3 Outras formas pronominais

3.4.3.1 Pronomes interrogativos

Nesta variedade existem os seguintes pronomes interrogativos. Nos exemplos que seguem indicamos as formas correspondentes do santiaguense entre parênteses):

Kál/kalê 'qual' (S kál, pl. kás):

M Kál ki bu livr? ~ Kalê ki bu livr? 'Qual é o teu livro?'

Kánt 'quanto' (S kántu):

M Kánt i garopa? 'Quanto é [= custa] a garoupa?'

Nandê 'onde' (S undi, n'undi):

M Nandê bu fidj? 'Onde está o teu filho?'

Mod 'como' (S modi, módi, mô):

M Mod ku ta fazed bol banána? 'Como se faz o bolo de banana?'

Pamodi/pamô 'porquê' (S pamodi, pamô):

M Pamodi/pamô bu ka faze kumida? 'Porquê não fizeste a comida?'

3.4.3.2 *Ku* relativo e interrogativo

O pronome relativo e interrogativo *que* do português assume no maiense a forma de *ku*, divergindo do pronome correspondente em santiaguense *ki*:

M Gosí i un lántxa ku ten la. ~ S Gósi e un lántxa ki ten la. 'Agora é uma lancha que tem lá. Agora só há la uma lancha.'

M Na Kaskabudj ta bendê pex midjor ku li. ~ S Na Kaskabudj ta bende pexi midjór ki li. 'Em Cascabulho vende-se o peixe melhor do que aqui.'

M N ka sa ku avion trapadjád k'es ba na el. ~ S N ka sabe ki avion trapadjádu k'es bá na el. 'Não sei em que avião mais caótico viajaram.'

Esta particularidade maiense não se encontra em nenhuma outra variedade do crioulo de Cabo Verde.

Não podemos deixar de referir a existência no crioulo da Guiné-Bissau do mesmo pronome, como podemos ver pelos exemplos da dissertação de mestrado de Incanha Intumbo de 2007: pg. 85.¹⁵

GB Pis son ku bu ta da N pa kume? – M So pex ku bu ta da-m pa-m kumê? – S So pexi ki bu ta da-m pa-m kume? 'Só peixe é que me dás para comer?'

GB Nunde ku bu sta? - M Nandê ku bu sta? – S Undi ki bu sta? 'Onde é que estás?'

3.4.3.3 Pronomes demonstrativos

Os pronomes demonstrativos apresentam um sistema bipartido (proximidade vs. distância) e não tripartido, como acontece por exemplo em português. Os pronomes são os mesmos do santiaguense. Cf. M *kel, kel ... li, ke li/ki li 'este', kel, kel ... la, ke la 'aquele', kes, kes ... li, kes li 'estes', kes, kes ... la, kes la 'aqueles'*.

¹⁵ No papiamentu *ku* introduz orações de complemento e serve de pronome relativo, mas o interrogativo é *ki, kiko 'quê?'* (cf. Maurer 2013: 8).

Não existe variação em relação ao sexo. Apenas variam em número.

Exemplos:

M Ke la i nha pai ku da-m. 'Aquele, foi o meu pai que mo deu.'

M Kes la N ka mestê más. 'Daqueles eu já não preciso.'

M Ke li i pa bo. 'Este é para ti.'

M Kes li bu ta lebâ bu irmon. 'Estes levas ao teu irmão.'

As partículas M *li/la* são móveis e podem aparecer depois do nome, sempre que seja preciso especificar a distância do objeto em questão em relação ao falante.

M Da-m kes livr la! 'Dá-me aqueles livros!'

De realçar que quando seguida imediatamente duma das partículas *li/la*, a forma plena da primeira partícula *kel* destes pronomes demonstrativos combinados reduz-se a *ke*. Cf.

M Kel kar la i di nha pai. 'Aquele carro é do meu pai.'

M Ke la i kar di nha pai. 'Aquele é o carro do meu pai.'

Assinala-se também a existência do demonstrativo M *es*, invariável, e que, como em santiaguense, não admite combinação com a partícula *la*. Apenas aparece na forma *es* (*substantivo*) (*li*).

M Es káza (li) e di meu. 'Esta casa é minha.'

M Es (li) e nha káza. 'Esta é a minha casa.'

3.4.3.4 Pronomes indefinidos

Há M *algun* s./adj. 'algum', *nenhun* s./adj. 'nenhum', *txeu* adj./adv. 'muito', *mut* adv. 'muito', *pok* adj./adv. 'pouco', *kualker* s./adj. 'qualquer', *náda* s. 'nada', *algen* s. 'alguém', *ningen* s. 'ninguém', *djent* s. 'pessoas'. Em emprego adjetivo, estes elementos ocorrem geralmente antes do nome. *Txeu* e *poku* podem aparecer tanto antes do nome como depois. A variedade maiense apresenta ainda outro pronome indefinido: *bazád* 'muito' adj./

adv., que também pode ocorrer tanto antes como depois do nome.

M Bazád algen ka sabia s tinha bárk pa Práia. ~ Algen bazád ka sabia s tinha bárk pa Práia. 'Muitas pessoas não sabiam se havia barco para a Praia'.

3.4.3.5 Pronomes reflexos e recíprocos

A reflexividade e a reciprocidade são indicadas como no santiaguense. Acopladas ao verbo, os substantivos M *kabésa* e *kunpanher* dão os valores reflexos e recíprocos aos verbos:

M N ka sa ba frontâ kabésa na Práia. 'Não irei afronta-me na Praia.'

M Nhos txintximí na kunpanher pa podê bai tud kriatura. 'Apertem-se para que caibam todos.'

M Ás gosta txeu d kunpanher. 'Amam-se muito.'

3.5 Morfologia verbal

3.5.1 Verbo *ser*: alternância *i* ~ *e*

Outra particularidade morfológica desta variedade é a existência da alternância M *i* ~ *e* na realização da forma não marcada do verbo *ser* 'ser' (cf. S *e*). Curiosamente, mais uma vez, pode-se estabelecer um paralelo com o crioulo da Guiné-Bissau, onde tal forma se realiza como *i*.

Tendo em conta que no crioulo da Guiné esta é a única forma existente podemos levantar a hipótese de esta forma também ter existido no crioulo de Cabo Verde, nomeadamente no crioulo de Santiago, de onde poderá ter passado para o crioulo do Maio, conservando-se aí até agora.

No maiense, não identificamos contextos específicos para cada uma das duas variantes, a variação parecendo ser livre. A forma *i* aparece em diferentes tipos de construção:

M Ken ku ta le ĩ ka sikur. 'Quem sabe ler não é ignorante.' Literalmente: 'Aquele que lê não é escuro.'

M ĩ kel ku N atxâ ĩ kel ku sta li. 'Está tudo como o encontrei.' Literalmente: 'É aquilo que achei, é aquilo que está aqui.'

M Ami nha pai ĩ di li tanbê. 'Eu, o meu pai é também de aqui.'

M Ael inda ĩ nov. 'Ele ainda é novo.'

M Kaskabudj ĩ kumâ li me. 'Em Cascabulho passa-se o mesmo que aqui.' Literalmente: 'Cascabulho é como aqui mesmo.'

De realçar ainda que nesta variedade, o tempo passado do verbo *ser* apresenta quatro formas distintas: M *éra*, *iera*, *ea* e *iára*.

3.5.2 Vogais temáticas

Existem nesta variedade verbos terminados em *-â* (ex. M *fulhâ* 'atirar, deitar fora'), em *-ê* (ex. M *bebê* 'beber'), em *-í* (ex. M *xintí* 'sentir'), em *-ô* (ex. M *konpô* 'consertar') e em *-ú* (ex. M *lanbú* 'embrulhar'). Não falamos aqui de conjugações já que as desinências que se podem juntar a estas verbos são as mesmas para todos os verbos e não produzem alteração na forma de base a que se juntam.

3.5.3 Marcadores de tempo, modo e aspeto

A morfologia verbal do maiense, assim como a do santiaguense, é marcada pela presença das partículas verbais *ta*, *dja*, *sa ta*, e as desinências verbais *-ba*, *-d* (*S-du*), *-da*, que dão os valores de tempo, modo e aspeto, TMA. A ausência de marcadores tem também valor de TMA. Os valores dos morfemas de tempo, modo e aspeto encontrados nesta variedade são os mesmos presentes nas restantes variedade de Sotavento (Santiago, Fogo e Brava), com exceção do morfema *S ál* (morfema modal para expressar desejo ou eventualidade, em santiaguense), cuja ocorrência não verificamos em nenhum dos nossos informantes maienses (para os marcadores verbais do santiaguense, cf. Lang 2001: 6.1).

Valores como perfectivo e imperfectivo, progressividade, atualidade, eventualidade e indefinição são dados pela presença de morfemas que se podem combinar entre si, acumulando vários valores em um único verbo.

A partícula verbal M *ta*, por exemplo, exprime o aspeto habitual atual:

M Djon ta skrebê kárta. 'O João escreve cartas.' (habitualmente)

Mas se no mesmo verbo M *ta* acumular-se com o morfema *-ba*, o aspeto passa a 'imperfectivo' no passado:

M Djon ta skrebeba kárta. 'O João escrevia cartas.' (ação não concluída no passado)

Nos casos em que é precedido da vogal *a*, notamos que, tal como ocorre em Santiago, o morfema M *-ba* perde frequentemente a consoante *b*. Assim muitas vezes aparece *-áa* em vez de *-ába*:

M E ta trabadjáa na Práia. 'Ele trabalhava na Praia (cidade).'

M N odjáa el án pasád. 'Eu tinha-o visto na ano passado.'

M E stáa na Lisboa. 'Ele estava em Lisboa.'

Mas para se compreender melhor o funcionamento destes morfemas é preciso analisar o seu comportamento com verbos de ação e verbos de estado.

3.5.3.1 Verbos de ação

No campo da oposição temporal, a ausência de morfema marca o passado para os verbos de ação (M N Ø *kumê* 'Eu comi') e a desinência *-ba* marca a anterioridade (M N *kumebá* 'Eu tinha comido').

O morfema *ta*, marca o aspeto imperfectivo e habitual. Assim, juntando a partícula *ta* na frase M N *kumê* 'Eu comi', o aspeto do

verbo passa a imperfeito e habitual: *N ta kumê* 'Eu como (habitualmente)'. E *M N kumeba* 'Eu tinha comido' passa a *N ta kumeba* 'Eu comia (habitualmente)'.

Além da habitualidade estar associada ao tempo presente, nos verbos de ação, a partícula *ta* pode também remeter para o tempo futuro: *M N ta kumê banána óku N ba Práia* 'Comerei bananas quando for à Praia'.

O morfema *M ta* junta-se com o morfema *sa* para formar o aspeto progressivo dos verbos em maiense, tanto no tempo presente como no passado; *M N sa ta kumê banána*. 'Estou a comer bananas', *N sa ta kumeba banána*. 'Estava a comer bananas'.

Aparecem ainda os morfemas *M dja* (partícula), *-d* e *-da* (desinências):

dja indica o processo acabado:

M Dja-l bai. 'Já foi. Acaba de sair.'

-d associado ao presente ou a um passado não muito longínquo marca a indefinição do sujeito:

M Na Inglatéra fláq kriol i txeu. 'Em Inglaterra, diz-se que há muitos crioulos.'

-da marca a indefinição do sujeito no passado anterior:

M Kel bes ta kontáda txeu stória. 'Antigamente contavam-se muitas histórias.'

3.5.3.2 Verbos de estado

O funcionamento dos morfemas de TMA descrito no ponto 3.5.3.1 para os verbos de ação, regista pequenas diferenças para os verbos de estado. Estes verbos não se combinam com os morfemas que dão o valor de progressividade:

*M * N sa ta sabe*.

Ao contrário dos verbos de ação, a ausência de morfema dá o valor de TMA de habitual atual:

M N Ø *sabe* 'Eu sei.'

O morfema *-ba* por sua vez deixa de denotar um passado anterior como sucede com os verbos de ação, para denotar um simples passado:

M N sabeba. 'Eu sabia' e não 'Eu tinha sabido'.

3.5.3.3 Nota a respeito da progressividade

É certo que a sequência de morfemas *sa ta* dá o valor de progressividade na ação. Mas não obstante o seu valor aspectual de progressividade, é usada muitas vezes para indicar o que vamos chamar de futuro programado. Assim uma frase como M N sa ta konpô kása tanto pode significar ação em progresso, 'Estou a fazer obras em casa', como também uma intenção real de realizar a ação expressa no verbo 'Vou fazer obras em casa (amanhã/este ano)'. Tanto assim é que para expressar a progressividade efetiva é usual os falantes recorrerem à perífrase verbal M *sta ta/na faze algun kusa* em combinação com à partícula *so*: M N s'a¹⁶ so ta konpô kása/ N s'a so na konpô kása.

Estes dados chamam a atenção para uma análise mais aprofundada do comportamento dos morfemas de TMA do maiense. Algo que não nos propusemos a fazer neste trabalho mas que poderá ser um tema a trabalhar no futuro.

¹⁶ Corresponde a *sta*.

3.6 Conjunções

3.6.1 Conjunções coordenativas

3.6.1.1 Coordenativas: *y, ku, nen, tanbê* (*S y, ku, nen, tanbê ~tánbi, tanben*)

M Mi ku el nos i amig. 'Eu e ele somos amigos.'

M Bu ka ta bai nen na kár nen pe na txon. 'Não vais nem de carro nem a pé.'

M Ál ka sabeba, tanbê ningen ka fla-l. '(Ele/Ela) Não sabia, também ninguém o/a alertou.'

3.6.1.2 Adversativas: *má* (*S más~má*)

M N ba vila oxi má N atxâ bánk fixád. 'Fui à vila hoje, mas encontrei o banco fechado.'

3.6.1.3 Disjuntivas: *o... o ..., nen ... nen...* (*S o... o ..., nen ... nen...*)

M O mi o bo. I kel mé. 'Ou eu ou tu. É a mesma coisa.'

M Nen mi nen bo. 'Nem eu nem tu.'

3.6.1.4 Causais: *por is* (*S purisu*)

M Ál ka manxê dret por is ku-l ka ben. '(Ele/Ela) Não acordou bem por isso é que não veio.'

3.6.2 Conjunções subordinativas

3.6.2.1 *Pamodi*

Como em santiaguense, *pamodi* (var. *pamô, mo*) funciona como conjunção subordinativa causal:

M Djent ka ta kunprâ pex pamô trabádj ka ten. 'As pessoas não compram peixe porque não há trabalho.'

Mas além de ser uma conjunção subordinativa causal, em maiense a conjunção *pamodi* introduz também orações subordinadas completivas. Tanto nas formas mais ou menos integras *pamodi*, *pamô* como na forma truncada *mo*. Cf.

M Ál fla pamodi/mo ka ta da p'ál ben. – S E fla ma ka ta da p'e ben. 'Disse que não dá para ele vir.'

M N ten fé pamodi ku ta tra-m di li dja i óku N morê. – S N ten fé ma ki ta tra-m di li dja e óki N móre. 'Acredito que só a morte me tirará daqui.' Literalmente: Tenho fé que o que me tirará daqui já será quando eu morrer.'

M N ta sperâ pamodi ka ta ten más nenhum probléma. – S N ta spéra ma ka ta ten más nenhum probléma. 'Espero que não vai ter/haja mais nenhum problema.'

Seguida de *pa* a conjunção *pamodi* é ainda usada como conjunção subordinativa final:

M N trabadjâ tud Bóka Rubera pamod pa N djudâ marid. 'Trabalhei em toda zona de Boca Ribeira para ajudar o meu marido.'

3.6.2.2 *pa e si*

Pa e *si* também introduzem orações subordinadas completivas:

M N pidí pa k fronta-m nha fidj na téra djent. 'Pedi que o meu filho não passasse mal no estrangeiro.'

M N fla-l si ont i ba vila. 'Disse-lhe/perguntei-lhe se ontem (ele/ela) foi à vila.'

3.6.2.3 Outras conjunções subordinativas

3.6.2.3.1 *Concessivas: sikrê si*

M Ami si N atxâ bénda N ta bendê na Mai. Sikrê s'a jeit N ta bendê na Mai. 'Se eu encontrar comprador vendo no Maio. Mesmo que haja maneira [de vender por melhores condições fora da ilha] vendo no Maio.'

3.6.2.3.2 *Consecutiva: ku*

M Ál tenê dor di kabésa ku nen skola ál ka bai. '(Ele/Ela) Está com tanta dor de cabeça que nem foi à escola.'

3.6.2.3.3 *Condicionais: si, nen si, nen ku*

M Si N tenê dinher N ta bai na kár, si N ka tenê N ta ba pe na txon. 'Se eu tiver dinheiro vou de carro, se não tiver irei a pé.'

M Gosin ka ten dinher. Nen s'u kre bu ka podê kunprâ. 'Agora não há dinheiro. Mesmo que queiras não podes comprar.'

M Nen k'u odjâ kamin di már i ka kumâ kamin di téra. 'Por mais que pareça, o caminho marítimo não é igual ao caminho terrestre.'

3.6.2.3.4 *Comparativas: kumâ, moda, sima*

M Kumâ mi N s'a pasâ mal. 'Eu por exemplo estou a passar mal.'

M Gosí ka móda kel tenp. 'Agora não é como antigamente.'

M Nha bólsa i sima di bo. 'A minha mochila é igual à tua.'

3.6.2.3.5 *Temporais: dipos, kánt, óku, timent*

M E stáa na Lisboa. Dipos e ba Olánda. 'Ele estava em Lisboa. Depois foi para Holanda.'

M Kánt bu ben dja-l saíba. 'Quando chegaste, ele já tinha saído.'

M Vida di li i óku piskador ba már. 'A vida aqui é quando os pescadores saem para o mar.'

M Timent ás ka ben N ka ta durmí. 'Enquanto eles não chegarem eu não durmo.'

3.7 Formas reduzidas

A variedade maiense caracteriza-se também pelo uso de várias formas reduzidas. E isso tanto no campo verbal como no campo pronominal e ainda nas conjunções, como demonstram os exemplos abaixo.

xa (S normalmente *dexa*) 'deixar': M N ta xa-s li. 'Deixo-os aqui.'

tu (S sempre *tuđu*) 'todo(s), tudo': M N *ten nha mai, nha pai, nha irmã. Tu la.* 'Tenho a minha mãe, o meu pai e a minha irmã. Todos lá.'

ea (S normalmente *éa*): M N *tinha dos fidj ka ea di nha marid.* 'Tinha dois filhos que não eram do meu marido.'

den (S sempre *dentu* ou - quando empregado sem regime - *déntu*): M *Ál dexa-l den kása.* 'Deixou-o/a dentro da casa/em casa.'

Todos estes morfemas têm também as mesmas formas plenas que aparecem em Santiago, contudo as formas reduzidas parecem ser mais frequentes.

3.8 Texto II

Tal como fizemos no fim do capítulo dedicado à fonética e fonologia apresentamos a seguir um texto transcrito no *Alfabeto Unificado Para a Escrita do Caboverdiano (ALUPEC)* que ilustra uma parte dos fenómenos descritos neste capítulo da morfologia. Conforme as diferentes finalidades dos dois capítulos, prescindimos desta vez da transcrição fonética substituindo-a por uma tradução do texto para português.

Trata-se de novo de um texto que gravámos no decurso das nossas pesquisas. Fala uma informante da zona da Calheta, de 63 anos de idade. Conta como conheceu o seu pai de criação, fala de vivências e tradições antigas da ilha e do próprio casamento, quando tinha 17 anos.

3.8.1 Transcrição em ALUPEC

N ta kriába ku nha avô na un zóna ku's ta txumâ Santantoni. Nha pai di kriasan ta bába kel zóna txeu. Pamô N tinha un tia ku gostâ di kantáa¹⁷. Ás ta bá poba bádj la na kel zóna. Tud sumána.

¹⁷ As formas aqui apresentadas, que terminam em *-áa*, *-á* correspondem a formas no passado onde ocorreu a queda do *-b-* intervocálico, do morfema verba *-ba*. Cf. aqui o ponto 3,5,3 sobre os marcadores de tempo, modo e aspeto.

Es ea tres ku ta bába. El e txomáa Manel Djon Gans, tinha ku txumába nhu Lulu, éra un infermer li di Somáda, tinha ku txumába Nhonhô. Es tres es ta bába ás ta poba bádj. Pamô nha tia ta kantáa. Es iera dois ku ta kantáa na kel zóna. Un txumába Nhanha kelot txumába Sábu. Sábu ku éra nha tia.

Ás ta bába tud na kavál. Ka tinha kár. Ten un minina ku nos i koléga. Nos dois ku ta stába na kel zóna. Minin fémia ea nos dôs. Nos ea três un morê fikâ nos dos la.

Nton nu ta brinkâ na ág, pamo tinha ág korent na kel zóna, tinha ág korent bá már. Ami ág N ka sabê dondê ku ta saí. Nu ta brinkáa na ág así pert si káza. Ami N fla "Viva Manel Djon Gans", kelot fla "Viva Nhu Lulu". Ami N fla "Ami N ta kazâ ku Manel Djon Gans", kelot fla "Ami N ta kazâ ku Nhu Lulu".

Nton un senhora obi-nu ta fla. Ál bai ál fla si, kánt nu bá káza ál fla: "Sperâ, óku nhu Manel ben oji, N ta fla-l pamô dj'el atxâ mudjer na Santantoni. Nton kánt ál ben ál txigâ ál fla nha pai di kriasan. Nton ál po-m na kavál ál ku Nhu Lulu go. Ás po-nu na kavál ás fikâ ta pasiâ ku nos go. Ael ál binha di Mérka má ál tinha mudjer. Kel mudjer ku'l kazâ ku el go, éra nha tia. Ál binha di Mérka, dja ea om famoz na kel tenp. N fla N ta kazâ ku-al, ál po-m na kavál, ál fikâ ta pasiâ ku mi, ál fla-m ál ta traze-m zóna go ku txumâ Kadjéta pa-l ben dzinfadá.

Ben N fikâ ta ben, ta dzinfadá-s, ta bai. Dipos ál ben pidí nha dóna p'ál dixa-m ku ás pamô ás ka tinha fidj fémia. Má grásas a diouz tanbê ás faze-m móda ses fidj y tanbê N konsiderá-as tanbê pa nha pai pa nha mai, pamod N ka konxeba nha mai N ka konxeba nha pai.

Mi kánt N konxê nha mai N tinha onz án. Mi kánt N konxê nha pai N tinha kinz an. N konxê nha pai na mes dí márs, N pidid pa kazament na mes d junh. Mi N ka ta konxê nha mai

pamô nha mai ta stáa na Purtugal. Dja dipos ku'l ben ku N ben konxe-l.

Anpôs vida di Mai iára si. Iára un vida trankuil. Ea mut más midjor ku gosí pamô kel bes djent ta viveba na animal ku réga. Nu ta regába na mou, nu ta panhá kumida, nu ta viveba nos vida trankuil. As ves ta tinha trabádj d stád djent ta trabadjáa. Trabádj stád na kel tenp, mo ea tenp purtugês, ka ta faltá. Tud algen ta trabadjáa. Ken ku tinha família txeu ta dáda rotasan. Ta pod doiz pisoa permanent. Izenpl, káza ku tinha duzi família sin ta pod doiz permanent ta pod un rotasan. Ta dáda tud algen. Tud família d káza tinha ku dáda trabádj.

Txuba tanbê ea pok. Mi dja-m kustumâ simiâ, náda ka da. Má ta viveda normal pamô ta regáda. Ta poda batáta, midj, kabâ ka tinha mut saída di béndá. Ea pa kumeba. Ami dipôs ku N bai nha kása, N ta regába, ta tinha batáta, N tinha fáva, kov. Tu kes ortalisa ku tinha, tud ta poda. Tinha font txeu, tu kes font ku tinha, tinha ág.

Má gosí ka ten más. Anos na nos zóna pro(p) ka ten nun kau ku ta flád ten ág. Es tenp li stába kriz d'ág pamod i pa kunprâ. Si ág ka stilád nu ka ten ág. Ten djent txeu ku ten font la na un zóna k'es ta txumâ Mont Brumedj. Mi nha fidj pro kobâ font. Má ág ka tem, txuba ka txobê es án.

Kel bes mund ea más midjór. S'u ka ten un kuza, algen ta dábo. Ami N ten un kuza bo bu ka ten, bo i simê kusa k'u ten. Nos ea kumun. Má mund dja birâ más piór. Ten algen ku t'inda ta da inda, má dja mund birâ más piór. Nos na Kadjéta nu fikâ más piór pamô ka ten ág pa regâ. Ka ten nen pa da animal. Gosí nu ta vivê di nos animal tanbê, má pa ku trabádj, trabádj ka ten.

Jóvens gosí alá-s la so ta da padod pamô ka ten trabádj. Má mi N ta atxâ tanbê mo i ka trabádj ku tene-es ta da pa dod. Ot (kuza) tanbê ás ta fazê d kabésá rij. Bo s'u ka ten trabádj, kumô

bu ta ten dinher p'ô fazê bodegáda. Jóvens s'ta da mut pa dod. Kel bes ka tinha kes kuza li.

Kel bes pa kazâ ta kunpráda idád. Mi N bá kunprád idád. Nha pai di krianan bá kunpra-m idád. Ami N ten dez mes pidid pa kazament pamod N ka tinha idád. Nha pai ea na Praia nha pai ta morá na San Martin Gránd. Nton p'ál da un konsentiment ál ka da. Nton tinha un pádr antig, ál ku da xpidient, ku lebâ papel, ku N bá kazâ. Má nha pai ka da konsentiment.

Kazament iára si: ami N sa ta kazâ oj, ta kutxid na kása di noiv. Manhan ta kutxid na nha kasa. Ta kutxid pa fazed kel xeren. Tinha ta flád "xintâ na sent", ku ka ten más. Kabâ. Tinha nkontr di mai ku pai di noiv ku noiva. Inda na nha fidj ku ta sta na Portugal, inda ea si ku fazed. Ta fazed nkontr, djent ta djuntâ ku bandera ku foget. Ta djuntáda, nton ta fazed fêsta go na káza mai di noiv. Fêsta ta kumesába dia prolongád. Ta kumesába dés-di kutxí. As ves ta kumesáda ántis pamô ten ku preparába kes kau. Familiáris ten ku sta tud la dja e ku múzika dja fêsta ta kontinuába así. Má fêsta ta kumesába dia di kutxí. Kutxí ta kuxid tres dia ántis di kazament.

Nton oku kasâ, ot dia ten kel ta flád "bá labantâ noiva". Ka ten más. Ta flad "bá labantâ noiva", ta tornâ bá rinovád fêsta. Ami dja N kazâ kuárta fera, sésta fera bá labantád noiva. Pamod N ka bá kása di nha marid kel dia. Ti kelot dia N kunsâ bai. Nton ás faze-m oit dia d fêsta. Pamô djentis gostáa di fêsta tanbé.

Kel bes tud algen ta kalaborába na fêsta. Enkuánt na Mai, pa ki li go nu ka ten fálta. Te inda tud algen ta kalabora na fêsta. Bu ta ten un fêsta na bu káza o mort, tud ta kalaborád. Kada algen ta lebâ un kuza. S'u ka tenê náda, bu ka ta xintí. Pamô tud algen ten ku lebâ un kuza.

Ago gosín ten kes kuza di vaidád, mandis ta flád, ta kunprâ kes kuza di fazê kóp d'ág dja e ke la ku ta preokupâ. Má enkuánt di kes ot kuza, bu ka ta tant preokupâ mo tud algen ta lebâ. Bu ta

konvidâ, tud algen ku ta bá bu fésta ta lebâ un kuza. Ke la i un kuza ku te inda ten. Má go kes kuza antig di noiva ku noiv pa xintâ, pa xa ot dia pa bá labantâ noiva, kel dja ka ten más. Kel kabâ.

Djent ta brinkába. Mi kánt N ta kazâ tinha kotx tartaruga, ás ta po djent na kotx tartaruga, kes djent ku ta brinkâ. Mudjer, ta ranjâ so mudjeris gránd ta ranjâ ses rabéka di pou, ses kanéka ta tokâ xukal, ses kavakin di pou, ses violan di pou. Tud ás ta tokâ. Kant N kazâ i si k'ás fazê. Ás andâ káza pa káza. Tud kása k'ás bai, ás dád un kuza.

Dád bodék, dád midj, dád tud kuza. Ás tornâ bá fazê fésta di nov.

N fikâ na Kadjéta. Ti gosin dja ka ten náda ku ta tira-m ku diouz. Dja faze-m korent sáis án kazád. Ami dja N ten tud nha fidj la. Nha ultim fidj di meu tenê vint un án. Dja N ten busnet. Dja ka ten náda ku ta tra-m di Kadjéta ku diouz.

3.8.2 Tradução portuguesa

Fui criada pela minha avó numa zona chamada Santo António. O meu pai de criação (pai adotivo) ia lá muitas vezes. Porque eu tinha uma tia que gostava de cantar. Eles iam organizar bailes nessa zona. Todas as semanas. As que costumavam ir eram três. Ele (o meu pai de criação) chamava-se Manuel João Ganso, havia um que se chamava Nhu Lulu, que era enfermeiro aqui em Assomada (ilha de Santiago), e havia outro que se chamava Nho-nhô. Estes três iam organizar os bailes. Porque a minha tia cantava. Eram duas que cantavam naquela zona. Uma chamava-se Nhanha a outra chamava-se Sábu. Sábu era a minha tia.

Iam todos a cavalo. Não havia carros. Havia uma rapariga da minha idade. Nós duas vivíamos naquela zona. As meninas éramos nós duas. Éramos três, uma morreu, ficámos as duas.

Um dia brincávamos na água, porque havia água corrente naquela zona, havia água corrente até ao mar. Eu nem sabia de onde vinha a água. Então brincávamos na água ao pé da sua casa. (A certa altura) Eu disse “Viva Manuel João Ganso”, ela disse “Viva Nhu Lulu”. Eu disse “Vou-me casar com o Manuel João Ganso”, ela disse “Vou-me casar com Nhu Lulu”.

Uma senhora ouviu-nos falar. Foi, e quando fomos para casa, disse assim: “Espera, que quando o senhor Manuel João Ganso vier hoje, dir-lhe-ei que já encontrou uma noiva em Santo António”. Então, quando ele veio, ela veio e disse-lhe isso. Então ele pôs-me a cavalo, ele e o Nhu Lulu. Puseram-nos a cavalo e puseram-se a passear connosco. Ele tinha vindo da América mas tinha mulher. A mulher com quem ele se casou, era minha tia. Ele tinha vindo da América, já era um homem famoso naquele tempo. Eu disse que me casaria com ele, pôs-me a cavalo para passear comigo e disse-me que me traria para uma zona que se chamava Calheta, para lhe servir de companhia.

Vimos, adotei o hábito de vir para fazer-lhes companhia, e de voltar (a Santo António). Depois ele veio a pedir à minha avó que ela me deixasse ficar com eles porque eles não tinham nenhuma filha. Mas graças a Deus trataram-me como filha e eu também os considereei como pais. Porque eu não conhecia os meus pais.

Quando eu conheci a minha mãe tinha onze anos. Quando conheci o meu pai tinha quinze anos. Conheci o meu pai no mês de março e em junho fui pedida em casamento. Eu não conhecia a minha mãe porque a minha mãe vivia em Portugal. Só depois de ela regressar é que vim a conhecê-la.

Então, a vida no Maio era assim. Era uma vida tranquila. Era muito melhor do que agora, porque naquele tempo vivíamos dos animais e da rega. Regávamos manualmente, fazíamos colheita de alimentos e vivíamos a nossa vida tranquila. Às vezes havia

trabalho público e nós trabalhávamos. O trabalho público naquele tempo, como era no tempo dos portugueses (colonialismo), não faltava. Todos trabalhavam. Os que tinham uma família grande eram beneficiados com o regime de rotação. Punham-se dois em regime permanente. Por exemplo, numa família com doze elementos punham-se dois em regime permanente e um em rotação. Dava-se a todos, todas as pessoas da família tinham de ter trabalho.

A chuva também era pouca. Eu já passei pela situação de semear e não colher nada. Mas vivíamos normalmente porque regávamos. Plantava-se batata, milho, mas afinal de contas não havia muita saída para venda. Era para se comer. Depois de mudar-me para a minha casa, eu regava e tinha batatas, favas, couve. Cultivavam-se todas as hortaliças que havia. Havia muitas fontes e todas as fontes que havia tinham água.

Mas agora já não há. Nós, na nossa zona em particular, não há nenhum lugar que possamos dizer que tenha água. Estes tempos tivemos crise de água, porque tem de se comprar. Se não se dessalinizar não temos água. Muita gente tem fontes lá numa zona chamada Monte Vermelho. O meu filho também cavou lá uma fonte. Mas não há água. Este ano não choveu.

Antigamente o mundo era melhor. Se não tivesses algo alguém dar-te-ia. Se eu tenho algo e tu não tens, era como se também tivesses. Vivíamos em comum. Mas o mundo tornou-se pior. Há pessoas que ainda partilham, mas o mundo tronou-se pior. Na Calheta ficamos pior porque não há água para a rega. Não há nem para os animais. Agora vivemos dos nossos animais também, mas quanto ao trabalho, não há.

Os jovens agora estão a portar-se mal porque não há trabalho. Mas eu acho que não é só (a falta de) o trabalho que os faz ter estes comportamentos. Também fazem por traquinice. Se tu não

tens trabalho, como vais ter dinheiro para fazer asneiras? Os jovens andam a portar-se muito mal. Antigamente não havia nada disso.

Antigamente para o casamento “comprava-se a idade”. A mim “compraram-me a idade”. O meu pai de criação “comprava-me a idade”. Fiquei noiva dez meses porque não tinha idade para me casar. O meu pai (biólogo) vivia na Praia, em São Martinho Grande. Então para que desse o seu consentimento, não o deu. Havia um padre antigo, ele é que tratou da questão, que levou os papéis para que me pudesse casar. Mas o meu pai não deu o consentimento.

O casamento era assim: se eu vou casar-me, hoje “coche-se”¹⁸ na casa do noivo. Amanha “coche-se” na minha casa. Coche-se para fazer o tal xerém. Também havia o que se chamava “sentar no assento”. Não existe mais. Acabou. Havia também o encontro dos pais da noiva e do noivo. No casamento da minha filha que vive em Portugal ainda fez-se desta maneira. Fazia-se o encontro, as pessoas juntavam-se com bandeiras, foguetes. As pessoas juntavam-se e fazia-se a festa na casa da mãe do noivo. A festa começava muitos dias antes. Começava desde o cochir. Às vezes começava-se antes porque era preciso preparar os lugares. Os familiares já tinham que estar lá, e já havia música e por isso a festa continuava assim. Mas a festa começava mesmo no dia do pilão. Começava-se a cochir três dias antes do casamento. Então quando te casavas, no dia seguinte havia o que se chama “ir levantar a noiva”. Já não se faz. Diz-se “ir levantar a noiva”, e volta-se a renovar a festa. Eu casei-me numa quarta e na sexta “foram levantar a noiva”. Porque eu não fui para a casa do meu marido naquele dia (o dia do casamento). Só no dia seguinte fui. Então fizeram-me oito dias de festa. Porque as pessoas gostavam de festas também.

¹⁸ Não havendo tradução para o verbo *kutxí* usamos a forma aportuguesada *cochir* lá onde era preciso.

Naquele tempo todos colaboravam nas festas. Quanto a isso, no Maio não temos falta. Mesmo atualmente todos colaboram nas festas. Se tiveres uma festa ou morte em casa, todos colaboram. Cada pessoa leva uma coisa. Se não tiveres nada, nem sentes. Porque todos têm de levar algo.

Só que agora há essas coisas de vaidade, como se costuma dizer, de comprar coisas para fazer o copo-d'água, é com isso que te preocupas. Mas quanto às outras coisas, não te preocupas tanto porque todos levam. Convidas, e todos que forem à tua festa levam algo. Isto é algo que ainda existe. Mas aquelas coisas antigas dos noivos, sentar, esperar o dia seguinte para se “ir a levantar a noiva”, isto já não se faz. Aquilo acabou.

As pessoas brincavam. Eu, quando me casei, havia carcaças de tartaruga, punham a pessoa dentro da carcaça de tartaruga, as pessoas que armavam a brincadeira. Mulheres, arranjavam só mulheres idosas, arranjavam as suas rabecas de pau, as suas canecas para tocar chocalho, os seus cavaquinhos de pau e os seus violões de pau. Tudo isso elas tocavam. Quando me casei foi assim que fizeram. Andaram de casa em casa. A todas as casas onde foram, deram-lhes algo. Ofereceram chivos, ofereceram milho, ofereceram tudo. E foram fazer a festa novamente.

Eu fiquei na Calheta. Agora já não há nada que me tire daqui, se Deus quiser. Já estou casada há quarenta e seis anos. Já tenho todos os meus filhos. O meu último filho já tem vinte e um anos. Já tenho bisnetos. Já não há nada que me tire da Calheta, se Deus quiser.

4. Breve nota sobre o léxico

Os dados mostram que a esmagadora maioria das palavras que compõem o léxico maiense são de origem portuguesa. Res-

peitando a devida diferença fonética, que resulta no sotaque específico desta variedade, pode-se dizer que se trata das mesmas palavras santiaguenses. Também ao nível lexical, fica mais uma vez patente a grande proximidade entre estas duas variedades do crioulo de Cabo Verde. Contudo existem também palavras que, até onde pudemos apurar, são exclusivas do maiense ou que existindo noutras variedades, têm no maiense um significado diferente.

4.1 Vocabulário exclusivo

M boket s. - S láta, báldi 'balde, recipiente para transportar água'

M fixití v. - S feti-feti 'esfregar, lavar roupa com as mãos'

M kalakatxid adj. - S mariádu 'desenxabido'

M kasakâ v. - S fronta 'enrascar-se'

M kanp s. - S kánpu d'avion 'aeroporto'

M pantxóla s. - S ménbra, pikéna 'namorada'

M paradin adj. - S bunitu, basófu 'bonito'

M pux s. - S kadera, pólpa 'nádegas'

M jatura s. - S dodisa, jatura 'maluquices'

M jat adj. - S dodo 'doido'

M suedj (também *duedj*, *juel*) s. - S duedju, juelhu, 'joelho'

M txintximí v. - S rotxa 'apertar-se'

É ainda bastante comum, em maiense, o uso do substantivo *kamáda* (cf. S *kamáda* 'camada, categoria, laia') como fórmula de reforço. Um sentido que pudemos também atestar no crioulo de São Nicolau e que realçamos aqui por se tratar de um uso bastante vincado no maiense.

M Ami, nha kamáda, N prendê badjâ minin. 'Eu, (no meu caso / a minha pessoa), aprendi a dançar ainda criança'.

4.2 Homofonia

Não podemos deixar aqui de ressaltar os casos de homofonia existentes nesta variedade em consequência da queda das vogais átonas finais anterior e posterior. Palavras de diferentes categorias gramaticais são compostas nesta variedade pela mesma sequência sonora. O fenómeno não causa, contudo, problemas de compreensão, uma vez que é sempre possível, pelo contexto, saber de que palavra se trata.

O próprio nome da ilha Maio, pronunciado nesta variedade *Mai*, ilustra este fenómeno, posto que *mai* significa também 'mãe'. Cf. ainda

M dent adv. 'dentro' - dent s. 'dente'

M kár s. 'carro' - kár adj. 'caro'

M lent adj. 'lento' - lent s. 'lente'

M siment s. 'cimento' - siment s. 'semente'

M sed adv. 'cedo' - sed s. 'sede'

M fot adv. 'forte'¹⁹ - fot s. 'foto'

4.3 Estrangeirismos

Apesar da assinalável presença inglesa na ilha pouco se pode alegar a nível lexical. Na nossa pesquisa apenas encontramos o lexema *M boket* 'balde, recipiente para transportar água' (cf. ingl. *bucket*).²⁰

¹⁹ Quando usado como advérbio de modo para expressar intensidade (cf. *M Fot gána odja-u!* 'Quanta vontade de te ver!'). Quando funciona como adjetivo, pronuncia-se *fort*.

²⁰ Cf. a última citação no ponto 1.1. Fala da "condução [do sal] da terra para os navios [ingleses]" encargada à população local. Podemos supor que para esta condução utilizavam-se *buckets* trazidos ou introduzidos pelos ingleses.

De registar também a lexicalização de estrangeirismos de outras origens como é o caso do substantivo *M bodega* 'lixo/coisa sem serventia' de origem hispânica e por extensão o seu concorrente *M bodegada*. No entanto trata-se de um estrangeirismo que já existe nesta variedade há muito tempo.

Aliás pode-se dizer que o maiense tem sido uma língua pouco aberta a inovações. Apesar da massiva emigração, principalmente para a Holanda, não registamos palavras dessa língua nessa variedade. Estrangeirismos são porém bastante frequentes nas ilhas do Fogo e da Brava, por exemplo, onde mesmo a população que nunca emigrou usa algumas palavras inglesas que entraram na língua pela boca dos milhares de emigrantes daquelas ilhas nos Estados Unidos da América. Mesmo os nossos informantes que já foram emigrantes apresentaram uma língua pura, livre de empréstimos ou interferências.

O topónimo maiense *Bitxirotxa* (nome de uma praia situada na cidade do Porto Inglês) que muitos defendem ser uma herança inglesa, parece ter sido uma inovação recente. Informantes mais idosos afirmam que a mesma praia era noutros tempos chamada de *baxurotxa*.

4.4 Vocábulos de origem africana

Do léxico maiense fazem ainda parte os vocábulos identificados como de provável origem africana em santiaguense (cf. Quint 2008: 100-113), com as devidas características fonéticas desta variedade. Assim como em santiaguense são vocábulos que denotam realidades culturais de herança africana.

M bága-bága s. - S bága-bága 'formiga grande'

M bind s. - S bindi 'recipiente próprio (de barro e com alguns furos na base) para fazer cuscus'

M bonbú v. - S bónbu 'transportar às costas'

Maio

- M buli s. - S boli 'recipiente para guardar leite de vaca'
- M busú v. - S busu 'esfolar-se'
- M dabiú s. - S dabiú 'percevejo'
- M disdangú v. - S disdángu 'ignorar o chamado de alguém'
- M djendjê v. - S djendje 'inclinár'
- M djongô v. - S djongo 'dormitar'
- M djongotô v. - S djongoto 'pôr-se de cócoras'
- M fép adv. - S fépu 'completamente'
- M funk s. - S funku 'palhota tradicional, feita de pedra e palha ou apenas de palha'
- M kankaran s. - S kankaran 'esteira de canas'
- M konkú v. - S konko 'bater (à porta) ou ato de dar pancadinhas'
- M kundindin s. - S kundindin 'cóccix, parte do corpo que une as costas às nádegas'
- M kutxí v. - S kotxi 'ato de separar o milho do farelo num pilão'
- M lanbú v. - S lonbu 'embrulhar'
- M manduk s. - S manduku 'pau (usado para infringir castigos físicos a alguém ou para servir de auxílio na deslocação dos mais velhos)'
- M monhongú v. - S monhongí, munhungí 'amarrotar'
- M mundú v. - S mondo 'enroscar-se'
- M ndjutú v. - S ndjutu 'subestimar ou considerar insuficiente'
- M nsulí v. - S nsoli 'sorver/encher'
- M polon s. - S polon 'poilão' (árvore, denominação científica: Ceiba pentandra (L.) Gaertn.)
- M tabánka s. - S tabánka 'manifestação cultural centrada num cortejo com várias personagens e encenada em várias partes'
- M txipití v. - S txuputi 'beliscar'

M txukí v. - S txuki 'perfurar'

M unhí v. - S unhi 'mostrar o rabo a alguém (forma de ofensa)'

5. Conclusões

A análise que fizemos deixa mais uma vez reforçadas as grandes afinidades do maiense e do santiaguense. Nicolas Quint chega mesmo a considerá-los uma mesma variedade em sentido lato:

Les différences entre créole [sic] de Maio et de Santiago sont réelles, mais très réduites. Elles sont visiblement inférieures à celles qui séparent le badias urbain du badias rural. On peut affirmer, sans exagération, que les créoles de Santiago e Maio sont deux variantes d'un même dialecte cap-verdien, qu'on pourrait appeler *badias* au sens large ou créole de Santiago et de Maio. (Quint 1999: 308)²¹

A mesma posição já fora assumida por Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio Duarte, há mais de um século atrás:

Nas ilhas do Maio, S.Vicente, Santa Luzia e Sal não há crioulo próprio. Na primeira, fala-se, com ligeiras alterações, o da ilha de Santiago; ... (Costa/Duarte 1886, 1967: 239)

Trata-se efetivamente de duas variedades muito próximas. A análise fonológica revela o mesmo número de fonemas vocálicos, embora com diferentes paradigmas de distribuição. No inventário consonântico apenas não assinalamos a presença do fonema /ŋ/ que subsiste em determinadas variedades do santia-

²¹ As diferenças entre o crioulo do Maio e de Santiago são reais, mas muito reduzidas. São visivelmente inferiores às que separam o badiu urbano do badiu rural. Podemos afirmar, sem exageros, que os crioulos de Santiago e Maio são duas variedades de um mesmo dialecto cabo-verdiano que poderemos chamar badiu em sentido lato ou crioulo de Santiago e do Maio. (tradução de AKTM)

guense. A queda das vogais átonas anterior e posterior em posição final (cf. 2.2.4), conservadas em santiaguense, está na base das principais diferenças na distribuição dos fonemas consonânticos das duas variedades. Em consequência deste fenómeno, o maiense apresenta um número muito mais alargado de consoantes em coda de sílaba (cf. 2.1.4 e 2.3). O fenómeno tem também reflexos na acentuação, tornando muito mais frequente a acentuação oxítone ou aguda no maiense do que no santiaguense, onde a acentuação paroxítone ou grave é o padrão mais frequente (cf. 2.4 e especialmente 2.4.3).

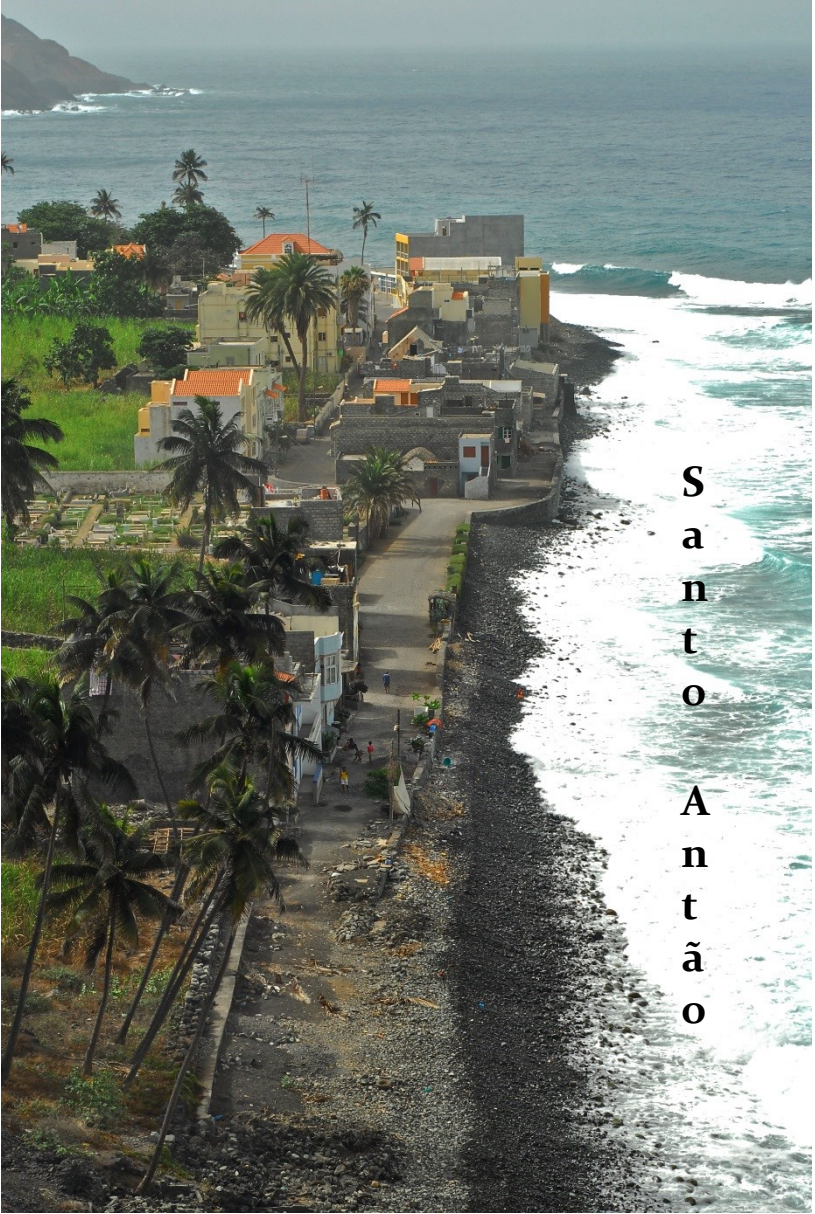
A análise mostrou ainda curiosas semelhanças com o crioulo da Guiné-Bissau, no processo de metafonia vocálica (cf. 2.2.6). Trata-se de um fenómeno não assinalado em nenhuma outra variedade do crioulo caboverdiano. Da mesma forma a realização em vogal alta /i/ da forma não marcada do verbo *ser* (em santiaguense *e*) é um fenómeno exclusivo desta variedade do caboverdiano mas que também existe no crioulo da Guiné-Bissau (cf. 3.5.1). A realização *ku* do pronome relativo (em santiaguense *ki*) é também mais uma afinidade do maiense com o guineense (cf. 3.4.3.2).

As duas variedades em comparação nesta análise apresentam as mesmas séries pronominais, com ligeiras diferenças, nomeadamente nos pronomes pessoais de terceira pessoa do singular e do plural (cf. 3.4.1).

No campo da morfologia verbal, constatamos o mesmo comportamento dos morfemas de tempo, modo e aspeto que no santiaguense.

No domínio das conjunções, o maiense apresenta uma diferença com o santiaguense, no que toca ao uso da conjunção *pa-modi* (cf. 3.6.2.1). Esta, que é uma conjunção subordinativa causal em santiaguense, tem este mesmo emprego no maiense, mas é também a principal conjunção subordinativa completiva desta variedade.

Historicamente, fica claro que, comparado com o santiaguense, o maiense é conservador em certos aspetos (por exemplo, no que diz respeito à acentuação dos verbos, cf. 2.4.2), mas inovador em outros (por exemplo, pela queda das vogais átonas finais anterior e posterior, tão característica das variedades de Barlavento, cf. 2.2.4).



S
a
n
t
o

A
n
t
ã
o

Maria do Céu dos Santos Baptista

Descrição fonológica da variedade da ilha de Santo Antão²²

A língua caboverdiana tem sido alvo de diversos estudos, mas com maior incidência sobre a variedade linguística da ilha de Santiago. Carece ainda de um número suficiente de estudos das variedades das outras ilhas. Nas páginas que seguem, propomos uma descrição fonológica da variedade linguística do caboverdiano falado na ilha de Santo Antão (SA), a nossa língua materna. Queremos assim contribuir para que as características fonológicas desta variedade sejam pontos de referência para a descrição geral da língua caboverdiana.

²² Esta contribuição resume a parte descritiva da minha dissertação de mestrado que a *Universidade de Cabo Verde (UNI-CV)* aceitou em 2013. Gostaria de manifestar o meu agradecimento a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, colaboraram para a efectivação deste trabalho, e particularmente aos meus professores e colegas do mestrado de *Crioulística e língua caboverdiana*, com destaque para o meu orientador Jürgen Lang e a professora Dominika Swolkien. Agradecimentos especiais aos meus informantes, pela disponibilidade e simpatia com que aceitaram participar nesta pesquisa, aos meus pais, irmãos e amigos pelo apoio e cumplicidade, ao meu irmão Paulino que me acompanhou às localidades de Aguada e Fontainhas e me deu apoio informático, à Fatú e à Liza. Agradeço ainda à FICASE pelo apoio financeiro.

o. Introdução

o.1 Geografia física e humana

A ilha de Santo Antão está localizada no grupo designado de Barlavento (ilhas do norte) do arquipélago caboverdiano. Santo Antão tem aproximadamente 40 km de extensão longitudinal e cerca de 20 km de largura, o que perfaz uma superfície de 779 km², sendo o seu ponto mais alto o Tope da Coroa com 1979 metros de altitude, seguindo o Gudo de Cavaleiro, no centro da ilha, com 1811 metros e o Pico da Cruz com 1584 metros a nordeste. Santo Antão é a segunda ilha em extensão e a ilha mais ocidental e setentrional do arquipélago.

Atualmente, reside em Santo Antão um efectivo total de cerca de 43 915 habitantes, sendo 52,6% homens e 47,3% mulheres, distribuídos pelos três concelhos: Porto Novo representa pouco mais de 2/3 da ilha, com uma superfície de 558 km² e uma população de 17 056 habitantes; Ribeira Grande tem 166,7 km² e uma população de 17 917 habitantes; e Paul é o concelho menor da ilha, com 54,3 km² e uma população de 6 631 habitantes. A população ativa em 2010 era de 14 743 indivíduos. Os sectores da agricultura, silvicultura, e pecuária continuam ainda a dominar a economia da ilha. A ilha está servida por todos os níveis de ensino: pré-escolar, ensino básico, ensino secundário, alfabetização e formação profissional. Um dos grandes problemas que afectam a população de Santo Antão é a elevada taxa de desemprego. Nos últimos anos, regista-se um fraco crescimento da população devido ao movimento migratório dos jovens para as ilhas de São Vicente e Sal, como consequência da falta de emprego nos meios rurais, e ainda outros saem para prosseguir os estudos.



Relativamente à situação linguística atual, os santoantonenses convivem com as duas línguas, o crioulo, a língua materna das populações, e o português, língua do ensino e dos meios de comunicação social. Por ser uma ilha fechada sobre si mesma pela -robustez do seu relevo, com uma elevada diversidade morfológica, revelou-se difícil a comunicação mesmo entre as populações dos vales. A ilha viveu muitos séculos com escassos contactos com o exterior, forçando assim, uma variedade dialetal *sui generis* no contexto das outras ilhas.

0.2 História

O nome de Santo Antão foi atribuído à ilha pelo seu descobridor português Diogo Afonso, escudeiro do infante D. Fernando, irmão de D. Afonso V, em consonância com o santo do dia da descoberta, 17 de Janeiro de 1462 (cf. Barcellos 1899, 2003: 32). Em 19 de Setembro do mesmo ano, a ilha foi doada, juntamente com todas as outras do arquipélago, ao infante D. Fernando (cf. *HGCV, Corpo documental I* 1988: 17/18).

De acordo com Lopes de Lima 1844: 72, a primeira doação de Santo Antão a particulares é de 1538, confirmada pela carta de doação de 13 de Janeiro do mesmo ano, pela qual o rei D. João III deu a ilha de juro e herdade a João de Sousa para incentivar o povoamento. Morrendo este logo de seguida, o irmão Gonçalo de Sousa da Fonseca recebe a ilha em 13 de Janeiro de 1548. Da respetiva carta de doação se deduz que àquela data a ilha se mantinha despovoada (cf. Carreira 1983: 40). Gonçalo de Sousa da Fonseca faleceu anos mais tarde, sem descendente.

Em 1593 D. Filipe I doava a ilha de Santo Antão, conjuntamente com as das Flores e Corvo no arquipélago dos Açores ao conde D. Francisco de Mascarenhas pelos serviços desempenhados na Índia. Este recebeu a ilha com o título de conde de Santa Cruz. Deveria tomar posse da ilha de Santo Antão, do gado e dos escravos nela existentes (cf. Matos 1997: 345).

Matos 1996 salienta que em virtude das dificuldades por que passou o donatário D. João Mascarenhas, em 1724, quando se encontrava na Inglaterra, arrendou a ilha a um grupo de ingleses por um período de 27 anos. D. João V, naturalmente preocupado com a investida dos ingleses, mandou nomear um oficial, na circunstância Sebastião de Mendonça e Zuniga, para as funções de capitão-mor, para pôr cobro aos abusos dos donatários de Santo Antão que se faziam herdeiros de todos os bens da ilha (cf. Ferreira 2011: 23 e Barcellos 1899, 2003: 433). Santo Antão permaneceu na posse da linhagem dos condes de Santa Cruz até 17 de Janeiro de 1759. A partir desta data, a ilha reverteu definitivamente à coroa portuguesa na sequência do atentado contra D. José I (cf. Ferreira 2011: 23).

Relativamente ao povoamento da ilha, existem algumas contradições. Por exemplo, Correia e Silva (cf. *HGCVI* 1991: 228) escreve que na doação da ilha à Gonçalo de Sousa, a 13 de Janeiro de 1548, o rei atribuiu ao donatário certas prerrogativas jurisdicionais, mas de modo condicional e prospetivo, ou seja, atribuições só realizadas sob a condição de se povoar a ilha até então “precaricamente” habitada. Em 1582 Francisco Andrade refere que nas ilhas de Santo Antão, S. Nicolau, Brava, Boavista e Maio havia igrejas, nas quais se confessavam e comungavam uma vez ao ano todos os moradores delas pelo padre-cura, o que prova a existência de (escassa) população na ilha. Aliás, tal como refere Correia e Silva, a implementação da igreja e do clero eram indicadores evidentes da existência de núcleos de povoamento. Na carta de doação de 1593 concedida a D. Francisco Mascarenhas, diz que este deveria tomar posse do gado, escravos e de todos os imóveis existentes na ilha. Esta carta dá uma ideia de que o povoamento teria iniciado ainda no século XVI. Mas outra carta de 1606 remete para uma outra interpretação revelando que nesta data a ilha era ainda deserta de presença humana (cf. Évora 2005: 20-21).

Contudo, na opinião de Ferro (cf. Ferro 1998: 20/21), em 1731, Santo Antão era já a segunda ilha mais populosa do arquipélago. Segundo um recenseamento levado a cabo pelo bispo Frei José de Santa Maria de Jesus, a ilha tinha na altura 4.302 habitantes, sendo 10 brancos, 1.746 mulatos, 1.900 forros e 646 escravos, que não deviam pertencer ao donatário (cf. Barcellos II 1900: 264/265). Segundo o Anónimo de 1784, a ilha já tivera mais de 11 000 habitantes, na véspera da grande fome de 1773-75, ficando depois menos da metade (cf. Carreira 1983: 44). Mas em 1854, a população tinha de novo aumentado até alcançar cerca de 30 000 habitantes, conforme uma afirmação de Carlos Ribeiro Nogueira Ferrão, que data de 1898 (cf. Ferrão 1898: 23).

Pouco se sabe da origem da população da ilha. Em 1985 Agostinho Rocha escreveu que "... foi primeiramente povoada por algarvios e africanos vindos de Santiago, a que se juntaram ilhéus, madeirenses e açorianos, espanhóis, judeus, norte-americanos, italianos e outros" (cf. Ferro 1998: 20). É difícil avaliar a fiabilidade desta afirmação. Na mesma página, Maria Haydée Ferreira Ferro cita afirmações francamente contraditórias a respeito do povoamento da ilha que fez José Joaquim Lopes de Lima, em 1844, no seu *Ensaio sobre a estatística das possessões portuguesas*.

0.3 Metodologia

As informações que fornecemos acerca da fonética e fonologia do crioulo de Santo Antão provêm, por um lado, da pesquisa consagrada na íntegra ou em parte à variedade crioula de Santo Antão, como: Lopes da Silva 1957, 1984, Carvalho 1962, Nunes 1962/1963, Veiga 1982 e 1996 e Souza 2007. Por outro lado, foram realizadas cerca de seis sessões de trabalho de campo em Março de 2012 para colher dados de produção oral em ambiente natural junto dos falantes, com o propósito de registar a fala mais basilectal possível (crioulo fundo). As entrevistas foram gravadas com um minigravador OLYMPUS. Extratos dessas entrevistas e

um conto da nossa autoria intitulado *Nhe Mnél Péd xkapá p'un és* transcritos de acordo com o *Alfabeto Unificado Para a Escrita do Caboverdiano (ALUPEC)* encontram-se em anexo, acompanhados de traduções para português e, no caso do conto de Mnél Péd, também de uma transcrição no *Alfabeto Fonético Internacional (AFI)*. Os dados fornecidos pelas entrevistas foram complementados com os nossos conhecimentos enquanto falante nativa do crioulo de Santo Antão.

Foram entrevistadas um total de 15 pessoas todas nascidas na ilha Santo Antão, nas localidades de Figueiral, Pia de Cima, Aguada de Chã de Pedras, Fontainhas, Povoação, no concelho de Ribeira Grande, e Martiene, no concelho de Porto Novo. As conversas decorreram em casa dos próprios informantes, com um caráter informal, pedindo-se-lhes para falar sobre temas relacionados com as suas vivências: o trabalho na agricultura, a criação dos filhos, a ida para São Tomé, a língua cabo-verdiana. Na medida do possível, as nossas transcrições em *ALUPEC* respeitam a pronúncia. Desta forma, as palavras cuja pronúncia é [nef.si.'dɛd] e [kõf.'sjẽt] foram grafadas *nexsidéd* e *konxsient* e o pronome demonstrativo [es] 'esse' foi grafado *es*, ao passo que o pronome pessoal [eʃ] 'eles' foi grafado *ex* quando antecede uma consoante surda (cf. ... *inda pe ex fze-b e u k'ex kre...* '... ainda para eles to fazer é aquilo que eles quiserem') e *ej* quando antecede uma vogal ou uma consoante sonora (cf. ... *bo n de dez-j náda pke mnhan bo te txeme-j já ej n de bem...* '... não lhes dizes nada porque amanhã chamas-os e eles não vem...'). Colocámos acentos não apenas nas vogais abertas é [ɛ] e ó [ɔ], mas ainda no á aberto [a], para diferenciá-lo do *a* fechado [ɐ], com o único objetivo de auxiliar as pessoas não familiarizadas com o crioulo de Santo Antão.

1. Informação bibliográfica

A variedade linguística do caboverdiano falado na ilha de Santo Antão (SA), assim como outras variedades de Barlavento, têm estimulado interesse por parte de estudiosos nacionais e estrangeiros como Costa/Duarte 1886, 1967, Barros 1887, Teixeira 1888, Parsons 1923, Lopes da Silva 1957, 1984, Almada 1961, Carvalho 1962, Nunes 1962/1963, Veiga 1982 e 1996, Souza 2007 e Delgado 2008.

Apesar desses estudos, a variedade de SA continua mal conhecida e documentada, carecendo de análises profundas baseadas em quadros teóricos contemporâneos e extensos trabalhos de campo. Neste capítulo pretende-se apresentar uma revisão da literatura sobre o crioulo de SA, com enfoque na descrição fonológica dessa variedade.

1.1 Século XIX

Não se conhece nenhum estudo sobre o crioulo de SA até os anos oitenta do século XIX. Na introdução ao seu ensaio *Os Dialectos Românicos ou Neo-Latinos na África, Ásia e América*, publicado no *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa* em volume que corresponde ao ano 1880, Adolfo Coelho menciona um "estudo que publicamos" do dialecto crioulo de Santo Antão, baseado em materiais fornecidos por um falante nativo daquela ilha, Cesár Augusto de Sá Nogueira (cf. Coelho 1880, 1967: 3). Não nos foi possível encontrar este trabalho.

Mas em 1886 aparece, no mesmo *Boletim*, o ensaio intitulado *O Crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde* de Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte (= Costa/Duarte 1886, 1967). Trata-se de um dos primeiros estudos dialetológicos do caboverdiano, dividido em três partes que salientam as diferenças entre as variedades de Sotavento e Barlavento. Os autores confrontam aspetos ligados

à fonética e fonologia (primeira parte), apresentam regras e explicações relativas às diversas partes do discurso (segunda parte) e transcrevem versões crioulas de um texto bíblico em português *A parábola do filho pródigo* nas variedades de cada uma das ilhas (terceira parte). Para a versão da *Parábola* no crioulo de SA cf. na reimpressão de 1967, as páginas 308-309. Os dois autores portugueses, que tinham escolhido Cabo Verde como residência definitiva, embora não fossem linguistas (Vieira da Costa era empregado de alfândega e Duarte um médico-poeta), repararam num bom número de correspondências fónicas mais ou menos regulares entre o português e o crioulo de SA, e ocasionalmente falam até de passagem do português para o crioulo. Por outro lado, é evidente que não tinham uma noção clara da existência de 'leis fonéticas' (conceito porém central da linguística do seu tempo), nem da necessidade de se distinguir claramente entre letras e sons. Mesmo assim, e apesar de usarem princípios da ortografia portuguesa da época para representar sons e significantes crioulos, oferecem valiosas informações sobre determinados significantes do crioulo de SA.

As informações sobre a variedade crioula de SA que dá Frederico Barros no seu ensaio *Língua creola. Da Guiné Portuguesa e do arquipélago de Cabo Verde*, de 1887, são de pouca confiança. Mas nos finais do século, Teixeira 1888: 567 apresenta uma tradução fidedigna de duas estâncias do Canto 5.^o dos *Lusíadas*, no crioulo de SA.

No mesmo ano, José Leite de Vasconcellos, linguista considerado pai da dialetologia portuguesa, apresenta, no seu estudo sobre os *Dialectos Crioulos Portugueses de África* (= Vasconcelos 1898), mais cinco estâncias da tradução dos *Lusíadas* de Teixeira, seguidas de uma análise gramatical que abarca aspetos fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais.

1.2. Século XX

No seu *Léxico do Dialecto crioulo do Arquipélago de Cabo Verde*, publicado pela sua filha em 1971 e republicado em 1991, Armando Napoleão Rodrigues Fernandes (1889-1969), que morava em Santiago mas acompanhava o seu pai nas suas viagens pelas ilhas, apresenta um conjunto de palavras do crioulo de SA (no seu *Léxico* vão seguidas da abreviatura S.A.), com a tradução para o português, e em alguns casos acompanhadas de contextos onde tipicamente ocorrem.

Elsie Clews Parsons na sua obra *Folk-Lore From the Cape Verde Islands* (1923) apresenta contos, provérbios, adivinhas e expressões idiomáticas recolhidas junto de informantes das ilhas de Fogo, São Vicente, Santo Antão, São Nicolau e Brava, radicados nos Estados Unidos. A obra é uma das primeiras de cunho científico, baseada em trabalho de campo, com textos recolhidos através de entrevistas.

Luís Romano, natural da ilha de Santo Antão, publicou algumas obras usando a variedade de SA como, por exemplo, *Negrume (Lzimparin)* (1973) com contos e poesias. Em 1967 publicou um glossário no *Cabo Verde - Renascença de uma civilização no Atlântico Médio*.

Baltasar Lopes da Silva, natural da ilha de São Nicolau, realça em *O Dialecto Crioulo de Cabo Verde* (1957, reimpressão 1984) algumas particularidades do crioulo de SA. A ‘default variety’ da obra *Cabo Verde. Contribuição para o estudo do Dialeto falado no seu Arquipélago*, de Maria Dulce de Oliveira Almada (1961), é o crioulo de Mindelo (São Vicente).

Para a redação da sua contribuição *Sincronia e diacronia nos sistemas vocálicos do crioulo de Cabo Verde*, José Herculano de Carvalho (1962) dispunha de dois informantes naturais de Santo Antão que estudavam na altura em Coimbra. Segundo Herculano de Carvalho, tal como a variedade de Santiago, a variedade de

Santo Antão apresenta um sistema vocálico quadrangular, de três graus de abertura, com três fonemas em cada uma das séries anterior e posterior e apenas dois na central.

A primeira descrição fonológica do crioulo caboverdiano de Santo Antão digna deste nome forma parte do ensaio intitulado *The phonologies of Cape Verdean dialects of Portuguese* publicado, em 1962/1963, por Mary Louise Nunes, uma caboverdiana residente nos Estados Unidos. Surgiu em parte por insatisfação com a obra de Baltasar Lopes.²³ A autora informa sobre a fonologia das variedades insulares das ilhas de Santo Antão, Boavista, Brava e Fogo. Para a variedade de SA, apresenta 20 fonemas consonânticos e 13 vocálicos, sendo 8 orais e 7 nasais²⁴, com uma lista de palavras para exemplificar as ocorrências de cada fonema. Note-se que a vogal portuguesa /a/ está representada por *á*, nalguns casos onde deu [ɔ], em SA atual (cf. por exemplo Nunes 1962/1963: 9 e 13 *sapát* < *sapato* e *kavál* < *cavalo*). Nunes apresenta também os padrões silábicos da variedade de SA e a distribuição dos fonemas nas sílabas.

1.3 Pós-Independência

Manuel Veiga (1982), em *Diskrison Strutural di Lingua Kabuverdianu*, uma das primeiras obras escrita em crioulo com a grafia proposta no *Colóquio Linguístico do Mindelo* de 1979, apresenta dois capítulos dedicados à fonética e fonologia do caboverdiano desde os pontos de vista sincrónico e diacrónico. Nos três

²³ "I found, however, that Mr. da Silva's lack of training in modern descriptive methods constituted an obstacle to his achieving the aim of a scientific description of these dialects. His system of transcribing phonetic features was extremely complex, and, from the point of view of a phonematic analysis, could have been simplified considerably. In addition, his presentation of the data would have been more efficient had it been organized as a series of parallel studies indicating the individual speech characteristics of each dialect" (Nunes 1962/1963: 5).

²⁴ Para os nossos inventários, veja-se mais adiante 2.1-4 e 3.1-5.

capítulos restantes, contrasta as variedades das ilhas de São Vicente/Santo Antão, Santiago/Fogo e Santiago/São Vicente. Ao contrastar as variedades de São Vicente e Santo Antão dedica duas páginas aos contrastes fonéticos (cf. Veiga 1982: 97-99).

Donaldo Pereira Macedo (1980), na sua dissertação *A linguistic approach to the Capeverdean language*, pretende descrever a fonologia da 'língua caboverdiana', distinguindo só marginalmente entre Sotavento e Barlavento. Chega a apresentar um texto em crioulo de Santo Antão, extraído de *Negrume (Lzimparin)* de Luís Romano, como representativo do crioulo de São Vicente (cf. Macedo 1980: 183).

Agostinho Rocha (1990), no seu livro *Subsídios para a História da ilha de Santo Antão* postula algumas evoluções fonéticas que lhe sugere a comparação do crioulo de Santo Antão com o português padrão atual.

Em 1996, Teobaldo Virgínio publica *Nhas jent intige em Cabo Verde. Parágrafos do meu afeto* (cf. Virgínio 1996: 89). Graças ao facto de estar escrito no *Alfabeto Unificado Para a Escrita do Caboverdiano (ALUPEC)*, o pequeno texto informa bastante bem sobre o fonetismo da variedade, se abstrairmos dos numerosos 'e mudos' que contém. Vale a pena reproduzi-lo aqui (acrescentando uma tradução 'literal' da nossa autoria):

*Min se osês kre uvi stóra de nha ilha, mior enton é osês
ba konprá taboke, pexe seke, groge, ben sentá t'uvi, ta kmê,
ta bebê, ta maská, pakê nha stóra ten prinsipe, ma se fin é
kunpride.*

*Stóra de nha ilha é bokade de vida de nos tude ke nasê
koi na mar, na tópe de rotxa ta katá lenha, ramin de móte
verde pa kele kabrinha y pa kentá un aginha na fund de kal-
dera...*

*... Ese é Santanton de nha tenpe, asin kmô Saniklô, Praa
y kes ote ilha. Agó osês ben dezê-me ondê kun ome ta ba*

beská forsa, koraja pa podê infrentá? Kmô nho Gustin ta dezê: sô pa dôde y ladron. Tude mode na kadea es ten ke sustentá kriston. – Era un manera de dezaforjá, pakê fraqueza ta kriá jente raiba.

'Eu, se vocês querem ouvir estórias da minha ilha, melhor então irem comprar tabaco, peixe seco, aguardente para se sentarem a ouvir comendo, bebendo, mascando, porque a minha estória tem princípio, mas o seu fim é comprido.

A estória da minha ilha é parte da vida de nós todos que nasceram de olhos no mar, no topo de uma rocha apanhando lenha, raminhos verdes para a cabrinha e para aquecer uma aguinha no fundo da caldeira.

... Esse é o Santo Antão do meu tempo, assim como São Nicolau, Praia e aquelas outras ilhas. Agora vocês venham dizer-me onde é que um homem vai buscar força e coragem para poder enfrentar? Como diz o senhor Augustinho, só para doidos e ladrões, em todo o caso na cadeia eles têm de sustentar os cristãos. Era uma forma de dessaforjar, porque a fraqueza faz-nos muito raiva'.

Ulisdete Rodrigues de Souza (2007) na sua tese de doutoramento intitulada *A fonologia do caboverdiano: das variedades insulares à unidade nacional*, analisa a componente fonológica de quatro ilhas, sendo duas de Sotavento (Santiago e Fogo) e duas de Barlavento (São Vicente e Santo Antão). Souza enquadra a sua análise no modelo teórico da Teoria da Otimidade, que é um modelo desenvolvido para investigar a variação interlinguística por meio de restrições, ancorado nos fundamentos gerativistas. Para Barlavento, Souza apresenta um quadro fonético das consoantes para as ilhas de Santo Antão e São Vicente. Ressalta que as duas ilhas possuem um total de vinte e dois fones o que difere das ilhas de Santiago e Fogo devido ao acréscimo da vibrante uvular [ʀ] e da nasal velar [ŋ]. Também apresenta um quadro

com dez vogais para as ilhas de Santo Antão e São Vicente, com acréscimo das semivogais [j] e [w].

Carlos Alberto Delgado publicou em 2008 a sua dissertação intitulada *O crioulo de Cabo Verde. Situação linguística da zona do Barlavento*. A obra não traz informações sobre fonética e fonologia.

2. Vocalismo

Neste capítulo descrevemos o sistema vocálico da variedade linguística do caboverdiano falada na ilha de Santo Antão, apresentando a distribuição vocálica em relação ao acento fónico. Na posição tónica, a variedade linguística do caboverdiano falada em Santo Antão apresenta um total de 16 fonemas vocálicos sendo 8 orais e 8 nasais. Na posição átona o inventário reduz-se a 10 fonemas sendo 5 orais e 5 nasais.

2.1 Vogais orais tónicas

	anteriores			centrais			posteriores		
f.	/i/	<i>	meɾið				/u/	<u>	fruja
m.	/e/	<e>	seð	/ɐ/	<a>	kria	/o/	<o>	koza
a.	/ɛ/	<é>	kebésa	/a/	<á>	káza	/ɔ/	<ó>	órta

Os fonemas vocálicos orais tónicos do crioulo de Santo Antão

f. = fechadas, m. = médias, a. = abertas

2.1.1 Vogais orais tónicas fechadas /i, u/

/i/: meɾið [me.'rid] s. 'marido', fi [fi] s. 'filho', kziɲha ['kzi.ɲɐ] 'um pouco', piðriɲha [pi.'dri.ɲɐ] s. 'pedrinha'

/u/: txuva ['tʃu.ve] s. 'chuva', fruja ['fru.ʒɐ] s. 'ferrugem', modura [mo.'du.re] adj. 'madura', mut ['mut] adv. 'muito'

2.1.2 Vogais orais tónicas médias /e, ɐ, o/

/e/: sed [ˈsed] s. ‘sede, vontade de beber’, kebes [ke.ˈbes] s. ‘cabeço’, seker [se.ˈker] s. ‘sequeiro’

/ɐ/: kria [ˈkrjɐ] s. ‘cria, filho, rebento’, petferiâ [pet.fe.rjɐ] s. ‘patiféria’

/o/: koza [ˈko.zɐ] s. ‘coisa’, port [ˈport] s. ‘porto’, pot [ˈpot] s. ‘pote’

2.1.3 Vogais orais tónicas abertas /ɛ, a, ɔ/

/ɛ/: néta [ˈnɛ.tɐ] s. ‘neta’, pikeréta [pi.ke.ˈrɛ.tɐ] s. ‘picareta’, véla [ˈvɛ.lɐ] s. ‘vela’

/a/: káza [ˈka.zɐ] s. ‘casa’, kána [ˈka.nɐ] s. ‘cana’, inxáda [i.ˈʃa.dɐ] s. ‘enxada’, kuát [ˈkwat] num. ‘quatro’

/ɔ/: gót [ˈgɔt] s. ‘gato’, xóla [ˈʃko.lɐ] s. ‘escola’, óra [ˈɔ.rɐ] s. ‘ora’, rósa [ˈrɔ.sɐ] s. ‘roça’, lója [ˈlɔ.zɐ] s. ‘loja’, pórta [ˈpɔr.tɐ] s. ‘porta’, órta [ˈɔr.tɐ] s. ‘orta’

2.2 Vogais orais átonas

	anteriores			centrais			posteriores		
f.	/i/	<i>	í <u>d</u> éd				/u/	<u>	g <u>u</u> vern
m.	/e/	<e>	k <u>e</u> bésa	/ɐ/	<a>	k <u>ó</u> va	/o/	<o>	<u>o</u> poi

Os fonemas vocálicos orais átonos do crioulo de Santo Antão

f. = fechadas, m. = médias

2.2.1 Vogais orais átonas fechadas /i, u/

/i/: vívê [vi.ˈvɛ] v. ‘viver’, ídéd [i.ˈdɛd] s. ‘idade’, krikultura [kri.kul.ˈtu.rɐ] s. ‘agricultura’

/u/: guvern [gu.ˈvern] s. ‘governo’, lutá [lu.ˈta] v. ‘lutar’, idukoson [i.du.ko.ˈsɔ̃] s. ‘educação’

As vogais átonas fechadas /i, u/ ocorrem na sua maioria na posição pretónica, sendo que na posição pós-tónica só há registos de /i/ seguido da consoante líquida /l/ (ex: *t̄f̄is̄il* ['t̄fi.sil] adj. 'difícil', *f̄ás̄il* ['f̄a.sil] adj. 'fácil').

Souza 2007: 152 realça a existência das vogais átonas altas [i] e [u] no final absoluto dos vocábulos em Sotavento (onde, de facto, são as realizações normais dos arquifonemas vocálicos anterior e posterior, como nos exemplos *S póbri* adj. 'pobre', *lébi* adj. 'leve', *piládu* adj. 'pilado', *fátu* s. 'fato' etc.), enquanto que em Barlavento encontramos, nessa posição, segundo a autora, em palavras etimologicamente idênticas (cf. *SA pobr*, *lev*, *plód*, *fót*) um zero fonético, um schwa ou um "e mudo"(!). Também no nosso corpus não há registo das vogais fechadas [i] e [u] no final absoluto das palavras, devido ao fenómeno comum, na variedade de SA, da ausência de vogais finais átonas anteriores e posteriores onde se encontram, em palavras etimologicamente idênticas, no português e nas variedades de Sotavento.

2.2.2 Vogais orais átonas médias /e, ɐ, o/

/e/: *kebes* [ke.'bes] s. 'cabeço', *seker* [se.'ker] s. 'sequeiro'

/ɐ/: *batáta* [bɐ.'ta.tɐ] s. 'batata', *zona* ['zo.nɐ] s. 'zona', *kábra* ['ka.brɐ] s. 'cabra', *koza* ['ko.zɐ] s. 'coisa'

/o/: *tróbói* [tro.'bɔj] s. 'trabalho', *ɔpoi* [o.'poj] s. 'apoio', *bokód* [bo.'kɔd] s. 'bocado'

De acordo com os dados analisados não há registos de vogais abertas na posição átona. Nesta posição verifica-se pois, na variedade de SA, um processo de redução do inventário dos fonemas vocálicos. No final absoluto dos vocábulos regista-se, nas sílabas átonas, apenas a ocorrência da vogal média /ɐ/ (ex: *ága* ['a.gɐ] s. 'água', *laváda* [lɐ.'va.dɐ] s. 'lavada').

2.3 Vogais nasais tónicas

A questão das vogais nasais no caboverdiano tem despoletado várias opiniões. Cf., por exemplo, Veiga 1982: 61, segundo o qual, no caboverdiano, não haveria fonemas vocálicos nasais, ou Carvalho 1962: 45, segundo o qual a sua existência tem de se admitir nas variedades de Barlavento "mas apenas em final absoluta de palavra". Pelo contrário, a forte nasalidade das vogais a que segue uma consoante nasal homossilábica ou mesmo heterossilábica, seria apenas fonética.

Para nós há fonemas vocálicos nasais mesmo no interior das palavras, por exemplo seguidos de grupos consonânticos cujo primeiro elemento, nasal, antecipa, a nível fonético, o ponto de articulação da segunda consoante. Encontramos assim, as sequências fonéticas seguintes:

[V] + [n] + consoante oclusiva dental: cf. *junt* ['zũnt] adv. 'junto', *mund* ['mũnd] s. 'mundo'.

[V] + [m] + consoante oclusiva bilabial; cf. *temp* ['tẽmp] s. 'tempo', *lomb* ['lõmb] s. 'lombo'.

[V] + [ŋ] + consoante oclusiva velar: cf. *brank* ['brõŋk] adj. 'branco', *tranká* [trẽŋ'ka] v. 'trancar'.

	anteriores			centrais			posteriores		
f.	/ĩ/	<in>	<u>si</u> nk				/ũ /	<un>	<u>ju</u> nt
m.	/ẽ/	<en>	<u>ke</u> nt	/ẽ/	<an>	<u>txa</u> n	/õ /	<on>	<u>ko</u> np
a.	/ẽ/	<én>	du <u>ẽ</u> nsa	/ã/	<án>	pl <u>ã</u> nta	/õ /	<ón>	<u>ko</u> nta

Os fonemas vocálicos nasais tónicos do crioulo de Santo Antão

f. = fechadas, m. = médias, a. = abertas

2.3.1 Vogais nasais tónicas fechadas /ĩ, ã/

/ĩ/: segint [se.'gĩnt] adj. 'seguinte', mirin [mi.'rĩ] s. 'meirinho' (en-carregado de um depósito de água, aquele que faz a distribuição da água aos proprietários), peknin [pe.'knĩ] adj. 'pequenino'

/ã/: junt ['jũnt] adv. 'junto', mund ['mũnd] s. 'mundo'

2.3.2 Vogais nasais tónicas médias /ẽ, õ/

/ẽ/: kent ['kẽnt] adj. 'quente', bextent [be.f.'tẽnt] adj. 'bastante', jent ['zẽnt] s. 'gente', pent ['pẽnt] s. 'pente', temp ['tẽmp] s. 'tempo'

/õ/: mnhan ['mɲõ] adv. 'amanhã', txan [tʃõ] s. 'chá' (área ou extensão de terreno plano)

/õ/: monda ['mõn.de] s. 'monda', ponta ['põn.te] s. 'ponta', lonb ['lõmb] s. 'lombo', produson [pro.du.'sõ] s. 'produção', person [pẽ.'sõ] s. 'pensão'

2.3.3 Vogais nasais tónicas abertas /ẽ, ã, õ/

/ẽ/: duénsa ['dwẽ.se] s. 'doença', vivénsa [vi.'vẽ.se] s. 'vivência', korénta [ko.'rẽn.te] num. 'quarenta'

/ã/: plánta ['plã.n.te] s. 'planta', mánta ['mã.n.te] s. 'manta', kánja ['kã.ʒe] s. 'canja'

/õ/: kónta ['kõn.te] s. 'conta'

2.4 Vogais nasais átonas

	anteriores			centrais			posteriores		
f.	/ĩ/	<in>	<u>inxáda</u>				/ũ /	<un >	<u>kunfiá</u>
m.	/ẽ/	<en>	<u>prenten</u>	/õ/	<an>	<u>tranká</u>	/õ /	<on >	<u>konprá</u>

Os fonemas vocálicos nasais átonos do crioulo de Santo Antão

f. = fechadas, m. = médias

2.4.1 Vogais nasais átonas fechadas /ĩ, ã/

/ĩ/: interior [ĩn.te.'rjor] adj. 'interior', in**ba**rká [ĩm.bər.'ka] v. 'embarcar', ingrevidá [ĩŋ.gre.vi.'da] v. 'engravidar', inpá [ĩm.'pa] v. 'limpar', ingen [nĩŋ.'gẽ] pron. ind. 'ninguém'

/ã/: anpará [kũm.pɐ.'ra] v. 'comparar', anp**ri**mentá [kũm.pri.mɛn.'ta] v. 'cumprimentar'

2.4.2 Vogais nasais átonas médias /ẽ, ẽ, õ/

/ẽ/: endê [vɛn.'de] v. 'vender', endioka [mɛn.'djo.ke] s. 'mandioca', enten [prɛn.'tɛ] s. 'milho torrado'

/ẽ/: dbangá [dbɛŋ.'ga] v. 'cair', ranká [rɛŋ.'ka] v. 'partir', tranká [trɛŋ.'ka] v. 'trancar', kanbá [kɛm.'ba] v. 'desaparecer', mandá [mɛn.'da] v. 'mandar', antrá [ɛn.'tra] v. 'entrar', sanzála [sɛ.'za.lɛ] s. 'semzala'

/õ/: kondutor [kõn.du.'tor] s. 'condutor', konprá [kõm.'pra] v. 'comprar', konboiá [kõm.bo.'ja] v. 'caminhar com dificuldade', mondód [mõn.'dɔd] s. 'tarefa'

2.5 Ditongos

2.5.1 Semivogais (glides)

labiovelar	[w]	<u>	guáda	['gwa.dɛ]
palatal	[j]	<i>	opoi	[o.'poj]

As semivogais (glides) do crioulo de Santo Antão

Lang 2012: 1.2.1.8.2 afirma que todos os ditongos da variedade de Santiago podem ser interpretados como sequências de dois fonemas vocálicos dos quais cada um ocorre também sem vir acompanhado pelo outro. A sua argumentação vale também para a variedade de SA. Em conformidade com ela, os dois glides [w] e [j] que ocorrem nesta variedade devem ser considerados alofones dos fonemas /u/ e /i/.

2.5.2 Ditongos orais

Das duas vogais que juntas formam um ditongo, a vogal que atinge o ápice de percetibilidade chama-se central, e a outra marginal. Se as duas vogais de um ditongo diferem no grau de abertura, a central costuma ser a mais aberta. A vogal marginal é explosiva, quando precede a central, quer dizer que neste caso a percetibilidade aumenta no decurso da realização da vogal marginal. É o caso dos ditongos que, na tradição dos estudos das línguas românicas, recebem o nome de 'ditongos crescentes'. Pelo contrário, a vogal marginal é implosiva, quando segue a vogal central; neste caso, a percetibilidade diminui no decurso da realização da vogal marginal. É o caso dos ditongos que, nesta tradição, se chamam 'ditongos decrescentes'.

No crioulo de Santo Antão, [w] e [j] podem constituir ditongos orais com todo o tipo de vogais que não sejam [u] e [i], respetivamente.

O crioulo de SA possui cerca de 18 ditongos orais e 4 ditongos nasais.

2.5.2.1 Ditongos orais crescentes com [j] explosivo

[ju]: regediu [re.ge.'dju] s. 'regadio', mendukinha [mẽn.dju.'ki.nɐ] s. 'mandioquinha', viuva ['vju.vɐ] s. 'viuva'

[jo]: mlior ['mljor] adj. 'melhor'

[jo]: mendoka [mẽn.'djo.ke] s. 'mandioca', pediola [pe.'djo.lɐ] s. 'padiola', riola ['rjo.lɐ] s. 'riola, o ato de falar mal de alguém pelas costas'

[jɐ]: terdia [ter.'dɐ] adv. 'antes de ontem', ilia ['i.lɐ] 'ilha', plepsia [ple.'psjɐ] s. 'epilepsia', glentia [glẽn.'tɐ] s. 'garantia', irvilia [ir.'vi.lɐ] s. 'ervilha'

[ja]: xpia ['ʃpja] v. 'ver', kria ['krja] v. 'criar'

[je]: diebet [dje.'bet] s. 'diabete'

2.5.2.2 Ditongos orais decrescentes com [j] implosivo

[uj]: kuidá [kuj.'da] v. 'cuidar', muita ['muj.te] s. 'moita de cana'

[oj]: moitinha [moj.'ti.ɲɛ] s. 'moitinha', opoi [o.'poj] s. 'apoio', dzoit ['dzojt] num. 'dezoito'

[ɔj]: ói ['ɔj] s. 'alho', bói ['boj] s. 'baile'

[ej]: mei ['mej] s. 'meio', prei ['prej] loc. adv. 'por aí', veidéd [vej.'dɛd] s. 'vaidade'

2.5.2.3 Ditongos orais crescentes com /w/ explosivo

[wi]: juiz ['ʒwiz] s. 'juízo'

[we]: kuei ['kwej] s. 'coelho'

[wɛ]: kuéka ['kwɛ.kɛ] s. 'cuéca'

[wa]: kuát ['kwat] num. 'quatro', kuárta ['kwar.te] s. 'quarta'

2.5.2.4 Ditongos orais decrescentes com /w/ implosivo

[iw]: seriu ['se.rɪw] adj. 'sério', usiliu [u'.si.liw] s. 'auxílio'

[ew]: kretxeu [kre.'tʃew] s. 'namorado'

[ɛw]: séu ['sɛw] s. 'céu', véu ['vɛw] s. 'véu'

[ow]: soud ['sowd] s. 'saúde', pouta ['pow.te] s. 'pauta'

2.5.3 Ditongos nasais

O crioulo de SA apresenta um número reduzido de ditongos nasais:

[jõ]: okozion [oko.'zjõ] s. 'ocasião', opnion [o.'pnjõ] s. 'opinião'

[jẽ]: pesiensa [pe.'sjẽ.sɛ] s. 'paciência', konxsient [kõʃ.'sjẽnt] adj. 'consciente'

[wẽ]: duent ['dwẽnt] adj. 'doente', inkuent [in.'kwẽnt] conj. 'enquanto'

[wẽ]: duénsa ['dwẽ.sɛ] s. 'doença'

De acordo com os exemplos, constata-se que os ditongos nasais do crioulo de SA são sempre crescentes e ocorrem maioritariamente nas sílabas tónicas.

2.6 Pares mínimos

A análise dos dados do crioulo de SA permite identificar pares mínimos que contrastam palavras variando apenas num fonema, e neste fonema apenas numa característica. Vejamos os exemplos que se seguem:

2.6.1 Pares mínimos formados a partir dos tipos de ressonância (oral/nasal)

i/ĩ: fi [fɨ] s. 'filho' / fin [fɨn] s. 'fim'

e/ê: let [lɛt] s. 'leite' / lent [lɛnt] s. 'lente', qet [kɛt] adj. 'quieto' / qent [kɛnt] adj. 'quente'

ɛ/ê: kabá [kɛ.'ba] v. 'acabar' / kabá [kɛm.'ba] v. 'esconder', katá [kɛ.'ta] v. 'acatar' / kantá [kɛn.'ta] v. 'cantar'

o/ô: po [pɔ] s. 'poeira' / po[n] [pɔn] s. 'pão', bro[k] [brɔk] adj. 'surdo' / bro[n]k [brɔŋk] adj. 'branco'

2.6.2 Pares mínimos formados a partir dos graus de abertura das vogais

Fechadas/ médias:

i/e: linha [li.nɐ] s. 'linha' / lenha [le.nɐ] s. 'lenha'

u/o: muda [mu.dɐ] adj. 'muda' / moda [mo.dɐ] s. 'moda'

Abertas/ médias:

ɛ/e: séd [sɛd] s. 'sede' (prédio ou lugar em que funciona um órgão jurisdicional) / sed [sɛd] s. 'sede' (vontade de beber)

a/ɛ: kriá [krja] v. 'criar' / kriá [krjɛ] s. 'cria, filho, rebento'

o/o: frók [frøk] adj. ‘fraco’ / frök [frok] s. ‘casaco’, sók [søk] s. ‘saco’ / sok [sok] s. ‘soco’ (pancada forte desferida com a mão fechada), gól [gɔl] s. ‘galo’ / gol [gol] s. ‘golo’, nóv [nov] num. ‘nove’ / nov [nov] adj. ‘novo’, ói [oj] s. ‘alho’ / oi [oj] s. ‘olho’, bói [boj] s. ‘baile’ / boi [boj] s. ‘boi’, pós [pɔs] s. ‘pássaro’ / pos [pos] s. ‘poço’

Lang 2012: 1.2.1.4 nota, em relação à variedade de Santiago, que o contraste entre verbo/substantivo ou adjetivo se acompanha frequentemente, naquela variedade, de um contraste médio/aberto na vogal tónica, como ocorre nos exemplos *S kareka* v. ‘ficar careca’ / *karéka* s./adj. ‘careca’, *sela* v. ‘selar’ / *séla* s. ‘sela’, *foga* v. ‘afogar-se’ / *fóga* s. ‘afogamento’, *nota* v. ‘anotar’ / *nóta* s. ‘nota’, *parti* v. ‘quebrar’ / *párti* s. ‘parte’, *sabe* [sɛ.bi] v. ‘saber’ / *sábi* adj. ‘agradável’. Este emprego gramatical das oposições médio/aberto constitui um dos traços estruturais mais marcantes da variedade de Santiago.

A situação no crioulo de SA é outra. Em pares verbo/ substantivo que terminam em vogal central é o lugar do acento fónico que funciona como principal traço diferenciador: os verbos são sempre ‘oxítonos’ (palavras agudas) e os substantivos costumam ser ‘paroxítonos’ (palavras graves). Como estes verbos terminam sempre em [a] tónico aberto, esta diferença acompanha-se numa oposição aberto/médio na última vogal. E pode ainda acompanhar-se numa oposição médio/aberto na penúltima vogal, como ocorre nos exemplos que se seguem:

kazá [kɛ.'za] v. ‘casar’ / *kázã* [ka.zɛ] s. ‘casa’

ková [ko.'va] v. ‘covar’ / *kóvã* [kɔ.vɛ] s. ‘cova’, *kordá* [kor.'da] v. ‘acordar’ / *kórdã* [kɔr.'dɛ] s. ‘corda’

selá [se.'la] v. ‘selar’ / *séla* [sɛ.lɛ] s. ‘sela’

2.6.3 Pares mínimos formados a partir das zonas de articulação

Anteriores/posteriores:

ĩ/ũ: lim ['lim] s. 'limo' / lum ['lum] s. 'lume'

e/o: pext ['peʃt] s. 'peste' / poxt ['poʃt] s. 'posto'

ɛ/ɔ: téxta ['tɛʃ.tɐ] s. 'testa' / tóxta ['tɔʃ.tɐ] s. 'tosta'

Anteriores /centrais:

e/ɐ: pegá [pe.'ga] v. 'pegar' / pagá [pɛ.'ga] v. 'pagar', levá [le.'va] v. 'levar' / lavá [lɛ.'va] v. 'lavar'

ɛ/a: séla ['sɛ.lɐ] s. 'sela' / sála ['sa.lɐ] s. 'sala', véla ['vɛ.lɐ] s. 'vela' / vála ['va.lɐ] s. 'buraco'

Centrais/posteriores:

ɐ/o: kalá [kɛ.'la] v. 'calar' / kolá [ko.'la] v. 'colar'

a/ɔ: sála ['sa.lɐ] s. 'sala' / sóla ['sɔ.lɐ] s. 'sola' (correspondente à planta do pé)

2.7 Harmonia vocálica

É interessante observar que, na variedade crioula de SA, existe o fenómeno chamado 'harmonia vocálica'. Fala-se de harmonia vocálica quando numa língua algumas vogais concordam quanto a determinado(s) traço(s), com vogais adjacentes. O acordo pode verificar-se em relação ao grau de abertura das vogais implicadas, ao seu lugar de articulação, ao seu carácter arredondado ou não arredondado etc., ou pode ainda verificar-se em relação a alguma combinação de tais traços.

Comparando com o português e outras variedades do crioulo caboverdiano, constata-se que a harmonia vocálica do crioulo de SA diz respeito ao lugar de articulação e ao grau de abertura das vogais implicadas e resulta historicamente de uma assimilação – por vezes apenas parcial – de vogais pretónicas a estas características da vogal tónica da mesma palavra. Vejam-se os exemplos seguintes:

pidrinha [pi.'dri.nɐ] s. ‘pedrinha’

kebes [ke.'bes] s. ‘cabeço’

trobói [tro.'boj] s. ‘trabalho’

idukoson [i.du.ko.'sõ] s. ‘educação’

kotxupa [ko'tʃupɐ] s. ‘cachupa’ (prato nacional de Cabo Verde)

pikeréta [pi.ke.'rɛ.tɛ] s. ‘picareta’

gurdura [gur.'du.rɐ] s. ‘gordura’

enel [e.'nel] s. ‘anel’

A harmonia vocálica do crioulo de Santo Antão requiere um estudo pormenorizado que não podemos empreender aqui.

2.8 Conclusões

Através dos dados apresentados é possível verificar que no crioulo de SA as vogais tónicas formam um quadro composto de 16 vogais (8 orais e 8 nasais), a maior parte delas podendo ocorrer em sílaba inicial, média e final (cf. 2.1 e 2.3). As palavras polissilábicas oxítonas são mesmo muito frequentes devido ao facto de as formas de base de todos os verbos serem formas oxítonas.

Saindo da posição tónica, o quadro das vogais sofre uma redução dado que as vogais abertas não ocorrem na posição átona. Isto vale tanto para as vogais orais como para as nasais (cf. 2.2 e 2.4).

As vogais átonas fechadas /i, u/ ocorrem na sua maioria na posição pretónica. Nas sílabas finais átonas regista-se como vogal em posição final absoluta apenas a vogal média /e/.

As glides do crioulo de SA não constituem fonemas mas sim alofones dos fonemas /i/ e /u/ (cf. 2.5.1).

No crioulo de SA regista-se o fenómeno chamado de harmonia vocálica. Algumas vogais pretónicas assimilam traços das vogais tónicas (cf. 2.7).

3. Consonantismo

Este capítulo tem por objetivo apresentar o inventário dos fonemas consonânticos do crioulo de SA, seguindo os parâmetros que descrevem as propriedades articulatórias dos sons da fala. Além disso, identificaremos as posições que as consoantes podem ocupar nas palavras e apresentaremos pares mínimos de palavras que ilustrem a pertinência dos traços que consideramos distintivos. Finalmente descreveremos os grupos consonânticos que ocorrem no crioulo de SA.

O crioulo de SA apresenta um total de vinte e uma consoantes, sendo seis oclusivas, seis fricativas, duas africadas, três nasais e quatro líquidas:

modo de articulação		ponto de articulação							
		bl.	ld.	dt.	al.	ap.	pl.	vl.	uv.
oclusivas	sd.	p		t				k	
	sn.	b		d				g	
fricativas	sd.		f		s		ʃ		
	sn.		v		z		ʒ		
africadas	sd.					tʃ			
	sn.					dʒ			
nasais		m		n			ɲ		
líq.	lat.				l		ʎ		
	vib.				r				ʀ

Os fonemas consonânticos do crioulo de Santo Antão

sd. = surdas, sn. = sonoras, líq. = líquidas, bl. = bilabiais, ld. = labiodentais, d. = dentais, al. = alveolares, ap. = alveolopalatais, pl. = palatais, vl. = velares, uv. = uvulares

Nunes 1962/63 apresenta vinte fonemas consonânticos (omite o /dʒ/), Souza 2007 vinte e dois fonemas (devido ao acréscimo da nasal velar /ɲ/; para o status fonológico do som [ɲ] no crioulo de SA, cf. mais adiante 3.4.4).

3.1 Consoantes oclusivas /p, b, t, d, k, g/

3.1.1 Oclusiva bilabial surda /p/

a) Posição inicial: pov [ˈpov] s. ‘povo’, psoa [ˈpsɔ.ɐ] s. ‘pessoa’, pikeréta [pi.ke.ˈrɛ.te] s. ‘picareta’, plânta [ˈplã̃n.te] s. ‘planta’

b) Posição mediana: tepet [te.ˈpet] s. ‘tapete’, konprá [kõ̃m.ˈpra] v. ‘comprar’, topum [to.ˈpum] s. ‘tapume’, propriedéd [pro.prje.ˈdɛd] s. ‘propriedade’

c) Posição final: tenp [ˈtẽmp] s. ‘tempo’, konp [ˈkõ̃mp] s. ‘campo’, senp [ˈsẽmp] adv. ‘sempre’

3.1.2 Oclusiva bilabial sonora /b/

- a) Posição inicial: batáta [bɛ.'ta.tɛ] s. 'batata', bóbra ['bɔ.brɛ] s. 'abóbora'
- b) Posição mediana: diebet [dje.'bet] s. 'diabete', kebes [ke.'bes] s. 'cabeço'
- c) Posição final: séb ['sɛb] v. 'saber', kób ['kɔb] s. 'cabo'

3.1.3 Oclusiva dental surda /t/

- a) Posição inicial; terballiá [tɛr.bɛ.'lja] v. 'trabalhar', trobói [tro.'boj] s. 'trabalho', toká [to.'ka] v. 'tocar'
- b) Posição mediana; krikulttura [kri.kul.'tu.rɛ] s. 'agricultura', kultivá [kul.ti.'va] v. 'cultivar'
- c) Posição final: bextentt [bɛf.'tɛnt] adj. 'bastante', botót [bo.'rɔt] adj. 'barato', kontt ['kɔnt] s. 'canto', entigementt [ɛn.ti.ge.mɛnt] adv. 'antigamente'

3.1.4 Oclusiva dental sonora /d/

- a) Posição inicial: dvagár [dve.'gar] adv. 'devagar', dnher ['dɲɛr] s. 'dinheiro'
- b) Posição mediana: prejdiká [preʒ.di.'ka] v. 'prejudicar', produt [pro.'dut] s. 'produto'
- c) Posição final: remed [re.'med] s. 'remédio', verd ['verd] adj. 'verde', sodéd [so.'dɛd] s. 'saudade'

3.1.5 Oclusiva velar surda /k/

- a) Posição inicial: konp ['kɔmp] s. 'campo', káza ['ka.zɛ] s. 'casa', kób ['kɔb] s. 'cabo'
- b) Posição mediana: bokód [bo.'kɔd] s. 'bocado', seker [se.'ker] s. 'sequeiro', pexkodor [pɛf.ko.'dor] s. 'pescador'
- c) Posição final: frok ['frok] s. 'casaco', linbik [lĩm.'bik] s. 'alambique', sék ['sɛk] adj. 'seco'

3.1.6 Oclusiva velar sonora /g/

- a) Posição inicial: *grog* ['grog] s. 'aguardente', *grinhesin* [gri.ɲe.'sĩ] 'agora mesmo', *gubern* [gu.'vern] s. 'governo'
- b) Posição mediana: *dvagár* [dvɐ.'gar] adv. 'devagar', *ága* ['a.gɐ] s. 'água', *regodura* [re.go.'du.rɐ] s. 'regadura'
- c) Posição final: *log* ['log] adv. 'logo', *grog* ['grog] s. 'aguardente', *jog* ['ʒog] s. 'jogo'

Em muitas, se não em todas as variedades do crioulo de SA há neutralização da oposição surdo/sonoro, no âmbito das oclusivas, ao entrarem em contato com uma consoante surda subsequente. O arquifonema resultante (que aqui transcrevemos excecionalmente usando uma maiúscula) realiza-se como oclusiva surda: /'Pxi.gɐ/ s. 'bexiga', /'Pta/ v. 'botar', /Tʃkɛl.'sa/ v. 'descalçar', /'Tʃpɛ.se/ s. 'dispensa', /Kfɔ.'ɲot/ s. 'gafanhoto', /ruP'sɔd/ s. 'rebuçado', /Tfi.kul.'dɛd/ s. 'dificuldade' etc. Em *ALUPEC* escrevemos estas palavras *pxiga*, *tfikuldéd*, *kfonhot* conforme a pronúncia real.

Há descrições mais ou menos exatas deste fenómeno desde Lopes da Silva (cf. Silva 1957, 1984: 93 e 97, Almada 1961: 70 e Souza 2007: 147).

Também há algumas neutralizações da oposição surdo/sonoro nas oclusivas iniciais ao ficarem, dentro de uma palavra fónica, após uma palavra que termina com um fonema sonoro. O *t*-de *ten* v. 'ter', de *tinha* (anterior do mesmo verbo) e da partícula verbal *ti*, por exemplo, assimila a sonoridade do advérbio de negação *n* precedente tornando-se [d-]. Vejamos alguns exemplos extraídos das nossas entrevistas: ... *un psoa ke n den trobói* ... '... uma pessoa que não tem trabalho ...', ... *n dinha tezon n dinha es fruja ke ten ogóra* '... não tinha mil pés não tinha estas ferrugens que têm agora', ... *já min n di te podê regá*... '... já não estou a conseguir regar...'. Também nestes casos respeitamos a pronúncia real, ao escrever em *ALUPEC*.

Em vocábulos como *gozok* [go.'zok] s. 'casaco', *gójga* ['gɔʒ.gɐ] s. 'cócegas', a sonoridade da consoante inicial, etimologicamente surpreendente, poderia resultar de uma assimilação a distância à sonoridade da consoante subsequente.

3.2 Consoantes fricativas /f, v, s, z, ʃ, ʒ/

3.2.1 Fricativa labiodental surda /f/

- a) Posição inicial: *f*ezenda [fe.'zɛn.dɐ] s. 'fazenda', *f*rók [f'rɔk] adj. 'fraco', *f*jon [f'ʒɔ] s. 'feijão'
- b) Posição mediana: *f*infermer [ĩ.fer.'mer] s. 'enfermeiro', *f*infrentá [ĩ.frɛn.'ta] v. 'enfrentar', *f*efê [ke.'fe] s. 'café'
- c) Posição final: *f*mef [mef] s. 'mau cheiro', *f*petif [pe.'tif] adj. 'patife', *f*bojof [bo.'ʒof] adj. 'mentiroso', *f*moŋ [mof] adj. que tanto pode significar 'mofo' como 'oco', *f*txif [t'ʃif] s. 'chifre', *f*bóf [bɔf] s. 'mau hálito de bebida'

3.2.2 Fricativa labiodental sonora /v/

- a) Posição inicial: *v*iuva [vju.vɐ] s. 'viúva', *v*endê [vɛn.'de] v. 'vender', *v*ivê [vi.'ve] v. 'viver'
- b) Posição mediana: *v*oyá [ko.'va] v. 'covar', *v*oryód [or.'vɔd] adj. 'deficiente', *v*uí [u.'vi] v. 'ouvir'
- c) Posição final: *v*oy [kov] s. 'couve', *v*oy [ov] s. 'ovo', *v*iy [viv] adj. 'vivo'

Souza 2007: 147 salienta que em todo o arquipélago a labiodental /v/ e a bilabial /b/ alternam em formas como *v*ez ~ *b*es s. 'vez', *v*stid ~ *b*stid s. 'vestido', *v*ida ~ *b*ida s. 'vida'.

3.2.3 Fricativa alveolar surda /s/

- a) Posição inicial; *s*nhóra [sɲɔ.rɐ] s. 'senhora', *s*éb [sɛb] v. 'saber', *s*ink [sĩŋk] num. 'cinco'

b) Posição mediana: pe_{si}en_{ga} [pe.'sjẽ.se] s. 'paciência', p_{soa} [p'so.e] s. 'pessoa'

c) Posição final: pre_s [p'res] s. 'preço', xeti_s [ʃe.'tis] s. 'chatice', ló_s [l'os] s. 'laço', pó_s [p'os] s. 'pássaro', po_s [p'os] s. 'poço'

3.2.4 Fricativa alveolar sonora /z/

a) Posição inicial: z_{ona} [z'o.nɐ] s. 'zona', z_{oród} [zo.'rɔd] adj. 'azarado', z_{ongód} [zõŋ.'gɔd] adj. 'zangado'

b) Posição mediana: ká_za [k'a.zɐ] s. 'casa', ko_zók [ko.'zɔk] s. 'casaco', ko_za [k'o.zɐ] s. 'coisa',

c) Posição final: kó_z [k'ɔz] s. 'caso', vó_z [v'ɔz] s. 'vaso', do_z [d'ɔz] num. 'doze'

Em relação às alveolares /s/ e /z/ Souza 2007: 147 diz que entre elas ocorrem neutralizações, em todas as ilhas.

3.2.5 Fricativa palatal surda /ʃ/

a) Posição inicial: x_ux [ʃu] adj. 'sujo', x_óva [ʃɔ.vɐ] s. 'sova', x_etis [ʃe.'tis] s. 'chatice', x_trubí [ʃt'ru'bi] v. 'distribuir'

b) Na posição mediana: in_xáda [ĩ.'ʃa.dɐ] s. 'enxada', lix_ód [li.'ʃɔd] adj. 'tramado', in_xut [ĩ.'ʃut] 'quase seco, enxuto', ke_xt_má [ke.'ʃtma] v. 'acostumar'

c) Posição final: li_x [li'ʃ] s. 'lixo', pe_x [pe'ʃ] s. 'peixe'

3.2.6 Fricativa palatal sonora /ʒ/

a) Posição inicial: j_{unt} [ʒũnt] adv. 'junto', j_{ent} [ʒẽnt] s. 'gente', j_{antá} [ʒɛn.'ta] v. 'jantar', j_{gotá} [ʒgo.'ta] v. 'esgotar'

b) Posição mediana: via_já [vje.'ʒa] v. 'viajar', per_já [per.'ʒa] v. 'brigar', dzingai_já [dzĩŋ.geʒ.'ga] v. 'desembaraçar'

c) Posição final: orlo_j [or.'loʒ] s. 'relógio', oro_j [o.'Roʒ] s. 'arroz'

Lopes da Silva (cf. Silva 1957, 1984: 106-107) já tinha observado que no arquipélago, o <s> português tem valor de [s] antes de

consoante surda, e de [z] antes de consoante ‘branda’, isto é, sonora, e que somente em Santo Antão e São Vicente pode ter o valor de [ʃ] e de [ʒ], respetivamente.

3.3 Africadas alveopalatais /tʃ, dʒ/

3.3.1 Africada alveopalatal surda /tʃ/

- a) Posição inicial: txuva [tʃu.vɐ] s. ‘chuva’, txuk [tʃuk] s. ‘porco’, txgá [tʃga] v. ‘chegar’
- b) Posição mediana: rótxa [ʀo.tʃɐ] s. ‘rocha’
- c) Posição final: bitx [bitʃ] s. ‘bicho’, kótx [kɔtʃ] s. ‘cacho’

3.3.2 Africada alveolar sonora /dʒ/

Souza 2007: 148 ressalta que em Santo Antão e São Vicente corresponde à africada palatal típica de Sotavento /dʒ/ um /j/ ou nada, em palavras como *bádju* ~ *baĭ* s. ‘baile’, *odjá* ~ *oiá*, *oá* v. ‘olhar’. No entanto, Rocha 1990: 93 aponta a ocorrência do /dʒ/ na palavra SA *fdj_oz* [ʃdʒoz] s. ‘filhós’. Nos dados analisados não há registos do /dʒ/ mas é realizado em nominhos de casa como SA *Djek*, *Djoza*, *Djása*, e em poucos vocábulos como SA *djonga* [dʒõŋ.gɐ] s. ‘sono breve’, *djmenzelód* [dʒmẽ.ze.'lɔd] adj. ‘descuidado’, *djmití* [dʒmi.'ti] v. ‘torcer’, *djmintí* [dʒmĩn.'ti] v. ‘desmentir’, *djodjá* [dʒo.'dʒa] v. ‘juntar-se’, *djú* [dʒu] adj. ‘sovina’.

3.4 Nasais /m, n, ɲ/

3.4.1 Nasal bilabial /m/

- a) Posição inicial: mirin [mi.'rĩ] s. ‘meirinho’, mnin [mɲin] s. ‘menino’, mlier [mljɐ] s. ‘mulher’
- b) Posição mediana: irmon [ir.'mõ] s. ‘irmão’, remed [re.'med] s. ‘remédio’, kmida [kmi.dɐ] s. ‘comida’

c) Posição final: nhem ['nem] s. 'inhome', mem ['mem] adj. 'mesmo', lum ['lum] s. 'lume'

3.4.2 Nasal dental /n/

a) Posição inicial: néta ['nɛ.tɐ] s. 'neta', nesê [nɛ.'sɛ] v. 'nascer', not ['not] s. 'noite'

b) Posição mediana: kána ['ka.nɐ] s. 'cana', kenéka [kɛ.'nɛ.kɐ] s. 'caneca', zona ['zo.nɐ] s. 'zona'

c) Posição final: olun [o.'lun] s. 'aluno', mnin ['mnin] s. 'menino', flón ['flɔn] s. 'fulano'

3.4.3 Nasal palatal /ɲ/

a) Posição inicial: nhem ['nem] s. 'inhome', nhe [ɲɛ] pron. poss. 'meu'

b) Posição mediana: grinhesin [gri.ɲɛ.'sĩ] 'agora', konhot [ko.'ɲot] s. 'cachimbo', ptetinha [ptɛ.'ti.ɲɐ] s. 'batatinha'

c) Posição final: bónh ['bɔɲ] s. 'banho', gónh [gɔɲ] s. 'ganho', xtrónh [ʃtrɔɲ] adj. 'estranho', lónh ['lɔɲ] s. 'corte'

3.4.4 Nasal velar /ŋ/?

Constata-se que a consoante nasal velar [ŋ] ocorre apenas antes de algumas consoantes oclusivas após vogal nasal (ex.: SA kunki [kũɲ.'ki] v. 'bater', fong ['fõɲg] s. 'fungo, alimento feito a base de farinha de milho, banana madura e batata-doce, assado em folha de bananeira, que pode ser frito'. Interpretamos esta consoante nasal velar [ŋ] como sendo a realização, antes de consoante velar, de um arquifonema resultante da neutralização da oposição entre /m/, /n/ e /ɲ/ na coda silábica. Autores como Veiga 1996: 41/42, 51, 78/79 e 86, Quint 2000: 27/28 e Lang 2012: 1.2.2.1.1 apontam a existência de um fonema consonântico /ŋ/ na variedade de Santiago. No crioulo de SA não parece existir tal fonema.

3.5 Líquidas /l, λ, r, R/

3.5.1 Líquida lateral alveolar /l/

- a) Posição inicial: let ['let] s. 'leite', lum ['lum] s. 'lume', linga ['lĩŋ.gɐ] s. 'língua'
- b) Posição mediana: orloj [or.'loʒ] s. 'relógio', olun [o.'lun] s. 'aluno', kolód [ko.'lɔd] adj. 'calado'
- c) Posição final: kil ['kil] s. 'quilo', ptalá [pte.'tal] s. 'batatal', tlísil ['tʃi.sil] adj. 'difícil'

3.5.2 Líquida lateral palatal /λ/

- a) Posição inicial: Não há registos.
- b) Posição mediana: dzelhá [dze.'λa] v. 'desembaraçar', ilha ['iλɐ] s. 'ilha'
- c) Posição final: Não há registos.

3.5.3 Líquida vibrante alveolar /r/

- a) Posição inicial: No crioulo de SA não há /r/ inicial.
- b) Posição mediana: merid [me.'rid] s. 'marido', borót [bo.'rɔt] adj. 'barato', óra ['ɔ.rɐ] s. 'hora'
- c) Posição final: permer [per.'mer] num. 'primeiro', dnher ['dɲer] s. 'dinheiro', mlier ['mljer] s. 'mulher'

3.5.4 Líquida vibrante uvular /R/

- a) Posição inicial: Rót ['rɔt] s. 'rato', Réga ['re.gɐ] s. 'rega', Ropa ['ro.pɐ] s. 'roupa'
- b) Posição mediana: téRa ['te.rɐ] s. 'terra'
- c) Posição final: buR ['bur] s. 'burro', kóR ['kɔr] s. 'carro', bóR ['bɔr] s. 'barro'

3.5.5 Observações relativamente às líquidas

No crioulo de SA, o fonema /ʎ/ é pouco funcional devido ao fenómeno de iotização do /ʎ/ português em /i/. As palavras portuguesas com /ʎ/ seguido de vogal, ou perderam o /ʎ/ (Ex.: SA *fi* s. ‘filho’, *mi* s. ‘milho’) ou substituíram o /ʎ/ por /i,/ (Ex.: SA *oiá* v. ‘ver’). Ainda há casos em que o /ʎ/ desaparece dando lugar a hiatos crioulos, como nas palavras do tipo SA *oá* v. ‘ver’, *moá* v. ‘molhar’. No entanto, atualmente há registos de palavras com o fonema /ʎ/ do étimo português conservado como por exemplo SA *kulheta*, *ilha*, *bilhet*. Talvez sejam empréstimos recentes do português.

Em relação às líquidas grafadas por <r>, Almada 1961: 76 considera que as realizações portuguesas mantêm-se geralmente, quer alveolar, quer uvular. Acrescenta que o /r/ uvular é quase de regra na ilha de Santo Antão, cujos habitantes muito dificilmente pronunciam a consoante alveolar vibrante múltipla. Para Carvalho 1962: 62, a passagem do /r/ apical múltiplo do português de séculos passados a uma articulação uvular (mais fricativa que vibrante) que caracteriza o português da área de Lisboa, observa-se em Cabo Verde sobretudo em São Vicente e Santo Antão.

Souza 2007: 148 ressalta que a rotacização do /l/ em /r/ ocorre em todas as ilhas como em Santiago~Fogo *álto~ártu*, *algen~argen*, ou ainda em S ~ F *flá ~ frá*, *vólta ~ vórta*, *plánta ~ pránta*, *blóku ~ bróku*, *galinha ~ garinha*, entre outros. Mas afirma que este processo é mais comum na ilha do Fogo. Nos dados analisados não encontramos exemplos de tal rotacização porém regista-se a substituição inversa do /r/ pelo /l/ em alguns grupos consonânticos (ex: *glentia* s. ‘garantia’).

3.6 Pares mínimos

A identificação dos fonemas de uma língua pressupõe a existência de propriedades que os distinguem. As consoantes do crioulo de SA se diferenciam pelos modos de articulação (oral/nasal, sonoro/surdo, oclusivo/fricativo/africado), pelos quatro pontos de articulação fundamentais (labial/dental/palatal/velar) e, finalmente, dentro das líquidas, pela oposição entre contínuas e interrompidas.

Ilustramos a seguir os traços distintivos do crioulo de SA acima enumerados, alegando, na medida do possível, pares mínimos, isto é, pares de palavras que só diferem num fonema, e neste fonema só no traço em questão.

Oposições quanto ao ponto de articulação:

labiais/dentais:

p/t: port ['port] s. 'porto' / tort ['tort] adj. 'torto', kapá [kɛ.'pa] v. 'castrar' / katá [kɛ.'ta] v. 'acatar'

b/d: verb ['verb] s. 'verbo' / verd ['verd] adj. 'verde'

f/s: fum ['fum] s. 'fumo' / sum ['sum] s. 'sumo', fin ['fi] s. 'fim' / sin ['si] adv. 'sim'

v/z: kavá [kɛ.'va] v. 'cavar' / kazá [kɛ.'za] v. 'casar'

m/n: mota ['mo.tɛ] s. 'mota' / nota ['no.tɛ] s. 'nota'

labiais/palatais:

p/tʃ: kop ['kop] s. 'copo' / kotʃ ['kotʃ] s. 'cocho (vassilha para dar comida ao porco ou para dar água à galinha)'

b/dʒ: Não há registos.

f/ʃ: fót ['fɔt] s. 'fato' / ʃót ['ʃɔt] adj. 'chato'

v/ʒ: vent ['vɛnt] s. 'vento' / jent ['ʒɛnt] s. 'gente'

m/ɲ: máma ['ma.mɐ] s. 'mama' / máɲha ['ma.ɲɐ] s. 'manha'

labiais/velares:

p/k: káxpa ['kaʃ.pə] s. 'caspa' / káxka ['kaʃ.kə] s. 'casca'

b/g: bóla ['bɔ.lə] s. 'bola' / góla ['gɔ.lə] s. 'gola'

dentais/palatais:

t/tʃ: fót ['fɔt] s. 'fato' / fótx ['fɔtʃ] s. 'facho'

d/dʒ: Não há registos.

s/f: kága ['ka.sə] s. 'caça' / káxa ['ka.ʃə] s. 'caixa'

z/ʒ: doz ['doz] num. 'doze' / doj ['doʒ] num. 'dois'

l/ʎ: mála ['ma.lə] s. 'mala' / málha ['ma.ʎə] s. 'malha'

n/ɲ: mána ['ma.nə] s. 'irmã' / mánha ['ma.ɲə] s. 'astúcia'

dentais/velares:

t/k: poté ['pot] s. 'pote' / poké ['pok] pron. ind. 'pouco'

d/g: lod ['lod] s. 'limo' / log ['log] adv. 'logo'

palatais/velares:

tʃ/k: kotx ['kotʃ] s. 'cocho' / koké ['kok] s. 'coco'

dʒ/g: Não há registos.

Oposições quanto à sonoridade (surdo/sonoro):

p/b: kopód [ko.'pɔd] adj. 'castrado' / kobód [ko.'bɔd] adj. 'acabado' (deteriorado)

t/d: tos ['tos] s. 'tosse' / dos ['dos] adj. 'doce'

tʃ/dʒ: Não há registos.

k/g: sék ['sɛk] adj. 'seco' / ség ['sɛg] adj. 'cego'

f/v: fei ['fej] adj. 'feio' / vei ['vej] adj. 'velho'

s/z: kasá [kə.'sa] v. 'caçar' / kazá [kə.'za] v. 'casar'

ʃ/ʒ: xót ['ʃɔt] adj. 'chato' / jót ['ʒɔt] adj. 'quieto'

Oposições quanto ao modo de articulação:

oclusivas/fricativas:

p/f: p_ósa [ˈpɔ.sə] s. ‘poça’ / f_ósa [ˈfɔ.sə] s. ‘fossa’

t/s: tapá [tɐ.ˈpa] v. ‘tapar’ / sapá [sɐ.ˈpa] v. ‘quebrar, partir’

b/v: kabá [kɐ.ˈba] v. ‘acabar’ / kavá [kɐ.ˈva] v. ‘escavar’

d/z: dod [ˈdod] adj. ‘doido’ / doz [ˈdoz] num. ‘doze’

africadas/fricativas:

tʃ/j; txok [ˈtʃok] adj. ‘choco’ / xok [ˈʃok] s. ‘choque’

dʒ/ʒ: Não há registos.

interruptas/contínuas:

r/l: brok [ˈbrok] adj. ‘surdo (quem ouve mal)’ / blok [ˈblok] s. ‘bloco’

Oposições quanto ao tipo de ressonância (oral/nasal):

b/m: bon [ˈbõ] adj. ‘bom’ / mon [ˈmõ] s. ‘mão’

d/n; kedéla [ke.ˈdɛ.lɐ] s. ‘cadela’ / kenéla [ke.ˈnɛ.lɐ] s. ‘parte da perna’

3.7 Grupos consonânticos

O crioulo de SA apresenta um número de grupos consonânticos superior ao das variedades de Sotavento devido à ausência de muitas das vogais átonas que se encontram no português e noutras variedades do caboverdiano. São frequentes as sequências de dois (cf. 3.7.1-21) e três consoantes (cf. 3.7.22), e poucas vezes encontramos até palavras com grupos de quatro consoantes (cf. 3.7.23).

3.7.1 Grupos consonânticos formados por dois fonemas consonânticos

3.7.1.1 /Cp/

No início das palavras:

kpiná [kpi.'na] v. ‘capinar’, kpód ['kpɔd] adj. ‘ocupado’, spetilha [spe.'ti.ʎe] s. ‘sapatilha’, xpaiá [ʃpe.'ja] v. ‘espalhar’, xpért ['ʃpɛrt] adj. ‘esperto’, xpiá [ʃpja] v. ‘ver (observar)’, xpin [ʃpĩ] s. ‘espinho’, xpirit [ʃpirt] s. ‘espírito’, xponjá [ʃpõ.'ʒa] v. ‘esponjar’

No final das palavras:

korp [korp] s. ‘corpo’, kxp [kʃp] s. ‘saliva’

3.7.1.2 /Cb/

No início das palavras:

dbangá [dbɛ̃ŋ.'ga] v. ‘cair’, dbox ['dbox] prep. ‘debaixo’, kbá ['kba] v. ‘acabar’, rbera ['Rbe.re] s. ‘ribeira’, sbí ['sbi] v. ‘subir’, tbekin [tbe.'kĩ] s. ‘tabaquinho’

No final das palavras:

serb [serb] s. ‘cerebro’, verb [verb] s. ‘verbo’

3.7.1.3 /Ct/

No início das palavras:

ptá ['pta] v. ‘botar’, ptatal [pte.'tal] s. ‘batatal’, ptetinha [pte.'ti.ɲe] s. ‘batatinha’, ptin [ptĩ] s. ‘pintainho’

No meio das palavras:

keptá [ke.'pta] v. ‘captar’

No final das palavras:

dzert ['dzert] s. ‘deserto’, mort [mort] adj. ‘morto’, pert [pert] adj. ‘perto’, text [teft] s. ‘teste’, vint [vĩnt] num. ‘vinte’

3.7.1.4 /Cd/

No início das palavras:

kdi ['kdi] v. ‘responder’, mdi ['mdi] v. ‘medir’, pdi ['pdi] v. ‘pedir’

No meio das palavras:

kordá [kor.'da] v. ‘acordar’, perdê [per.'de] v. ‘perder’

No final das palavras:

surd [ˈsurd] adj. ‘surdo’, verd [ˈverd] adj. ‘verde’

3.7.1.5 /Ck/

No início das palavras:

fká [ˈfka] v. ‘ficar’, pká [ˈpka] v. ‘picar’, pkedin [pke.ˈdĩ] s. ‘bocadinho’, pkena [ˈpke.nɐ] s. ‘namorada’, xkará [ʃkɐ.ˈRa] v. ‘escarrar’, xki-vá [ʃki.ˈva] v. ‘esquivar’, xkoá [ʃko.ˈa] v. ‘escoar’, xkur [ˈʃkur] adj. ‘escuro’

No meio das palavras:

maxká [mɐʃ.ˈka] v. ‘mastigar’, txkaxká [tʃkɐʃ.ˈka] v. ‘descascar’

No final das palavras:

fuxk [ˈfuʃk] adj. ‘embriagado’, kóxk [ˈkɔʃk] s. ‘casco’, órk [ˈɔrk] s. ‘arco’, pork [ˈpɔrk] s. ‘porco’

3.7.1.6 /Cg/

No início das palavras:

igonód [ʒgo.nɔd] adj. ‘esganado’, igotá [ʒgo.ˈta] v. ‘esgotar’, iguelá [ʒgwe.ˈla] v. ‘esgoelar’

3.7.1.7 /Cf/

No início das palavras:

pfátada [pʃɛ.ˈta.dɐ] s. ‘bofetada’, tffeit [ˈtʃɛjt] s. ‘defeito’, tféza [ˈtʃɛ.zɐ] s. ‘defesa’, tffisil [ˈtʃi.sil] adj., ‘difícil’, tffunt [ˈtʃũnt] s. ‘defunto’

No meio das palavras:

petferiâ [pe.tʃɛ.ˈrjɐ] s. ‘patifaria’

No final das palavras:

górf [ˈgɔrf] s. ‘garfo’

3.7.1.8 /Cv/

No início das palavras:

dvagár [dvɛ.'gar] adv. 'devagar', dvéra ['dvɛ.rɐ] s. 'verdade', dvertid [dver.'tid] adj. 'divertido', dvinha ['dvi.ɲɐ] s. 'adivinha', dvontéd [dvõn.'tɛd] adv. 'de propósito', mvid ['mvid] adj 'oco', tver ['tver] forma do verbo *ten* 'ter'

No final das palavras:

korv ['korv] s. 'corvo'

3.7.1.9 /Cs/

No início das palavras:

ksetáda [kse.'ta.dɐ] s. 'cacetada', psí ['psi] v. 'queimar', psú ['psu] v. 'afrontar', tsá ['tsa] v. 'ativar' (por exemplo em *Tsá kel lum!* 'Ativa esse fogo!')

No meio das palavras:

kuntsê [kũn.'tse] v. 'conhecer, acontecer'

3.7.1.10 /Cz/

No início das palavras:

bzot ['bzot] pron. pess. 'vocês', dze ['dze] v. 'dizer', dzelhá [dze.'lá] v. 'desembaraçar', dzinbrasá [dzĩm.brɐ.'sa] v. 'desembaraçar', dzin-gajgá [dzĩɲ.gɛʒ.'ga] v. 'desembaraçar', dzinvoltá [dzĩ.vol.'ta] v. 'desenvoltar', kzement [kze.'mɛnt] s. 'casamento', kzid ['kzid] s. 'cozido', kzinha ['kzi.ɲɐ] s. 'cozinha'

3.7.1.11 /Cj/

No início das palavras:

pxá ['pfa] v. 'puxar', pxiga /'pxi.gɐ/ s. 'bexiga'

3.7.1.12 /C3/

No início das palavras:

bjon ['bʒõ] s. 'vulto', fji ['fʒi] v. 'fugir', fjon ['fʒõ] s. 'feijão'

3.7.1.13 /Cc/ [Ctʃ]

ktxi ['ktʃi] v. 'retirar a pele', ktxorona [ktʃo.'Ro.nɐ] s. 'vulto fantasmagórico das estórias tradicionais caboverdianas', ktxupáda [ktʃu.'pa.dɐ] s. 'cachupada'

3.7.1.14 /Cʒ/ [Cdʒ]

fdjɔz ['fdʒɔz] s. 'filhoses'

3.7.1.15 /Cm/

No início das palavras:

dming ['dmɪŋg] s. 'domingo', famá ['fma] v. 'fumar', kméd ['kmɛd] s. 'comadre', kmida ['kmi.dɐ] s. 'comida', kmotá [kmo.'da] v. 'guardar', smána ['sma.nɐ] s. 'semana', sméntéra [smɛn.'tɛ.rɐ] s. 'sementeira', tamá ['tma] v. 'tomar', vmit ['vmit] s. 'vómito'

No meio das palavras:

trevment [trev.'mɛnt] s. 'atrevimento'

3.7.1.16 /Cn/

bneninha [bne.'ni.nɐ] s. 'bananinha', bnit ['bnit] adj. 'bonito', gnia ['gnjɐ] s. 'agonia', inéla ['ʒnɛ.lɐ] s. 'janela', knikinha [kni.'ki.nɐ] s. 'canequinha', mnin ['mnin] s. 'menino'

3.7.1.17 /Cɲ/

dnher ['dɲɛr] s. 'dinheiro', knhetin [kɲɛ.'tĩ] s. 'cachimbo', mnhafá [mɲɛ.'fa] 'comer pequena quantidade frequentemente', pnhá ['pɲa] v. 'apanhar'

3.7.1.18 /Cl/

No início das palavras:

dlegoson [dle.go.'sõ] s. 'delegação', fliód ['fljɔd] s. 'afilhado', flón ['flɔn] s. 'fulano', kljer ['kljɛr] s. 'colher', mljer ['mljɛr] s. 'mulher', mljor ['mljɔr] adj. 'melhor', plá ['pla] v. 'pillar (triturar, moer)', plia ['pljɛ] s. 'objeto pequeno que cai nos olhos (geralmente difícil de se extrair)', plon ['plɔ] s. 'pilão', tlefon [tle.'fon] s. 'telefone', tlevizon [tle.vi.'zõ] s. 'televisão', vluntár [vlũn.'tar] s. 'voluntário'

No meio das palavras:

psublidéd [psu.bli.'déd] s. 'possibilidade', reklamá [re.klə.'ma] v. 'reclamar', teblér [te.'blér] s. 'tabuleiro'

3.7.1.19 /Cʎ/

Não há registos.

3.7.1.20 /Cr/

No início das palavras:

brok ['brøk] s. 'buraco', fra ['fra] v. 'furar', frok ['frøk] adj. 'fraco', kre ['kre] v. 'querer', kretxeu [kre.'tʃew] s. 'namorado', kroson [kro.'sõ] s. 'coração', prei ['prej] adv. 'por aí', prig ['prig] s. 'perigo', trebzána [treb.'za.nə] s. 'barulho', vra ['vra] v. 'voltar'

No meio das palavras:

bóbra ['bo.bre] s. 'abóbora', mikróp [mi.'kröp] s. 'micróbio', pitrol [pi.'trol] s. 'petróleo'

3.7.1.21 /CR/

král ['kral] s. 'curral', kre ['kre] v. 'correr', krepét [kre.'pət] s. 'sisal', mre ['mre] v. 'morrer'

3.7.2 Grupos consonânticos formados por três fonemas consonânticos

/xCl/ xkluid [ʃklu.'id] adj. 'exluído', xpliká [ʃpli.'ka] v. 'explicar', xploroson [ʃplo.ro.'sõ] s. 'exploração', xpludí [ʃplu.'di] v. 'explodir', xpluzon [ʃplu.'zõ] s. 'explosão'

/xCr/ xfrégá [ʃfre.'ga] v. 'esfregar', xfréla [ʃfre.'la] v. 'retirar o farelo', xfringanhá [ʃfriŋ.ɣe.'na] v. 'estraçalhar', xkravá [ʃkre.'va] v. 'escavar, desenterrar', xkrét ['ʃkrét] adj. 'esperto', xkrévê [ʃkre.'ve] v. 'escrever', xpremé [ʃpre.'me] v. 'espremer', xpretá [ʃpre.'ta] v. 'espreitar', xpriméntá [ʃpri.mên.'ta] v. 'experimentar', xtrélód [ʃtre.'lød] adj. 'estrelado', xtrésê [ʃtre.'se] v. 'destorcer', xtrésód [ʃtre.'sød] adj. 'estressado', xtrogód [ʃtro.'gød] adj. 'estragado',

xtrónh [ʃtrɔŋ] adj. ‘estranho’, xtrubí [ʃtru.'bi] v. ‘distribuir’, xtrumá [ʃtru.'ma] v. ‘estrumar’

/xCs/ xkse [ʃkse] v. ‘esquecer’

/cCr/ [tʃCr] txfrizá [tʃfri.'za] v. ‘desfrisar’, txkrement [tʃkre.'mënt] s. ‘descaramento’, txkrevê [tʃkre.'ve] v. ‘descrever’, txprezá [tʃpre.'za] v. ‘desprezar’, txtranká [tʃtrɛŋ.'ka] v. ‘destrancar’, xtreí [tʃtre.'i] v. ‘distrair’, xttruí [tʃtru.'i] v. ‘destruir’

/Cxt/ mxter [mʃter] s. ‘mistério’, pxtid [pʃtid] s. ‘vestido’

/NCC/ ingron [ĩŋ.'grõ] s. ‘grão’, ingrót [ĩŋ.'grɔt] adj. ‘ingrato’, inkmodá [ĩŋ.kmo.'da] v. ‘incomodar’, inpleitáda [ĩm.plej.'ta.dɛ] s. ‘empreitada’, kunplikoson [kũm.pli.ko.'sõ] s. ‘complicação’, inplorá [ĩm.plo.'ra] v. ‘implorar’

3.7.3 Grupos consonânticos formados por quatro fonemas consonânticos

txmxká /cmʃka/ [tʃmʃka] v. ‘queimar’, txmxkará /cmʃke.'ra/ [tʃmʃke.'ra] v. ‘desmascarar’

3.8 Conclusões

Dada a ausência de boa parte das vogais finais átonas do português, no crioulo de SA, muitas palavras terminam em consoante (cf. 3.1-5), apontando uma diferença em relação às variedades de Sotavento em que as palavras terminam na sua maioria em vogais átonas. No crioulo de SA regista-se a neutralização de consoantes em relação às oposições surdo/sonoro por assimilação das historicamente sonoras às surdas que seguem (cf. 3.1.6).

Em relação às vibrantes /r, R/ nota-se que na variedade de SA a uvular /R/ é mais frequente do que a alveolar /r/ que geralmente não se apresenta no início das palavras (cf. 3.5.3-5).

No que tange aos fonemas palatais, observa-se que o /dz/ é pouco frequente no crioulo de SA, ocorrendo na sua maioria em nominhos de casa (cf. 3.3.2).

Assinala-se um grande número de grupos consonânticos originados pela ausência de vogais átonas nos casos onde tais vogais existem, nas palavras etimologicamente idênticas do português e das variedades de Sotavento. Ocorrem grupos de duas, três e algumas vezes quatro consoantes (cf. 3.7.1-3).

4. Os padrões silábicos e acentuais do crioulo de Santo Antão

4.1 A sílaba

De acordo com Rio Torto 1998, distinguimos para as sílabas entre o ataque (ingl. 'onset') e a rima. O ataque pode ser simples ou não ramificado (uma consoante), múltiplo ou ramificado (várias consoantes) ou vazio. A rima consta do núcleo, eventualmente seguido de uma coda. O núcleo está constituído por segmentos vocálicos. Pode tratar-se de uma única vogal ou então de uma vogal acompanhada de uma ou duas semivogais (glides). As consoantes que ocorrem à direita do núcleo travando a sílaba constituem a coda. A coda pode ficar vazia ou consistir de uma ou várias consoantes. Se ficar vazia, a sílaba recebe o nome de livre (ou aberta). Se contiver uma ou várias consoantes, recebe o nome de travada (ou fechada).

No crioulo de SA, o ataque pode constar de uma consoante (cf. acima 3.1-6) ou de dois, três ou ainda quatro consoantes (cf. acima 3.7). Pode também ficar vazio. O ataque vazio ocorre nas palavras que iniciam por vogais ou então naquelas constituídas apenas por vogais. Exemplos: SA ága ['a.ge] s. 'água', ezet [e.'zet] s. 'azeite', idukoson [i.du.ko.'sõ] s. 'educação', ói ['õj] s. 'alho', ói ['õj] s. 'olho', óit ['õjt] num. 'oito', olun [o.'lun] s. 'aluno', óra ['õ.re] s. 'hora', órk ['õrk] s. 'arco', orvód [or.'võd] adj. 'deficiente', uví [u.'vi] v. 'ouvir'.

No crioulo de SA há poucos tritongos (cf. porém algumas palavras como *kuei* ['kwej] s. 'coelho'). A maior parte dos núcleos das sílabas desta variedade do crioulo caboverdiano consiste de uma única vogal ou de uma vogal acompanhada de uma semivogal (para o segundo caso, cf. acima 2.5). As suas sílabas podem ser livres (cf. mais adiante 4.2.1) ou travadas por uma o várias consoantes (cf. mais adiante 4.2.2).

4.2 Os padrões silábicos do crioulo de SA

Atendendo a que não existem estudos sistematizados sobre padrões silábicos no crioulo de SA, nem programas de contagem de sílabas, listar todos os tipos de padrões silábicos que ocorrem nessa variedade linguística do caboverdiano não constitui tarefa fácil. Nunes 1962/1963: 38 apresenta catorze padrões silábicos variando de um a cinco elementos, Souza 2007 exhibe cerca de dezanove padrões também variando de um a cinco elementos.

Dos dados analisados, e do nosso conhecimento como falante nativa do crioulo de SA resultam cerca de dezasseis padrões silábicos, também constituídos por entre um e cinco elementos:

4.2.1 Padrões silábicos das sílabas livres

padrão silábico	ALUPEC	AFI	tradução
V	<u>o</u> lun	[o.'lun]	'aluno'
VV	<u>ói</u>	['ɔj]	'alho'
CV	<u>bó</u> bra	['bɔ.bre]	'abóbora'
CVV	<u>kei</u>	['kej]	'cair'
CVVV	<u>kuei</u>	['kwej]	'coelho'
CCV	<u>dvagár</u>	[dve.'gar]	'devagar'
CCVV	<u>prei</u>	['prej]	'por aí'

CCCV	<u>xt</u> rogód	[ʃtro.'gɔd]	‘estragado’
CCCCV	<u>dj</u> grása	[ˈdʒgra.sɐ]	‘desgraça’

Padrões silábicos de sílabas livres no crioulo de Santo Antão

4.2.2 Padrões silábicos das sílabas travadas

VC	<u>or</u> .vód	[or.'vɔd]	‘deficiente’
VVC	<u>oit</u>	[ˈɔjt]	‘oito’
CVC	t <u>fi</u> . <u>kul</u> . <u>déd</u>	[tʃi.kul.'dɛd]	‘dificuldade’
CCVC	<u>fród</u>	[ˈfrɔd]	‘furado’
CCVVC	<u>kl</u> ier	[ˈkljɛr]	‘colher’
CCCVC	<u>p</u> xtid	[ˈpʃtid]	‘vestido’
CVCC	<u>f</u> uxk	[ˈfʊjk]	‘embriagado’

Padrões silábicos de sílabas travadas no crioulo de Santo Antão

Os padrões silábicos do tipo CCV são muito frequentes devido à ausência de vogais átonas, no crioulo de SA, onde existem nas palavras etimologicamente idênticas do português, embora o padrão CV parece ser o mais comum.

Na maioria das línguas do mundo, é habitual a posição de núcleo estar sempre ocupado por vogais, embora existam algumas que apresentam consoantes como núcleo. No crioulo de Santo Antão, registamos algumas palavras como *txmxká* v. ‘chamuscá’, *dxmxkará* v. ‘desmascarar’, em que talvez a consoante nasal /m/ desempenhe o papel de núcleo silábico. Se tal for o caso, a sua transcrição fonética seria [tʃmj.'ka], [dʃmj.kɛ.'ra]. Possibilidade, essa, que não tivemos em conta ao longo deste trabalho.

Em relação ao número de sílabas, constata-se que a maioria das palavras de conteúdo lexical do crioulo de Santo Antão têm duas sílabas (são ‘bissílabas’) como *kórda* [ˈkɔr.dɛ] s. ‘corda’, *boloi* [bo.'loj] s. ‘balaio’ etc. No entanto, existem também pala-

vras com três ou mais sílabas ('palavras polissílabas') como *in-kmenda* [ĩŋ. 'kmẽn.de] s. 'encomenda', *osukra* [o.'su.kre] s. 'açúcar', *intentoson* [ĩn.tẽn.to.'sõ] s. 'intenção', e outras constituídas por apenas uma sílaba ('palavras monossílabas') como *om* ['om] s. 'homem', *ólk* ['olk] s. 'álcool', *bé* ['be] v. 'vai' etc.

4.3 Os padrões acentuais no crioulo de SA

Barbosa 1994: 131 salienta que o acento em português recai na primeira, segunda ou terceira sílaba a contar do fim da unidade acentual, o que dá lugar a esquemas acentuais oxítonos ou agudos, paroxítonos ou graves e proparoxítonos ou esdrúxulos. Na maioria das palavras portuguesas, o acento tónico recai sobre a penúltima sílaba.

No crioulo de SA, à semelhança do português, o acento incide geralmente sobre a penúltima sílaba, podendo porém também incidir sobre a última ou a antepenúltima sílaba.

4.3.1 Os substantivos

No crioulo de SA, os substantivos são na sua maioria palavras graves, isto é, acentuadas na penúltima sílaba, especificamente aqueles terminados em vogal átona [e] em posição final absoluta como SA *txuva* ['tʃu.ve] s. 'chuva', *linga* ['lĩŋ.ge] s. 'língua', *mandióka* [mẽn.'dʒo.ke] s. 'mandioca'. Mas também existem muitos outros substantivos acentuados na última sílaba e terminados em consoante como *xtrenjer* [ʃtrẽj.'zer] s. 'estrangeiro', *trevser* [trev.'ser] s. 'travesseiro', *kebel* [ke.'be] s. 'cabelo' ou em vogal nasal como *grugin* [gru.'gĩ] s. 'groguinho', *grofon* [gro.'fõ] s. 'garrafão', *sekin* [se.'kĩ] s. 'saquinho', *irmon* [ir.'mõ] s. 'irmão', *tezon* [te.'zõ] s. 'mil pés'.

4.3.2 Os verbos

Contrariamente aos substantivos, os verbos do crioulo de SA acentuam-se todos na última sílaba, isto é, constituem palavras

oxítonas, independentemente da vogal em que terminam: *fji* ['fʒi] v. 'fugir', *kme* ['kme] v. 'comer', *bé* ['bɛ] v. 'ir', *dansá* [dɛ̃.'sa] v. 'dançar', *xprimentá* [ʃpri.mɛ̃n.'ta] v. 'experimentar' etc.

Em concordância com este facto, o lugar do acento pode ajudar a distinguir as categorias gramaticais do substantivo e do verbo como nos exemplos *brása* ['bra.sɐ] s. 'abraço' / *brasá* [brɛ.'sa] v. 'abraçar', *káza* ['ka.zɐ] s. 'casa' / *kazá* [kɛ.'za] v. 'casar', *kóva* ['kɔ.vɐ] s. 'cova' / *ková* [ko.'va] v. 'cavar', *kórda* ['kɔr.dɐ] s. 'corda' / *kordá* [kor.'da] v. 'acordar', *káxka* ['kaʃ.kɛ] s. 'casca' / *kaxká* [kɛʃ.'ka] v. 'descascar', *kóla* ['kɔ.lɐ] s. 'cola' / *kolá* [ko.'la] v. 'colar', *muda* ['mu.dɐ] s. 'muda' (quem não fala) / *mudá* [mu.'da] v. 'mudar'.

Observe-se que, em todos estes casos, à vogal tónica aberta do radical do substantivo corresponde uma vogal átona de abertura média no radical do verbo, conforme a regra segundo a qual, no crioulo de SA, nas sílabas átonas, não pode haver vogais abertas (cf. também a nossa observação ao final de 2.6.2).

Analisando os pares acima apresentados, regista-se uma necessidade de se usar, na escrita, diacríticos (nomeadamente o acento agudo) de forma a distinguir as categorias gramaticais, sobretudo em situações em que as palavras se encontram fora de um contexto específico.

4.4 Conclusões

Perante os dados apresentados neste capítulo, importa salientar que o crioulo de SA admite a presença de todas as consoantes exceto /r/ e /ʎ/ na posição de ataque simples (cf. 3.1-5). No que diz respeito aos ataques complexos, a ausência de vogais na posição átona, onde existem nas palavras etimologicamente idênticas do português, faz com que a maioria das consoantes possa também ocupar a segunda posição, podendo-se aliás reunir até quatro consoantes no ataque silábico (cf. 3.7).

Note-se que todas as consoantes ocorrem também na posição coda que, no entanto, pode ficar vazia. Também nesta posição podem ocorrer duas consoantes em vez de uma só devido à tal ausência de vogais átonas onde existem em português.

Outro caso que merece destaque são os padrões silábicos no crioulo de SA. Registamos 16, sem pretender ser exaustivos.

Finalmente, em relação aos padrões acentuais, verifica-se que no crioulo de SA o acento incide geralmente na penúltima sílaba, quando a palavra termina em vogal central átona. No entanto, os verbos são sempre acentuados na última sílaba.

Um aspeto digno de registo é a necessidade do uso sistemático de acentos, inclusive do acento agudo no <a>, onde o *Alfabeto Unificado Para a Escrita do Caboverdiano (ALUPEC)* não o prevê, se se pretende diferenciar na escrita palavras que se distinguem apenas pela categoria gramatical, o lugar do acento fónico e o grau de abertura das vogais (tipo *káza* s. / *kazá* v.).

5. Considerações finais

Santo Antão é uma ilha marcada por uma mistura racial e cultural peculiar que deu origem a uma variedade linguística particular no contexto das outras ilhas.

Através dos dados apresentados verifica-se que no crioulo de SA as vogais tónicas formam um quadro composto por 16 fonemas (oito vogais orais, cada uma com a sua correspondência nasal) que podem ocorrer em sílaba inicial, média e final.

Saindo da posição tónica, o quadro das vogais sofre uma redução a 10 (5 orais e 5 nasais) dado que as vogais abertas não ocorrem na posição átona. Esta redução vai ainda mais longe na posição final absoluta das palavras polissilábicas onde, como vogal átona, só pode aparecer /e/.

As palavras polissilábicas oxítonas são muito frequentes, no crioulo de SA, devido ao facto de as formas de base de todos os verbos serem formas oxítonas.

As glides do crioulo de SA não constituem fonemas mas sim alofones dos fonemas /i/ e /u/.

Facto digno de assinalar: o crioulo de SA apresenta um tipo de harmonia vocálica (cf. acima 2.7) cujas modalidades exigem um estudo à parte.

O crioulo de SA apresenta vinte e uma consoantes sendo seis oclusivas, seis fricativas, duas africadas, três nasais e quatro líquidas. Ocorrem nas posições inicial (exceto /r/ e /ʎ/), média e final das palavras. Devido à ausência da maioria das vogais átonas finais do português, muitas palavras terminam em consoante ao contrário do que sucede nas variedades de Sotavento.

Regista-se a neutralização de consoantes em relação às oposições surdo/sonoro por assimilação à uma consoante subsequente ou precedente (cf. acima o final de 3.1.6).

Em relação às vibrantes /r, ʀ/ nota-se que a uvular /ʀ/ é mais frequente do que a alveolar /r/ que geralmente não se apresenta no início das palavras (cf. 3.5.3-5).

No que diz respeito aos ataques complexos, a ausência de vogais átonas, onde existem nas palavras etimologicamente idênticas do português, faz com que a maioria das consoantes possam também ocupar a segunda posição, podendo-se aliás reunir até quatro consoantes no ataque silábico (cf. 3.7.1-3).

Salientamos, por fim, que o presente estudo foi elaborado com o intuito de angariar subsídios para um trabalho maior que possa contribuir para precisar os nossos conhecimentos da fonética e fonologia do crioulo de Santo Antão, e abarcar também a sua morfologia e sintaxe.

6. Textos no crioulo de Santo Antão

6.1 *Nhe Mnél Péd xkapá p'un és* (conto)

Contadora: Maria do Céu dos Santos Baptista	
Viveu até os 28 anos no concelho de Ribeira Grande (Figueiral)	
Idade: 38 anos	
Estado civil: solteira	
Nível de instrução: mestre em crioulistica e língua cabo-verdiana, professora	
Data da redação: Julho de 2013	
Texto crioulo em <i>ALUPEC</i>	Tradução portuguesa
<p><i>Nhe Mnél Péd xkapá p'un és</i></p> <p><i>Nhe Mnél Péd á un om ke tá vendê grog. Nun redenson, Sentonton ta xtód k'fom, k'e tinha posód un dáta d'on sen dá txuva. N dinha trobói, n dinha kmida, pov táva te fze sej deljensa p'e bé te xkapá ke sej vida.</i></p>	<p>O senhor Manuel Pedro escapou-se por pouco</p> <p>O senhor Manuel Pedro era um homem que vendia aguardente, numa época, que em Santo Antão passava-se fome, porque tinha passado uma série de anos sem chuva. Não havia trabalho, não havia comida e o povo estava a fazer diligências para salvar a vida.</p>

Nhe Mnél Péd tá bé konprá se grog ne Uxkoib d' Rbera d' Jorj, el tá bé vendê no port. Má kel tenp grog á kontrobónd. Ex tá leve-l á tud gotxód, ke snon, fixkál tá tme-j el. Enton ex tá krege-l mej á dnot y mendergáda.

Bon, un dia el bé d' véxpa, el konprá se grog, el durmí k'el ne se káza. Terd o not el uví gól kantá, el pensá ke já á óra de lvantá. Má inda á mut séd, ke el tinha ingonód. El pnhá se lenpion, el bé txmá un kunpenher ke ex tá kextmá bé junt. El n kdi, k'el tinha detód á kel óra, el tá te durmí. Nhe Mnél Péd dze: Pront já-l bé, já-l lergem prei ox. El bé tmód folg.

O senhor Manuel Pedro ia comprar a sua aguardente em Caibros de Ribeira de Jorge e ia vende-la no porto (= Porto Novo). Mas naquele tempo a aguardente era contrabando. Transportavam-na às escondidas, porque senão, os fiscais confiscavam-lha. Então transportavam-na sobretudo à noite ou de madrugada.

Bem, um dia foi na véspera, comprou a sua aguardente e dormiu com ela na sua casa. Às tantas da noite ouviu um galo cantar e pensou que já era hora de se levantar. Mas ainda era muito cedo, porque se tinha enganado. Apanhou o seu lampião e foi chamar um companheiro, porque estavam habituados a ir juntos. Este não respondeu porque se tinha deitado naquele momento, estava a dormir. O senhor Manuel Pedro disse: Pronto ele já se foi e deixou-me hoje por aí. E caminhou depressa.

Kond el txgá ne Kont duj Móg, el oá un kotxor, el dze: O Déux! Ktxorona ox te ben be-fe-m! El bé te bé, es bitx te bé te prusimá del, el bé te sbí, te vrá mes grend. Nhe Mnél Péd infrontá. El po kel grofon d' grog no txon, el xtepe-l, el dze: E grog ke bo kre, nvéra! El ptá un pingin no txon, kel bitx txpersê, el bé se kemin.

El n otxá nen un krixton d' Déux pe ej bé junt. Kond el txgá no port, el otxá prá lá dzert, el oá kel tinha ingonód no óra. El sentá nun lgerzin, el xperá plemnhan misê, el dze: Kréd ne mxter de Déux! Má kozóra ke N lvantá ox? El xta-pá kel grofon de grog, el tmá un kekin pe kebrá séng. Tpoj el vendê kel grog, el konprá pex, el dá milha pe Rbera.

Quando chegou ao Canto dos Magnos, viu um cão e disse: Oh meu Deus! Um vulto vem hoje assombrar-me. Ele foi caminhando e aquele animal foi-se aproximando dele, ia-se transformando, tornando-se cada vez maior. O senhor Manuel Pedro afrontou-se. Colocou o garrafão de aguardente no chão, retirou-lhe a tampa e disse: É aguardente que queres, não é? Deitou um pouco no chão, o animal desapareceu e ele continuou o seu caminho.

Não encontrou ninguém para fazer-lhe companhia no percurso. Quando chegou ao porto, encontrou o lugar deserto e viu que se tinha enganado na hora. Sentou-se num lugar e esperou o dia amanhecer, e disse: Credo no mistério de Deus! Mas a que horas me levantei hoje? Destapou aquele garrafão de aguardente, bebeu um gole para quebrar o jejum, depois vendeu aquela aguardente, comprou peixe e partiu para Ribeira (Grande).

<p><i>Kond el txgá na káza ke se korp xkondongód, el dze se mlier: Ó Mre d'Ána, de-m nhe mtár d'injun, txe-m ben konto-b kmenéra k'N pasá mál ox. Oá, min n de bé mej náda, pke ox, N xkapá p'un és. Ktxorona táva te bé befe-m.</i></p>	<p>Quando chegou em casa com o seu corpo muito cansado, disse à sua mulher: Ó Maria de Ana, dá-me o meu pequeno-almoço, deixa-me contar-te como passei mal hoje. Olha, eu não vou mais, porque hoje escapei por pouco. Um vulto ia assombrar-me.</p>
<p>Transcrição fonética</p>	
<p>[ɲe.'mɲel.'pɛd.'ʃkɛ.'pa.'pũ.'ɛs</p> <p>ɲe.'mɲel.'pɛ.'da.'wom.ke.'ta.vɛn.'de.'grog </p> <p>nũ.re.dẽ.'sõ sɛn.tõn.'tõn.te.'ʃtɔd.'kɔm </p> <p>ke.'ti.ɲe.po.'sɔ.dũn.'da.te.'don.sɛn.'da.'tʃu.vɛ </p> <p>'ndi.ɲe.tro.'boj 'ndi.ɲe.'kmi.dɛ </p> <p>'pov.'ta.vɛ.te.'fze.seʒ.del.'ʒẽ.se.pe'bet.'ʃkɛ.'pa.ke.seʒ.'vi.dɛ </p> <p>ɲe.'mɲel.'pɛd.'ta.'bɛ.kõm.'pra.se.'grog.</p> <p>ne.uf.'kojb.'drbe.rɛ.'dʒɔrʒ el.'ta.'bɛ.vɛn.'de.no.'port </p> <p>'ma.kel.'tẽmp.'grog.'a.kõn.tro.'bõnd </p> <p>ɛf.'ta.le.'ve.'la.'tud.go.'tʃɔd ke.'snõ.fif.'kal'ta'tmez.'el </p> <p>ẽn.'tõ ɛf.'ta.kre.'gel.'me.ʒɛ.'dno.ti.me.der.'ga.dɛ </p>	

'bō | ũn'di.e | el.'bɛ.'dvef.pɐ | el.kōm.'pra.se.'grog |
el.dur.'mi.'kel.ne.se'ka.zɐ ||
'ter.do.'no.te.lu.'vi'gɔl.kɛn.'ta |
el.pɛ.'sa.ke.'ja.'a.'ɔ.rɐ.del.vãn.'ta ||
'ma.'ĩn.dɐ'a'mut'sɛd | kel.'ti.jɐ.ɲgo.'nɔd ||
el.'ppa.se.lēm.'pjõ | el.'bɛ'.tʃmaŵɲ.kũm.pe.'ɲer.
kef'ta.kef.'tma.'bɛ.'jũnt |
el.'ɲkdi | kel.'ti.jɐ.de.'tɔ.da.kel.'ɔ.rɐ | el.'ta.te.dur.'mi ||
je.'mnel.'pɛd.'dze | 'prõnt | 'ʒal.'bɛ | 'ʒal.ler.'gẽm.'pre.jof ||
el.'bɛ.'tmɔd.'folg ||

'kõn.del.'tʃga.ne.'kõnt.du.'ʒmɔg | e.lo.'aŵɲ.ko.'tʃor |
el.'dze.'o.'dɛwʃ | ktʃo.'ro.nɐ.'ɔf.te.'bẽm.be.'fem ||
el.'bɛ.te.'bɛ | ez.'bitʃ.te.'bɛ.te.pru.si.'ma.'del |
el.'bɛ.te.'sbi.te.'vra.'meʒ.'grẽnd ||
je.'mnel.'pɛ.dĩ.frõn.'ta ||
el.'po.kel.gro.'fõn.'dgrog.no.'tʃõ | el.'fte.'pel | el.'dze |
e.'grog.ke.bo.'kreɲ.'vɛ.rɐ ||
el.'ptaŵm.pĩɲ.'gĩ.no.'tʃõ | kel.'bitʃ.tʃper.'se ||
el.'bɛ.se.ke.'mĩ ||

el.no.'tʃa.'nẽ.'ũɲ.krif.'tõnd.dewʃ.peʒ.'bɛ.'ʒũnt ||
'kõn.del.'tʃga.no.'port | e.lo.'tʃa.'pra.'la.'dzert |

e.lo.'a.kel.'ti.je.ŋgo.'nɔd.no'ɔ.re | el.sɛn.'ta.nũl.ger.'zĩ |
el.fpe.'ra.plem.'na.mi.'se ||
el.'dze | 'krɛd.ne.'mʃter.de.'dɛwʃ ||
'ma.ko.'zɔ.re.kɛn.lvɛn.'ta.'of ||
el.fte.'pa.kel.gro.'fõn.'dgrog |
el.'tmaũŋ.ke.'kĩ.pe.ke.'bra.'sɛŋg ||
'tpoz.el.vɛn.'de.kel.'grog | el.kõm.'pra.'peʃ |
el.'da.'mi.ʌɛ.per.'be.re ||

'kõn.del'tʃga.nɛ.'ka.zɛ | ke.se.'korp.ʃkõn.dõŋ'gɔd |
el.'dze.se.'mljer ||
'ɔ.mre.'da.nɛ ||
'dɛm.je.'mtar.dĩ.'zũ | 'tʃɛm'bɛŋ.kõn.'tɔb |
kme.'ner.kmpɛ.'sa.'mal.'of ||
o.'a.'mĩn.de.'bɛ.'mez.'na.dɛ | pke.'of | ɲʃke.'pa.'pũ.'ɛs ||
ktʃo.'ro.nɛ.'ta.vɛ.te.'bɛ.be'.fɛm]

6.2 Entrevista a uma senhora do Figueiral

Idade da informante: 60 anos	
Morada da informante: Figueiral	
Estado civil da informante: viúva	
Nível de instrução da informante: analfabeta	
Local da gravação: Figueiral	
Data da gravação: 25/02/12	
Coletora, transcritora e tradutora: Maria do Céu dos Santos Baptista	
Texto crioulo em ALUPEC	Tradução portuguesa
Céu: <i>Osê konte-m kmenéra k' e vivê d'akrikultura atualmente.</i>	A senhora conte-me como é viver de agricultura atualmente.
Informante: <i>Vivê d'akrikultura un psoa ke n den trobói, bo te ten boj regedú, bo te terbelié-l, bo te po un párt mendióka, bo te po kána, bo te po ptátal, bo te po fjon irvilia, bo te fze mi d'órta pe bo bé te ptá dia e dia.</i>	Para uma pessoa que não tem trabalho viver de agricultura, tens os teus regadios, trabalhas-os, cultivas uma parte com mandioca, cultivas cana-de-açúcar, cultivas batatas, cultivas feijão ervilha e cultivas milho da horta para poderes viver o dia-a-dia.
<i>Ogóra zona n den xtód ke mut jent ne trobói. Ej vej bo n de otxá om, te pasá de kel fáz</i>	Agora a zona não tem estado com muita gente no trabalho. Às vezes não encontras

<p><i>pe bo fze kel plánta. Ej vej bo n de ten kel dnher pe fze kel trobói, ke ex om te resebe bon dnher. Kond bo ben xtoká kel kána pur inzenple pe fze unx pe de mendióka o un koza esin, bo te gastá mej e dnher. Tpoj enton pe ben fze kel mendiukinha bo te gastá mej e dnher. Nen abo n de trá kel txpéza. [...]</i></p>	<p>ninguém e passa-se a fase de plantar aquela planta. Às vezes não tens o dinheiro para fazer aquele trabalho, porque esses homens recebem bom dinheiro. Quando chegas a arrancar as canas por exemplo para pôr algumas plantas de mandioca ou outra cultura parecida, o que mais gastas é dinheiro. Depois então para chegar a plantar aquela mandioquinha, o que mais gastas é dinheiro. E nem tiras o dinheiro das despesas. [...]</p>
<p>Céu: <i>Produson d'grog e kmenéra?</i></p>	<p>Como é a produção da aguardente?</p>
<p>Informante: <i>Produson d'grog n de kej mut seída. Ke bo ten fze kel grog, bo ten ke kregel pe ptá ne král, bo te pagá un bokód dnher ke pe ptél lá. Tpoj enton kond bo fze kel produt pe ben vendê, abo n de trá kel dnher de kel txpéza, dmod bo te fka so pe ter mansáda.</i></p>	<p>A produção da aguardente não tem muitas saídas. Porque tens de fazer aquela aguardente, tens de transportá-lo para coloca-lo no curral, tens de pagar algum dinheiro para colocá-lo lá. E então depois quando tens produzido esse produto para finalmente vendê-lo, não tiras o dinheiro das despesas, de forma que ficas só com a canseira.</p>

<p><i>N ten váriax tfikuldéd, pke nha káza já te vrá vélia, já ti te brazá k'e vrá rot. Min n de otxá ningen pe de-m usiliu, un opoi pe remodele-m el, dmod grinhesin góra N ben fká junt ma nhe irmá pe bé te ptá un dia e dia, pe min n fkes lá ne kel káza rot, ne tenp de txuva prinsipalment.</i></p> <p><i>Má no ten fálda d'unj veréda tenbe terboliód, perkê te turista te pasá lá senp. Kex kemin ten fálda d'un konsért. Má ej n de xpiá pe ej. [...]</i></p>	<p>Eu tenho várias dificuldades, porque a minha casa já se está tornando velha, está a ficar muito rota. Eu não encontro ninguém para dar-me um auxílio, um apoio para remodelar-ma, de maneira que agora mesmo vim ficar com a minha irmã para descontar os dias, para eu não ficar lá naquela casa rota, principalmente no tempo das chuvas.</p> <p>Mas também temos falta de umas veredas trabalhadas, porque até os turistas passam sempre por lá. Aqueles caminhos precisam de conserto. Mas eles não cuidam deles (dos caminhos). [...]</p>
<p>u: <i>Y lá te xtód izulod?</i></p>	<p>E lá se está isolado?</p>
<p>Informante: <i>Sin, lá ten pok jent, ej e esin: ne dia e dia un psoa te sbi pe kmida d'bitx, otx te bé pe sej meráda. Má já ne bóka do not, prá lá já n de ten kuej náda d'jent.</i></p>	<p>Sim, lá tem pouca gente, é assim: no dia-a-dia uma pessoa sobe para apanhar o pasto para os animais, outras vêm para as suas propriedades. Mas já no final do dia, lá já quase não há ninguém.</p>

6.3 Um senhor do Figueiral conta a sua experiência em São Tomé onde permaneceu 6 anos

Idade do informante: 81 anos	
Morada do informante: Figueiral	
Estado civil do informante: Casado	
Nível de instrução do informante: analfabeto	
Local da gravação: Figueiral	
Data da gravação: 28/02/12	
Coletora, transcritora e tradutora: Maria do Céu dos Santos Baptista	
Texto crioulo em <i>ALUPEC</i>	Tradução portuguesa
<p>[...] <i>Bon, ne sinkuent y nóv N bé pe Sontmê. [...] N séi dei dia treiz d'ebri de mil novesent sinkuenta e nóv. Enton no tiv nóv dia te bé dei etê Sontmê, not y dia. Pront ...</i></p> <p><i>Txgá lá ne dia de nóv. Enton ej ben xtrubí kda un po rósa. Oliéj no tiv ke bé pe un sanzála. Dia de trej dia ej ben xtrubí kda un po rósa. Bo te bé po rósa. Txgá lá ex te dó-b un frementa, ke mnhan e dia d' trobói. Ex te dó-b un fer pe bo</i></p>	<p>[...] Bem, em cinquenta e nove eu fui para São Tomé. [...] Eu saí daqui no dia treze de Abril de mil novecentos e cinquenta e nove. Então tivemos nove dias a viajar daqui até São Tomé, noite e dia. Pronto...</p> <p>Chegámos lá no nono dia. Então vieram distribuir cada um para uma roça. Aliás (primeiro) tivemos que ir para uma senzala. No terceiro dia eles vieram distribuir cada um para uma roça e ias para a roça. Chegando lá eles</p>

trá kokou. Ex ten ke dó-b un mexin, ex ten ke dó-b un sák má bo ptá kel kokou, ex ten ke dó-b un pikeréta y un pá.

Bom, mnhan bzot ten ke bé antrá no fórma. Bo te lvantá sink óra, bo te po no fórma. Tpoj, ex te bé pe trobói. Ne frent d'trobói e so kokou, o kpiná ke jent te txmá ei mondá. [...]. Se tiver mut kokou, ex te dá teréfa, se tiver menej, tenbe ex te dá teréfa ne mejma. Pur inzenple, se tiver mut kokou ex te dó-b set o oit sok de kokou pe bo teréfa, se n diver, ex te dó-b trej o ex te dó-b un o doj konform tiver kuentidéd.

Kuánt a ruglement d'trobói, oráriu d'trobói, bo te pegá sink óra. Set óra, set y mea, ex te toká pit pe matá bix. Bo te bé tmá un refeison. Tpoj,

dão-te uma ferramenta, que amanhã é dia de trabalho. Dão-te um ferro para tirares cacau. Têm de dar-te um machim, têm que dar-te um saco para que ponhas aquele cacau nele, têm que dar-te uma picareta e uma pá.

Bem, pela manhã tendes que ir entrar na formatura. Levantas-te às cinco horas, entras na formatura. Depois vão para o trabalho. Na frente do trabalho é só cacau, ou (então) capinar como aí chamam o mondar. [...]. Se tiver muito cacau dão tarefa, se tiver menos, também dão tarefa na mesma. Por exemplo, se tiver muito cacau dão-te uma tarefa de sete a oito sacos de cacau, se não houver, dão-te (uma tarefa de) três ou dão-te (uma tarefa de) um ou dois conforme a quantidade que houver.

Quanto ao regulamento de trabalho, horário de trabalho, pegas (no trabalho) às cinco horas. Às sete horas, sete e meia, tocam apito para

oit óra ex te toká pit, bo te pegá ne trobói. Onz óra bo te largá. Se bo tiver jent na káza, ex te bé levo-b olmos. Se n diver jent ná káza, bo te fká lá no mot, sentód o te pesiá, o te katá lenha pe bo treze detérd. Duaz óra bo te pegá etê sink óra detérd.

Bon, xuva tenbe tei, ten ke xtód ei. Kom min, tiv un periud te terbaiá lá nun zona, ej vej N tá troká ropa trej vej pur dia drivód kel xuva. [...]

Tal dia ex te ben pagá. Ex te ben dó-b kel sinkuenta mil rej no mon, kabá ex te dze ke ex te txo-b setenta na káxa, ken séb. Má tud sób ten kel forneciment ke bo te tmá. Ex te dó-b kel doj kil d'fjon, o doj kil d' mi, doj kil d'oroj, un mei lit d' ôliu, un kil d'pex o un kil y mei, konform for pex sék, etsétra, etsétra. [...]

o pequeno-almoço. Vais tomar uma refeição. Depois, às oito horas tocam apito para pegares (de novo) no trabalho. Às onze horas largas (o trabalho). Se tiveres alguém em casa, eles vêm trazer-te o almoço. Se não tiver gente em casa, ficas lá no mato, sentado ou a passear, ou então apanhando lenha para levá-la à tarde (para casa). Às duas pegas (novamente no trabalho) até às cinco, da tarde.

Bem, a chuva também está aí, e tens que ficar no trabalho. No meu caso, teve um período que trabalhava lá numa zona, às vezes trocava a roupa três vezes ao dia por causa daquela chuva. [...]

Tal dia eles vêm pagar. Vêm dar-te aqueles cinquenta mil reais (= cinquenta escudos) nas mãos, depois dizem que te deixam setenta (escudos) na caixa, quem sabe. Mas todos os sábados tem aquele fornecimento que tomas. Dão-te aqueles dois quilos de feijão, ou dois quilos de mi-

Bon enton, N bé foi ne ebril de sinkuenta e nóv, N ben ne jener de sesenta y sink. Bon, kond N bé dei, koza n á k'el tá mut fevorável. N txgá, el tá un pkedin mej o menej, ke pelu menej un psoa á tá te ganhá un koza mej d'ki kinz texton. Kond N be dei já un psoa á tá te ganhá pur inzenple unj doz xkud konform, o dej - ke log N txgá N bé pe trobói d' xtód. Ex tá pege-m a dej xkud. Má kabá N antrá d'pedrer, ex tá pege-m doz. [...]

N trebaiá ete trinti un d'ebril de mil novesentej y noventa e trej, trinta d'ebril de mil novesentej e noventa y trej. Pront, te lá inda N tei te mandá volta etê dia ke Déux kzer.

lho, dois quilos de arroz, meio litro de óleo, um quilo ou um quilo e meio de peixe, conforme for peixe seco, etc., etc. [...]

Bem então, eu fui em abril de cinquenta e nove e voltei em janeiro de sessenta e cinco. Bem, quando eu fui daí, a situação não era muito favorável. Quando voltei estava um pouco mais ou menos, que pelo menos uma pessoa já ganhava um bocado mais do que quinze tostões. Quando saí daqui uma pessoa já ganhava por exemplo uns doze escudos conforme, ou dez – que assim que eu cheguei fui ao trabalho do estado. Pagavam-me dez escudos. Mas depois comecei a trabalhar como pedreiro e pagavam-me doze escudos. [...]

Finalizei o trabalho a 31 de abril de mil novecentos e noventa e três, 30 de abril de mil novecentos e noventa e três. Pronto, daquela data a esta parte ainda estou aqui a sobreviver até o dia que Deus quiser.

6.4 Um senhor da Aguada relata a perda dum seu filho

Idade do informante: 67 anos	
Morada do informante: Aguada – Chã Pedras	
Estado civil do informante: Casado	
Nível de instrução do informante: analfabeto	
Local da gravação: Aguada de Chã de Pedras	
Data da gravação: 28/02/12	
Coletora, transcritora e tradutora: Maria do Céu Baptista	
Texto crioulo em ALUPEC	Tradução portuguesa
<p><i>N tinha kuát filiu. Un ranká déi d'káza sej óra, sej óra d' not. El sbi eí, el dá ne lonb d' Ribirinha, el kanbá Agrionj. No bexká osê durent un smána no n otxé-l. [...] Un regodor ke bé regá k'unx tenkin e ke otxe-l. Já el n dinha kondison d'interá. Lá ej de-l lum, se oá. N te sintí pena de kel, Snhor! N te sintí pena de kel, Snhor!</i></p> <p><i>Purké min n sebe ukiê ke kel repej tiv. Foi un signe de Déux. Ker dzer el dze el tá</i></p>	<p>Eu tinha quatro filhos, um saiu daqui de casa às seis horas, seis horas da tarde. Subiu aí, ele foi ao lombo de Ribeirinha e dirigiu-se para Agriões. Nós buscamos durante uma semana não o encontramos. [...] Um regador que foi regar com uns tanquinhos foi quem o encontrou. Ele já não tinha condições para ser enterrado. Foi queimado no local, você veja. Senti pena dele, Senhor! Senti pena daquele, Senhor!</p> <p>Porque eu não sei o que aconteceu com aquele rapaz. Foi um signo de Deus. Quer</p>

t'oiá méd. N tinha posód pe es txan. El pegá de kel porta el trunká, el trunká kel perlá, el trunká es, el fká ei. Kom min n dá xperá, min N bé pe es txan xpiá un txikin ke N tinha lá. Kond N ben, min n otxé-l. N dze Xánda: onde Mete? El dze, oá, el séi d'éí, [...]. Elxandra preguntá Idelina. El dze-l, se oiá, grinhesin N oiá Metes te kanbá ponta d'Rbirinha. No ranká, no má un ke t'éí. No bé inkáta de-l te lonb d'Rbirinha d'not ftxá. Tinha xkur, kel not, n dinha luj, no ben pro box.

Notrun dia no ergê te bekké-l prei. Bexká lá pe kej rbera ne Rbirinha, bé pe Agrionj, no n otxé-l. Jent lará te bekké-l. Bé pe Pia, txe ei pe Prása Lárğa te xpié-l se el tinha dbongód d'rótxa lá pe dbox de nho Tunda, no n otxé-l. [...] TpoX

dizer, ele disse que estava vendo medo. Eu tinha passado por aquela chã. Ele pegou naquela porta e a trancou, trancou (também) a porta lá do outro lado e ficou aí. Como eu não esperava, fui a esta chã para ver um porquinho que eu tinha lá. Quando vim não o encontrei. Disse à Chanda: onde está o Mateus? Ela respondeu, olha, saiu daqui, [...]. A Alexandra perguntou a Idalina. Ela lhe disse, olha, agora mesmo vi o Mateus a atravessar o lombo da Ribeirinha. Saímos daqui, eu e um (outro filho) que está aqui. Fomos à procura dele até o lombo de Ribeirinha de noite fechada. Estava (mesmo) escuro, aquela noite. Houve escuridão, aquela noite, não havia luz, e viemos para baixo.

No dia seguinte nos levantamos a procurá-lo por aí. Buscámos por essas ribeiras, em Ribeirinha, fomos a Agriões, não o encontramos. As pessoas espalharam-se a sua procura. Fomos à Pia, desce-mos ai para Praça Larga à sua

<p><i>ke un snhor bé otxé-l lá pe Kont d'Tor inkervokód nun pe d'krepét. Se oá, ej vej jent te pensá, foi dur, se oiá min, min n den mex ke dze osê ...</i></p>	<p>procura, se ele tinha caído das rochas lá em baixo da senhora Tunda, não o encontramos. [...] Depois um senhor foi encontra-lo lá no Canto de Tor embutido numa planta de sisal. A senhora veja, as vezes pensamos, foi duro, veja, eu, eu não tenho mais nada a dizer à senhora ...</p>
---	---

6.5 Letra de uma canção do grupo musical Cordas do Sol

Texto crioulo na grafia do CD
<p>Linga D'Sentanton</p> <p>Linga d'sentonton ê um sobura F'lod nó moda d'nhô vô Bô t'uvil nu vid t'znib séb</p> <p>Meria p'nha bô inxada i boloi Bô pô n'cucruta Bô r'bán te quel lomb</p>

Bé Bé Bé Bé

Bé pnhá mi má fjon

N'quel merada

Bô f'ze bô merenda

(Letra e Música: Arlindo Évora)

Tradução portuguesa

Língua de Santo Antão

A língua de Santo Antão é uma sabura

Falada a moda do meu avô

Ouves e aprecias

Maria apanha a tua enxada e balaio

Coloca na cabeça

Sobe para aquela ladeira

Vai, vai, vai, vai

Vai apanhar milho e feijão

Naquela propriedade

Para fazeres a tua refeição.

O arquipélago



Jürgen Lang

Esboço de uma geografia linguística do crioulo caboverdiano^{*}

o. Introdução

Aproveitando os trabalhos que a precedem neste volume, e outros mais antigos, esta contribuição pretende fornecer uma primeira ideia da variação interna do crioulo caboverdiano. Trata portanto de fronteiras linguísticas entre ‘isoglossas’, isto é, áreas de usos linguísticos concorrentes, que atravessam o arquipélago caboverdiano.

o.1 A unidade do crioulo caboverdiano

Com isto não se pretende dar azo ao mal-entendido que consistiria em supor que o caboverdiano carece de unidade. Existe

^{*} Uma versão abreviada desta contribuição foi apresentada, em alemão, durante o X Congresso Alemão de Lusitanistas (Hamburgo, 11 a 14 setembro 2013) na secção 2 Contatos linguísticos do Português. Agradeço à Elisabete Cardoso a revisão do meu português.

um número considerável de traços linguísticos comuns a todas as variedades do caboverdiano, alguns (predominantemente de caráter material) ligando-o ao português e aos crioulos portugueses continentais da Guiné-Bissau e da Casamança, outros (predominantemente de caráter estrutural) que o ligam a estes crioulos e, através deles, eventualmente a línguas indígenas do Oeste africano. Para nos prevenirmos do mencionado mal-entendido, enumeramos primeiro cinco destes traços, dando preferência aos que distinguem o caboverdiano no seu conjunto do português. Ilustramo-los, alegando exemplos tomados na variedade da ilha de Santiago.

1. Ao contrário do português, todas as variedades do caboverdiano distinguem, também na função de sujeito, entre pronomes pessoais tónicos e átonos. Quer dizer, distinguem como o francês, entre construções do tipo *Je chante* e *Moi je chante*, e não, como o português, entre construções do tipo *Canto* e *Eu canto*. Cf. S *N kánta* 'Cantei' / (*A*)*mi N kánta* 'Eu cantei'. Aliás, nos pronomes pessoais tónicos distinguem ainda entre formas com e formas sem [v] inicial (cf. S *Ami e riku* / *Mi e riku* 'Sou rico'). Nos pronomes pessoais átonos, distinguem entre formas proclíticas e formas enclíticas (cf. S *Es ta skrebe* 'Escrevem' / *N ta skrebe-s* 'Escrevo-lhes'), mas não entre formas de complemento direto e formas de complemento indireto (S *N ta skrebe-l* vale tanto 'Escrevo-lhe' como 'Escrevo-o').

2. Ao contrário do português, todas as variedades do caboverdiano distinguem, no domínio das formas verbais não perifrásticas, três graus aspectuais: forma não marcada, forma marcada para a imperfectividade, forma marcada para a progressividade e a imperfectividade. Cf. S *E kánta* 'Cantou' / *E ta kánta* 'Canta, Cantará' / *E sa ta kánta* 'Está a cantar'.

3. Ao contrário do que sucede em português, todas as variedades do caboverdiano usam, com os verbos que assinalam um câmbio respeitante a quem dispõe de uma coisa (verbos do tipo

'dar', 'enviar', 'oferecer', 'dizer' etc.), a chamada 'double object construction'. Isto é, usam o mesmo procedimento para juntar cada um dos dois complementos ao verbo. No caboverdiano, ambos os complementos se juntam ao verbo sem a intervenção de uma preposição, o complemento 'indireto' precedendo sempre o complemento 'direto'. Cf. *S E da si amigu dinheru* 'Deu (o) dinheiro ao seu amigo'.

4. Ao contrário do português, todas as variedades do caboverdiano usam os sucessores crioulos de *P cabeça* e *companheiro* para expressar reflexividade e reciprocidade, respetivamente. Cf. *S E máta (si) kabésa* 'Suicidou-se', *Es kre kunpanheru* 'Amam-se'.

5. À diferença do português, todas as variedades do crioulo caboverdiano dispõem, ao lado de *ki*, *k'* etc. (< *P que*), de um nominalizador de orações (inglês: *complementizer*) específico, *kumâ*, *ma* etc. derivado do *P* antigo *coma* 'como', para a introdução de orações de complemento após verbos do dizer, do pensar e do perceber. Cf. *S N sa ta odja ma bu sta duenti* 'Vejo que estás doente'.

0.2 Aproximação à variação interna do crioulo caboverdiano

No entanto, a unidade do crioulo caboverdiano não constitui o tema destas páginas. Com elas pretendemos, pelo contrário, melhorar os nossos conhecimentos a respeito da variação geográfica interna do caboverdiano. Sem estes conhecimentos, tão necessários em vista do projeto de oficialização do caboverdiano, também não será possível reconstruir a história interna do caboverdiano, pois faltam documentos redigidos neste crioulo para os primeiros quatrocentos anos da história do arquipélago. Descreveremos pois, no que segue, a distribuição geográfica de alguns usos linguísticos concorrentes, indicando as ilhas onde cada um deles prevalece. É evidente que nas maiores ilhas do arquipélago, nomeadamente em Santiago e em Santo Antão,

existe também uma variação linguística interna. Contudo, neste primeiro esboço de uma geografia linguística de todo o arquipélago, vemo-nos obrigados a ignorá-la. Consideraremos variedade de uma determinada ilha o basilecto que nela predomina.

A variação interna do crioulo caboverdiano foi frequentemente subestimada. Ainda por volta de 1960, Baltasar Lopes da Silva (1957) e Maria Dulce de Oliveira Almada (1961) esperavam poder fazer jus ao caboverdiano todo, numa única monografia. Mais incauto ainda foi Donald Pereira Macedo que, na sua monografia de 1980, distingue apenas a trechos entre Sotavento e Barlavento. Basicamente, estes autores descreveram o próprio crioulo (no caso de Lopes da Silva o de São Nicolau, no caso de Oliveira Almada o de São Vicente) indicando pontos onde outras variedades divergiam da sua, na medida em que tinham conhecimento de tais divergências.

Isto apesar de já Adolfo Coelho, entre 1880-1886, ter cuidadosamente separado as informações de que dispunha para as diferentes ilhas e ter elogiado António de Paula Brito por se ter limitado à variedade de Santiago, nos seus *Apontamentos* de 1887. Nos anos 1961 a 1963, o português José G. Herculano de Carvalho e uma caboverdiana residente nos Estados Unidos, a Mary Louise Nunes, continuaram esta linha mais sensata, seguidos, em 1975, por Deirdre Meintel. E, desde 1982, compreenderam todos, que é indispensável descrever cada uma das variedades insulares isoladamente antes de proceder à sua comparação. Foi o que fez Manuel Veiga na sua *Diskrison strutural di lingua kabuverdianu*, publicada naquele ano, para as variedades de Santiago, do Fogo, de São Vicente e de Santo Antão.

Desde então têm aparecido outros trabalhos que partilham este ponto de vista: é o caso do trabalho de Eduardo Augusto Cardoso (1989) sobre a variedade de São Nicolau, das três contribuições no *Atlas and Survey of Pidgin and Creole Languages*

(*APiCS e SPiCL*), de 2013, que dizem respeito a Cabo Verde (Brava: Marlyse Baptista, Santiago: Jürgen Lang, São Vicente: Dominika Swolkien) e das três dissertações de mestrado redigidas no marco do *Mestrado de Crioulística e Língua Caboverdiana* da *Universidade de Cabo Verde (UNI-CV)* de que se publicam extractos no presente volume.

Por agora, falta sobretudo uma monografia que informe sobre a variedade tradicional da Boavista, que está atualmente a recuar devido à maciça imigração de caboverdianos de outras ilhas e de africanos da Guiné-Bissau desencadeada pelo incremento do sector turístico na ilha. O único texto impresso de que dispomos para esta variedade é a versão da parábola do filho pródigo que publicaram Joaquim Vieira Botelho da Costa e Custódio José Duarte em 1886 nos seus *Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde*. Há ainda uma sucinta descrição pouco fiável da sua fonologia em Nunes 1962/1963.

Uma das nove ilhas habitadas não será tomada em consideração: é duvidoso que exista já uma variedade específica minimamente estável na ilha do Sal, onde antes da construção do primeiro aeroporto internacional de Cabo Verde, em meados do século XX, quase não havia população. Graças à construção do aeroporto, dois núcleos de população adquiriram certa importância: Espargos, imediatamente a norte do aeroporto, onde vive o pessoal ao qual este dá trabalho, e Santa Maria na costa sul, que após a independência se transformou num importante centro turístico. Em ambos os centros, pessoas vindas de outras ilhas do arquipélago ou seus descendentes formam a maioria da população residente.

Tradicionalmente, distinguem-se dois grupos, no conjunto das ilhas que formam o arquipélago caboverdiano. Continuando uma terminologia náutica dos tempos da descoberta, chamam-se Barlavento (com – de oeste a este – Santo Antão, São Vicente,

Santa Luzia, São Nicolau, Sal e Boavista) e Sotavento (com – de oeste a este – Brava, Fogo, Santiago e Maio).

O seguinte esquema, cuja ordenação se inspira destes dados geográficos, remete para os trabalhos monográficos de que dispomos para as diferentes variedades insulares (para a resolução das abreviaturas, cf. as *Referências bibliográficas* ao final deste volume).

Barlavento			
Santo Antão (SA)	São Vicente (SV)	São Nicolau (SN)	Boavista (BV)
Costa/Duarte 1886 Romano 1973 Nunes 1962/63: 3 Veiga 1982 dos Santos Baptista 2014	Veiga 1982 Swolkien 2013	Costa/Duarte 1886 Cardoso 1989	Costa/Duarte 1886 Nunes 1962/63: 4
Sotavento			
Brava (B)	Fogo (F)	Santiago (S)	Maio (M)
Costa/Duarte 1886 Nunes 1962/63: 6 Meintel 1975 Baptista 2013	Costa/Duarte 1886 Nunes 1962/63: 5 Veiga 1982 Lopes 2014	Costa/Duarte 1886 Veiga 1982 Quint 2000 Lang 2001, 2012, 2013	Quint 1999 Moreira 2014

Estudos linguísticos sobre as variedades insulares do crioulo caboverdiano

Apresentamos primeiro uma série de traços linguísticos que mostram que também no plano linguístico a distinção entre Barlavento e Sotavento faz sentido (1.). Depois apresentaremos alguns dos contrastes linguísticos que se observam no interior dos grupos de Sotavento (2.) e Barlavento (3.), respetivamente. Terminaremos com um resumo (4.) e um olhar sobre as questões relacionadas com a história do caboverdiano que os dados apresentados em 1., 2., 3. e 4. levantam (5.).

1. Contrastes Sotavento/Barlavento

1.1 Tratamento cortês

Na área dos pronomes pessoais reservados ao tratamento do interlocutor, existem diferenças consideráveis entre as variedades de Sotavento e Barlavento. São de dois tipos: 1º Nas variedades de Sotavento (B, F, S, M), a distinção entre tratamento informal e tratamento cortês sobrevive apenas no singular, enquanto nas variedades de Barlavento (SA, SV, SN, BV) se faz tanto no singular como no plural; 2º Nas variedades de Sotavento, são os substantivos P *senhor* e *senhora* que forneceram o material para os pronomes do tratamento cortês, ao passo que em Barlavento estes pronomes remontam ao P *ocê(s)*. Consequentemente, só em Sotavento se distingue no tratamento cortês entre masculino e feminino. Cf.

S Anhô módi nhu txoma? (Nbn I: 190/14) 'Como é que se chama o senhor?'

S Anhâ tânbe nha dura ku labánta oji! (Nbn I: 120/34) 'A senhora também demorou (muito) em levantar-se, hoje!'

SN Boze pode fka k'el. 'Fique com isto.' (Cardoso 1989: 112 (29)).²⁵

SN Boses faze móda bozes kre. 'Façam tudo consoante o vosso desejo.' (Cardoso 1989: 106 (453)).

Em Sotavento, as formas para o tratamento cortês do singular soam masc. (*a*)*nho* [(ɐ)'ɲo], fem. (*a*)*nha* [(ɐ)'ɲɐ] (formas tónicas) e masc. *nho* [ɲo], fem. *nha* [ɲɐ] (formas átonas) na Brava e no Fogo (cf. Baptista 2013: 5. e Lopes 2014: 3.4.1). Em Santiago e no

²⁵ Tratando-se de exemplos tirados de Cardoso 1989, as 'traduções' que damos entre apóstrofes, correspondem de facto a expressões de um questionário 'traduzidas' pelos informantes do autor para o crioulo deles.

Maio têm as mesmas formas exceto a forma átona masculina que, nestas duas ilhas, é *nhu* (cf. Lang 2013: 6., Moreira 2014: 3.4.1). Quer dizer que, quanto ao pronome masculino átono para o tratamento cortês, as duas variedades ocidentais permanecem fieis ao [o] do étimo português, ao passo que esta vogal passou a [u] nas duas variedades orientais.

Nas variedades de Sotavento, a distinção entre tratamento cortês e informal deve ter existido também no plural, visto o seu pronome pessoal da segunda pessoa do plural (S (*a*)*nhos*) remontar claramente ao substantivo português *senhores*. Mas é difícil saber qual foi a forma para o tratamento informal suplantada pelos sucessores de P *senhores*. Quanto à vogal do único pronome que sobreviveu, cabe observar que no Fogo esta se abriu em [ɔ], na forma tónica (F tónico: (*a*)*nhós*, átono: *nhos*, cf. Lopes 2014: 3.4.1), enquanto que as restantes variedades de Sotavento conservam o [o] etimológico tanto na forma tónica como na átona (B, S e M tónico (*a*)*nhos*, átono: *nhos*, cf. Baptista 2013: 5., Lang 2013: 5., Moreira 2014: 3.4.1).²⁶

Como já se disse, as formas para o tratamento cortês de Barlavento remontam no singular a P *ocê* e no plural a P *ocês* (SV, SN, BV sg. *bosê*, pl. *bosês*; cf. Swolkien 2013 5., Cardoso 1989: 25/26²⁷ e Costa/Duarte 1886, 1967: 315). A situação parece ser essencialmente a mesma em SA, embora *bosê(s)* apareça frequentemente abreviado em [*se(s)*], nesta ilha, nos textos crioulos de

²⁶ Assim, o vocalismo da forma tónica coincide nas quatro ilhas com o do pronome pessoal tónico da primeira pessoa do plural (F (*a*)*nós*, M, S e M (*a*)*nos*).

²⁷ Cardoso 1989: 29 observa porém a propósito do 'possessivo' *d'bosês* em SN: "Quando se trata de vários possuidores, o tratamento de cortesia é afogado pelo número desses possuidores e não se distingue do tratamento comum. Assim, a expressão *kel armon d'bozes* pode significar tanto «o irmão dos senhores (ou das senhoras)», como «o vosso irmão» (de vocês: vários «tu»).” Não diz se isto implica que em SN não existe um possessivo *d'bzot*, nem se se dá um 'afogamento' análogo na segunda pessoa do plural do pronome pessoal.

Romano 1973 e de dos Santos Baptista 2014. As formas de Barlavento para o tratamento informal remontam no singular, como em Sotavento, a um P *vós, vos*, singularizado e no plural ao P *vós outros* (cf. as formas tónica *bo* e átona *b(o)*, no singular, e tónica e átona *bzot*, no plural, que dão Swolkien 2013: 5. e Cardoso 1989: 25 para SV e SN).

Fica por acrescentar que, evidentemente, a forma P *você(s)*, último estado de contração de um primitivo *vossa mercê*, ainda não existia em português, na época da formação das variedades de Sotavento. O *Corpus do português* alega um único exemplo desta forma contraída para o século XVII que se encontra na *Arte de furta*, de 1645, da autoria de Manuel da Costa.²⁸ A primeira documentação da mesma forma alegada por Lindley Cintra remonta ao ano 1666 (cf. Cintra 1986: 27).

Atendo-nos ao tratamento cortês e prescindindo da variação fonética de formas etimologicamente idênticas, podemos resumir a articulação linguística do arquipélago no quadro do verso.

As duas soluções fundamentais do caboverdiano para o tratamento formal confirmam pois a pertinência de uma distinção linguística entre Barlavento e Sotavento, sem prejuízo da possibilidade de subdivisões ulteriores baseadas na evolução fonética das respetivas formas.

²⁸ Nesta peça, um guia de cego dirige-se ao seu dono que acaba de lhe dar uma paulada, protestando: "e quem lhe disse a Você, Senhor amo, que eu fiz tal aleivosia?" Este é o tipo de tratamento de um dono pelo seu criado que podemos supor estivesse na origem do *bosê* de Barlavento.

Santo Antão	São Vicente	São Nicolau	Boavista
sg. < P <i>você</i> , pl. < P <i>vocês</i>			
Brava	Fogo	Santiago	Maio
sg. masc. < P <i>senhor</i> , sg. fem. < P <i>senhora</i>			

O tratamento cortês no crioulo caboverdiano

1.2 'Ter'

As variedades de Sotavento dispõem de dois verbos para traduzir o verbo *ter* do português. No Fogo e no Maio soam hoje *ten* ['tẽ(ŋ)] e *tenê* [te'ne]. Em Santiago, passou-se, em época relativamente recente de [te'ne] a ['teni], grafado *tene*. Quando em 1887, António de Paula Brito publicou os seus *Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde*, a pronúncia do verbo mais longo era ainda [te'ne], como nas ilhas vizinhas. Aliás, a antiga pronúncia mantém-se em Santiago no anterior (S *teneba* [te'nebɐ], distinto de *tenba* ['tẽmbɐ], anterior do verbo *ten*) e quando segue um pronome pessoal enclítico (por exemplo, S N *tene-l* [nte'nel] 'Tenho-o comigo').

O verbo curto não sugere limites temporais na disposição do objeto ao passo que com o verbo mais longo trata-se sempre de uma disposição temporária. Empregando ora o verbo mais curto, ora o mais longo, distingue-se, por exemplo, entre

S E ten dinheru. 'Tem dinheiro.' no sentido de 'É rico.' e

S E tene dinheru. 'Tem dinheiro.' no sentido de 'Tem dinheiro consigo.'

O crioulo *ten* deriva, como a forma de base de alguns outros verbos do caboverdiano, duma forma da terceira pessoa do singular indicativo. No caso do verbo *P ter*, esta forma é *tem*, que antigamente se pronunciava como o *ten* de Sotavento. Desconhece-se a origem do verbo *tenê*. Se não existir nenhum dialeto meridional do português que mantém o [n] intervocálico do lat. *tenet*, tratar-se-á do ital. ou do esp. *tiene*. Um certo número de falantes dessas línguas estiveram presentes em Santiago, nos primeiros tempos da colónia.

Ten e *tenê* são relexificações dos verbos wolof *am* e *ame* 'ter', que apresentam a mesma diferença semântica (cf. Lang 2009; 2.2.5.3.2 com os exemplos wolof *Am na ñetti doom* 'Tem três filhos' e *Paaka la ame* 'Tem uma navalha consigo').

Estamos perante uma excisão espetacular de um dos verbos portugueses mais frequentes, que introduz, no lado da 'disposição', uma distinção que já existia, em português, no lado do 'ser', sob a forma da oposição tipicamente ibero-românica entre *ser* e *estar*, e que continua a existir em português e no crioulo caboverdiano (cf. *S e e sta*).

Parece que as variedades de Barlavento não conhecem essa distinção do lado do 'ter'. E não sabemos se a conheciam alguma vez. O seu verbo 'ter' soa *ten* ['tẽ(ŋ)]. A sua forma para o anterior, *tinha*, concorre em Sotavento com *tenba* e *teneba*. Nos contextos onde, em Sotavento, ocorre tipicamente o verbo mais longo que sugere limites temporais, encontramos, em Barlavento, regularmente as formas *ten* e *tinha*:

SA Bô tem denhêr pa pagá esse viája?, grinh'assim? 'Tu tens dinheiro para pagar esta viagem?, agòrinha assim?' (Romano 1973: 128/10)²⁹

²⁹ Nos exemplos tirados de Romano 1973 mantemos tanto a grafia como a tradução em 'português aproximado' do autor.

SV Nha pai ten dor d'kabésa. 'My father has a headache.' (Swolkien 2013, data set, f. 66, ex. 104)

SN N ten febr. 'Tenho febre.'; N ten calor. 'Tenho calor.' (Cardoso 1989: 110 (100) e (101))

BV ..., já'el câ tinha más meis de passa sê bida. (Costa/Duarte 1886, 1967: 315) '..., já não tinha meios para sobreviver.'

Temos pois mais um caso que confirma a pertinência de uma agrupação das variedades do caboverdiano em variedades de Barlavento e variedades de Sotavento:

Santo Antão	São Vicente	São Nicolau	Boavista
<i>ten</i>			
Brava	Fogo	Santiago	Maio
<i>ten / tene</i>			

Os sucessores do verbo *P ter* no crioulo caboverdiano

1.3 Coordenação

Todas as variedades do crioulo caboverdiano dispõem de uma conjunção coordenativa que deriva do *P e* (cf. por exemplo, *S [i]*, grafado *y* ou *i*). Mas em todas elas, esta conjunção tem um uso mais restrito do que o seu étimo português.

Em Sotavento, a situação é relativamente clara. Aqui concorre *ku*, *k'* com a conjunção coordenativa, quando se trata de juntar sintagmas nominais que exercem a mesma função sintática. *Ku*, *k*, < *P com*, é a preposição que se emprega em todas as variedades

do caboverdiano para introduzir o complemento que designa o instrumento com que se executa uma ação. Para o emprego 'coordenativo' da preposição *ku* em Sotavento, podemos invocar a forma tradicional de dar começo aos contos populares do tipo 'Ómi ku mudjer':

S Éra un bes un ómi ku si mudjer. 'Havia-se uma vez um homem e a sua mulher.'

Eis mais dois exemplos deste emprego da preposição *ku* em Sotavento:

S Ten txeu rivalidádi entri Mindelu ku Práia. (RS) 'Há muita rivalidade entre Mindelo e Praia.'

S ...nha kumida ku di porku tenba poku diferénsa. (Nbn I: 59/3) 'A minha comida distinguia-se apenas da dos porcos.'

Em Barlavento, um terceiro elemento entra no jogo. Trata-se do quantificador crioulo *má* ['ma]³⁰ 'mais', < P *mais*, que pelos vistos assumiu em todas as variedades do caboverdiano também a função da conjunção adversativa portuguesa *mas*.

É certo que, também nas variedades de Barlavento, sintagmas nominais que designam entidades apresentadas como exercendo o mesmo papel podem ser juntados por meio da conjunção coordenativa (cf. SV *Relasãu entre mi y nha mãi senpr foi mut bon* 'The relationship between my mother and me was always very good', Swolkien 2013, data set, f. 71, ex. 32-117). Mas em Barlavento, designações de pessoas³¹ a agirem conjuntamente, são maioritariamente juntadas por meio do quantificador *má*:

30 Segundo da Costa 2013: 3.10, o elemento que cumpre esta função em Barlavento soaria [mɐ].

31 Sobretudo designações de pessoas, mas pelos vistos não só: No texto de uma canção do grupo Cordas de Sol intitulada *Língua d'Sentanton* 'A língua de Santo Antão' encontramos ... *bê pnhá mi má fjon* ... '... vai colher milho e feijão ...' (cf. dos Santos Baptista 2014: 6.5) e Baptista 2013: data set, feature 27, example 31-64 dá para Brava (!) um exemplo onde se enumeram partes do corpo humano

SV Mi má Adrianu trubaiá djunt n'un bárk. 'Adrianu and I worked together on a ship.' (Swolkien 2013: 5. ex. (3))

SV Mi má Jacira ijgá ténis. 'Jacira and I played tennis.' (Swolkien 2013, data set, f. 20, ex. 32-30)

SV El bai pa Praia má se irmon. 'He went to Praia with his brother.' (Swolkien 2013, data set, f. 70, ex. 32-114)

A única autora que comenta este emprego de *má* é justamente Dominika Swolkien. Referindo-se à variedade de São Vicente, observa: "*Má* functions as comitative or conjunction but never as instrumental, whereas *k* functions both as comitative and instrumental marker" (cf. Swolkien 2013, data set, f. 70). A situação nas ilhas vizinhas de Santo Antão e São Nicolau parece ser a mesma. Cf. para SA ...*de nôte foi dexad pa cada um dremísse má sê anj-de-guarda* '...a noite foi deixada para que cada um dormisse mais o seu anjo de guarda' (Romano 1973: 105/4-5) e para SN *Mña rmon má bose rmon e koléga d'sirvis* 'O meu irmão e o seu são colegas de serviço' (Cardoso 1989: 101 (127)). Observemos, antes de terminar, que em Barlavento *má* não se emprega apenas em casos onde em português se empregaria *e* ou *mais*, mas ainda em casos onde corresponde o P *com*: cf. SV *El te stód má se filha*. 'She is with her daughter' (Swolkien 2013: 6., ex. (15 b.)) e SN *Duránt áwla N ta mora má ñas páis*. 'Durante as aulas moro com os meus pais.' (Cardoso 1989: 106 (457)).

Acabamos de comprovar novamente a existência de contrastes linguísticos entre Barlavento e Sotavento. Mas enquanto os empregos coordenativos da preposição *ku* 'com' refletem claramente empregos análogos da preposição *ak* em wolof (cf. Lang 2009: 2.2.4.1), não conseguimos por agora aclarar a origem dos empregos coordenativos do quantificador *má* em Barlavento.

usando *ma*: *N ta sufri di rimatizmu, na pe má na mon*. 'I suffer from rheumatism, on my feet and hands.' Supomos que em ambos os casos convém ler ['ma].

Santo Antão	São Vicente	São Nicolau	Boavista
<i>y / ma / ku</i>			
Brava	Fogo	Santiago	Maio
<i>y / ku</i>			

A coordenação no crioulo caboverdiano

2. Contrastes Sotavento/Sotavento

2.1 Vogais finais átonas

Palavras e formas que terminam em vogal átona e cuja sílaba tónica é a penúltima eram particularmente frequentes, no português que foi criouloizado em Sotavento por volta de 1500, e continuam a sê-lo no português atual. Na escrita, estas palavras e formas terminam maioritariamente em *-e*, *-a* ou *-o*. Na pronúncia, terminam hoje em [-i], [-ɐ] ou [-u] (ex. P *chave*, *casa*, *gato*). Destas palavras e formas, aquelas que sobrevivem nas variedades da Brava, do Fogo e de Santiago, terminam em [-i], [-ɐ] e [-u], respetivamente. Transcritas com o alfabeto oficializado em 2009, terminam em *-i*, *-a* e *-u*: cf.

S: leti ['leti] s. 'leite', kása ['kase] s. 'casa', gátu ['gatu] s. 'gato', trabá-dju [tre'baɟu] s. 'trabalho etc.

Mas no Maio (cf. Moreira 2014: 2.2.4) e em todas as variedades de Barlavento (cf. para SA dos Santos Baptista 2014: 2.2.1, para

SV Veiga 1982: 138, para SN Cardoso 1989: 85 e 92), só se conservou o [ɐ] final, ao passo que os [i] e [u] finais se perderam (cf. por exemplo M *let* 'leite', *káza* 'casa', *trabádj* 'trabalho', SA *let* 'leite', *káza* 'casa', *gót* 'gato').

A afirmação que precede precisa de alguns complementos:

- Após consoante surda, os [i] e [u] átonos finais conservados são, regra geral, surdos, em Santiago (e provavelmente também no Fogo e na Brava), o que reduz a sua perceptibilidade.

- Lopes 2014: 2.1.2.1 regista, para a variedade do Fogo, alguns casos de queda do [-u] átono final após as consoantes /l/, /r/, /n/. Cita F *kabel* s. 'cabelo', *dinher* s. 'dinheiro', *kunpanher* s. 'companheiro', *minin* s. 'menino'. Por outro lado, constata: "verificamos, em determinadas variedades do fogueense, em palavras que em santiaguense soam *katxor* s. 'cão', *midór* s. 'moinho', *papel* s. 'papel', *pastor* s. 'pastor', a ocorrência da vogal /-u/ no fim das palavras correspondentes, formando, deste modo, mais uma sílaba: cf. *katxoru* s. 'cão', *midoru* s. 'moinho', *papelu* s. 'papel', *pastoru* s. 'pastor'" (cf. Lopes 2014: 2.2.2.7). Ambas as observações sugerem uma certa insegurança dos falantes fogueenses quanto à presença ou ausência de um [-u] final átono.

- Faltam informações fidedignas em relação à conservação ou queda dos [-i] e [-u] átonos finais na variedade de Boavista. Em 1886, na sua versão da parábola do filho pródigo no crioulo de Boavista, Costa/Duarte escreveram por um lado *nôbô* adj., *comô* part. comparativa, *ricô* adj., *stâdô* s., *criadô* s., *fartô* adj., *gasajô* s. (< P *agasalho*), *tudô* pron. indef., *tantô* pron. indef., *logô* que loc. prep., *bêjô* adj. (< P *velho*), *largadô* participio, *brâdô* participio (< P 'virado'), *perdidô* adj., e por outro lado *fijê* s. (< P *filho*), *qandê* conj. (< P *quando*), *tudê* pron. indef., *qantê* pron. interr., *zoêjê* s. (< P *joelho*), *fête* participio (< P *feito*), *mortê* adj. (< P *morto*), *meis* s. (< P *meios*) (cf. Costa/Duarte 1886, 1967: 314/315). Inclinao-nos a ver nestes -o representações de [-u]. Por outro lado, parece altamente improvável que estes -e representem [-i]

como em muitas palavras do tipo *pikinotê* adj., *partê* s. da sua versão da mesma parábola no crioulo de Santiago. Os *-e* em palavras como *fijê* s. poderiam representar uma vogal final átona de alguma forma debilitada ou ser simplesmente '*-e* mudos', postos para impedir que a palavra termine com uma consoante que na ortografia portuguesa não ocorre em posição final absoluta. Grafias como *q'an*, *qan* e *qand'* (< P *quando*), *porc* s. (< P *porco*), *assim com'um ofendê Noss'Senhor* 'assim como ofendi o Nosso Senhor', que ocorrem no mesmo texto, advogam em favor da segunda interpretação. Fica claro porém que não podemos saber se, nesta versão da parábola no crioulo da Boavista, o *-e* em palavras do tipo *partê* s. é 'mudo' ou representa um [-i].

- A respeito de São Nicolau, Cardoso 1989: 85 formula de modo algo enigmático: "Embora tenhamos verificado que a única vogal suscetível de figurar em posição final é o [a] (*a* fechado), nota-se a emergência do [u] sempre que esta vogal ocorria no étimo da palavra e era precedida de uma consoante velar. Exemplos: *sák^u*, *bráb^u*, *mágr^u*, *kaból^u* etc." Infelizmente, destas quatro palavras, só uma cumpre a segunda condição especificada pelo próprio autor. Aliás, a representação destes [u] por uma letra mais pequena posta mais alta sugere que o autor pretende dar a entender que a sua realização fonética é debilitada ou intermitente.

Apesar de todos estes caveat, a bipartição do arquipélago quanto à conservação ou perda dos [-i] e [-u] finais átonos é evidente. Poderia simplesmente surgir a necessidade de admitirmos a existência de uma zona de transição (BV, SN), onde os [-u] (e [-i]?) aparecem debilitados sem terem ainda desaparecido por completo.

Moreira 2014: 2.3 e 2.4.1 salienta com razão as consequências que a queda dos [-i] e [-u] finais átonos traz para os padrões si-

lábicos e acentuais das variedades em questão: aumenta consideravelmente a ocorrência de sílabas com coda consonântica e de palavras oxítonas.

Santo Antão	São Vicente	São Nicolau	Boavista
[-e]			
Brava	Fogo	Santiago	Maio
[-i], [-e], [-u]			

As vogais finais átonas no crioulo caboverdiano

2.2 Acentuação da forma de base dos verbos

Com algumas exceções (cf. *S ten* < *P tem*, *S bai* < *P vai* etc.), as formas de base dos verbos do caboverdiano derivam do infinitivo português. No entanto, o *-r* final destes infinitivos não se conservou, em caboverdiano. Facto digno de mencionar, visto que o *-r* final se manteve geralmente nas restantes palavras que terminam em *-r* (cf. *P lugar* > *S lugár* s. 'campo' etc.). Com base nas afirmações precedentes, caberia esperar que os verbos caboverdianos polissilábicos terminassem em [-a], [-e] ou [-i] tónicos, conforme a conjugação a que pertence o verbo português de que derivam.

Confrontemos agora esta expectativa com a realidade. Segundo Moreira 2014, na pequena ilha do Maio, esta difere em dois pontos da nossa expectativa.

Primeiro: Surpreendentemente, os sucessores de verbos portugueses em *-ar* não terminam em [-a] tónico aberto, mas em [-ɐ] tónico fechado. Cf. M *morâ* [mo'ɾɐ] v. < P *morar*.

Segundo: Para completar o leque das vogais finais dos verbos polissilábicos do maiense, é preciso tomar em consideração os verbos de origem africana. Resulta então que os verbos polissilábicos do maiense podem terminar em [-i], [-e], [-ɐ], [-o] ou [-u] tónicos. Cf.

M *pari* [pɐ'ri] v. < P *parir*, M *kumê* [ku'me] v. < P *comer*, M *morâ* [mo'ɾɐ] v. < P *morar*, (exemplos tirados de Moreira 2014: 2.5 Texto I) e

M *djongotô* [dʒoŋgo'to] v. 'pôr-se de cócoras', M *bonbú* [bo'mbu] v. 'transportar a criança às costas com recurso a um pano' (exemplos tirados de Moreira 2014: 4.4).

Na ilha do Fogo, a situação é a mesma (cf. Lopes 2014: 2.3 e 3.5.1).

Os verbos polissilábicos da principal das ilhas de Sotavento, Santiago, situada entre as do Fogo e do Maio, e da Brava se afastam ainda mais das nossas expectativas. Nestas duas variedades, o acento fónico dos verbos polissilábicos recai, excetuando alguns verbos do bravense de que falaremos em 3.3, na penúltima sílaba em vez de na última. Posto que a variedade de Santiago só aceita, em qualidade de vogais finais átonas [-i], [-ɐ] e [-u], isto significa que os verbos que no Fogo e no Maio terminam em [-e] ou [-o] tónicos, acabam, em Santiago, em [-i] ou [-u] átonos. Cf.

S *pari* [pɐ'ri] v., *kume* ['kumi] v., *mora* ['more] v., *djongoto* [dʒo'ŋgotu] v., *bonbu* ['bambu] v.

Na sua contribuição sobre o bravense, Meintel 1975: 216 (com a nota 15), afirma que a acentuação paroxítona dos verbos polissilábicos da Brava e de Santiago (que aliás considera ser comum

a todas as variedades de Sotavento³²) se explica por ter-se conservado, nesta zona, a forma da terceira pessoa do singular do presente indicativo dos verbos portugueses e não a do infinitivo.³³ Já admitimos que a forma da terceira pessoa do singular do presente indicativo está efetivamente na origem de alguns verbos monossilábicos do crioulo caboverdiano. E acrescentamos agora que admitimos também a possibilidade de a influência desta forma ter contribuído à queda do *-r* final, nos verbos polisilábicos do caboverdiano. São, porém, numerosos os indícios que mostram que mesmo os verbos polissilábicos de Santiago e da Brava, hoje paroxítonos, se acentuavam originariamente na última sílaba (cf. Quint 2001) e que, portanto, derivam, em última instância, dos infinitivos portugueses. Eis os mais importantes:

- As transcrições na gramática do crioulo de Santiago, publicada em 1887 por António de Paula Brito, mostram claramente que, naquela época, a sílaba tónica dos verbos era ainda a última.

- A qualidade da vogal do radical mostra também, em muitos casos, que se trata de uma vogal inicialmente átona. Em Santiago, a forma verbal *P come* teria dado **kóme* ['kɔmi] ou **kome* ['komi]. Mas o verbo do santiagoense é *kume* ['kumi], etc.

- Lopes 2014: 3.5.1 anota que, mesmo em Santiago, a acentuação oxítônica sobreviveu nalguns lugares em pelo menos dois verbos. Nos lugares em questão, ouve-se *kumê* [ku'me] e *morê* [mo're] em vez de *S kume* ['kumi] e *móre* ['mɔri] < *P comer, morrer*.

³² "Paroxytone, or penultimate stress, is typical of verbs in Sotavento Creole, ..." (Meintel 1975: 216, nota 15).

³³ "Most Bravense Cr. verbs can be directly related to a Ptg. present third person singular [...], with the stress placed on the penultimate for the Cr. ..." (Meintel 1975: 216).

- A acentuação oxítona da forme de base subsiste em todos os verbos em dois casos: quando segue uma desinência (cf. *S E kumeba-el* [eku'mebɐ'el] 'Comera-o') e quando segue um pronome pessoal enclítico (cf. *S E kume-l* [eku'mel] 'Comeu-o').

A variedade de Santiago afastou-se pois, quanto ao padrão acentual dos verbos polissilábicos, em época relativamente recente da solução que inicialmente vigorava em todo o Sotavento, passando da acentuação oxítona à acentuação paroxítona. E esta terminou impondo-se na Brava apesar de a variedade do Fogo, geograficamente situada entre as de Santiago e da Brava, continuar fiel à acentuação oxítona. Com isto não pretendemos negar as evidentes afinidades entre as variedades da Brava e do Fogo (cf. por exemplo o pronome pessoal *nho* átono de que falámos em 1.1). Mas se os primeiros povoadores da Brava vieram efetivamente do Fogo, como geralmente se diz (cf. Meintel 1975: 206 e Baptista 2013: 2.), é preciso admitir que em época posterior a influência de Santiago foi preponderante. Poderia ter-se exercido por via indireta, passando pela diáspora estado-unidense.

Resumindo:

Santo Antão	São Vicente	São Nicolau	Boavista
acentuação oxítona			
Brava acentuação paroxítona	Fogo	Santiago acentuação paroxítona	Maio

O padrão acentual das formas de base dos verbos no crioulo caboverdiano

3. Contrastes Barlavento/Barlavento

3.1 Velarização do [a] tónico por metafonía

Nos sucessores crioulos de palavras portuguesas de padrão acentual grave encontra-se, nas variedades de Santo Antão, São Vicente e São Nicolau, regularmente [ɔ] (ou - antes de consoante nasal - [ɔ̃]) tónico aberto em vez do [a] (ou [ã]) tónico do português padrão sempre que a palavra portuguesa terminava em vogal átona velar. Trata-se, evidentemente, de uma mudança por metafonía: o [a] tónico passou a [ɔ] por antecipação do ponto de articulação da vogal final. Portanto a mudança deve ter ocorrido antes da queda da vogal final de que falámos em 2.1. Na variedade de Santo Antão, encontramos, por exemplo,

SA *fród* ['frɔd] adj. cf. P furado, *frók* ['frɔk] adj. cf. P fraco, *gól* ['gɔl] s. cf. P galo, *gót* ['gɔt] cf. P gato, *kób* ['kɔb] s. 'lugar' cf. P cabo, *kótx* ['kɔtʃ] s. cf. P cacho, *ói* ['ɔj] s. cf. P alho, *ólk* ['ɔlk] s. cf. P álcool, *sók* ['sɔk] s. cf. P saco, *xtrónh* ['trɔŋ] adj. cf. P estranho (cf. exemplos extraídos de dos Santos Baptista 2014)

e na variedade de São Vicente,

SV *malkriód* [mɛl'krjɔd] adj. cf. P malcriado, *makók* [mɛ'kɔk] s. cf. P macaco, *ólt* ['ɔlt] adj. cf. P alto, *kónd* ['kɔnd] conj. cf. P. quando, *kónp* ['kɔmp] s. cf. P campo etc. (cf. Veiga 1982: 137/138)

Em São Nicolau regista-se o mesmo fenómeno:

SN *Ôn pasód* dá xuva. 'No ano passado choveu.' (Cardoso 1989: 116)

Na versão da parábola do filho pródigo na variedade da Boavista que dão Costa/Duarte 1886, 1967: 314/315 não faltam palavras que cumprem as condições para sofrer a metafonía de que estamos a tratar. Mas todas elas mostram o seu [a] tónico conservado. Ei-las todas: *stâdo* s. cf. P *estado*, *criado* s. (3x), *farto* adj., *tratado* participio (2x), *gasajo* s. cf. P *agasalho*, *garbado* adj.,

tanto pron. indef., *largado* particípio, *brâdo* particípio cf. *P virado*.

A transformação de um [a] tónico em [ɔ] tónico por antecipação do ponto de articulação de uma vogal final velar caracteriza também certos dialetos portugueses do Algarve e dos Açores, como se pode verificar escutando os textos sonoros Sagres 1 e Porto da Cruz 1 disponíveis na internet (<http://cvc.instituto-camoes.pt/hlp/geografia/mapa06.html>, consulta do 01-08-2013). No primeiro texto, encontramos exemplos como [fu'ʎɔd] adj. < *P folhado*, [kɐj'tɔŋ] adj. < *P castanho*, [sɐr'gɔs] s. < *P sargaço*. É possível que as três variedades caboverdianas que conservam o resultado de tal metáfora remontem a tais dialetos.³⁴

³⁴ Curiosamente, encontramos em São Nicolau também a transformação de um [a] tónico final em [ɔ] nasalizado quando segue o pronome pessoal enclítico da primeira pessoa do singular: *Djô-N ka kre-l* ou *Djô-N ka ta gosta más d'el* 'Já não gosto dele' (Cardoso 1989: 114 (145)); *Bo ta'nprestô-m bo kanéta?* (Cardoso 1989: 115 (202) 'Emprestas-me a tua caneta?'; *Ka bo levô-m kel minin pa rúa* (Cardoso 1989: 111 (162)) 'Não me leves esse bebé para a rua'; *Es papaia e pô-N kme* (Cardoso 1989: 111 (6)) 'Esta papaia é para mim (lit. '... para que coma eu)'. O artigo *Cape Verdean Creole* da wikipedia inglesa (consulta do 06-09-2014) confirma esta particularidade da variedade de São Nicolau com dois exemplos: *Bô podê j'dô-m?* 'Can you help me?', *D'xô-m' quêt!* 'Leave me alone!'. Esta mudança estranha menos quando se sabe que o significante do pronome pessoal enclítico da primeira pessoa do singular consiste em caboverdiano, no plano fonológico, na nasalização da vogal final da palavra precedente e que a realização fonética de vogais nasais finais costuma terminar numa consoante nasal, homorgânica com a consoante inicial da palavra seguinte e [ŋ] antes de vogal inicial ou pausa. Também aqui há antecipação de traços de sons seguintes: do lugar de articulação, quando segue [ŋ], da labialidade, quando segue [m]. No segundo caso, a labialização consiste no arredondamento dos lábios que obriga a uma velarização, visto não haver vogais centrais com arredondamento dos lábios, em caboverdiano. Em Santo Antão, observamos uma transformação similar do [a] tónico final quando segue o pronome pessoal enclítico da segunda pessoa. Do texto que dá dos Santos Baptista 2014 em 6.3 extraímos o exemplo seguinte: *Txgá lá ex te dô-b un frementa, ke mnhan e dia d'trobói. Ex te dô-b un fer pe bo trá kokou. Ex ten ke dô-b un mexin, ex ten ke dô-b un sák má bo ptá kel kokou, ex ten ke dô-b un pikeréta y un pá.* 'Chegando lá eles dão-te uma ferramenta, que amanhã é dia de trabalho. Dão-te um ferro para tirares

De qualquer forma, ao contrário das metafônias cujos resultados perduram no português padrão, e que consistem numa assimilação (parcial) da vogal tónica ao grau de abertura da vogal átona final, a metafonia que deu os resultados algarvios, açorianos e caboverdianos em discussão, consiste, em primeiro lugar, numa assimilação ao seu ponto de articulação.

Santo Antão	São Vicente	São Nicolau	Boavista
[a] tónico > [ɔ]			
Brava	Fogo	Santiago	Maio
[a] tónico conservado			

Velarização do [a] tónico por influência de uma vogal final átona velar

3.2 Mudança do [ɐ] pretónico por metafonia

No caso tratado em 3.1 não se pode falar em harmonia vocálica posto que a vogal final, cujo ponto de articulação passou a ser também o da vogal tónica, caiu. Pelo contrário, no crioulo de Santo Antão (pelo menos em zonas do concelho de Ribeira Grande) parece que esteja a funcionar, atualmente, uma harmonia vocálica que merece um estudo pormenorizado (cf. dos Santos Baptista 2014: 2.7). Ali, a vogal [ɐ] não ocorre nunca nas sílabas que precedem imediatamente a sílaba tónica se o núcleo desta for uma vogal palatal ou velar. Historicamente, este estado de

cacau. Têm de dar-te um machim, têm que dar-te um saco para que ponhas aquele cacau nele, têm que dar-te uma picareta e uma pá.' Trata-se de novo de um caso de antecipação da labialidade de um som subsequente, que acarreta velarização.

coisas se deve a uma assimilação de todos os [ɐ] das sílabas que precedem imediatamente a tónica ao ponto de articulação da vogal tónica. Devemos todos os nossos exemplos a dos Santos Baptista 2014. Damos primeiro exemplos onde houve assimilação da vogal pretónica a uma vogal tónica palatal:

SA bn_eninha [bne.'ni.nɐ] s. cf. P bananinha, b_estent [bef.'tɛnt] adj. cf. P bastante, d_iebet [dje.'bet] s. cf. P diabete, e_ntigement [ɛn.ti.ge.'mɛnt] adv. cf. P antigamente, f_ezenda [fe.'zɛn.dɐ] s. cf. P fazenda, k_ebes [ke.'bes] s. cf. P cabeça, k_ebésa [ke.'bɛ.sɐ] s. cf. P cabeça, k_efê [ke.'fe] s. cf. P café, k_enéka [ke.'nɛ.kɐ] s. cf. P caneca, kn_ikinha [kni.'ki.nɐ] s. cf. P canequinha, k_repét [kre.'pɛt] s. cf. P carrapato, k_ze_nment [kze.'mɛnt] s. cf. P casamento, l_inbik [līm.'bik] s. cf. P alambique, p_etif [pe.'tif] adj. cf. P patife, p_kɛdin [pke.'dĩ] s. cf. P bocadinho, p_tetinha [pte.'ti.nɐ] s. cf. P batatinha, sp_etilha [spe.'ti.ɬɐ] s. cf. P sapatilha, x_etis [ʃe.'tis] s. cf. P chatice, t_bekin [tbe.'kĩ] s. cf. P tabaquinho etc.

Seguem exemplos onde houve assimilação a uma vogal tónica velar:

SA iduk_oson [i.du.ko.'sõ] s. cf. P educação, k_otxupa [ko.'tʃu.pɐ] s. cf. P cachupa, k_roson [kro.'sõ] s. 'coração', o_gora [o.'go.rɐ] adv. cf. P agora, o_kozion [o.ko.'zjõ] s. cf. P ocasião, o_lun [o.'lun] s. cf. P aluno, o_poi [o.'poj] s. cf. P apoio, o_roj [o.'roj] s. cf. P arroz, t_opum [to.'pum] s. cf. P tapume etc.

O segundo tipo de assimilação ocorreu também nos casos em que a velaridade da tónica foi, ela mesma, resultado da metaforia descrita em 3.1:

SA b_orót [bo.'rɔt] adj. 'barato', k_olód [ko.'lɔd] adj. 'calado', k_ozók [ko.'zɔk] s. 'casaco', t_róbói [tro.'bɔj] s. 'trabalho', z_ongód [zoŋ.'gɔd] adj. 'zangado', z_oród [zo.'rɔd] adj. 'azarado' etc.

O que surpreende ainda mais: esta assimilação afeta inclusive o [ɐ] átono final de palavras seguidas de outras que começam por uma sílaba tónica com vogal velar. Extraímos todos os quatro

exemplos dos textos que dá dos Santos Baptista 2014 em 6.1, 6.3 e 6.5:

SA El po kel grofon d'grog no txon, ... 'Colocou o garrafão de aguardente no chão, ...'

SA ..., el oá kel tinha ingonód no óra. '... e viu que se tinha enganado na hora.'

SA Enton ej ben xtrubí kda un po rósa. 'Então vieram distribuir cada um para uma roça.'

SA Linga d'sentonton ê um sobura / F'lod nó moda d'nhô vô /... 'A língua de Santo Antão é uma sabura / Falada a moda do meu avô /...

Juntando os resultados de 3.1 e 3.2, obtemos uma tripartição do arquipélago quanto à metafonia vocálica:

<p>Santo Antão metafonia <i>P trabalho > cr. trobói</i></p>	<p>São Vicente São Nicolau metafonia <i>P trabalho > cr. trabói</i></p>		<p>Boavista sem metafonia</p>
<p>Brava Fogo Santiago Maio sem metafonia <i>P trabalho > cr. trabádj(u)</i></p>			

Tipos de metafonia no crioulo caboverdiano

As variedades de Sotavento e a da Boavista não mostram vestígios dos tipos de metafonia de que tratámos aqui. As restantes variedades (nomeadamente Santo Antão, São Vicente e São Nicolau) apresentam o [a] tónico do étimo português mudado em [ɔ] onde seguia em português uma vogal átona velar em posição final absoluta. E a variedade de Santo Antão apresenta, além deste [ɔ] tónico de origem metafónico, todas as [a] das sílabas imediatamente pretónicas, conservadas nas outras variedades, assimiladas ao ponto de articulação da vogal tónica.

3.3 Sucessores dos infinitivos portugueses em *-ar*

Em 2.2, tratámos da acentuação das formas de base dos verbos polissilábicos do caboverdiano. Ainda não terminámos com eles, pois, além do contraste entre as variedades de Santiago e Brava, onde apresentam acentuação paroxítona, e as restantes variedades, onde vigora a acentuação oxítona, observamos, dentro deste último grupo, um contraste a respeito do grau de abertura da vogal tónica final nos verbos cujo étimo português termina em *-ar*.

Lembremo-nos: Esperávamos que os sucessores crioulos destes verbos portugueses terminassem em caboverdiano em [-a], pelo menos nas variedades de acentuação oxítona. Mas tivemos que constatar que tal não acontece, nem no Fogo, nem no Maio. Em ambas as variedades terminam em [-ɐ] tónico. Ao que parece, o mesmo vale para a variedade da Boavista, pois Costa/Duarte 1886, 1967: 314/315 escrevem estes verbos com *-â*, na sua versão da parábola do filho pródigo no crioulo da Boavista.

Para São Nicolau, Cardoso 1989 fica-nos a dever uma resposta explícita. Mas não encontramos, nas suas transcrições, nenhum destes acentos graves nos *-a* em questão, que noutros contextos

lhe servem para assinalar o caráter aberto dos [ɛ], [a], [ɔ] tónicos³⁵. E das transcrições destes verbos com <-â> por Baltasar Lopes da Silva (cf. por exemplo Silva 1957, 1984: 139 sqs.), cuja variedade nativa era a de São Nicolau, deduzimos inequivocamente que, em São Nicolau, os verbos em questão terminam também em [-ɐ]. Pois ao apresentar o seu sistema de transcrições fonéticas, o autor diz explicitamente "â – kâdã: fechado tónico oral sonoro breve". Em São Nicolau, temos portanto *kantâ* [kən'tɐ] 'cantar' etc. como no Fogo, no Maio e na Boavista.

Mas não é assim em Santo Antão, nem em São Vicente! Tanto dos Santos Baptista 2014 como Swolkien 2013 transcrevem estes verbos regularmente com -á para assinalar o caráter aberto da vogal final (cf. Para SA dos Santos Baptista 2014: 2.6.3, com exemplos como *kalá* [kɛ.'la] v. 'calar', *kolá* [ko.'la] v. 'colar', *levá* [le.'va] v. 'levar', *lavá* [lɐ.'va] v. 'lavar' e para SV Swolkien 2013: passim e Swolkien 2013, data set, feature 49, exemplos 32-74 e 32-65 com *bská* < P *buscar*, *txgá* < P *chegar* etc.). Resulta particularmente probatório o texto em crioulo de São Vicente que o anónimo autor do artigo *Cape Verdean Creole* da Wikipedia inglesa fornece em duas versões, uma 'decreolized' e a outra 'corrected', pois distingue quase sistematicamente por meio dos acentos entre <á> [a] e <â> [ɐ]: Eis a sua versão 'corregida':

Quêl m'djêr qu' m' encontrá má' êl ônt' táva fadigáda pamód' êl sq'cê sês m'nín' nâ scóla, í cónd' êl báí spiá-'s êl câ oiá-'s. Alguê m lembrá-'l' mâ sês m'nín' táva tâ mestê «material» pâ úm «pesquisa», entô êl báí otchá-'s nâ «biblioteca» tâ spiá c'sê qu' ês cría. Pâ gradecê pâ túd' quê m' j'dá-'l, êl c'meçá tâ fála [em vez de falá?], tâ dzê qu' manêra qu' êl táva contênt' d' fúnd' d' coraçô. (cf. http://en.wikipedia.org/wiki/Cape_Verdean_Creole, 04-01-2014).

Em SA e SV temos portanto *kantá* [kən'ta] 'cantar' etc.

³⁵ Cf. por exemplo na p. 83 *pêska s.*, *gòl s.* e *batàta s.* Ao citar Cardoso 1989 noutros lugares, substituímos estes acentos graves sistematicamente por acentos agudos conforme a prática adotada pelo ALUPEC de marcar nas vogais o caráter aberto pelo acento agudo.

Chegou o momento para deitar uma última olhada ao grupo de Sotavento. Vimos em 2.2 que, segundo Meintel a variedade da Brava tem geralmente *kánta* ['kantə] 'cantar' etc. como Santiago. No entanto, fiando-nos das transcrições de Meintel 1975, temos de admitir que uma minoria de verbos bravenses apresenta o padrão acentual oxítono. Mais curioso ainda: quando tal sucede com sucessores da conjugação portuguesa em *-ar*, a vogal final tónica é aberta como nas variedades de Santo Antão e São Vicente.

Na primeira das três histórias que Meintel 1975 fornece em apêndice à sua obra, a situação é a seguinte: Ocorrem 23 formas de base de verbos crioulos polissilábicos não seguidas de pronome enclítico: *préstá* (2x), *fáze* (2x), *číga*, *fíka* (3x), *kúme*, *piskv*, *kumé*, *bányv* 'regressar' (sic), *largá*, *óĵe*, *óĵe*, *montə* (2x), *tərnv*, *ĵobe*, *botá*, *cígv*, *čígv*, *bótv*, *levantə*, *bírv*, *mórre*. A variação na transcrição de três verbos (cf. *číga* ~ *cígv* ~ *čígv*, *kúme* ~ *kumé* e *óĵe* ~ *óĵe*) alimentam sérias dúvidas a respeito da fiabilidade destas transcrições. Mas supondo que Meintel usa o acento agudo para marcar a tonicidade da sílaba, ficamos com 13 casos com padrão acentual paroxítono, como em Santiago. Segundo o mesmo critério, obtemos pelo menos cinco casos de padrão oxítono. Em quatro destes cinco casos trata-se de sucessores de verbos portugueses em *-ar*. O *-á* usado para transcrever a sua vogal final sugere que se trata de um [a] aberto.³⁶

³⁶ Infelizmente, os trabalhos de Nunes 1962/1963 e Baptista 2013 não permitem confirmar esta conclusão, nem as afirmações de Meintel a respeito do crioulo da Brava que citámos em 2.2. Como *fiar-se*, para a Brava, de Mary Louise Nunes, segundo a qual os verbos polissilábicos do Fogo ostentariam o padrão acentual paroxítono de Santiago? E Marlyse Baptista 2013, apesar de usar o *ALUPEC*, põe raramente o acento agudo nos <a>, <o> e <e> que este prevê para assinalar o carácter aberto de uma vogal tónica.

Quanto ao grau de abertura da vogal, parece pois que Sotavento tinha desde o início a vogal fechada, enquanto Santo Antão tinha desde o início a vogal aberta. Na colonização da Boavista e de São Nicolau seria a solução de Sotavento, a que se impus, na de São Vicente a de Santo Antão. E, nalguns casos, os verbos com esta vogal tónica aberta do noroeste chegariam recentemente à variedade da Brava (provavelmente passando pela diáspora estado-unidense).

A deslocação do acento para a penúltima sílaba dos verbos polissilábicos é certamente uma inovação surgida num passado relativamente recente, em Santiago. Também influenciou a variedade da Brava (e o mais provável é que o fizesse também através da diáspora estado-unidense).

Independentemente das dúvidas que subsistem quanto à situação em bravense, não pode haver dúvida que a desinência de infinitivo dos verbos portugueses em *-ar* deu três resultados no crioulo caboverdiano: [a] tónico aberto (tipo [kən'ta]), [ɐ] tónico fechado (tipo [kɛ'ntɛ]) e [ɐ] átono fechado (tipo ['ka'ntɛ]):

Santo Antão São Vicente tipo [kən'ta]		São Nicolau Boavista tipo [kɛ'ntɛ]	
Brava tipos [kən'ta]	Fogo tipo [kɛ'ntɛ]	Santiago tipo ['kantɛ]	Maio tipo [kɛ'ntɛ]
['kante]			

Os sucessores dos verbos portugueses em *-ar* no crioulo caboverdiano

3.4 Marcação da anterioridade

Tal como as variedades de Sotavento, as da Boavista e de São Nicolau dispõem de uma desinência verbal *-ba* [-bɐ] para a marcação da anterioridade. Cf.

SN Otróra dába muita xuva. (Cardoso 1989: 66) 'Outrora chovia muito.'³⁷

No entanto, sempre que há necessidade de marcar simultaneamente a anterioridade e a imperfectividade para obter o efeito semântico de um passado imperfeito ou de um condicional, não se faz, nas variedades de São Nicolau, São Vicente, e Santo Antão, como em Sotavento, antepondo a partícula *ta* à forma verbal terminada em *-ba*, (cf. S N ta kantába 'Cantava, Cantaria'), mas antepondo tába ou táva (frequentemente abreviados em tá) à forma de base do verbo:

SN N tá faze-l s'el stába ala. (Cardoso 1989: 109 (19)) 'Eu faria-isto, se ele estivesse lá' ou 'Teria-o feito, se ele tivesse estado lá.'³⁸

O carácter aberto do [a] deste tá impede que se confunda com a partícula *ta* – com [ɐ] fechado – que marca apenas imperfectividade, sem anterioridade.

Nas variedades de Santo Antão e São Vicente, a expressão simultânea da anterioridade e da imperfectividade faz-se como em Sã Nicolau³⁹. No entanto, a situação nestes duas variedades

³⁷ Na página seguinte encontram-se mais exemplos: *N kstumába bá* = *N kstuma bába* 'Costumava ir', *Es divía dába mi tanbe* 'Deveriam ter-me dado também a mim' (cf. Cardoso 1989: 67, traduções de J.L.).

³⁸ Cardoso 1989: 67 vê “uma construção em vias de desaparecimento” em exemplos do tipo SN N tá gostába d'odjába 'Eu bem gostaria de o ver' onde a anterioridade se exprime tanto por tá como pelos *-ba*, (cf. ibidem ex. (84). Poderia tratar-se de um cruzamentos entre duas construções.

³⁹ Cf. para SV Swolkien 2013: 11: *Y más uke bosê táva fazê ...?* 'And what else were you doing...?', ..., *etun un ves no tá panhá-l* [pɛx] *txeu*, ..., '...', *tuna*, in the old days, we used to catch it a lot,...' e para SA o começo do conto *Nhe Mnél Péd xkapá p'un és* em dos Santos Baptista 2014: 6.1: *Nhe Mnél Péd á un om ke tá*

difere da de São Nicolau. Parecem desconhecer a desinência *-ba*. A respeito de São Vicente, Dominika Swolkien afirma de forma taxativa: "Contrary to Cape Verdean Creole of Santiago, they [os verbos da variedade de SV] do not show tense or aspect suffixes." (Swolkien 2013: 6.). E, a respeito de Santo Antão, temos que dizer que até agora não encontramos nenhum anterior em *-ba*, nos textos da sua variedade de que dispomos. Nestas duas ilhas a anterioridade sem imperfectividade costuma expressar-se, nos 'verbos de estado' (nomeadamente nos verbos auxiliares e modais), por flexão interna, isto é, por meio de formas que derivam de formas de imperfeito do português como SA *tinha, éra, kría, devía* < P *tinha, era, queria, devia* etc. Nos verbos que designam processos, expressa-se de forma analítica por meio do auxiliar *tinha* seguido do sucessor crioulo do particípio perfeito português. Sirvam de exemplos para a variedade de Santo Antão, os seguintes trechos do conto *Nhe Mnél Péd* (cf. dos Santos Baptista 2014: 6.1):

SA...e [a ilha de Santo Antão] tinha posód un dáta d'on sen dá txuva.
'... [a ilha de Santo Antão] tinha passado uma série de anos sem chuva.'

SA ...el tinha ingonód. '... se tinha enganado.'

e para São Vicente:

SV Kónd no ojá [...] nos so k tinha fkód lá, enton no ben. 'When we saw [...] that it was only us who had stayed there, then we came (to São Pedro).' (Swolkien 2013: 6.)

A parábola do filho pródigo de Caosta/Duarte não permite chegar a conclusões definitivas, quanto à marcação da anteriori-

vendê grog [...] *Nhe Mnél Péd tá bé konprá se grog ne Uxkoib d'Rbera d'Jorj, el tá bé vendê no port.* 'O senhor Mnél Péd era um homem que vendia rum [...] O senhor Mnél Péd costumava vir comprar o seu rum em Caibros de Ribeira de Jorge, para vendê-lo depois no porto'.

dade na variedade da Boavista. Em relação à marcação da anterioridade nos verbos que designam processos, parece que tem a solução que vigora em Santo Antão e São Vicente. Cf. o seguinte trecho da parábola: *Armon más bêjo, que sempre tinha vivido como un bom fije, f'câ quaje garbado quand'el bên de châda, e qu'el ôchâ tanto festa na casa pamôde sê armon que já tinha largado sês casa, e que s'el tinha brâdo ê parquê já'el câ tinha más meis de passa sê bida* (Costa/Duarte 1886, 1967: 315). Mas para a marcação simultânea da anterioridade e da imperfectividade encontramos apenas um exemplo que nos parece oferecer a construção *tá(ba) verbo+ba* com dupla marcação da anterioridade que, segundo Eduardo Cardoso se encontra “em vias de desaparecimento” em São Nicolau (veja-se aqui nota 38). Cf. Costa/Duarte 1886, 1967: 314: *Aquel' más nôbo pedil' sê parte qu'á [sic] tocâb'el de sê ardança, ... 'Aquele [filho] mais novo pediu-lhe a parte da herança que lhe tocava, ...'.*

Santo Antão São Vicente		São Nicolau	Boavista
a anterioridade expressa-se por outros meios		a anterioridade expressa-se pela desinência -ba se não houver expressão da imperfectividade	?
Brava	Fogo	Santiago	Maio
a anterioridade expressa-se pela desinência -ba			

A marcação da anterioridade nos verbos do crioulo cabo-verdiano

A desinência *-ba* da anterioridade existe pois em todas as variedades de Sotavento, e em Barlavento, nas da Boavista e de São

Nicolau. Porém, já em São Nicolau não se junta ao verbo, quando é preciso cumular a marcação da anterioridade com a da imperfetividade. E nas variedades de São Vicente e Santo Antão nem existe. Estas variedades usam outros recursos para expressar a anterioridade.

3.5 Modo conjuntivo

Todas as variedades do caboverdiano têm uma desinência verbal *-du, -d* (< P *-do*) que, juntada a um verbo regular, permite o seu uso sem sujeito expresso. Marca o ‘passivo’ do crioulo caboverdiano. E, como acabamos de ver, a maioria delas dispõe também de uma desinência *-ba* (< P *-va*) que, juntada a um verbo regular, marca a anterioridade.

Em contrapartida, só o crioulo de SA parece dispor de uma desinência verbal *-s* [-s] (< P *-sse*) que, juntada a um verbo regular, exprime um modo ‘conjuntivo’ inexistente nas restantes variedades insulares.⁴⁰

⁴⁰ Também nas variedades de SN e SV ocorrem formas verbais que terminam em [-s] e ostentam valor de ‘conjuntivo’. Para São Nicolau, Cardoso 1989: 51-58 dá as seguintes formas de ‘verbos auxiliares’ ou ‘verbos auxiliares defectivos’: *tives* (para *ten* ‘ter’), *stives* (para *sta* ‘ser’), *fos* (para *e* ‘ser’), *subes* (para *sabe* ‘saber’) e *kris* (para *kre* ‘querer’). Fornece dois exemplos de emprego: *S’N fos ot psóa* ‘Se eu fosse outra pessoa’, e – bastante enigmático – *El pudía ka kris, má el kris* ‘Ele podia não aceitar’ (cf. Cardoso 1989: 110 (89) e 115 (214)). Swolkien 2013: 6. observa a respeito da variedade de São Vicente: “A set of high-frequency stative verbs displays both weak and strong suppletion for [...] conditional readings”. Menciona as formas *tives* e *subes*. Em todos estes casos trata-se porém de formas irregulares que não se deixam analisar, materialmente, em ‘forma de base + desinência *-s*’. Aparentemente, não existe, nestes duas variedades nenhuma desinência *-s*, como na de Santo Antão, que permita formar um conjuntivo de qualquer verbo regular. Baltasar Lopes da Silva, autor nativo de São Nicolau que viveu anos em São Vicente, confirma a nossa interpretação ao considerar a sobrevivência do imperfeito do conjuntivo português uma especialidade do crioulo de Santo Antão (cf. Silva 1957, 1984: §§ 231 e 349). Segundo as informações que fornecem Cardoso e Swolkien nos lugares indicados a respeito de um número restrito de formas verbais terminadas em *-r*, derivadas

Eis alguns exemplos de SA, tirados da coletânea de contos *Lzimparim*, de Luis Romano, na ortografia do próprio autor e acompanhados duma tradução em "português aproximado", também do próprio autor:

SA ... e êle dá órda pa, pôv básse pa ses lgar, na prõ, e en'destrôvâsse marnhêr trofêga, nem trapâásse mandamênt na hõra de bordáda. '...e deu ordem para que o povo fosse para o seu lugar, no porão, e não estorvasse os marinheiros no trafegar, nem atrapalhasse os mandamentos na hora das bordadas.' (Romano 1973: 126/13-15)

SA ..., e antes qu'ês metêsse êle plõita na côrp, ... '...', e antes que eles lhe metessem pancada no corpo...' (Romano 1973: 126/27)

SA Innda se bõ tevêsse denhêr desse viajá, Nhô Tiõf ta fetchá ôie; ... 'Ainda se tu tivesses dinheiro desta viagem, Senhor Teófilo fechava os olhos.' (Romano 1973: 128/15)

SA M'espêrá q'ômênes cê perduásse esse pêcadõr e fezêsse um cri-dãde p'ele grantísse um pô pa sé mē. 'Eu esperei que ao menos você perdoasse esse pecador e fizesse uma caridade para que ele garantísse um pão para a sua mãe.' (Romano 1973: 129/10)

Em resumo:

da terceira (e primeira) pessoa do singular do conjuntivo do futuro português, a situação relativamente a estas formas deve ser análoga, nas variedades de SN e SV, à das suas formas verbais em -s. Não dispomos de informações suficientes para afirmar o mesmo a respeito das formas verbais em -nd, derivadas de gerúndios portugueses. De qualquer forma, em Santo Antão, qualquer verbo regular admite esta desinência e as formas verbais que resultam funcionam sensivelmente como os seus antecessores portugueses. Cf. Romano 1973: 126/26: *Vigia!*, *tchmá contra-méste p'êle trazê lampiõ e dôs marnhêr, pêquê nõt ta c'um esgraçad fgíd!* Nhô Tiõf ba ta dzê, já sejeitand quêle diab pa catchác, ... 'Vigia! chama o contra-mestre para ele trazer um lampião e dois marinheiros, porque nós estamos com um desgraçado fugido!, o Senhor Teófilo foi dizendo, já sujeitando aquele diabo pelo cachaço. ...'.

Santo Antão conjuntivo em -s	São Vicente São Nicolau Boavista sem conjuntivo
Brava	Fogo Santiago Maio sem conjuntivo

O modo conjuntivo no crioulo caboverdiano

3.6 Negação

Em todas as variedades do caboverdiano, salvo na de Santo Antão, a negação de uma oração faz-se por meio da partícula *ka*, *k'*. Esta coloca-se geralmente entre o sujeito e o verbo ou as partículas que o precedem. Ilustramos com exemplos da variedade de Santiago:

S ... kusa bunitu sima kel inda N ka odja na mundu! 'Ainda não vi no mundo coisa tão bonita como esta! (Nbn I: 379/27)

Há duas exceções à esta regra de colocação. Se o verbo for uma das formas do verbo cópula (S: *e*, *éra*, *ser*, *sérba*, *foi*), regra geral, *ka* segue o verbo:

S Es mininu ê ka di Nastási Lópi. (Nastási Lópi) 'Esta criança não é de Nastási Lópi.'⁴¹

⁴¹ Mas segundo o nosso informante André dos Reis Santos, nativo de Santiago (João Teves), ao lado de *Kel li e ka Manel*, *Kel li ka e Manel* é também possível. E há outros casos onde a partícula precede a cópula. Cf. *Nhu pode fla tudu algen, ..., ma mininu ê di Juána, má di Nastási Lópi ka ê náu! N pode ser buru mé, má bésta go N ka ê náu* (Nastási Lópi).

E nos atos de fala diretivos que proibem, desaconselham etc. *ka* precede o sujeito pronominal:

S Si *nhu ka* kré *nxina-m ramédi*, *ka* *nhu nxina* ... (Nbn I: 38/20) 'Se não me quiser indicar nenhum remédio, não mo indique ...'

Como em francês, a partícula de negação coocorre com as palavras que neguem partes da oração:

S Más *nungen ka* sa ta *labánta di cama*. (Nbn I: 106/24) 'Mas ninguém se levanta da cama.'

Propuseram-se diversas etimologias para a partícula de negação *ka*, *k'*. Segundo a mais convincente, derivaria do P (*nun*)*ca*.

Na variedade de Santo Antão, a partícula de negação consiste numa nasal que Romano 1973 representa alternadamente por *en*, *n*, *ne*, ao passo que dos Santos Baptista 2014 a representa uniformemente por *n*. Parece tratar-se de uma consoante cujo ponto de articulação antecipa o da consoante inicial da palavra seguinte.⁴² Eis alguns exemplos tirados do conto *Nhe Mnél Péd xkapá p'un és* (cf. dos Santos Baptista 2014: 6.1):

SA *N* *dinha* *trobói*, *n* *dinha* *kmida*,... 'Não havia trabalho nem comida, ...'

SA El *n* *kdi*, *k'el* *tinha* *detód á kel óra*, *el tá te* *durmí*. 'Não respondeu porque a esta hora já se tinha deitado, estava dormindo.'

Esta partícula usa-se ainda junto a expressões que negam partes de orações:

42 Mencionemos, porém, que, embora não encontrámos rasto de *ka*, *k-* nem em Romano 1973, nem em dos Santos Baptista 2014, num conto que Elsie Clews Parsons afirma ter de um informante de Santo Antão de nome Francisco Lopes, encontramos o trecho seguinte: *Câ* *bô* *dâ-m 'tir'*. 'Inda q' *bô* *dâ-m tir'*, *bô* *matâ-m'*, *ca* *bo* *c' mê-m'*. 'Não me dê tiros, e ainda que me dê tiros e me mates não me comes' (cf. Parsons 1923: 11).

SA El n otxá nen un krixton d' Déux pe ej be junt 'Não encontrou ninguém para irem juntos.'

Considera-se que esta partícula de negação do crioulo de Santo Antão é um sucessor átono da partícula de negação portuguesa *não*. Encontra-se também na variedade de SV, mas ao que parece só num contexto bem determinado. Swolkien 2013: 6. escreve a este propósito: "..., it [a cópula *e*] may also select a special negator *n* 'not' (14b)". Mais adiante menciona "the negator *n*, which is used exclusively with the copula *e* 'to be' (14b)". O exemplo (14b) par o qual remete é o seguinte:

SV Mi n e/éra viúva. 'Não sou/era viúva.'

Chama a atenção que, contrariamente ao que é usual em santiaguense, a partícula de negação antecede, neste exemplo, a cópula. O mesmo comprova-se no único exemplo com cópula de que dispomos para Santo Antão:

SA Bon, kond N bé dei, koza n á k'el tá mut favorável. 'Bem, quando eu fui daí, a situação não era muito favorável.' [literalmente: ..., a coisa não era que fosse muito favorável] (cf. dos Santos Baptista 2014: 6.3)⁴³

Dá a impressão que o *n* de Santo Antão e o *ka*, *k'* das outras variedades constituem resultados de criouliização independentes um do outro e que, quanto à negação, a variedade de São Vicente apresenta um compromisso, com claro predomínio da influência das variedades de São Nicolau, Boavista e Sotavento sobre a de Santo Antão.

⁴³ O artigo *Cape Verdean Creole* da wikipedia inglesa (consulta do 06-09-2014) também dá *Bô câ ê b'nit'* 'You are not beautiful' para São Nicolau e São Vicente e *Bô n' ê b'nit'* para Santo Antão (mas erroneamente *Bú câ ê bunitu* em vez de *(A)bô ê câ bunitu* para Fogo e Santiago). Segundo a mesma fonte, no caso dos atos de fala diretivos, o *n* da variedade de Santo Antão precede o sujeito pronominal, como faz o *ka* das restantes variedades: SA *N bó bé!* 'Don't go!', *N b'sôt fezê!* 'Don't do!'.

Santo Antão <i>n</i>	São Vicente <i>n</i> apenas com a cópula	São Nicolau <i>ka, k'</i>	Boavista
Brava	Fogo	Santiago	Maio
<i>ka, k'</i>			

Partículas de negação no crioulo caboverdiano

4. Resumo

Das numerosas fronteiras linguísticas que atravessam o arquipélago, aqui só foram apresentadas algumas. Há outras não menos vistosas, mas cujos percursos seríamos incapazes de precisar por faltar-nos as respetivas informações para determinadas ilhas. Por isso, esta pequena geografia linguística do arquipélago não passa de ser um primeiro esboço passível de muitas críticas e necessitado de muitos complementos. Pensamos, porém, que as linhas divisórias apresentadas são de peso e talvez representativas, cada uma, de todo um feixe de outras fronteiras entre isoglossas.

Se esta suposição for correta, resultaria, em primeiro lugar, que a divisão do arquipélago em duas zonas, Sotavento e Barlavento, se justifica também a nível linguístico. Várias características linguísticas de Sotavento que contrastam com usos de Barlavento parecem não ter chegado nunca a Barlavento ou ter-se perdido entretanto nas ilhas do norte. Isto parece ser o caso da distinção entre dois tipos de 'ter', um para a disposição temporária de um objeto e outro que não sugere limites temporais a respeito desta disposição (cf. acima 1.2). Por outro lado, todas as

variedades de Barlavento apresentam vestígios evidentes de um contato intenso com um português mais moderno daquele que está na base das variedades de Sotavento. São prova contundente deste contato os seus pronomes pessoais do tratamento cortês que remontam ao P *você(s)* (cf. acima 1.1). Ambos os contrastes entre norte e sul que acabamos de recordar contribuem a dar às variedades de Barlavento um aspeto mais 'português'.

O nosso material não dá para decidir se a variedade indígena da Boavista, que tradicionalmente se inclui no grupo de Barlavento, é mais chegada à de São Vicente ou à de Santiago. A versão da parábola do filho pródigo nesta variedade, que data de 1886, contém exemplos de *bosê(s)* < P *você(s)* (cf. acima 1.1), mas faltam nela resultados da metafoia tão característica de Barlavento que transformou os [a] tónicos em [ɔ], quando o étimo português terminava numa vogal átona velar (cf. acima 3.1).

Não será difícil alegar, para cada ilha, um ou vários traços que distinguem a sua variedade de todas as restantes. No Fogo, encontramos um pronome pessoal átono sujeito da primeira pessoa do plural *du* em contraste com os *nu*, *no* que cumprem a mesma função nas restantes ilhas (cf. Lopes 2014: 3.4.1). Não sabemos de outra ilha onde a conjunção causal *pamodi* sirva também de simples *complementizer* como no Maio (cf. Moreira 2014: 3.6.2.1). E ao que parece, a palatalização de [k] e [g] antes de vogal palatal, por exemplo nos demonstrativos *kel*, *kes*, é fenómeno exclusivo da variedade de São Nicolau (cf. já Lopes da Silva 1957, 1984: 37).

Porém, quem procurar uma variedade que se distinga de todas as restantes em aspetos absolutamente fundamentais, topará imediatamente com a de Santo Antão. Com a sua harmonia vocálica (cf. acima 3.2), a sua partícula de negação *n* (cf. acima 3.6), com as suas formas verbais omnipresentes em *-s* e *-nd* (cf. acima 3.5) e muitas outras particularidades, resulta exótica até dentro do panorama das variedades do norte.

Em comparação, Sotavento forma um bloco relativamente homogéneo. Contudo, com a deslocação do acento fónico da última à penúltima sílaba, nas formas de base dos verbos, a variedade demográfica e historicamente mais importante do arquipélago afastou-se consideravelmente das suas vizinhas imediatas do Fogo e do Maio (cf. 2.2). Só a pequena Brava acompanha Santiago neste ponto até certa medida. Eis um facto relativamente indigesto para a desejada oficialização do caboverdiano sob a liderança do santiaguense.

5. Questões de história

Qualquer explicação histórica da atual distribuição geográfica de usos linguísticos divergentes dentro do arquipélago tem de partir do facto que as ilhas foram povoadas em épocas bem diferentes apesar de terem sido descobertas quase simultaneamente por volta de 1460. Inspirando-nos no historiador caboverdiano António Correia e Silva, mas simplificando um pouco, distinguiremos três ciclos de povoamento.

Numa primeira fase, desencadeada pela carta régia de 1466, os colonos portugueses (os 'moradores') e os escravos que trouxeram do continente africano povoaram apenas as zonas costeiras das ilhas de Santiago e do Fogo (ilhas vermelhas do mapa no verso) que podiam ser aproveitadas para a agricultura e o comércio marítimo. As restantes ilhas serviam durante muito tempo apenas de 'ilhas de montado'. Neles pastava gado, acompanhado de pouquíssimos pastores, que era dizimado uma vez por ano. A sua carne servia para alimentar as tripulações dos navios de passagem e as peles se exportavam à Europa e à costa africana.

Com a perda, na época da união ibérica (1580-1640), do quase monopólio português de navegação nas águas ao longo da costa



Três ciclos de povoamento do arquipélago
© Reitmaier/Fortes, adaptado por Beate Gresser

africana, as ilhas de Santiago e do Fogo cessaram de funcionar como escala obrigatória para os escravos provindos do noroeste africano. A falta de meios financeiros que resultou desta alteração no arquipélago fez com que já não houvesse meios para paliar as consequências desastrosas das recorrentes secas. Os moradores, simultaneamente armadores, comerciantes, e latifundiários, aforraram boa parte dos seus escravos para liberar-se da obrigação de os alimentar. Junto com os escravos fugidos, os aforrados procuraram novas bases de sustento naquelas ilhas, ainda sem povoar, que permitiam uma agricultura de subsistência (ilhas verdes do mapa). Neste segundo ciclo, povoaram-se

pouco a pouco as ilhas de Santo Antão, São Nicolau e Brava (verde escuro), e, de forma menos intensa, as ilhas relativamente desérticas do Maio e da Boavista (verde claro).⁴⁴

Só muito mais tarde sobreveio o povoamento efetivo das ilhas completamente desérticas de São Vicente e do Sal, por esta ordem cronológica (ilhas brancas do mapa). São Vicente deve a sua repentina ascensão ao aproveitamento do seu esplêndido porto natural como entreposto de carvão pela esquadra de alto mar britânica, a partir de meados do s. XIX. A do Sal foi consequência da abertura, nesta ilha, do primeiro aeroporto internacional do arquipélago, a meados do s. XX, que acarretou a instalação, na ilha, do pessoal do aeroporto e, após a conquista da independência, de muitos caboverdianos oriundos das outras ilhas, que trabalham no setor turístico.

Pouco se sabe da composição étnica das povoações fundadoras das diferentes ilhas. Mas não há qualquer dúvida que, em comparação com o primeiro ciclo de povoamento, o contingente africano que chegou durante o segundo ciclo fosse muito menos numeroso e proviesse preponderantemente de regiões mais meridionais. Durante o primeiro ciclo, a maioria dos africanos provieram das regiões a norte do Gâmbia. Falavam maioritariamente variedades da língua oeste-atlântica wolof, uma minoria a variedade mais ocidental do grupo das línguas mandinga, o mandinca. Os poucos que chegaram durante o segundo ciclo provinham maioritariamente de regiões a sul do Gâmbia. Falariam mandinca ou línguas mais meridionais da família oeste-atlântica

⁴⁴ Facto significativo neste contexto: em 1677, o bispo, que reside em Santiago, envia os primeiros párcos para o Maio, Boavista e São Nicolau. Barcellos precisa que, nessa altura, Santo Antão já dispunha desde algum tempo do seu próprio pároco (cf. *Barcellos II* 1900: 66). Quer dizer que, em 1677, em cada uma destas quatro ilhas o número de habitantes era já de pelo menos três algoritmos.

como o diola, o mancanha, o balanta etc. Durante o terceiro ciclo já não chegaram novos contingentes de africanos.

Desconhece-se qual a quota-parte de novos portugueses (incluindo açorianos e madeirenses) que participaram no segundo ciclo de povoamento. Mas em Barlavento deve ter sido relativamente importante, a julgar pela maior proximidade das suas variedades ao português. Durante o terceiro ciclo, continuou sendo importante, pelo menos na fundação e ascenso de Mindelo em São Vicente.

Apesar desta maior proximidade ao português, não pode haver qualquer dúvida que as variedades de Barlavento são variedades crioulizadas do português e não simplesmente variedades do português. Os traços comuns a todas as variedades do caboverdiano que o distinguem do português, dos quais mencionámos alguns em o.1, constituem prova suficiente deste facto.

Os dados linguísticos mostram que a variedade de São Vicente constitui, apesar de novas achegas do português e do inglês, acima de tudo, um compromisso entre as variedades de São Nicolau e Santo Antão com certa preponderância da de São Nicolau. E, por razões demográficas, parece evidente que a de o Sal vai constituir um compromisso entre todas as variedades do arquipélago com preponderância de não sabemos quais de entre elas. A variedade da Brava, apesar de pertencer basicamente ao grupo de Sotavento, parece receber influências de Barlavento através da comunidade caboverdiana nos Estados Unidos. Mas tudo isto são hipóteses passíveis de confirmação, precisão e correção.

A grande questão que fica parece ser a de saber se as duas variedades fundadoras do grupo do norte, as de Santo Antão e de São Nicolau, nasceram via mudanças no primitivo crioulo caboverdiano sob a influência de um português mais moderno ou por uma nova criouliização de um português mais moderno, mas desta vez com o crioulo de Sotavento a desempenhar o papel de

O arquipélago

língua ancestral dos crioulistas. Noutras palavras, trata-se de saber se as variedades de Santo Antão e de São Nicolau são produtos de uma fragmentação dialetal do crioulo caboverdiano ou de um novo processo de aprendizagem inacabado de um português dos s. XVII/XVIII.

Referências bibliográficas

Uma indicação do tipo *Nbn II*: 23/2 detrás de um exemplo remete para *Na bóka noti II* (cf. aqui nas *Referências bibliográficas*), página 23, linha 2.

Almada, Maria Dulce de Oliveira (1961), *Cabo Verde. Contribuição para o estudo do dialecto falado no seu arquipélago*, Lisboa: Junta de Investigações do Ultramar.

APiCS = Michaelis, Susanne Maria & Maurer, Philippe & Haspelmath, Martin & Huber, Magnus (eds.), *Atlas of Pidgin and Creole Language Structures Online*, Leipzig: Max Planck Institute for Evolutionary Anthropology (Available online at <http://apics-online.info>).

SPiCL II = Michaelis, Susanne Maria & Maurer, Philippe & Haspelmath, Martin & Huber, Magnus (eds.), *The survey of pidgin and creole languages. Vol. II: Portuguese-based, Spanish-based and French-based languages*. Oxford: Oxford University Press.

Baptista, Marlyse (2002), *The syntax of Cape Verdean creole: the Sotavento varieties*, Philadelphia: Benjamins.

Baptista, Marlyse (2013), “Cape Verdean creole of Brava”, em: *SPiCL II*, p. 12-19.

Baptista, Marlyse (2013), “Cape Verdean Creole of Brava structure dataset”, em: APiCS (Available online at <http://apics-online.info/apics/contributions/31>)

Baptista, Maria do Céu dos Santos (2013), *Descrição fonológica da variedade linguística de Santo Antão*, tese de mestrado, Universidade de Cabo Verde (UNI-CV), manuscrito.

Baptista, Maria do Céu dos Santos (2014), “Descrição fonológica da variedade da ilha de Santo Antão”, neste volume, p. 183-250.

Barbosa, Jorge Morais (1994), *Introdução ao estudo da fonologia e morfologia do português*, Coimbra: Livraria Almedina.

Referências bibliográficas

- Barcellos, Christiano José de Senna (1899, 1900, 1905), *Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné. Memória apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Lisboa: Academia Real das Sciencias, Parte I, 1460-1640, Parte II, 1640-1750, Parte III, 1750-1833.
- Barcellos, Christiano José de Senna (1899, 2003), *Subsídios para a história de Cabo Verde e Guiné. Memória apresentada á Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Volume I, Parte I & II (reimpressão), Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Barros, Frederico (1987), "Língua creola. Da Guiné Portuguesa e do arquipélago de Cabo Verde", *Revista de Estudos Livres* (Lisboa), p. 152-155.
- Brito, António de Paula Brito (1887), "Apontamentos para a gramática do crioulo que se fala na ilha de Santiago de Cabo Verde. Revistos por Adolfo Coelho", em: *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 7ª série, n.º 10, 611-669. Reimpresso em: Morais-Barbosa (ed.) (1967), p. 329-404.
- Cape Verdean Creole*, Wikipedia (English), http://en.wikipedia.org/wiki/Cape_Verdean_Creole, accessed on 04-01-2014.
- Cardoso, Eduardo Augusto (1989), *O Crioulo da ilha de S. Nicolau de Cabo Verde*, Lisboa – Praia: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Instituto Cabo-Verdiano do Livro.
- Carreira, António (1983), *Migrações nas ilhas de Cabo Verde*, Praia: Instituto Cabo-Verdiano do Livro.
- Carreira, António (ed.) (1985), *Notícia Corográfica e Chronológica do Bispado de Cabo Verde*, Lisboa: Instituto Caboverdeano do Livro.
- Carvalho, José G. Herculano de (1961), "Le vocalisme atone des parlers créoles du Cap Vert", *Boletim de filologia* 20, 3-12.
- Carvalho, José G. Herculano de (1962), "Sincronia e diacronia nos sistemas vocálicos do crioulo caboverdiano", em: Catalán Menéndez-Pidal, Diego (ed.), *Miscelánea homenaje a André Martinet. Estruturalismo e historia*, vol. 3, La Laguna, p. 43-67.
- Cintra, Luis F. Lindley (1986), *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*, 2ª edição, Lisboa: Livros Horizonte.
- Coelho, F. Adolfo (1880, 1967), "Os dialectos românicos ou neolatinos na África, Ásia e América". Reimpresso em Morais-Barbosa (ed.) (1967), p. 1-108.

- Corpus do Português* = Davies, Mark & Michael Ferreira (2006-), *Corpus do Português: 45 million words, 1300^s-1900^s*. Available online at <http://www.corpusdoportugues.org>.
- Corpus of Historical Portuguese* = Zampieri, M. & Becker, M. (2013), *Corpus of Historical Portuguese*, em: *ZSM Studien, Special Volume on Non-Standard Data Sources in Corpus-Based Research, Volume 5*. Shaker. Available online at <http://corporavm.uni-koeln.de/cqpweb/coloniabeta/>.
- Costa, Joaquim Vieira Botelho da & Duarte, Custódio José (1886, 1967), "O crioulo de Cabo Verde. Breves estudos sobre o crioulo das ilhas de Cabo Verde oferecidos ao Dr. Hugo Schuchardt". Reimpresso em: Morais-Barbosa (ed.) (1967), p. 235-328.
- Costa, Sérgio Soares da (2013), *Interferências di português na kriolu. Análizi di atas di seson plenáriu di mês di Abril, Maiu, Junhu y Julhu di 2011*, tese de mestrado, Universidade de Cabo Verde (UNI-CV).
- Cunha, Celso & Cintra, Lindley (1999). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 15ª edição. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Decreto-Lei no 8/2009* (oficialização do *ALUPEC*), Boletim Oficial, I Série, Número 11, Segunda-feira, 16 de Março de 2009.
- Delgado, Carlos Alberto (2008), *Crioulo de Cabo Verde. Situação linguística da zona de Barlavento*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Évora, José Silva (2005), *Santo Antão no limiar do século XIX: Da tensão social às insurreições populares (1886/1894) – Uma perspectiva histórica*, Praia: Instituto do Arquivo Histórico Nacional.
- Fernandes, Armando Napoleão Rodrigues (1971, 1991), *O dialecto crioulo. Léxico do dialecto crioulo do arquipélago de Cabo Verde*, São Vicente: Gráfica do Mindelo (reedição da primeira ed. de 1971 em 1991).
- Ferrão, Carlos Ribeiro Nogueira (1898), *Estudos sobre a ilha de Santo Antão*, Lisboa: Imprensa Nacional.
- Ferreira, José Manuel Pires (2011), *Revolta de 1894 em Santo Antão pela República*, Praia: Editura.
- Ferro, Maria Haydée Ferreira (1998), *Subsídios para a história da ilha de Santo Antão de Cabo Verde (1462 – 1900)*, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco.

Referências bibliográficas

- Green, Tobias (2009), "Building creole identity in the African Atlantic: boundaries of race and religion in seventeenth-century Cabo Verde", *History in Africa (New Brunswick, NJ)*, 36, 03 - 125.
- Grupo para a Padronização do Alfabeto (2006), *Proposta de bases do Alfabeto Unificado para a Escrita do Cabo-verdiano [= ALUPEC]*, Praia: Instituto da Investigação e do Património Culturais.
- HCCV = *História Concisa de Cabo Verde. Resumo da História Geral de Cabo Verde*, coordenação e organização: Santos, Maria Emília Madeira & Torrão, Maria Manuel Ferraz & Soares, Maria João, Lisboa – Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical - Instituto da Investigação e do Património Culturais, 2007.
- HGCV I = *História Geral de Cabo Verde, vol. I*, coordenação de Luis de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos, Lisboa – Praia : Instituto de Investigação Científica Tropical de Lisboa – Direcção-Geral do Património Cultural de Cabo Verde, 1991.
- HGCV II = *História Geral de Cabo Verde, vol. II*, coordenação de Maria Emília Madeira Santos, Lisboa – Praia : Instituto de Investigação Científica Tropical de Lisboa – Instituto Nacional da Cultura de Cabo Verde, 1995.
- HGCV III = *História Geral de Cabo Verde, vol. III*, coordenação de Maria Emília Madeira Santos, Lisboa – Praia : Instituto de Investigação Científica Tropical – Instituto Nacional de Investigação, Promoção e Património Culturais de Cabo Verde, 2002.
- HGCV, *Corpo documental I = História Geral de Cabo Verde, Corpo documental, vol. I*, directores do projecto : Luis de Albuquerque e Maria Emília Madeira Santos, Lisboa – Praia : Instituto de Investigação Científica Tropical de Lisboa – Direcção-Geral do Património Cultural de Cabo Verde, 1988.
- Inumbo, Incanha (2007), *Estudo comparativo da morfossintaxe do crioulo guineense, do balanta e do português*, tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- Lang, Jürgen (2001), "Breve esboço da gramática do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)", *Santa Barbara Portuguese Studies* 5, 228-254.

- Lang, Jürgen (2009), *Les langues des autres dans la créolisation. Théorie et exemplification par le créole d'empreinte wolof à l'île Santiago du Cap Vert*, Tübingen: Narr.
- Lang, Jürgen (2010), "A filiação dos pronomes pessoais do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)", *Revista de crioulos de base lexical portuguesa e espanhola (RCBLPE)* 3, 20-35. http://www.umac.mo/fsh/ciela/rcblpe/vol3_pt.html.
- Lang, Jürgen (2012), *Gramática do crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)* (em curso de publicação), <http://www.opus.ub.uni-erlangen.de/opus/volltexte/2012/3544/>.
- Lang, Jürgen (2013), "Cape Verdean creole of Santiago", em: *SPiCL II*, p. 3-II.
- Lang, Jürgen (2013), "Cape Verdean creole of Santiago structure dataset", em: *APiCS* (Available online at <http://apics-online.info/apics/contributions/30>).
- Lang, Jürgen (2014), "Esboço de uma geografia linguística do crioulo caboverdiano", neste volume, p. 253-297.
- Lima, José Joaquim Lopes de (1844), *Ensaio sobre a estatística das possessões portuguesas ...*, Livro I, *Ensaio sobre a estatística das Ilhas de Cabo-Verde ...*, Lisboa: Imprensa Nacional.
- Lopes, Raimundo Tavares (2013), *Descrição isocrónica contrastiva das estruturas das variedades do cabo-verdiano do Fogo e de Santiago*, tese de mestrado, Universidade de Cabo Verde (UNI-CV), manuscrito.
- Lopes, Raimundo Tavares (2014), "Descrição isocrónica contrastiva das variedades das ilhas do Fogo e de Santiago", neste volume, p. 27-95.
- Macedo, Donald P. (1980), *A linguistic approach to the Capeverdean language*, Ann Arbor: Univ. Microfilms International.
- Mateus, M. Helena Mira. et al. (2003), *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa: Editorial Caminho, 6ª edição.
- Matos, Artur Teodoro (1996), "Santo Antão de Cabo Verde (1724/1732). Da ocupação inglesa à criação do regime municipal. Mutações políticas, recursos económicos e estruturas sociais", em: *A dimensão atlântica da África – II Reunião internacional de história de África*, Rio de Janeiro, p. 187-202.

Referências bibliográficas

- Matos, Artur Teodoro (1997), "Santo Antão de Cabo Verde: gente, recursos e organização do poder nos séculos XVI e XVII", em: Vieira, Alberto (ed.), *História das ilhas atlânticas (arte, comércio, demografia, literatura)*, Vol. II, Funchal: Centro de Estudos de História do Atlântico, p. 343-349.
- Maurer, Philippe (2013). "Papiamentu". Em: *SPiCL II*, p. 163-181.
- Meintel, Deirdre (1975), "The creole dialect of the island of Brava", em: Valkhoff, Marius F. (ed.), *Miscelânea luso-africana*, Lisboa: Junta de investigações científicas do Ultramar, p. 205-256.
- Morais-Barbosa, Jorge (ed.) (1967), *Estudos linguísticos crioulos: reedição de artigos publicados no Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, Lisboa: Academia Internacional da Cultura Portuguesa.
- Moreira, Ana Karina Tavares (2013), *Descrição estrutural do crioulo da ilha do Maio - Cabo Verde*, tese de mestrado, Universidade de Cabo Verde (UNI-CV), manuscrito.
- Moreira, Ana Karina Tavares (2014), "Descrição da variedade da ilha do Maio", neste volume, p. 99-180.
- Muljačić, Žarko (1988), "256. Italienisch: Sprachnormierung und Standardsprache", em: Holtus, Günter & Metzeltin, Michael & Schmitt, Christian (eds.): *Lexikon der romanistischen Linguistik (LRL), Band IV, Italienisch, Korsisch, Sardisch*, Tübingen: Niemeyer, p. 286-305.
- Nbn I = Silva, Tomé Varela da (ed.) (2004), *Na bóka noti, volumi - I, Sigundu Idison*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Nbn II = Silva, Tomé Varela da (ed.) (2007), *Na bóka noti, volumi - II*, Praia: Instituto da Investigação e da Promoção Culturais.
- Nbn V = Silva, Tomé Varela da (ed.) (2010), *Na bóka noti, volumi - V*, Praia: Instituto da Investigação e da Promoção Culturais.
- Nunes, Mary Louise (1962/63), "The phonologies of Cape Verdean dialects of Portuguese", *Boletim de Filologia* (Lisboa) 21, 1-56.
- Parsons, Elsie Worthington Clews (1923), *Folk-Lore from the Cape Verde islands*, Cambridge Mass.: Cosmos Press.

Referências bibliográficas

- Pina, Emanuel Correia de (2006), *Aspectos da estrutura da frase e da negação frásica em cabo-verdiano (variante de Santiago) e em português europeu – um estudo sintático comparativo*, tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Pratas, Fernanda (2004), *O sistema pronominal do caboverdiano (variante de Santiago). Questões de gramática*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Edições Colibri.
- Quint, Nicolas (1999), *Dictionnaire cap-verdien – français. Créoles de Santiago et Maio*, Paris: L'Harmattan.
- Quint, Nicolas (2000), *Grammaire de la langue cap-verdienne. Étude descriptive et compréhensive du créole afro-portugais des îles du Cap-Vert*, Paris: L'Harmattan.
- Quint, Nicolas (2001), "Vowels as a morphological tool in Santiago creole Portuguese (Cape Verde)", *Journal of African Languages and Linguistics (JALL)* 22-1, 69-80.
- Quint, Nicolas (2008), *L'élément africain dans la langue capverdienne. Africanismos na língua caboverdiana*, Paris: L'Harmattan.
- Quint, Nicolas (2010), *Vamos Falar Caboverdiano, Língua e Cultura*, Paris: L'Harmattan.
- Ribeiro, Orlando (1995). "Primórdios da ocupação das ilhas de Cabo Verde", *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, 21, 2ª série, nº 1.
- Rio-Torto, Graça Maria (1998), *Fonética, fonológica e morfologia do português: conteúdos e metodologia*, Lisboa: Edições Colibri.
- Rocha, Agostinho (1990), *Subsídios para a história da ilha de Santo Antão*, Praia: Imprensa Nacional de Cabo Verde.
- Romano, Luis (1973), *Negrume (Lzimparin)*, Rio de Janeiro: Leitura.
- Silva, Baltasar Lopes da (1957, 1984), *O dialecto crioulo de Cabo Verde, Fac-simile da 1ª edição de 1957*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.
- Silva, Tomé Varela da, cf. Nbn I, II e V.
- Silva, Tomé Varela da (2014), *Alfabétu káuberdiánu. Un prupósta di skrita ku stória voltádu pa futuro*, Praia: Instituto da Investigação e do Património Culturais (IIPC).

Referências bibliográficas

- Souza, Ulisdete Rodrigues de (2007), *Fonologia do cabo-verdiano: das variedades insulares à unidade nacional*, dissertação de doutoramento, Universidade de Brasília.
- Swolkien, Dominika (2013), "Cape Verdean creole of São Vicente", em: *SPiCL II*, p. 20-30.
- Swolkien, Dominika (2013), "Cape Verdean Creole of São Vicente structure dataset", em: *APiCS* (Available online at <http://apics-online.info/contributions/32>).
- Teixeira, Cónego António da Costa (1888), "Lusiadas (tradução em crioulo da ilha de Santo Antão de Cabo Verde)", *Revista portuguesa*, nº 9, 1º ano, p. 567.
- Torrão, Maria Manuel (1991), "Subsídios para a *História Geral de Cabo Verde*. O algodão da ilha do Fogo: uma matéria-prima de produção afro-europeia para uma manufactura africana", *STVDIA* (Lisboa: Centro de Estudos de História e Cartografia Antiga do Instituto de Investigação Científica Tropical) 50, 157 – 176.
- Vasconcellos, José Leite (1898), "Dialetos crioulos portugueses de África", *Revista Lusitana* (Lisboa), vol. 5, nº 1, p. 241-261.
- Veiga, Manuel (1982), *Diskrison Strutural di Lingua Kabuverdianu*, Praia: Institutu Kabuverdianu di Livru.
- Veiga, Manuel (1996), *O Crioulo de Cabo Verde. Introdução à Gramática*, 2ª edição, Praia: Instituto Caboverdiano do Livro e do Disco, Instituto Nacional da Cultura.
- Veiga Manuel (2011), *Dicionário cabo-verdiano - português*, Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- Virgínio, Teobaldo (1996), *Cabo Verde. Parágrafos do meu afecto*, Boston: Taunton (Mass.): Copy Masters Inc.

Índice (antropónimos, topónimos, línguas, palavras, conceitos)

As maiúsculas B, BV, GB, F, M, S, SA, SN, SV remetem para a Brava, a Boavista, a Guiné Bissau, o Fogo, o Maio, Santiago, Santo Antão, São Nicolau e São Vicente e as respetivas variedades do crioulo caboverdiano.

- á tud gotxód* exp. 'às escondidas' SA234
- acentuação dos verbos B135, 271
- acentuação dos verbos BV135
- acentuação dos verbos CV 20, 270, 273, 279, 282, 293
- acentuação dos verbos F 45, 68, 94
- acentuação dos verbos M126, 127, 130
- acentuação dos verbos S ...68, 94, 126, 135, 136, 271
- acentuação dos verbos SA 205, 230
- açorianos 296
- ad(a)* sufixo M..... 145
- AFI* 105, 117, 138, 189
- Afonso V100, 186
- aforramento de escravos 294
- africadas alveopalatais SA 214
- africanismos M..... 136, 176
- africanos30
- Agriões, topónimo SA247, 248
- Aguada de Chã de Pedras, topónimo SA 189, 247
- áita* part. verbal S 68
- áj* sufixo M 145
- ak* prep. W 266
- ál* part. verbal S 158
- ál* pron. pess. M 150, 179
- algodão30, 32, 33, 92, 102
- Almada 1961 .. 17, 190, 192, 211, 217, 256
- alofone [R] M 107
- alofone [β] M 107
- ALUPEC* .. 19, 29, 105, 106, 137, 165, 189, 194, 211, 231, 232
- Alvito, topónimo F 28
- am* W263
- ame* W263

- an F..... 35
andâ/bá di djuntu F.... 73, 75
 Anónimo de 1784 188
anpôs, adv. de tempo M
 167
 António Correia e Silva
 293
 António da Costa Teixeira,
 cónego 191
 António de Paula Brito
 17, 256, 262, 272
APiCS..... 17, 22, 23
 Arlindo Évora..... 250
 Armando Napoleão Rodri-
 gues Fernandes 192
ás (var. *aes*) pron. pess. M
 150, 151, 179
 As Hortas, topónimo F 28
 assimilação em Barlavento
 276
 assimilação F..... 43
 assimilação M ...127, 136, 138
 assimilação P..... 276
 assimilação SA
 207, 208, 211, 212,
 226, 233, 277, 279
áta part. verbal S..... 68
 Atalaia, topónimo F 28
 -ãu s. F 35
 aumentativos F 60
 ausência de vogais átonas
 do P em SA
 220, 229, 231, 233
 -ba desinência M
 158, 159, 161, 165
bá labantâ noiva exp. M
 168, 169
bai, bá v. F S 71
 balanta..... 296
 Baltasar Lopes da Silva . 286
 Baptista, Maria do Céu 2014
 258, 261, 267, 275, 276,
 277, 278, 280, 283, 284,
 289, 290
 Baptista, Marlyse 2013... 257,
 258, 259, 260, 273, 281
 Barbosa 1994 230
 Barcellos 1899, 2003
 186, 187
 Barcellos II 1900
 101, 188, 295
 Barlavento 196, 257
 Barros 1887 190, 191
 basilecto 18
bazád pron. indef. M..... 156
ben di poku/di un monti F
 73, 75
bibâ v. F 36
bibê v. F 36, 37
Bitxirotxa, topónimo M
 176
bjon s. 'vulto' SA..... 223
 Boavista 101, 104, 187, 193
bodega s. 'lixo' M 176
boket s. 'balde' M 174, 175
bórsa s. 'bolsa' F 41
 Brava..... 187, 193, 296
brok adj. 'surdo (quem ouve
 mal)' SA 220

- buli* s. 'recipiente para guardar leite' M177
- bulú* s. 'bule' F37
- butx* s. 'pantorrilha' M114
- Caibros de Ribeira de Jorge, topónimo SA 235
- Calheta, topónimo M
.166, 167, 169, 170, 171, 173
- Campanas de Baixo, topónimo F..... 28
- Canto de Tor, topónimo SA 249
- Canto dos Magnos, topónimo SA236
- Cardoso 1989..... 256, 258, 259, 260, 264, 266, 268, 269, 275, 279, 283, 286
- carne..... 101
- Carreira 1983186, 188
- Carreira 1985 102
- carta régia de 1466 ... 30, 293
- Carvalho 1961.....256
- Carvalho 1962 188, 190, 192, 199, 217, 256
- Cascabulho, topónimo M137
- Cesár Augusto de Sá Nogueira..... 190
- Chã das Caldeiras, topónimo F..... 28
- Cintra 1986 261
- codificação duma variedade 19
- Coelho 1880, 1967.....190
- Coelho, Adolfo256
- coiné..... 93
- Colóquio Linguístico do Mindelo de 1979 193
- Companhia do Grão-Pará e Maranhão 102
- comparação M 142
- complementizer CV255
- composição M.....148
- comprar a idade* exp. M.. 172
- condes de Santa Cruz 186, 187
- conjuntivo SA286, 288, 292
- conjuntivo SV SN 286
- consoantes como núcleo silábico SA.....229
- consoantes nasais SA..... 214
- consoantes oclusivas SA 209
- contrastes Barlavento/Barlavento274
- contrastes Sotavento/Barlavento..... 291
- contrastes Sotavento/Sotavento.....267
- coordenação CV264, 267
- coordenação em Barlavento265
- coordenação em Sotavento 264
- Corpus do português* 261
- Costa/Duarte 1886, 1967 17, 23, 178, 190, 191, 257, 258, 260, 264, 268, 274, 279, 285

- crioulização.....18, 32, 92
 crioulo da B..... 22, 258, 259
 crioulo da BV
 22, 257, 258, 274, 292
 crioulo da Casamança....254
 crioulo da GB
 155, 157, 179, 254
 crioulo de Barlavento
 18, 105, 180, 199,
 256, 258, 259, 261, 264
 crioulo de S
 .22, 27, 255, 256, 258, 259
 crioulo de S /ŋ/ 178
 crioulo de S /ʃ/ antes de vo-
 gais palatais..... 40
 crioulo de S, ensurdecimen-
 to de [z] e [ʒ]..... 116
 crioulo de SA
 18, 255, 256, 258
 crioulo de SA /ŋ/?.....215
 crioulo de SN18, 258
 crioulo de Sotavento
 18, 105, 226, 233, 256,
 258, 259, 260, 261, 264
 crioulo de SV.... 22, 195, 196,
 214, 217, 256, 258, 296
 crioulo do F
 195, 256, 258, 259
 crioulo do F /z/ intervocáli-
 co39
 crioulo do F /ʒ/ intervocáli-
 co39
 crioulo do F -rr- intervocá-
 lico 40
 crioulo do M....104, 258, 260
 crioulo do Sal ... 22, 257, 296
 Cunha/Cintra 1999..... 95
 Custódio José Duarte191
 -d desinência M..... 158, 160
 -d sufixo M 146
d'undi?, *d'undê?* pron.
 interr. F..... 66
da argen bibê exp. F.... 73, 75
 -da desinência M..... 158, 160
dá milha pe exp. 'partir
 para' SA234
dáta s. 'série' SA234
dbangá v. 'cair' SA 221
 Delgado 2008190, 196
den, var. de *dentu* M..... 165
dent adv. 'dentro', s. 'dente'
 M.....175
 descoberta da BV 100
 descoberta de S..... 30, 100
 descoberta de SA 186
 descoberta do F..... 30, 100
 descoberta do M 100
 descoberta do Sal 100
di mé, *di-mi* pron. poss. F
 64
 dialetos meridionais do P
 263
 diasistema 95
dijej s. 'desejo' M 113
 diminutivos F 60
 Diogo Afonso 186
 diola..... 296
dis- prefixo M..... 148
disê v. 'descer' F.....36

- diskontxê* v. 'deixar de co-
nhecer/não reconhecer'
M..... 148
- distinção de sexo M 147
- ditongos M 118
- ditongos nasais SA..... 203
- ditongos orais SA..... 202
- dixâ* v. 'deixar' F 37
- dja* part. F S 69, 70
- dja* part. M..... 158, 160
- djent* pron. indef. M 156
- djeu* s. 'ilhéu' M 109
- djmenzelód* adj. 'descuida-
do' SA 214
- djmití* v. 'torcer' SA..... 214
- djobê* v. 'ver' F..... 36
- djodjá* v. 'juntar-se' SA ... 214
- djonga* s. 'sono breve' SA 214
- djouz* s. 'deus' M..... 131
- djú* adj. 'sovina' SA 214
- djutú* v. 'recusar por ter es-
perado mais' F..... 43
- Dom Fernando 100, 186
- Dominika Swolkien 21
- dor* sufixo M..... 146
- double object construction
..... 255
- drivód* loc. prep. 'por causa
de' SA..... 243
- drumí* v. 'dormir' F 42
- du* pron. pess. F 62, 292
- dzelhá* v. 'desembaraçar' SA
..... 216
- dingajgá* v. 'desembaraçar'
SA 223
- e* pron. pess. S..... 150
- ea* 'era' M 137, 158, 165
- éa* 'era' M 137
- elaboração duma variedade
..... 19
- emigração B..... 176
- emigração M 176
- emigração SA 184
- er(a)* sufixo M 146
- éra* 'era' M..... 158
- escolha duma variedade
..... 19, 27
- escravos 30, 32, 93, 293
- Espargos, topónimo, Sal
..... 257
- Estados Unidos CV
..... 273, 296
- Évora 2005..... 187
- explicação histórica 293
- extensão duma variedade 19
- éza* sufixo M..... 146
- Fernandes 1971, 1991 192
- Ferrão 1898..... 188
- Ferreira 2011..... 187
- Ferro 1998..... 188
- Figueiral, topónimo SA
..... 189, 240, 243
- Filipe I 186
- fixití* v. 'esfregar' M..... 174
- Fogo 29, 193
- fonemas consonânticos F
..... 37
- fonemas consonânticos M
..... 106

- fonemas consonânticos S 38
- fonemas consonânticos SA 208, 209, 233
- fonemas vocálicos F 34
- fonemas vocálicos M 117, 118
- fonemas vocálicos S 34
- fonemas vocálicos SA 196, 207
- fong* s. 'alimento feito com farinha de milho, banana madura e batata-doce' SA 215
- Fontainhas, topónimo SA 189
- formas verbais em *-nd* SA 287, 292
- formas verbais em *-r* SV SN 286
- fot* adv. de intensidade, s. 'foto' M 175
- fra* v. 'dizer' F 41
- fragmentação dialetal 297
- Francisco Andrade 187
- Francisco Mascarenhas 186, 187
- fri* adj. 'frio' F 42
- gado 101, 104
- Galinheiro, topónimo F ... 28
- Gâmbia, rio 295
- glides M 118
- glides SA 201, 233
- gójga* s. 'cócegas' SA 212
- Gonçalo de Sousa da Fonseca 186, 187
- gosin* adv. 'agora' F 58
- gosin* adv. 'agora' M 125, 135
- gozok* s. 'casaco' SA 212
- Green 2009 101
- grupos consonânticos M 115
- grupos consonânticos SA 220
- Gudo de Cavaleiro, monte SA 184
- Guiné 32
- harmonia vocálica SA 206, 208, 233, 276, 292
- HCCV 2007 101
- HGCV I 1991 32, 187
- HGCV, *Corpo documental I* 100, 186
- hipercorreção F 93
- história de S 30
- história do F 30
- história geral CV 18
- história linguística CV 18
- Holanda 104
- homofonia M 175
- i ~ e* v. cópula M 157, 179
- iára* 'era' M 137, 158
- iera* 'era' M 158
- iéra* v. 'era' M 118
- 'ilhas de montado' 293
- imperfectividade CV 254
- in* sufixo diminutivo F... 60

- in(ha)* sufixo diminutivo M 147
- indicação do sexo M 141, 142
- ingleses 102
- ingleses M .. 100, 101, 102, 175
- ingleses SA 187
- ingron* s. 'grão' SA 226
- intercompreensão F S..... 95
- Intumbo 2007..... 155
- ir levantar a noiva* exp. M 172, 173
- isocronia..... 28
- isoglossa 253
- italianos S..... 30
- jat* adj. 'doido' M 174
- jatura* s. 'maluquices' M 146, 174
- João de Sousa 186
- João III..... 186
- João Mascarenhas 187
- João V 187
- Joaquim Vieira Botelho da Costa..... 191
- José de Santa Maria de Jesus, bispo 188
- José I 187
- jót* adj. 'quieto' SA 219
- juel* s. 'joelho' M 174
- ka*, *k'* partícula de negação CV 288
- kalakatxid* adj. 'desenxabido' M..... 174
- kalê* pron. interr. M..... 153
- kamáda* s. M 174
- kanp* s. 'aeroporto' M 174
- kánt* conj. temporal M... 164
- kánt* pron. interr. M 153
- kár* s. 'carro', *kár* adj. 'caro' M..... 175
- kareda* s. 'correria' F 41
- kasakâ* v. 'enrascar-se' M 174
- katxô* s. 'cão' F 41
- katxoru* s. 'cão' F 42
- ke li*, *ke la* pron. dem. M 156
- kmenér(a) k'* 'como' SA 234, 240
- konboiá* v. 'caminhar com dificuldade' SA 201
- konfórmi ki* 'como' F .. 74, 75
- koxu* s. 'coice' F 37
- ktxorona* s. 'vulto' SA 224, 234
- ku* coordenador em Sotavento..... 265
- ku* prep. M 162
- ku* pron. rel. e interr. M 155, 179
- kumâ* comparativo M..... 164
- kumâ* conj. M 142, 143
- kumâ?* pron. interr. F 66
- kumê* v. 'comer' S 68
- kumód'e?* pron. interr. F . 66
- kumódi* 'como' F 75
- kumódi?*, *kumô?* pron. interr. F..... 66
- kunprâ idád* exp. M 168

- kuntsê* v. 'conhecer, acontecer' SA..... 223
- kutxí* v. 'desferelar' F.....36
- kutxí* v. 'separar o milho do farelo' M.....128, 136, 177
- lanbú* v. 'embrulhar' M ...177
- Lang 2001
..... 44, 45, 65, 158, 258
- Lang 2009..... 32, 263, 266
- Lang 2012..... 34, 37, 39, 41, 44, 201, 205, 215, 258
- Lang 2013..... 257, 258, 260
- Lang 2014..... 111, 135
- lará* v. 'espalhar-se' SA ...247
- lent* adj. 'lento', s. 'lente' M
.....175
- léxico F S75, 94
- léxico M.....173
- Lima, José Joaquim Lopes
de.....186, 188
- língua inglesa 102
- língua portuguesa 18
- líquidas SA 216
- Lopes 2014258, 259, 260, 268, 271, 272
- má* conj. adversativa M.. 162
- má* coordenador em Barlavento.....265, 266
- Macedo 198017, 194, 256
- madeirenses 296
- Maio 187
- mana* s. 'irmã' M 109
- mancanha..... 296
- mandinca295
- mandis ta flád* exp. M 168
- mángu* s. ,manga' F37
- Manuel da Costa 261
- marcação da anterioridade
BV285
- marcação da anterioridade
CV 283, 285, 286
- marcação da anterioridade
SA SV283
- Martiene, topónimo SA . 189
- más midjor, más pior, más maior* M..... 144
- matá bix* 'pequeno almoço'
SA243
- Matos 1996 187
- Matos 1997 186
- Maurer 2013.....155
- mef* s. 'mau cheiro' SA.... 212
- Meintel 1975
.....256, 258, 271, 273, 281
- ment* sufixo M..... 146
- metafonia CV278
- metafonia GB 128
- metafonia M..... 127, 179
- metafonia P276
- metafonia SA..... 276, 279
- metafonia SA SV SN
..... 274, 279
- metafonia, dialetos portugueses276
- Mindelo (SV)..... 296
- mindju* s. 'milho'F.....43
- mintida* s. 'mentira' F 41
- mirin* s. 'encarregado de um depósito de água que faz

- a distribuição da água
SA 200
- miscigenação.....30
- misê* v. 'amanhecer' SA ..234
- mnhafá* v. 'comer pequena
quantidade frequente-
mente' SA224
- mod* pron. interr. M153
- moda comparativo M 164
- mof* adj. 'oco' SA..... 212
- monhongú* v. 'amarrotar' M
.....177
- Monte Largo, topónimo F
..... 28
- Monte Tabor, topónimo F
..... 28
- Monte Vermelho, monte M
..... 167, 171
- moradores293
- morê* v. 'morrer' S..... 68
- Moreira 2014
.... 260, 267, 269, 270, 271
- mtár d'injun* 'pequeno al-
moço' SA.....234
- mudança do [v] pretónico
SA276
- mudjêš* s. pl. 'mulheres' F 59
- mundú* v. 'enroscar-se' M
..... 128, 177
- mupí* v. 'amolgar' M
..... 128, 136
- mvid* adj 'oco' SA 223
- n* partícula de negação SA
.....289, 292
- n'undê?*, *na undê?* pron.
interr. F..... 66
- Na bóka noti* 21, 28, 41
- namenti ki* 'enquanto' F
..... 74, 75
- nandê* pron. interr. M153
- Nastási Lópi..... 288
- negação CV 288, 291
- nen* conj. coordenativa M
..... 162
- nen si*, *nen ku* conj. condi-
cional M..... 164
- nesê* v. 'nascer' F36
- neutralização
. 121, 211, 213, 215, 226, 233
- nhamê* v. 'mastigar' F36
- norte-americanos M101
- Notícia Corográfica e
Chronológica do Bispado
de Cabo Verde* de 1784
.....101
- nova crioulização 296
- nsulí* v 'sorver/encher' M
..... 128, 177
- Nunes 1962/1963
..17, 21, 188, 190, 193, 209,
228, 256, 257, 258, 281
- oficialização do CV
... 18, 20, 27, 100, 255, 293
- oiâ* v. 'ver' M 138
- óku* conj. temporal M164
- on* sufixo aumentativo F
..... 60
- on(a)* sufixo aumentativo
M..... 145, 147

- orvód* adj. 'deficiente' SA
212
osukra s. 'açúcar' SA230
otru, otun, otrun, untrun
 pron. indef. F.....67
p'undi?, p'undé? pron.
 interr. F 66
pa prep. M 163
 padrões acentuais SA
 230, 232, 233
 padrões de acentuação M S
 131, 134, 179
 padrões silábicos SA
 13, 228, 232
 padronização do crioulo..27
 palatalização de [k] e [g] SN
292
palutâ v. 'apanhar' F36
pamod pa final M 163
pamodi, pamô pron. interr.
 M153
pamodi, pamô, mo comple-
 mentizer M
163, 179, 292
pamodi, pamô, mo conj.
 causal M 162
pantxóla s. 'namorada' M
 174
 papiamentu155
paradin adj. 'bonito' M .. 174
 pares mínimos SA...204, 218
 pároco, primeiro M BV SN.
 SA295
 Parsons 1923 190, 192, 289
 partículas verbais F S..... 69
- pasadinha* s. 'passarinha'F
 41
 passivo CV 286
 Patim, topónimo F 28
 Paul, concelho SA 184
 pele101
perjá v. 'brigar' SA213
 pesca104
pet fixád 'asma' M..... 148
 Pia de Cima, topónimo SA
 189
 Pia, topónimo SA 248
 Pico da Cruz, monte SA
 184
 Pina 2006.....149
pistâ v. 'emprestar' M119
 pl. em *-ôis* F..... 59
plia s. 'objeto pequeno que
 cai nos olhos' SA224
 plural M..... 140
 plural, emprego F..... 59
 plural, formação F..... 59
poi, po v. F S72
 Ponta Verde, topónimo F
 28
por is causal M 162
 Porto Inglês, topónimo M
 100
 Porto Novo, concelho SA
184, 189
 Porto Novo, topónimo SA
 235
 português dialetal 275
postu s. 'poste' F37

- Povoação, topónimo SA
 189
 povoamento B.....295
 povoamento BV 101, 295
 povoamento CV18, 293
 povoamento F
30, 32, 92, 293
 povoamento M..... 101, 295
 povoamento S ... 30, 92, 293
 povoamento SA
 187, 188, 295
 povoamento Sal295
 povoamento SN295
 povoamento SV.....295
 povoamento, ciclos...18, 293
pra prep. F.....57
 Praça Larga, topónimo SA
 248
 Praia Gonçalo, topónimo M
 136
praparâ v. 'preparar' F.....36
prei loc. adv. 'por aí' SA .203
prenten s. 'milho torrado'
 SA 201
 progressividade CV254
 progressividade M161
 pron. pess. S..... 61, 62
 pron. dem. M155
 pron. indef. F S..... 67
 pron. indef. M 156
 pron. interr. F S.....65
 pron. interr. M153
 pron. pess. F 61
 pron. pess. M.....149
 pron. poss. F.....63
 pron. poss. M 152, 154
 pron. poss. S..... 64
psú v. 'afrontar' SA223
pux s. 'nádegas' M110, 174
 Quint 1999..... 21, 105, 178
 Quint 2000124, 215, 258
 Quint 2001.....272
 Quint 2008 176
 Quint 201034, 71
 reciprocidade CV255
 reciprocidade M 157
redenson s. 'época' SA234
 reflexividade CV255
 reflexividade M 157
 Ribeira Grande, concelho
 SA..... 184, 189, 276
 Ribeira Grande, topónimo
 SA.....236
 Ribeirinha, topónimo SA
247, 248
 Ribeiro 1995.....30
 Rio Torto 1998.....227
 Rocha 1990 194, 214
 Rocha, Agostinho..... 188
 Romano 1973 .. 192, 194, 258,
 261, 263, 266, 287, 289
 rotas comerciais 32, 92
sa ta part. verbal M
158, 160, 161
sa ta part. verbal S..... 68
saia gaita s. 'saia de pregas'
 M..... 148
 sal 100, 101, 102, 104
 Sal104, 184
 Salinas, topónimo F 28

- san* sufixo M 146
- Santa Maria, topónimo Sal
..... 257
- Santiago.....29
- Santo António, topónimo F
.....28
- Santo António, topónimo
M ...106, 165, 166, 169, 170
- Santos, André dos Reis ..288
- São Jorge, topónimo F28
- São Lourenço, topónimo F
.....28
- São Nicolau 187
- São Tomé, ilha189, 243
- São Vicente 184
- Sarmento de Sá Teixeira,
governador 101
- sáx* num. F.....45
- sapá* v. 'quebrar, partir' SA
.....220
- se* conj. F36
- se* pron. poss. F 64
- se* pron. poss. M 154
- sé**h*** v. 'saber' SA.....210, 212
- Sebastião de Mendonça e
Zuniga 187
- secas 101, 294
- sed* adv. 'cedo', s. 'sede' M
.....175
- sentar no assento* exp. M
.....172
- si* conj. condicional M ... 164
- si* conj. interr. M 163
- sílaba, estrutura M..... 128
- sílabas livres SA 228, 229
- sílabas travadas SA.....229
- Silva 1957, 1984
.....17, 188, 190, 192, 211,
213, 256, 280, 286, 292
- Silva, António Leão Correia
e 187
- Silva, Baltasar Lopes da
.....193, 256
- sima* comparativo M 164
- siment* s. 'cimento', s. 'se-
mente' M175
- sincronia..... 28
- sinta* 'peça de roupa inte-
rior' M.....110
- Sotavento29, 258
- Souza 2007
.....188, 190, 195, 198, 209,
211, 212, 213, 214, 217, 228
- SPiCL* 17, 22, 23
- s'ta* part. verbal F 68
- s'ta* part. verbal S..... 68
- sta ta fase* perífrase verbal S
..... 69
- sta ta/na faze algum kusa*
perífrase verbal M161
- standardização 19
- standardização CV 20
- sucessor de P -*ar* v. B 281
- sucessor de P -*ar* v. CV
..... 279, 282
- sucessor de P -*ar* v. F M BV
SN 280
- sucessor de P -*ar* v. SA SV
..... 280
- suedj* s. 'joelho' M..... 174

sufixos nominais M.....	146
Swolkien 2013	
.....	257, 258, 260, 266, 280, 283, 284, 286, 290
Swolkien 2013, data set	
.....	264, 265, 266, 280
<i>ta</i> part. verbal M	
.....	158, 159, 160
tartarugas	101
<i>te</i> prep. F	36, 57
Teixeira 1888	190, 191
<i>ten</i> v. 'ter' M	137, 138
<i>ten</i> v. 'ter' F M S.....	262
<i>tene</i> ['teni] v. 'ter' S	262
<i>tenê</i> v. 'ter' F M.....	262
<i>tenê</i> v. 'ter' M.....	138, 151, 164
teoria da otimidade	195
'ter' CV.....	262, 264, 291
'ter' em Barlavento	263
'ter' em Sotavento ..	262, 263
<i>terdiâ</i> adv. 'antes de ontem'	
SA	202
texto M	136, 165
textos SA	234
<i>tezon</i> s. 'mil pés' SA	230
<i>tiene</i> v. esp.....	263
<i>tiene</i> v. ital.....	263
timent conj. temporal M	
.....	164
Tope da Coroa, monte SA	
.....	184
Torrão 1991	32
<i>trabadjá</i> anterior F S.....	44
tráfico negreiro	32
tratamento cortês CV	
.....	259, 262, 292
tratamento cortês em Bar-	
lavento.....	259, 260
tratamento cortês em Sota-	
vento.....	259, 260
tratamento cortês F	61
tratamento cortês M	
.....	150, 152
tratamento cortês SA....	260
tratamento informal em	
Barlavento	261
<i>trebzána</i> s. 'barulho' SA	
.....	225
<i>tu</i> , var. de <i>tudu</i> M.....	165
<i>tumâ</i> v. 'tomar' F	36
turismo BV	22
turismo M.....	104
turismo Sal	257
<i>txá</i> v. 'deixar' SA	243
<i>txapê</i> s. 'chapéu' F	42
<i>txintximí</i> v. 'apertar-se' M	
.....	157, 174
<i>txipití</i> v. 'beliscar' M.....	177
<i>txumâ</i> v. 'chamar' F.....	36
-u final F	35
<i>undê?</i> pron. interr. F	66
união ibérica (1580-1640)	
.....	293
-ura sufixo M.....	146
uvular /R/ SA.....	217
variedade padrão	93
Vasconcelos 1898	191

Índice

<p>Veiga 1982.17, 22, 28, 60, 123, 188, 190, 193, 194, 199, 256, 258, 268</p> <p>Veiga 1996 123, 188, 190, 215</p> <p>Veiga 2011 22</p> <p>velarizaçã do [a] tónico SN 275</p> <p>velarização do [a] tónico SA 275</p> <p>velarização do [a] tónico SA SV SN..... 274, 276</p> <p>vibrantes SA 226</p> <p>Vila do Maio, topónimo 100</p> <p>Virgínio 1996..... 194</p> <p>vocalismo SA..... 232</p> <p>você(s) <i>P</i> 261</p> <p>vogais finais átonas B.....267</p> <p>vogais finais átonas Barla- vento.....267</p> <p>vogais finais átonas BV ..268</p> <p>vogais finais átonas CV 267, 270</p> <p>vogais finais átonas F 267, 268</p>	<p>vogais finais átonas M 106, 111, 122, 128, 129, 130, 175, 179, 267</p> <p>vogais finais átonas S 267, 268</p> <p>vogais finais átonas SA 198, 226</p> <p>vogais finais átonas SN. 269</p> <p>vogais nasais CV.....123</p> <p>vogais nasais M 124</p> <p>vogais nasais S.....123, 124</p> <p>wikipedia inglesa, <i>Cape Verdean Creole</i> 275, 280, 290</p> <p>William Dampier 101</p> <p>wolof.....295</p> <p><i>xa</i> v. 'deixar' M 138, 164</p> <p><i>xforsâ</i> v. 'esforçar-se' M 116, 129</p> <p><i>xfrelá</i> v. 'retirar o farelo' SA 225</p> <p><i>xfringanhá</i> v. 'estraçalhar' SA 225</p> <p><i>xintâ na sent</i>, exp. M..... 168</p> <p><i>xtoká</i> v. 'arrancar' SA 241</p>
--	---

Índice dos mapas e das fotos

Mapa: O arquipélago (©Reitmaier/Fortes)	capa
Foto: Fogo ©Pedro Moita	25
Mapa: A ilha do Fogo (©Attila Bertalan)	31
Foto: Maio ©Pedro Moita	97
Mapa: A ilha do Maio (©Attila Bertalan)	103
Foto: Santo Antão ©Pedro Moita	181
Mapa: A ilha de Santo Antão (©Attila Bertalan)	185
Mapa: O arquipélago (©Reitmaier/Fortes)	251
Mapa: Três ciclos de povoamento do arquipélago (©Reitmaier/Fortes, adaptado por Beate Gresser)	294



Raimundo
Tavares Lopes



Jürgen Lang



Ana Karina
Tavares Moreira



Maria do Céu
dos Santos
Baptista

Este livro reúne quatro contributos para um melhor conhecimento da geografia linguística do crioulo caboverdiano. Os três primeiros – extractos reelaborados de outras tantas teses de mestrado que foram aceite pela Universidade de Cabo Verde – descrevem variedades insulares até agora não ou pouco estudadas (Fogo, Maio, Santo Antão). O quarto aproveita estes e outras descrições de variedades insulares para traçar um quadro aproximativo da articulação linguística de todo o arquipélago caboverdiano.

ISBN 978-3-944057-24-8

